

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE ENGENHARIA AGRÍCOLA

**PRÁTICAS EDUCATIVAS AMBIENTAIS NO DISTRITO DE  
JOAQUIM EGÍDIO, CAMPINAS-SP, EM BUSCA DA  
SUSTENTABILIDADE LOCAL**

**ÍRIS RODRIGUES MALDONADE**

**Orientador: Kil Jin Park**

CAMPINAS  
FEVEREIRO DE 2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE ENGENHARIA AGRÍCOLA

**PRÁTICAS EDUCATIVAS AMBIENTAIS NO DISTRITO DE  
JOAQUIM EGÍDIO, CAMPINAS-SP, EM BUSCA DA  
SUSTENTABILIDADE LOCAL**

Dissertação de Mestrado submetida à banca  
examinadora para obtenção do título de  
Mestre em Engenharia Agrícola, na área de  
concentração em Tecnologia Pós Colheita.

**ÍRIS RODRIGUES MALDONADE**

**Orientador: Kil Jin Park**

CAMPINAS  
FEVEREIRO DE 2006

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DA ÁREA DE ENGENHARIA E ARQUITETURA - BAE -  
UNICAMP

M293p      Maldonade, Íris Rodrigues  
Práticas educativas ambientais no distrito de Joaquim  
Egídio, Campinas – SP, em busca da sustentabilidade  
local / Íris Rodrigues Maldonade. --Campinas, SP:  
[s.n.], 2006.

Orientador: Kil Jin Park  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Engenharia Agrícola.

1. Áreas de conservação de recursos naturais. 2.  
Educação ambiental. 3. Política ambiental. 4. Proteção  
ambiental – Participação do cidadão. 5. Agricultura –  
Aspectos ambientais. 6. Desenvolvimento econômico –  
Aspectos ambientais. 7. Desenvolvimento sustentável.  
8. Agricultura sustentada. 9. Ciência – Estudo e ensino.  
I. Park, Kil Jin. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Engenharia Agrícola. III. Título.

Título em Inglês: Environmental educative activities in district of  
Joaquim Egídio, Campinas – SP, reaching the local  
sustainability

Palavras-chave em Inglês: Educative activities, Environmental education,  
Sustainability

Área de concentração: Tecnologia Pós Colheita

Titulação: Mestre em Engenharia Agrícola.

Banca examinadora: Maria de Lourdes Spazziani, Julieta Teresa Aier de  
Oliveira e Mauro José Andrade Tereso

Data da defesa: 21/02/2006

## **Epígrafe:**

Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor.  
Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.  
Sou o chão que se prende à tua casa.  
Sou a telha da coberta de teu lar.  
A mina constante de teu poço.  
Sou a espiga generosa de teu gado  
e certeza tranqüila ao teu esforço.  
Sou a razão de tua vida.  
De mim vieste pela mão do Criador,  
e a mim tu voltarás no fim da lida.  
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.  
Tua filha, tua noiva e desposada.  
A mulher e o ventre que fecundas.  
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.  
Teu arado, tua foice, teu machado.  
O berço pequenino de teu filho.  
O algodão de tua veste  
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante  
a mim tu voltarás.  
E no canteiro materno de meu seio  
tranqüilo dormirás.

Plantemos a roça.  
Lavremos a gleba.  
Cuidemos do ninho,  
do gado e da tulha.  
Fatura teremos  
e donos de sítio  
felizes seremos.

**O Cântico da Terra,**  
Cora Coralina

## **Dedicatória**

Dedico a presente pesquisa, aos meus  
pais, que acreditam no potencial da  
educação de um povo, e, em especial, aos  
meus filhos  
Isabela e Giovani,  
como contribuição aos ensinamentos  
da vida em comunidade.

## **Agradecimentos**

Ao iniciar o projeto de pesquisa, após anos de relutância, não imaginei que ao estudar a comunidade do Distrito de Joaquim Egídio, trouxesse à lembrança a história familiar, que, de forma intensa aflorou nas análises e conclusão da pesquisa. A relação criança-velho-adulto me remete a infância com os avós maternos, diariamente, e que ensinaram o valor do Patrimônio humano em suas histórias de vida e em seus modos de ser. Por essa razão, agradeço aos familiares que contribuíram nas diversas formas durante o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço ao meu Orientador Kil Jin Park, em acreditar na contribuição da pesquisa na área de Tecnologia Pós-Colheita, como esperança para a melhora da qualidade de vida, e dos sistemas de produção.

Aos meus amigos que participaram diretamente na realização da pesquisa, em especial, as minhas amigas Mabel, Rose e Adriana, que incentivaram a iniciar o mestrado, compartilhando dúvidas e dificuldades em todo o processo.

A pesquisadora Margareth Brandini Park, por ter estado sempre ao meu lado, em vários momentos da minha vida, contribuindo sempre com seu jeito especial de ensinar a arte em viver.

Ao CEMEI Alexandre Sartori Faria, que disponibilizou todos os materiais necessários para a realização da pesquisa. E, a Flávia (vice-diretora) que facilitou, o máximo, os recursos necessários para as entrevistas, como a identificação das pessoas a serem pesquisadas, e a disponibilização do espaço escolar para a realização dessas.

Aos entrevistados, que vivenciaram o momento de entrevista como um momento especial em sua vida, e como forma de contribuir com o planejamento do local. Agradeço, imensamente, pela colaboração de todos que, através de seus relatos, a pesquisa pôde ser realizada.

Aos professores da FEAGRI que contribuíram diretamente na realização desta pesquisa por meio de suas disciplinas.

À banca examinadora da qualificação do Projeto de Pesquisa que re-orientou a possível trajetória. Finalmente, aos amigos que participaram da Administração Municipal de Campinas, 2001 a 2004, que acreditaram no potencial dessa pesquisa, contribuindo com informações e recursos humanos.

## SUMÁRIO

	Página
LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE TABELAS	x
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
1. INTRODUÇÃO	1
a. Proposição do Estudo	1
b. Trajetória da Pesquisa	11
c. Redimensionamento de Pesquisa	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
A. AGRICULTURA NO BRASIL	15
a. O desenvolvimento urbano e agricultura	15
b. O Desenvolvimento e a Relação com a Natureza	17
B. DESENVOLVIMENTO DE CAMPINAS	22
a. Da Campinas das campinas à Campinas dos fragmentos	22
b. O Planejamento da cidade contemplando as áreas rurais	28
c. Área de Proteção Ambiental (APA) de Campinas	30
C. EDUCAÇÃO AMBIENTAL	35
a. Estruturação Curricular no Brasil	35
b. Currículo e Educação Ambiental	39
c. Educação Infantil e Educação Ambiental	49
3. PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS	57
a. Conhecendo o Distrito	57
b. Objetivos	60
4. METODOLOGIA	61
5. ANÁLISE DE DADOS	69
a. A experiência em curso no CEMEI Alexandre S. Faria	69
b. As entrevistas	80
c. As categorias	81
c.1. O imaginário Rural e Urbano	81
c.2. Parceria – Poder Público e Privado	88
c.3. Relação Escola/ Comunidade	94
c.4. Conceito de Educação Ambiental.	99
6. CONSIDERAÇÕES E APONTAMENTOS PARA POLITICAS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
DEMAIS BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS	119
APÊNDICES	123
Apêndice 1 – Roteiro de entrevista - AGRICULTOR	124
Apêndice 2 – Roteiro de entrevista - COMERCIANTES	125
Apêndice 3 – Roteiro de entrevista – FAMÍLIAS	126
Apêndice 4 – Entrevista com Sra. Rejane	127
Apêndice 5 – Entrevista com Sr. Príncipe	129
Apêndice 6 – Entrevista com Sr. Rogério	137
Apêndice 7 – Entrevista com Sr. Marcelino	140

Apêndice8– Entrevista com Sr. José Dresler	151
Apêndice 9 – Entrevista com Sr. Valdemar	160
Apêndice10– Entrevista com Sr. Sérgio	170
Apêndice 11 – Entrevista com Sr. David	178



## **LISTA DE FIGURAS**

Fig.1- Mapa da Divisão Territorial de Campinas	25
Fig.2- Mapa da Área de Proteção Ambiental de Campinas - APA	30
Fig.3- Mapa das Unidades Territoriais Básicas de Campinas - UTBs	31

## **LISTA DE TABELAS**

Educadores Constitutivos do Programa de Educação Ambiental de Campinas	9
Tabelas das Unidades Territoriais Básicas de Campinas - UTBs	32
Tabela Indicadores Demográficos da APA Campinas	33
Representatividade dos Entrevistados	66

## **RESUMO**

A presente pesquisa focaliza as práticas educativas ambientais realizadas no período de 2001 a 2004, em Joaquim Egídio, Distrito da cidade de Campinas-SP. A partir da experiência do trabalho pedagógico do Centro Municipal de Educação Infantil-CEMEI Alexandre Sartori Faria, desse Distrito, seleciona-se os entrevistados pelo envolvimento e inserção que possuem na escola e no Distrito. Utiliza-se da pesquisa etnográfica, com enfoque nos aspectos qualitativos, com uso de técnicas de observação participante, de entrevista e de análise de documentos. A ênfase da entrevista se dá no relato oral dos entrevistados por esta permitir que o entrevistado use de seu conhecimento e de sua história de vida, selecionando os elementos necessários para o desenvolvimento da pesquisa. As entrevistas foram gravadas e transcritas, posteriormente, possibilitando a análise dos dados com o confronto da experiência do CEMEI, sob as categorias: Imaginário Rural e Urbano, Parcerias entre Poder Público e Privado, Relação Escola-Comunidade e Conceito de Educação Ambiental. Conclui-se que a sustentabilidade local é possível quando os membros da comunidade se inserem na vida cotidiana do Distrito, participando dos seus eventos e buscando na própria comunidade, articulações para enfrentar os problemas locais. Através da identificação com o local, as pessoas constroem o sentido de pertencimento que é fundamental para o desenvolvimento sustentável do local. A pesquisa finaliza com alguns apontamentos extraídos da análise dos dados, que podem ser pertinentes enquanto indicadores para possíveis Políticas Públicas a serem implementadas na região.

**PALAVRAS CHAVE:** práticas educativas; educação ambiental; sustentabilidade.

## **ABSTRACT**

The present research studies the environmental educative practice carried through in the period of 2001 the 2004, in Joaquin Egídio, District of the city of Campinas-SP, Brazil. From the experience of the pedagogical work of the Municipal Centre of Infantile Education of this District, CEMEI-Alexander Sartori, the representing pupils of the traders and the agriculturist families were identified and selected for the interview. Ethnical research was used to study it considering the participant comments, document interview and analysis with approach in the qualitative aspects. The interviews had had emphasis in Verbal History for this to allow the interviewed one used its knowledge and its history of life, selecting the necessary elements for the development of the research. The interviews had been recorded and transcribing later, making possible the analysis of the data with the confrontation of the experience of the CEMEI, under the categories: Imaginary Agricultural and Urban, Partnerships between the Public and Private power, Relation School-Community and Concept of Ambient Education. It is concluded that the local maintenance is possible when the members of the community are inserted in the daily life of the District, beginning as participant of feasts up to joining to the community to face the local problems. Once the person identifies to the place, the feeling of belonging to the community is raised, which is essential to the sustainable development of the place. The research finishes with some extracted notes of the analysis of the data that can be pertinent for the Public Politics of the region.

**KEYWORDS:** educative activities; environmental education; sustaintability.

# 1. INTRODUÇÃO

## a. Proposição do estudo

*“(...) nada ocorre desvinculado de sua História... Cada indivíduo é produto da História, em cada pessoa está ela presente, sendo o passado, onde teve seu início, condição sine qua non para a existência presente... Ninguém está presente somente com seu corpo numa dada situação mas com tudo que o completa: sua emotividade, subjetividade, seus pensamentos e a cultura que traz consigo” (OLIVEIRA,R.M. 1999, p. 24).*

A Educação Ambiental é um tema que vem sendo considerado, cada vez mais, urgente e importante para ser discutido pela sociedade, mesmo porque o futuro da humanidade depende da relação que se estabelece entre a natureza e o uso dos recursos naturais disponíveis ao homem.

Na sociedade em que prevalece um modelo econômico capitalista pautado na exploração descontrolada e depredatória dos recursos naturais, como é o nosso caso, é estimulada a concentração de renda à minoria. O contexto atual da sociedade brasileira mostra o aumento de indivíduos que vivem em situação de pobreza extrema, passando fome, e vivendo em lugares sem saneamento básico, onde há, não se pode negar, crescente índice de violência urbana. Esta lógica de exclusão atinge diretamente os recursos naturais com consequências drásticas para a humanidade. Para enfrentar os desafios rurais, a formação humana compreende também a questão ambiental, vista aqui, como não dissociada da questão social e passando, necessariamente, pela educação escolar.

*“a questão ambiental impõe à sociedade a busca de novas formas de pensar e agir, individual e coletivamente, de novos caminhos e modelos de produção de bens, para suprir necessidades humanas, e relações sociais que não perpetuem tantas desigualdades e exclusão social, e, ao mesmo tempo, que garantam a sustentabilidade ecológica. Isso implica um novo universo de valores, no qual a educação tem um importante papel a desempenhar. (BRASIL,PCN: Caderno de Temas Transversais, 1998, p.180).*

Antes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Constituição de 1988 já expressava a preocupação com a Educação Ambiental a ser garantida pelos governos federal, estadual e municipal.

Apesar da responsabilidade da escola e, principalmente da escola pública, estar sendo explicitada por ambos, ela, enquanto uma das instituições da sociedade, não pode assumir a responsabilidade sozinha. Como a questão está atrelada aos valores e modelo da sociedade, a escola tem o papel de articular os saberes constituídos pela comunidade e interferir, promovendo momentos de discussões e de construções conjuntas dos saberes.

A Educação é questão central na preocupação de muitos organismos sociais. Muitas pesquisas têm sido feitas pelas universidades e, apesar do seu conhecimento teórico aprofundado no assunto, têm encontrado dificuldades em penetrar no universo da escola e, muitas vezes, têm contribuído para o estabelecimento de um espaço de conflito.

Conforme o relato de ALMEIDA (2000), tal dificuldade se dá pelo fato da escola e das universidades terem diferentes interesses. Mesmo que ambas queiram construir este novo modelo de escola e sociedade, ainda há descompasso neste caminhar que, freqüentemente, se traduz em impasses e percalços.

Neste sentido, torna-se importante trazer os argumentos de GARCIA (2001) a respeito da produção de conhecimento e a responsabilidade social dos pesquisadores para ajudar a pensar e construir uma escola-sociedade onde o direito à educação seja mais que uma promessa formal. Segundo a autora, se a escola é o objetivo último das pesquisas, seus resultados deveriam chegar até ela e, de algum modo, beneficiá-la.

As reflexões da autora podem ser evidenciadas pelas seguintes questões:

*“será que as pesquisas contribuem para melhorar a escola?” ou “será que os pesquisadores se fazem compreender quando estão trabalhando com grupos populares?” ou “será que o pesquisador consegue compreender o compreender do outro ou continua a “ler” a realidade a partir de velhos pressupostos apesar de muitas vezes criticá-los?” “as pesquisas, reflexões e escritos contribuem para estabelecer um fértil diálogo universidade-escola ou apenas amplia o fosso entre estes dois níveis de escolaridade?” “será que o que os pesquisadores escrevem ajuda efetivamente as professoras e professores que estão na sala de aula enfrentando todas as dificuldade para que seus alunos e alunas aprendam?” “será que as pesquisas que são realizadas contribuem para melhorar a qualidade do trabalho pedagógico?” (GARCIA 2001, p.13-15).*

Porém, para compreender melhor essas reflexões pedagógicas é preciso pensá-las a partir de uma ótica maior, situando-a ao modelo de desenvolvimento, ao enfoque dado às inovações técnicas, às relações que se estabeleceram entre o homem e a natureza, bem como

às influências pedagógicas advindas de outros países e implementadas no currículo brasileiro nos diversos momentos da história brasileira.

A história do desenvolvimento e industrialização do país focando a melhoria de tecnologias, de novas técnicas para o sistema de produção e o desenvolvimento de grandes centros urbanos do país, como é o caso de Campinas, trouxe de um lado o avanço tecnológico, mas também consequências para a sociedade como a violência, acirramento entre as classes sociais e comprometimentos ao ambiente.

A introdução de equipamentos modernos na agricultura, advindos de outros lugares, desenvolvidos por países com características diferentes das do Brasil, induziu a deterioração do ambiente, com danos difíceis de serem solucionados na atualidade, e que no momento da implantação não foram previstos.

Nesse contexto, a organização da sociedade civil, através de movimentos ambientalistas, assume um papel importante na defesa do meio ambiente.

Em princípio, esses movimentos se deparam com problemas pontuais de determinadas regiões buscando a preservação dos espaços e espécies que estavam sofrendo interferências do processo de desenvolvimento. De um lado, permanecem, enquanto órgão defensor do desenvolvimento do país, e do outro, pequenos grupos inconformados com o tipo de desenvolvimento que não considera os impactos ambientais. Nesse momento, os movimentos ambientalistas se preocupam com a preservação, predominantemente, de áreas verdes e com animais ameaçados de entrar em extinção.

A partir da década de 1970, intensifica-se a industrialização dos países do hemisfério sul, a agricultura brasileira passa a ser entendida como uma indústria interligada a um sistema de produção, tendo dependência de outros segmentos para poder gerar seu produto. Essa forma de produção ocasiona problemas nas relações de trabalho, nas relações com a natureza e na construção de uma sociedade com equidade econômica e social, equidade esta prejudicada pelo incentivo de crédito aos grandes produtores em detrimento dos pequenos.

Os investimentos agrícolas voltam-se às grandes áreas agricultáveis, ao cultivo de monoculturas com incentivo de créditos para produção e exportação desses produtos, restando aos pequenos agricultores o cultivo de produtos de subsistência e o consumo interno.

Na Educação brasileira as interferências pedagógicas, também foram atreladas ao pensamento norte americano, com enfoque na psicologia do desenvolvimento humano,

introduzindo técnicas para o ensino e aprendizagem dos alunos. O processo de ensino-aprendizagem deposita total responsabilidade nas técnicas de ensino para a conseqüente aprendizagem. Os conteúdos são organizados seguindo uma hierarquia que pressupõe os pré-requisitos necessários para a continuidade dos estudos, concebendo que o desenvolvimento humano está relacionado às fases cognitivas dos indivíduos, necessitando assim, dividir os conteúdos conforme a faixa etária dos aprendizes.

As técnicas de estudo do meio e experimentações em laboratórios são sugeridas de forma a entender a relação homem-natureza, pois o homem precisa conhecer e explorar a natureza para o desenvolvimento científico e de sobrevivência. Os experimentos no laboratório têm a intenção de simular o ambiente natural, ocasionando a artificialidade do ambiente.

O problema ambiental, dentro do currículo, não é sentido como conteúdo a ser ensinado, e sim como o conteúdo dentro das áreas de ciências e geografia, oscilando para dentro do ensino de história em alguns momentos.

Os movimentos ambientalistas assumem cada vez mais a defesa do meio ambiente com formas organizacionais mais intensas e espalhadas em várias partes do mundo. Entretanto, ainda ficam com o papel de denunciadores das catástrofes ecológicas decorrentes do desenvolvimento de grandes centros urbanos. Porém, conquistam os meios de comunicação e conseguem envolver outros setores da sociedade. Buscam conservar os diversos ambientes que possuem vida e os relacionam a um único sistema necessário para a manutenção da vida no planeta.

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em 1972, desencadeia vários outros encontros para criar Programas Ambientais em várias partes do mundo e, a partir desse fato, os movimentos ambientalistas ganham força e inserção na sociedade, realizando as denúncias, e também exigindo providências ao Estado para definir políticas de planejamento e impactos ambientais.

A Política Ambiental prega uma modernização ecológica exigindo que a sociedade industrial invista em ciências e tecnologias modernas, tidas como ecologicamente corretas, levando-a a ser co-responsável não só pela destruição do ambiente como também pela solução da crise ecológica.

Na década de 1980, esses fatos, concomitantemente, ao processo de democratização



dos países do hemisfério sul, motivam a sociedade a buscar outras formas de se organizar levando em conta os aspectos sociais e políticos vinculados aos econômicos.

Na Educação brasileira as interferências de autores europeus começam a fazer parte da organização curricular, não somente relacionados às estruturas hierárquicas dos conteúdos, mas, principalmente, nas relações de ensino aprendizagem. Os conteúdos são pensados em relação às necessidades sócio-culturais da sociedade. O MEC<sup>1</sup> estabelece os Parâmetros Curriculares Nacionais como forma de garantir os conteúdos mínimos para as escolas brasileiras devido às diferenças regionais do país.

Ao estabelecer o currículo brasileiro o MEC sugere que cada região tenha a liberdade de organizá-lo conforme as suas necessidades locais. Entretanto, a intenção de socializar idéias pedagógicas, como maneira de democratizar o acesso ao ensino, desencadeia problemas para sua implementação. Muitos educadores ficam sem condições de entendê-lo, pelo fato de não terem orientações e preparo para esse estudo, essa forma impede que os mesmos reflitam sobre sua prática. Os Parâmetros tornam-se a referência nacional escrita, porém distantes das práticas pedagógicas cotidianas, permitindo ao educador a manipulação do discurso progressista educacional junto da manutenção das técnicas práticas dos anos anteriores.

Identifica-se o enfoque sociológico na educação através de experiências pedagógicas ocorridas, principalmente, nos países europeus como França, Portugal e Espanha influenciando assim novas abordagens pedagógicas.

O estudo por projetos temáticos é socializado através da discriminação das práticas desses países, passam a ser sugerido pelos Parâmetros Nacionais de maneira sutil e, explicitamente, pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Porém, essa prática permanece quase sem sucesso nas escolas, devido aos problemas já elencados acima. Os Parâmetros estabelecem ainda os temas transversais, dentre eles o Meio Ambiente, para ser desenvolvido em todas as áreas de conhecimento, pois pressupõem que são relevantes para o desenvolvimento da sociedade democrática, não necessitando estar vinculado a qualquer área específica de estudo.

A Educação, enquanto instituição da sociedade, é chamada a participar da busca das soluções sociais e ambientais do país, seja através dos Parâmetros, seja através da legislação federal.

---

<sup>1</sup> MEC- Ministério de Educação e Cultura

A crise ecológica deixa de ser vista como um fato local para ser entendida como uma crise global, indissociável de suas relações sociais e econômicas. O termo desenvolvimento sustentável é cada vez mais usado e discutido e provoca na sociedade a necessidade de repensar suas formas de produção e suas relações para o desenvolvimento ancoradas em três eixos: econômico, social e ambiental.

Em Campinas, esse processo de desenvolvimento vinculado à necessidade de realizar formas de planejamento compatíveis com as questões ambientais, é sentido e visto através do movimento de elaboração do Plano Gestor do Município, na década de 1980. Tal documento distribui o município em zoneamentos, identificando as áreas para instalações de indústrias, ampliação de rodovias, centros comerciais e áreas rurais.

Nessa mesma época começam os estudos para se criar a Área de Proteção Ambiental (APA) de Campinas. Após uma década de discussão, chega-se ao ano 2000, sob forma de proposta e estudo.

Apesar do zoneamento pensar o território campineiro com áreas rurais e urbanas, essa última se sobrepõe à primeira, com o enfoque de desenvolvimento técnico e especulativo da natureza, permitindo avanços em áreas rurais para a urbanização do município. A implantação de moradias e condomínios fechados em áreas rurais como Sousas e Joaquim Egídio foram intensificadas nessa década mudando as características desses Distritos.

A busca por melhores locais para moradia associa-se às dificuldades dos proprietários em manter e viver de cultivos nas propriedades agrícolas. As especulações imobiliárias se intensificam e o ambiente, calmo, bonito e bucólico, passa a ser o destino de várias pessoas de outras localidades, principalmente das metrópoles.

A inserção dos novos moradores desencadeia um processo de descaracterização local, voltado ao comércio, introduzindo um circuito gastronômico, esportes ecológicos e abrindo espaços para o conhecimento dessa área com um imaginário focado na cultura caipira.

A partir da década de 1990 e intensificada nos anos 2000, a urbanização de grandes centros urbanos, de certa forma, contribui para o desenvolvimento de cidades de menor porte que se situam às margens desses grandes centros. A Região Metropolitana de Campinas é criada no ano 2000, colocando Campinas como a centralidade de serviços, ligada à agricultura e a indústria.

Nesse desenvolvimento metropolitano, as migrações são uma consequência, trazendo

uma pluralidade cultural, com modos de vida próprios que redesenham as características dessa região, introduzindo, ao mesmo tempo, um descompasso da infra-estrutura necessária para esse atendimento. Isso ocasiona, muitas vezes, problemas relacionados ao saneamento básico, tratamento da água e sua distribuição, assim como coloca o atendimento público em severas dificuldades, devido ao intenso fluxo de pessoas.

A nova configuração decorrente dos estudos realizados, nos anos de 1990, para o planejamento do município, chega em 2001, pela vontade política do momento, a contemplar o desenvolvimento das áreas urbanas e rurais.

As áreas rurais recebem, pelo menos, dois tipos de investimentos decorrentes da política local: a aprovação da Lei da APA de Campinas e a criação do Grupo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Segurança Alimentar (GDR)<sup>2</sup>. As duas legislações afirmam a preocupação em desenvolver um planejamento que possibilite a manutenção das pessoas nas áreas agrícolas realizando políticas de incentivo para subsidiar os produtores, visando a maior qualidade de seus produtos e atribuindo potencial de comercialização com competitividade no comércio interno e externo.

Em relação aos movimentos ambientalistas, a partir da Rio 92, estes recorrem à elaboração das Agendas na busca da sustentabilidade local. Através de parcerias eles acreditam que podem envolver todos os setores da sociedade para a construção desse processo. Passam de denunciadores ambientais para proponentes ambientais, tentando integrar os setores para somar os conhecimentos necessários para essa nova sociedade. Tentam integrar as indústrias, o Poder Público e as ações da sociedade local como forma de desenvolvimento participativo e sustentável.

Sendo assim, a sustentabilidade da sociedade passa a incorporar os aspectos culturais e políticos aos aspectos ambientais, sociais e econômicos das décadas anteriores.

Entretanto, a dificuldade em gerenciar os diferentes interesses sociais e as pressões de desenvolvimento, pautados na exploração (do homem, da natureza, das terras agricultáveis e das urbanizáveis), é o desafio a ser por todos os que se propõem a articular um trabalho coletivo.

Nesse sentido o trabalho coletivo envolvendo a questão Ambiental, na Secretaria Municipal de Educação de Campinas, foi realizado a partir das práticas educativas já

---

<sup>2</sup> GDR - Grupo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Segurança Alimentar

existentes nas escolas municipais, levando-se em conta as diferentes realidades presentes. A questão Ambiental sempre constituiu uma temática abordada no planejamento dos educadores. Várias formas de organizar a discussão foram realizadas ao longo dos últimos anos. Passou por grupos de estudos de educadores de Ciências e de Geografia, por discussões de currículo, por trabalhos internos das escolas sem apoio da Secretaria e, a partir de 2001, por uma organização de temas ambientais apontados pelos Projetos Políticos Pedagógicos<sup>3</sup> das Escolas Municipais do ensino fundamental, infantil e supletivo.

No ano de 2001, as escolas que desenvolveram trabalhos relacionados ao meio ambiente foram convidadas a constituir um Grupo de Trabalho em Educação Ambiental, para construir a proposta da rede municipal de ensino. Esta forma de organização permitiu que a Secretaria contribuísse diretamente nos Projetos Pedagógicos de cada escola. Neste Grupo de Trabalho, a metodologia foi construída com discussões teóricas, trocas de experiências, estudo do meio e participação das escolas em eventos ambientais comemorativos com produções de alunos, educadores e comunidade.

Vale salientar que este Grupo foi constituído por educadores de diferentes disciplinas e modalidades de ensino, ou seja, o enfoque era inter, multi e trans disciplinar. Estes educadores se reuniam semanalmente, e foram remunerados para realizar esta atividade.

Nesse momento, a composição do grupo foi ao encontro do objetivo da Secretaria Municipal de Educação em discutir a construção do currículo escolar. A discussão permeou os encontros e desencadeou, nos educadores, a necessidade de elaborar projetos em consonância com anseios da escola e comunidade. Nessa constituição os educadores são representados por professores da Secretaria Municipal de Educação, bem como agentes de saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Campinas. Ao mesmo tempo, a integração das disciplinas e a integração entre conhecimentos formais e não formais<sup>4</sup> foram colocados como necessidades

---

<sup>3</sup> Projeto Político Pedagógico (ou Projeto Educativo) é o plano global da Instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É o instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização, integração das atividades práticas da Instituição neste processo de transformação". VASCONSELLOS (1999, p.169).

<sup>4</sup> "Por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada frequência e proporcionada pelas escolas enquanto que designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no discurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizada. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não-fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto". AFONSO (1999, p. 78).

determinantes para se realizar os projetos ambientais. Sendo assim, a questão ambiental era entendida como uma questão pertencente a todos os “atores da sociedade”, com maneiras e níveis de conhecimentos diferentes, porém complementares. Conforme a tabela a seguir, podemos observar a constituição dos educadores envolvidos nos cinco anos do programa de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Educação que influenciou a Proposta Pedagógica do CEMEI Alexandre Sartori Faria que será analisado, oportunamente, no desdobramento da presente pesquisa.

**EDUCADORES CONSTITUTIVOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO  
AMBIENTAL DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CAMPINAS – 2001-2005**

<b>Educação Ambiental</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>
<b>EMEF</b>	08	20	23	26	<b>5</b>
<b>EMEI/ CEMEI</b>	13	24	16	28	<b>20</b>
<b>TOTAL ESCOLAS</b>	21	44	41	54	<b>25</b>
<b>AGENTE DE SAÚDE</b>	-	-	04	-	-
<b>PROFESSORES</b>	18	45	58	61	<b>38</b>
<b>ALUNOS (aprox.)</b>	8.240	17.120	19.120	22.053	<b>10.026</b>

CAMPINAS - Secretaria Municipal de Educação-Relatório Anual Programa de Educação Ambiental 2005.<sup>5</sup>

A participação do Núcleo de Ação Educativa Descentralizada – Leste em instâncias de Política Pública Ambiental do Município, tais como: o COMDEMA (Conselho Municipal de Meio Ambiente); a CIA (Comissão Institucional Ambiental); o Comitê das Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí; o Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí; a Câmara Técnica de Resíduos Sólidos, na construção

<sup>5</sup> EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental; EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil; CEMEI – Centro Municipal de Educação Infantil, Agente de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde.

da Agenda 21 de Campinas e, na elaboração da Proposta Ambiental do Parque Ecológico Monsenhor Sallin, facilitou a articulação de contatos, de conhecimentos e de informações que incrementaram o planejamento do Grupo de Trabalho. Além disso, esta participação contribuiu para o planejamento das ações integradas dentro do município com a participação efetiva das escolas municipais. Exemplo disso foram os cursos realizados em parceria com o Departamento de Parques e Jardins para implementar hortas e paisagismo nas escolas com a contribuição do CEASA (Central de Abastecimento de Campinas S/A), CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) e IAC (Instituto Agrônomo de Campinas), as participações nos eventos como a “Semana do Meio Ambiente”, “Primavera” e a programação da Estação Ambiental Joaquim Egídio que foi fruto da parceria com o Departamento de Meio Ambiente, as quais ofereciam atividades de conscientização e sensibilização para alunos, educadores e comunidade.

O cuidado em respeitar os interesses das escolas na realização de ações intersetoriais sempre permeou as ações que foram planejadas pelas instâncias superiores às escolas como as já mencionadas. O fato das representatividades, citadas acima, terem sido feitas por pessoas que eram diretamente envolvidas nas práticas escolares facilitou a socialização das informações e implementação das decisões da Política Pública, bem como as intervenções junto às escolas e comunidade.

Dentre as escolas que participaram do Programa de Educação Ambiental temos as escolas na região da APA - Área de Proteção Ambiental composta pelos Distritos de Sousas, Joaquim Egídio e o bairro de Carlos Gomes que estão situadas nas áreas rurais do município.

Entretanto, a presente proposta de pesquisa se restringe ao Distrito de Joaquim Egídio pelo aspecto histórico do município, pelo importante recurso hídrico para o abastecimento de água na cidade, pela presença da maior mata nativa da região de Campinas, pela permanência da agricultura nas fazendas e pelo trabalho desenvolvido há 04 anos no CEMEI Alexandre Sartori Faria.

Reconhecendo a relevância de se ter a Área de Proteção Ambiental e da importância do município em desenvolver políticas de incentivo aos agricultores é que se propõe compreender como a sustentabilidade da região pôde ser concretizada conciliando as orientações sob forma de Lei com os depoimentos das pessoas que participam do cotidiano desse Distrito.

## **b. Trajetória da Pesquisa**

Com a experiência em projetos de Educação Ambiental ingresso em março de 2004, na Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp na área de tecnologia Pós-Colheita, por entender que a cadeia produtiva agrícola está diretamente relacionada à formação das pessoas que nela atuam. Sobretudo, às pessoas relacionadas com nível de qualificação profissional inferior e que, geralmente, trabalham diretamente no campo. Sendo assim, a qualidade dos produtos e seu valor comercial estão diretamente relacionados às informações e formações dessas pessoas, em todo processo produtivo. Primeiramente, pretendia averiguar a formação desses agricultores e se os cursos destinados a eles estariam adequados conforme as orientações de manejo em Áreas de Proteção Ambiental. Juntamente com essa análise pretendia averiguar a inserção da Educação no âmbito dos agricultores e da comunidade local com as práticas educativas das escolas da região, além de realizar um levantamento bibliográfico dos cursos oferecidos aos agricultores da APA pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e Sindicato Rural e GDR.

A partir das disciplinas obrigatórias do curso de Pós Graduação, a pesquisa foi estruturada através das leituras, da coleta de fontes de informação, assim como o seu desenvolvimento.

No 1º semestre de 2004, cursei as disciplinas AP-196- Metodologia do Trabalho Científico e AP-535- Desenvolvimento Rural Sustentado que contribuíram nas discussões sobre a agricultura e sua modernização no Brasil, evidenciando seus avanços tecnológicos e seu comprometimento em relação à deterioração do ambiente. No término da disciplina AP-196 eu elaborei a versão preliminar do Plano de Pesquisa encaminhada à banca examinadora da Qualificação, em janeiro de 2005.

No 2º semestre de 2004, cursei as disciplinas AP-185- Estudo Dirigido em Tecnologia Pós-Colheita, AP-190- Tese de Mestrado e AP-198- Seminários, que me permitiram avançar no assunto sobre agricultura, movimentos ecológicos e no conhecimento das propriedades agrícolas da região da APA de Campinas. Na disciplina AP-185 eu aprofundi o meu conhecimento sobre a região da APA onde mapeei, com auxílio do Engenheiro Agrônomo do GDR - Campinas, todas as fazendas, sítios /chácaras produtivas e seus principais produtos comercializados. Verificamos uma variedade de produtos como criação de avestruz, de plantas para confecção de perfumes, de produtos orgânicos, bem como

as práticas mais comuns como hortaliças, fruticultura e criação de gado leiteiro e de corte. Conseguimos também elaborar um mapa inexistente no município, naquele momento, cruzando as informações das áreas das fazendas /sítios /chácaras com as informações do zoneamento da APA, evidenciando assim as áreas produtivas e as orientações e restrições de cada localidade. Com a disciplina AP-198 –Seminários, eu atentei sobre o conhecimento da agricultura no Brasil, juntamente com os movimentos ecológicos no Brasil e no exterior, culminando na apresentação do Seminário final do curso. A partir desses estudos, re-elaborei o Plano de Pesquisa que foi submetido ao Exame de Qualificação, em janeiro de 2005. Acatadas as críticas e sugestões a pesquisa passa a ser redimensionada.

### **c. Redimensionamento da Pesquisa**

A banca examinadora sugeriu algumas questões que foram fundamentais para o direcionamento da pesquisa como:

- o projeto de pesquisa analisado apresentava uma abrangência muito grande na busca de informações sobre as escolas e os agricultores, de modo que seria necessário contextualizar melhor o processo de desenvolvimento econômico e suas interferências na agricultura, trazendo os aspectos socioeconômicos que identificam a relação homem-natureza e a trajetória da Educação Ambiental;
- como a seleção dos entrevistados estava relacionada ao vínculo estabelecido com a experiência da escola foi sugerido que a política educacional e a questão ambiental poderiam indicar elementos para a construção de uma política pública para a região;
- seria necessário analisar o desenvolvimento agrícola no município com o foco especulativo das áreas verdes.

No 1º semestre de 2005, com as disciplinas AP-155 -Tecnologia Pós-Colheita a abordagem se dá em relação à cadeia produtiva na agricultura com enfoque na seleção das sementes, técnicas de plantio, armazenamento, transporte e comercialização do produto. Aqui me certifiquei sobre a real necessidade de informação e formação das pessoas que trabalham no processo produtivo agrícola. Realizei um estudo sobre a hortaliça alface por ser um produto muito cultivado na região de Joaquim Egídio, como uma tendência da agricultura orgânica.



Especificamente, na disciplina AP-190- Tese de Mestrado, reorganizei o plano de pesquisa acatando as sugestões da banca, tendo três grandes eixos de discussão que delimitam o objeto de pesquisa, e contribuem para a escolha dos instrumentos de investigação.

### **Distribuição dos capítulos**

Após a introdução, o 2º capítulo aborda o processo de desenvolvimento da Agricultura moderna no Brasil juntamente com os movimentos ambientalistas, enfatizando os avanços tecnológicos e os problemas decorrentes do tipo de desenvolvimento econômico trilhado no Brasil.

A história do desenvolvimento de Campinas entra em consonância com o desenvolvimento econômico, desde o surgimento do município como passagem do caminho percorrido pelos bandeirantes em busca de explorar a mineração, até a atualidade. Com esse tipo de desenvolvimento o município enfrenta vários problemas, principalmente os de ordem social e ambiental. Como estratégia para enfrentar e resolver esses problemas, a Política Municipal, a partir de 2001, realiza duas ações importantes para a área rural e os remanescentes da vegetação, delineando outra maneira de planejar a cidade.

Analiso também a difícil e complicada história da estruturação da Educação no país, para atender e se adequar aos avanços tecnológicos em geral. Focalizo a questão ambiental como um problema emergente, sendo delegada à educação a principal responsabilidade de resolver os problemas de formação dos cidadãos, e como maneira de ensiná-los a preservar o meio ambiente.

No 3º capítulo delinco o recorte do objeto a ser estudado que consiste no estudo sobre a comunidade de Joaquim Egídio, onde seu sistema de comunicação, de informação, e formação busca inovações, bem como a conquista da sua sustentabilidade histórica, econômica, social e ambiental.

A problemática da pesquisa também envolve uma investigação dos problemas enfrentados pelos agricultores da região da Área de Proteção Ambiental do município em permanecer com as terras agricultáveis em consonância com as orientações de uso e ocupação desse solo de maneira a garantir a convivência harmônica de diversos interesses, atrelados à sustentabilidade histórica, econômica, social e ambiental da região.

O 4º capítulo está destinado à metodologia desenvolvida, bem como à escolha do tipo etnográfico como a possibilidade mais condizente ao assunto em questão. Os instrumentos de pesquisa foram as entrevistas com pais de alunos e com agricultores e comerciantes do Distrito de Joaquim Egídio, mediante envolvimento com o Projeto Pedagógico do CEMEI-Alexandre Sartori Faria, observação participante na comunidade escolar e no Distrito, e análise documental da escola, juntamente com a revisão bibliográfica.

No 5º capítulo, a análise dos dados é realizada de acordo com as experiências do CEMEI e relacionada ao envolvimento com os velhos, com os familiares e os comerciantes da região. A análise é realizada em quatro categorias: Parcerias entre o Poder Público e Privado; Imaginário Rural e Urbano; Relação Escola-Comunidade e Conceito de Educação Ambiental.

Através do cruzamento desses dados chega-se ao 6º capítulo com as considerações e os indicativos de ações que poderão compor o planejamento de possíveis Políticas Públicas para a região.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **A. AGRICULTURA NO BRASIL**

#### **a. O desenvolvimento urbano e a agricultura**

Apesar de possuir grande território e grandes áreas produtivas agricultáveis, o Brasil vem apresentando dificuldades com a permanência do agricultor no campo, bem como com o desenvolvimento de políticas de incentivo para os pequenos produtores rurais.

A história do desenvolvimento e industrialização do país, a partir da década de 1970, é marcada por um forte investimento na urbanização em grandes centros, estimulando assim, o êxodo das áreas rurais.

Os incentivos voltaram-se para os programas destinados à instalação de indústrias e fábricas. Além disso, em outras áreas, incentivaram-se programas para contribuir com o processo de urbanização, como a criação de escolas de ensino técnico, enquanto na agricultura, houve incentivos à aquisição de máquinas mais modernas, e uso de agrotóxicos para combater pragas e doenças como garantia para obter melhor produção.

Apesar da relevância desse avanço tecnológico, esse processo de desenvolvimento desencadeou problemas ambientais e sociais sérios que vivenciamos até hoje.

Os problemas ambientais foram causados, principalmente, pelo uso de máquinas agrícolas modernas que não foram projetadas para o solo brasileiro, e pelo uso excessivo de agrotóxicos nas culturas, que contaminavam o solo, a planta, a água e a fauna.

Movimentos ambientalistas começam a se fortalecer e a se organizar mundialmente com denúncias sobre os desastres ecológicos promovidos pelo desenvolvimento proposto.

Entretanto, os problemas vão se estendendo à área social. Com o incentivo às indústrias, cria-se um imaginário de que se terá mais oferta de emprego e condições melhores de trabalho. No entanto, o que se pôde observar é que as pessoas deixaram o campo foram para a cidade, e tiveram dificuldades tão iguais ou piores do que aquelas que enfrentavam no campo.

*“A tecnologia, fruto das relações sociais de produção historicamente determinada, aparece muitas vezes, contraditoriamente, como solução para resolver problemas sociais. É o caso da modernização conservadora da agricultura brasileira, que colocou no aumento da produtividade a saída para as questões sociais do campo” (CARMO, 1998, p. 220).*

Mesmo com a criação de escolas de ensino técnico como maneira de preparar a mão de obra para o mercado do momento, as dificuldades de acesso e permanência dos alunos nestas escolas foram grandes. Nem todos que precisavam obter a qualificação possuíam tempo para se dedicar aos estudos em virtude da necessidade de sobrevivência. A seleção das pessoas já estava sendo realizada antes da inscrição no curso. Além disto, o analfabetismo crescia independentemente dos incentivos destinados à educação.

Com o descompasso entre a oferta de emprego e o preparo da mão de obra qualificada para o trabalho nos centros urbanos, outros problemas se intensificaram na cidade. O desemprego estimulava a violência e a exploração da força de trabalho e o crescimento da taxa de mortalidade aumentava.

A partir da década de 1980/90, o foco de incentivo para o desenvolvimento seguia outra direção. A ampliação dos conhecimentos advindos do uso das novas tecnologias, e a divulgação dos problemas imediatos e, em longo prazo por parte dos movimentos ambientalistas, permitiram que a sociedade recebesse informações sobre a gravidade e a dimensão dos problemas desencadeados pelo modelo de desenvolvimento.

A preocupação passava a garantir qualidade de vida para os cidadãos, tanto nas condições de trabalho como na qualidade dos produtos consumidos e/ ou adquiridos.

Na agricultura brasileira se intensificavam estratégias para garantir e controlar a produção, seleção de sementes e produtos para a comercialização através de normas e leis.

As exigências impostas pelo comércio internacional impulsionavam os investimentos na cadeia produtiva em controlar a produção, bem como estabelecer padrões nos produtos para que passassem a ter condições para concorrer no mercado nacional e internacional.

Com estas medidas, parte dos problemas na agricultura começava a ser resolvido. Entretanto, problemas como o vazio populacional nas áreas agrícolas, problemas ambientais, o analfabetismo e a falta de incentivo aos programas de créditos para pequenos agricultores continuavam ser o desafio para que se pudesse ter uma sociedade com mais equidade econômica e qualidade de vida para todos os cidadãos.

A questão da tecnologia na agricultura está sendo questionada uma vez que o padrão de base técnica com a subordinação do homem às necessidades de reprodução e exploração da natureza com objetivo de ampliação do capital, ocasionou a separação do homem-natureza.

*“Coloca o sujeito dessa relação fora da natureza, implicando em processos dominadores sobre esta, que, ironicamente são apenas panos de fundo para a dominação do homem pelo homem. E a ciência, enquanto fruto dessas relações, legitima tais práticas” (CARMO, 1998, p.221).*

Sendo assim, o questionamento da contribuição da tecnologia na agricultura se torna presente quando se pensa em construir uma agricultura sustentável que se preocupa com a preservação do homem e do ambiente pautada na luta política, e não apenas na mediação técnica homem-natureza.

#### **b. O Desenvolvimento e a relação com a natureza.**

As abordagens teóricas de desenvolvimento dentro da economia, que se relacionam com a ecologia e ao meio ambiente, vêm realizando debates numa perspectiva analítica de questões referentes ao ambiente, porém não concernem uns tratamentos contemplados nas questões sociais, políticas, éticas e culturais. Nesse sentido, torna-se importante compreender como essas abordagens teóricas vem sendo construídas no decorrer da história, bem como elas podem contribuir na construção de uma sociedade realmente preocupada com o desenvolvimento para a humanidade de maneira sustentável.

SEKIGUCHI e PIRES (1998) realizaram um estudo que mostra como as diferentes abordagens da economia vêm se relacionando com a ecologia e/ou ao meio ambiente. E, a partir dessas análises, vislumbram caminhos que podem ser percorridos para se chegar a uma sociedade que contemple a todos os atores sociais de maneira menos exploratória, levando em conta seus aspectos sociais, políticos, éticos e culturais. Propõem a construção de uma Economia Política do Meio Ambiente baseada na interface estabelecida entre as diferentes abordagens teóricas de desenvolvimento, onde cada qual pode contribuir com a utilização de seus métodos e técnicas, suas análises e constatações na busca de soluções para os problemas ambientais.

Os autores dividem de maneira sucinta essas diferentes abordagens em quatro correntes, mostrando suas potencialidades e seus limites para se chegar à Economia Política do Meio Ambiente. São elas:

1- A Economia Ambiental - Desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e em alguns centros de pesquisa europeus como Londres, Amsterdã e Paris, a partir da década de 1960/70, tem como foco a utilização de técnicas de análises de custo-benefício e de insumo-produto na avaliação e/ou contabilização das políticas ambientais e da economia da poluição ou dos recursos naturais. São representantes dessa linha de trabalho David Pearce, William Oates, Patrick Point, Peter Nijkamp, e em nível nacional, seus precursores Aloísio B. Araújo, Ronaldo Serôa da Motta e Sérgio Margulis. A limitação dessa corrente está centrada na utilização de estimativas de “valores” para se arbitrar penas ou mensurar danos ambientais. Baseia-se em teoria de valor de uso onde se estabelece o pagamento do usuário relativo ao uso que realiza do ambiente, abrindo brechas para a oligopolização e a privatização da economia com controle do uso privado do ambiente e da qualidade de vida regulada pela renda individual e garantido pelo Estado;

2- As abordagens desenvolvimentistas da economia do meio ambiente - Nessa corrente pode-se contemplar os seguidores da linha de pesquisa de desenvolvimento de Ignacy Sachs com “eco-desenvolvimento”, e as abordagens mais próximas ao desenvolvimento que lidam com questões de cunho sócio-ambiental como Osvaldo Sunkel, Nicolo Gligo e Pablo Gutman que procuram desenvolver propostas alternativas para os países dependentes ou do Terceiro Mundo. No Brasil, pode-se citar Maurício Tolmasquim, Dália Maimon, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Enzo Falleto e Roberto Pereira Guimarães como representantes dessa corrente. A abordagem de desenvolvimento analisa as relações de dependência estabelecidas entre os países centrais e periféricos, contribuindo com uma análise estruturalista de cunho marxista. E a ecodesenvolvimento incorpora, à análise dos estilos de desenvolvimento, conceitos de termodinâmica e uso de tecnologias. Apesar dessa corrente buscar novas abordagens que possam ser aproveitadas na formulação de políticas econômicas que contribuam para sustentabilidade, sua limitação se refere à dificuldade em aplicar seus conceitos devido à carência de experiências concretas que possam servir de exemplos para a viabilidade dessa proposta;

3- A Economia Marxista e a Natureza - Na análise marxista o ambiente aparece como relação de produção e de trabalho. A natureza é entendida como fornecedora originária de meios e objetos de produção e, as forças naturais como forças produtivas auxiliares da acumulação de capital, onde “*a lei do valor não atua, posto que são forças (naturais) que não contem trabalho humano*”(SEKIGUCHI e PIRES, 1998, p.212). São seguidores dessa corrente Schmidt, Rodrigo Duarte e Neil Smith. Contribuem com a discussão sobre o valor de uso, bem como a alienação do trabalhador. Sua limitação consiste em não atender a discussão sobre o valor da natureza enquanto produtora em si de seu trabalho e não somente relacionado ao trabalho humano.

4- A Economia Ecológica - A mais radical de todas as correntes no aspecto metodológico se constitui como fórum pluralista para expressar novas propostas e concepções metodológicas e epistemológicas, envolvendo a relação da economia com a ecologia, a física, a química e a biologia. Busca conciliar o método quantitativo com uma proposta mais ampla de noção de sustentabilidade. Nichola Georgescu-Roegen, Herman Daly, Robert Constanza, dentre outros, são os seus representantes internacionais. No Brasil, Clóvis Cavalcanti é representante dessa corrente, além de outras pessoas de outras correntes como Ronaldo Serôa e Maurício Tolmasquim. A limitação da teoria se refere em não incorporar as suas discussões às questões de ordem político-econômico e sócio-cultural. “*... não basta tratar apenas de questões técnicas e/ou metodológicas em nível interno, mas devem buscar também as interações e articulações possíveis entre o conceitual e o aplicado, entre o sócio-econômico, o político e o cultural*” (SEKIGUCHI e PIRES, 1998, P.217).

Após a análise das divisões das correntes de desenvolvimento, os autores chegam à proposta da Política do Meio Ambiente. Acreditam que por não estar tão estruturada como as demais correntes, essa possa incorporar elementos que se inter-relacionam nas diferentes abordagens em consonância com a realidade vivida pelos países do Terceiro Mundo. No Brasil os principais representantes são Cristóvam Buarque e Celso Furtado. A principal característica da Política do Meio Ambiente é a humanização de sua teoria. Para isso é preciso que haja valorização da cultura, o atendimento de necessidades imediatas da grande maioria da população do terceiro mundo, bem como a busca incessante pelo atendimento das necessidades e vontades das populações, sem ferir as individualidades de cada cidadão.

Propõem trabalhar com uma visão pluralista, com diversidade de tendências que lidam com o mesmo tema de maneira mais ou menos articulada a partir de dois pontos:

1- a constatação de que os modelos vigentes não lidam com as questões sócio-ambientais de maneira sustentável. Nestes há um privilégio de aspectos quantitativos, como o crescimento da economia, em detrimento dos qualitativos como a melhoria efetiva da qualidade de vida de todos os cidadãos, respeitando cada comunidade no que tange aos aspectos materiais e não matérias como a participação dos cidadãos nas tomadas de decisões que lhes digam respeito;

2- a necessidade em se discutir o papel do Estado e do mercado na economia para que ambos busquem os objetivos de melhoria de qualidade de vida e de acesso aos benefícios gerados pelo sistema para as parcelas menos favorecidas da população mundial, bem como a democratização das informações, das instituições sociais, políticas, econômicas e das formas de atuação dos agentes sociais nas decisões.

Sendo assim, a Política do Meio Ambiente deverá adotar um enfoque eminentemente político e não partidário. As diferentes correntes deverão buscar alternativas e propostas para as soluções dos problemas sócio-ambientais, adotando uma metodologia que incorpore os aspectos qualitativos aos quantitativos, para que diferentes setores da sociedade possam participar das decisões e dos gerenciamentos das consequências e de seus impactos tanto positivos quanto os negativos. A democratização de informações e da educação, nesse sentido, torna-se de fundamental importância e, ao mesmo tempo, é o maior desafio dessa proposta.

A diversidade de visões de mundo, de conhecimentos científicos e das comunidades tradicionais pode contribuir, nessa perspectiva, a partir do momento em que haja uma interação entre elas, e não uma subordinação de uma sobre as demais.

*“Na prática, a única solução é a união de forças que busquem, de fato, uma democracia verdadeiramente sustentável, tanto política e econômica, como cultural, social e eticamente. Para isso, faz-se necessário a identificação e o fortalecimento de atores sociais como interlocutores que possuam condições ou potencial de se articular com os demais setores da sociedade, superando as tradicionais visões*



*dicotômicas ou monolíticas da sociedade e de suas subdivisões*”(SEKIGUCHI e PIRES,1998,p.230).

Através desse estudo, pode-se compreender a dimensão em que o termo “sustentabilidade” precisa ser enfocado, ou seja, o mesmo não será visto como um conceito banal.

A crise ecológica passa a ser vista como crise global indissociável de suas relações sociais e econômicas. O emblema “desenvolvimento sustentável” induz à necessidade de se realizarem transformações sociais profundas, bem como leva ao reconhecimento da problemática ambiental global como estando associado aos conflitos, entre os países industrializados do hemisfério norte e o país em desenvolvimento do hemisfério sul.

Os problemas ambientais, sendo considerados como um problema global, fazem com que vários atores da sociedade, como ONGs<sup>6</sup>, empresas privadas, órgãos públicos sejam acionados a pensar e buscar soluções conjuntas. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente ocorrido em 1992, no Rio de Janeiro, pode ser considerada como exemplo. Esta desencadeou o processo de construção de Agendas, de cada localidade, em busca de equilíbrios ambientais, sociais e econômicos.

Tendo como base a linha da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD, 1988), entende-se que o desenvolvimento sustentável está alicerçado em três eixos: econômico, ambiental e social. Estes precisam inter-relacionar-se *“em um processo de transformação que transcende os limites geográficos - políticos e coloca a sobrevivência do homem e das outras espécies como seu objetivo maior”* (CARMO, 1998, p. 218-219).

Portanto, o termo sustentável é entendido:

*“como um desenvolvimento social e de progresso econômico, mantendo e conservando os recursos naturais, origem do futuro comum de uma humanidade que pretende tornar os impactos econômicos sobre o meio ambiente coisa do passado. Neste sentido, o ambientalismo, face política da questão ambiental, representa uma subversão aos valores atuais, e*

---

<sup>6</sup> As organizações não-governamentais, também conhecidas pela sigla ONGs, são os grupos organizados da comunidade que não têm ligações com o poder público/ governo. São os casos das associações de moradores, entidades sociais, fundações, sindicatos, entidades ambientalistas, entre outros grupos ( MARTINS, 2004, p. 110).

*deve recolocar antigas questões como cultura e ética”. (CARMO, 1998, p. 219)*

Ficam, como desafio, a resolução de problemas como a distribuição de renda, de riqueza, da alimentação, a energia, a poluição, a urbanização, a industrialização e o crescimento populacional para criar uma nova maneira de administrar as relações entre os homens e a natureza, de forma a garantir a paz, a segurança internacional, impulsionando uma evolução econômica mundial mais harmônica.

Nesse sentido, Oliveira J.A. (2003, p.82) contribui lembrando que o termo “sustentabilidade” é um processo em construção e precisa “*ser visto como de longa duração*”. Além disso, agrega outros elementos necessários para chegar na amplitude da questão ambiental. Concordando com Ignacy Sachs ele define o conceito de sustentabilidade, o qual assumo nesta pesquisa e que será abordado nos demais capítulos, como sendo:

*“A grande novidade criada por esse conceito é que a sustentabilidade envolve os aspectos ambiental, social, econômico, político e cultural” (OLIVEIRA, J. A, 2003, p.82).*

## **B. DESENVOLVIMENTO DE CAMPINAS**

### **a. Da Campinas das campinas à Campinas dos fragmentos.**

A cidade de Campinas, desde a sua emancipação enquanto município ocupa uma localização geográfica que tem influenciado toda a história de seu desenvolvimento urbano, político, econômico e agrícola, conduzindo a um modelo de distribuição populacional que a coloca em situação de vulnerabilidade sócio-ambiental.

Foi descoberta no início do século XVIII como rota dos bandeirantes que iam de São Paulo para explorar as terras de Goiás e Minas Gerais, abrindo caminhos que, aos poucos, levavam à formações de Sesmarias e seus povoados.

Segundo a “Monografia Histórica de Campinas”, um dos primeiros bandeirantes a transitar nessa região, Amador Bueno da Veiga, recebeu em 1707 a concessão de uma sesmaria situada ao norte do rio Jaguari, fora dos limites atuais do município. Como acesso a essa gleba, foi aberto o “Caminho dos Goiazes” e, em seu percurso, desdobraram-se os

pedidos e concessões de sesmarias no território hoje correspondente à Campinas (CAMPINAS-Plano de Gestão da Área de Proteção Ambiental de Sousas e Joaquim Egídio. APA Municipal, 1996, p. 27).

A fama da fertilidade da região, com qualidade agrícola do solo e clima favorável, estimula o povoamento fornecendo repouso aos tropeiros e cavalos que seguiam pelo “Caminho dos Goiasés”, levando produtos agrícolas como feijão, milho, mandioca, tabaco. Em 1721, formaram-se três povoados entre as vilas de Jundiaí e Mogi-Mirim, conhecida como “Campinas do Mato Grosso”, devido à predominância da vegetação-campinas.

Com a chegada de Francisco Barreto Leme em 1739, o povoado começa a se intensificar e, em 14 de julho de 1774, data oficial da fundação da cidade, Frei Antônio de Pádua celebra a primeira missa e a cidade passa a ser conhecida como “Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas de Mato Grosso de Jundiaí”.

Nessa época a mineração estava em baixa, o que leva a cidade a intensificar a exploração da cana-de-açúcar com a instalação de engenhos e engenhocas em virtude da elevação do preço do açúcar no mercado externo. Por 70 anos Campinas produziu açúcar que a inseriu no mercado mundial de exportação, e a levou tornar-se a maior produtora agrícola da província.

Em 1822, com a emancipação política do país, cessam as concessões de sesmarias e, em Campinas, três das principais sesmarias situavam-se na zona norte e leste do município, região hoje conhecida como Área de Proteção Ambiental (APA). Com o passar do tempo, as sesmarias são desmembradas em fazendas e em glebas menores influenciadas também pelo crescimento populacional.

Em 1842, a cidade foi batizada com o nome de “Campinas” confirmando o nome sugerido no final do século XVIII. Nesse momento, inicia-se a cultura de café. Em 1860, a cidade torna-se a maior produtora de café do estado de São Paulo e, em 1868, os cafeicultores empolgados por esse cultivo decidem construir a Companhia Paulista de Ferrovia, com dinheiro próprio. Essa se torna um meio de transporte importante para escoar toda a produção de café do interior para o porto de Santos.

Em meio da intensa produção de café, a região da atual APA recebe em 1875, a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro e Navegação, interligando o centro da cidade às estações Guanabara, Anhumas, Pedro Américo, Tanquinho, Desembargador Furtado e Carlos

Gomes, ao norte dessa região. A partir de 1894, essa região amplia esse meio de transporte, interligando o centro em direção ao leste, com paradas em Sousas, Fazenda Laranjal (hoje Joaquim Egídio), Fazendas Capoeira Grande, Palmeiras, Venda Nova e Cabras.

Essa região vive o apogeu do “Ouro Verde” (café) até 1929, quando a crise econômica internacional, registrada pela queda da bolsa de valores dos Estados Unidos, a atinge, marcando a transição da economia agrícola brasileira para a industrialização.

Com a crise, essa região começa a ser abandonada pelos trabalhadores e fazendeiros ocasionando o êxodo rural e dando início ao processo de urbanização da cidade.

*“Para se ter uma idéia do efeito daquela crise sobre a produção rural do município de Campinas, basta dizer que a população de Sousas, que em 1929 era constituída por cerca de 25.000 pessoas, teve no período subsequente seu contingente reduzido a 5.000 habitantes, segundo dados da Monografia Histórica e Estatística do Distrito de Sousas” (CAMPINAS-Plano de Gestão da APA, 1996, p. 28).*

Com o intuito de revigorar a atividade rural introduz-se o cultivo de algodão sob orientação do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), a criação de gado e cavalos de raça na década de 1920.

De 1930 a 1960, o processo de modernização do país influencia o município em sua estrutura econômica com a crescente atividade industrial. A partir da década de 60, o município desenvolve-se na área educacional e científica com a criação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1966 e, na área técnica, com a fundação da CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), em 1967, e o Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL), em 1969, ambos órgãos da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Governo do Estado de São Paulo.

Na década de 70, segundo CUNHA e OLIVEIRA, A. (2001), o crescimento industrial foi elevado com o intenso processo de modernização agrícola, tornando a região um importante pólo regional.

A política do Estado em desconectar as atividades produtivas em direção ao interior paulista, processo de interiorização, impulsiona um grande fluxo migratório ao interior paulista.

*“... os investimentos governamentais realizados através da oferta de incentivos e de infra-estrutura, somaram-se à existência de uma base agrícola moderna fortemente articulada ao setor industrial, e à existência*

*de uma rede urbana bem estruturada” (CUNHA e OLIVEIRA, A., 2001, p. 354).*

Campinas, por estar situada em ponto geográfico estratégico no Estado de São Paulo, recebe muitos imigrantes deste e de outros Estados.

*“No decorrer destes anos, embora a instalação de indústrias, serviços e população tivessem se concentrado na capital e nos municípios de seu entorno, Campinas atraiu em escala considerável novas indústrias” (CUNHA e OLIVEIRA, A. 2001, p. 353).*

Entretanto, esse crescimento traz uma configuração da ocupação do território de maneira não homogênea, distribuindo a população de acordo com o poder aquisitivo, em regiões diferentes.

### **DIVISÃO TERRITORIAL DE CAMPINAS**

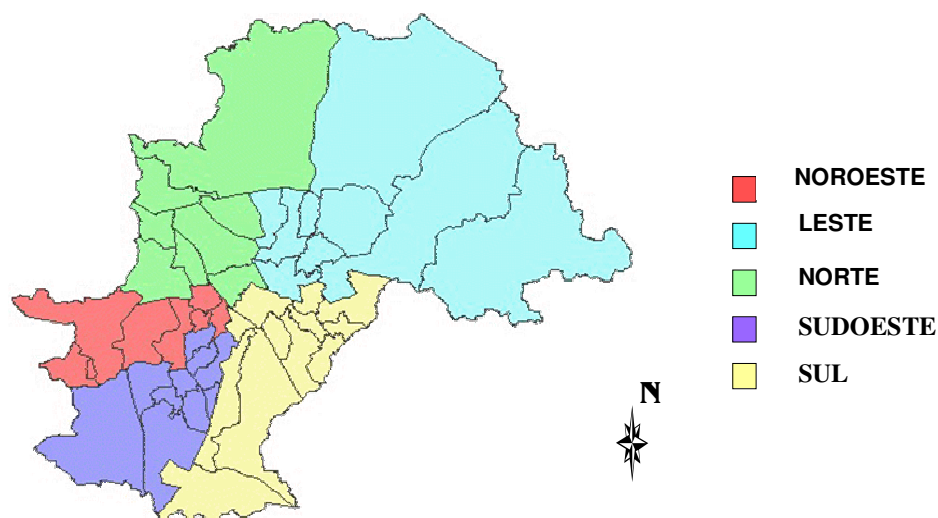


Fig.1- CAMPINAS- Secretaria de Planejamento-.Divisão Territorial, 2004.

A região sudoeste, pela implantação do Distrito Industrial e do Aeroporto Internacional de Campinas na Rodovia Santos Dumont, passa a ser ocupada com habitações populares, além de sucessivos loteamentos clandestinos.

Na região central, com uma urbanização consolidada, concentram-se atividades comerciais, de serviços institucionais e residências de médio e alto padrão.

Na região norte situa-se o distrito de Barão Geraldo. Neste estão localizadas a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e PUCC (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), com grande potencial de crescimento, com áreas em processo de valorização imobiliária, atraindo a população de renda alta e média, apesar de existir grandes áreas ocupadas por favelas e ocupação.

Na região Leste, que compreende a APA-Campinas, existem grandes áreas desocupadas, que são áreas verdes, e que são motivos de especulação imobiliária, para empreendimentos de condomínios residenciais.

Sendo assim, Campinas recebeu dois tipos de população que foram significativas no seu crescimento econômico e populacional:

*“...uma migração da classe média composta por técnicos e cientistas de elevada qualificação – empregados nas indústrias de alta tecnologia, nos Centros de Pesquisas da UNICAMP, PUCC, TELEBRÁS, Instituto Agrônomo, entre outros- com uma migração da população de baixa renda, geralmente absorvida pelas atividades da indústria da construção civil e pelo setor terciário, impulsionou o dinamismo e a integração das atividades econômicas regionais”(BAENINGER,2001,p.338).*

Os intensos fluxos migratórios, acrescidos do empobrecimento da população evidenciado pela deterioração do poder de compra fazem com que haja uma intensificação do processo de “periferização”.

Conseqüentemente, são intensificados os problemas como violência, fome, saneamento básico, e ambientais decorrentes dos contornos estabelecidos naquele momento.

Segundo BAENINGER (2001, p. 341), esse fenômeno “(...) foi devido à “expulsão” da população de baixo rendimento, incluindo tanto os migrantes mais pobres como os naturais do município, para as áreas de mais baixo valor do solo urbano”.

Em 24/ 05/ 2000, a Assembléia Legislativa do Estado oficializa a criação da Região Metropolitana de Campinas<sup>7</sup>, composta por 19 municípios. Por sua localização, Campinas

---

<sup>7</sup> A Região Metropolitana de Campinas (RMC), formada por 19 municípios, nasceu oficialmente com a Lei Complementar Estadual 870, de 19 de junho de 2000. O objetivo da RMC é discutir vários assuntos importantes como Transporte e Saúde, considerando que Campinas e as cidades próximas formam uma grande metrópole. Os

reforça o papel de centralidade em estabelecer escritórios, em implantar unidades de comércio e serviços ligados à agricultura e à indústria.

Campinas chega aos anos 2000 com quase um milhão de habitantes composta por migrantes de várias regiões do país, trazendo diferentes culturas, modo de vida e, com sérias conseqüências sociais e ambientais, provenientes dos contornos estabelecidos pelas aglomerações em seu território.

Como toda grande cidade e área metropolitana, essas aglomerações contribuem para a deterioração do ambiente, seja pelo alto consumo de água e energia, seja pelo acondicionamento inadequado dos lixos, seja pela contaminação e impermeabilização do solo. Somando-se a isso, a distribuição populacional de baixa renda nas áreas de risco, faz agravar o problema ambiental e, coloca Campinas com alto potencial de vulnerabilidade sócio-econômico e ambiental. “*Entendendo a vulnerabilidade como um processo que envolve tanto a dinâmica social quanto as condições ambientais*” (HOGAN, CUNHA, CARMO e OLIVEIRA, A., 2001, p. 398).

HOGAN, CUNHA, CARMO e OLIVEIRA (2001, p.403) destacam três problemas ambientais decorrentes do processo de industrialização e urbanização no município: a coleta de lixo deficiente e seu tratamento quase inexistente; a impermeabilização de grandes áreas e o não cuidado com as matas ciliares diminuindo as terras agricultáveis, ocasionando constantes inundações; e a intensificação do uso de automóveis e ônibus contribuindo com a poluição do ar.

Com esse tipo de desenvolvimento e urbanização as áreas verdes estão sofrendo enormes pressões para a expansão urbana, por serem consideradas como espaços vazios ou reserva de áreas para a urbanização, sendo um grande potencial às especulações imobiliárias que interferem diretamente na composição da paisagem do município.

A partir de 2001, a administração municipal se posicionou frente ao tipo de desenvolvimento que o município vem realizando e estabeleceu diretriz quanto ao

---

municípios que formam a RMC são: Americana, Artur Nogueira, Engenheiro Coelho, Campinas, Cosmópolis, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara D'Oeste, Santo Antônio da Posse, Sumaré, Vinhedo e Valinhos. Ao todo são mais de 2,4 milhões de moradores. As decisões na RMC são tomadas no Conselho de Desenvolvimento Metropolitano, formado por representantes dos 19 municípios do governo estadual e de organizações de sociedades civis. MARTINS (2004, p. 110 -111)

desenvolvimento rural e urbano. Destacam-se duas ações que estão relacionadas diretamente com o desenvolvimento desta pesquisa e serão descritas ao longo do capítulo:

1- a criação do Grupo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Segurança Alimentar de Campinas (GDR), através do decreto nº 13.603 de 25 de abril de 2001;

2- a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) de Campinas, através da Lei nº 10.850 de 07 de junho de 2001.

### **b. O Planejamento da Cidade contemplando as áreas rurais**

O Grupo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Segurança Alimentar surge como uma Política Pública para planejar e desenvolver projetos específicos na área rural da cidade.

*“(..).é um programa para integrar o rural na vida da cidade, valorizando os produtores rurais em sua missão do cumprimento da função social da propriedade da terra, na produção de alimentos e na preservação do meio ambiente em Campinas” (CAMPINAS-Programa Municipal de Valorização da Zona Rural de Campinas, 2004, p. 01).*

Como pôde ser visto anteriormente, as áreas rurais do município não possuíam uma política de valorização de seus espaços senão para reserva de ampliação dos espaços urbanos, sendo desconsideradas as atividades agrícolas como importantes para o desenvolvimento da Região Metropolitana de Campinas.

O Programa estabelece as seguintes justificativas:

- *“articulação do planejamento urbano, com o uso e ocupação da zona rural do município, de forma a atingir o desenvolvimento das atividades urbanas e rurais de forma sustentável;*
- *preservação da qualidade de vida e do patrimônio produtivo e ambiental da cidade, decorrente do equilíbrio, da regulamentação e da complementaridade do uso racional de seu território como um todo;*
- *ações abrangentes em toda a cadeia produtiva do município, voltadas à inclusão social, à geração de trabalho e renda, à oferta de alimentos, ao combate à fome e à desnutrição, de modo a garantir o abastecimento alimentar qualitativo a toda população de Campinas” (CAMPINAS-Programa Municipal de Valorização da Zona Rural de Campinas, 2004, p. 01 e 02).*

O Programa, como um canal de interlocução entre os outros órgãos da administração municipal e, principalmente, os produtores rurais delineiam uma metodologia de trabalho visando à articulação de políticas públicas desenvolvidas a partir de consulta sobre as reivindicações dos agricultores, seja através das associações rurais, seja através das



organizações municipais como a OP<sup>8</sup> (Orçamento Participativo) e os encontros de Produtores Rurais de Campinas.

A forma de dialogar com os principais envolvidos na produção agrícola é um diferencial de outras formas de planejar as Políticas Públicas. Ouvir os problemas reais e vivenciados pelos agricultores, bem como suas necessidades e interesses tornam-se de fundamental importância para o Poder Público poder intervir e investir, efetivamente e coerentemente, nos espaços do município.

No 1º Encontro de Produtores Rurais de Campinas (set/ 2002), estabeleceram-se as principais reivindicações que nortearam a consolidação do planejamento rural de Campinas, e que poderão ser utilizadas como indicadores para os próximos planejamentos. São elas: solicitação de estradas com condições de tráfego; criação de postos de Guarda Municipal; estudo sobre o uso e ocupação do solo rural como maneira de prevenir as especulações imobiliárias; criação de programas de assistência técnica e administrativas para os produtores rurais; apoio para a comercialização dos produtos agropecuários da região no comércio interno e externo, e criação de um serviço de inspeção sanitária. Além disso, foram medidas reivindicadas:

*“Ordenamento da legislação ambiental municipal, planejamento de políticas de gestão de resíduos sólidos e embalagens de agrotóxicos, ações para se compatibilizar as atividades da população rural às normas e aplicação da legislação ambiental, conservação e recuperação do solo deficiente e política de saneamento visando a proteção à quantidade e à qualidade da água para a agricultura em Campinas” (CAMPINAS-Programa Municipal de Valorização da Zona Rural de Campinas, 2004, p. 09).*

Pensar a Política Pública para a produção agrícola do município perpassa o conhecimento técnico sobre as diferentes regiões agrícolas com suas produções e potencial, bem como os interesses e dificuldades vividas pelos agricultores.

---

<sup>8</sup> O Orçamento Participativo representa um importante espaço de debate e definição dos destinos da Cidade. Nele, a população decide as prioridades de investimentos em obras e serviços a serem realizadas a cada ano, com os recursos do Orçamento da Prefeitura. Mas o OP vai além da escolha de obras. Ele estimula o exercício da cidadania, o compromisso com o bem público, a co-responsabilização entre governo e sociedade sobre a gestão da Cidade.

### c. Área de Proteção Ambiental (APA) de Campinas.

*“A mudança do sistema rural começa na relação com a natureza e não com a Agricultura”. (depoimento do Sr. David)*

#### ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE CAMPINAS

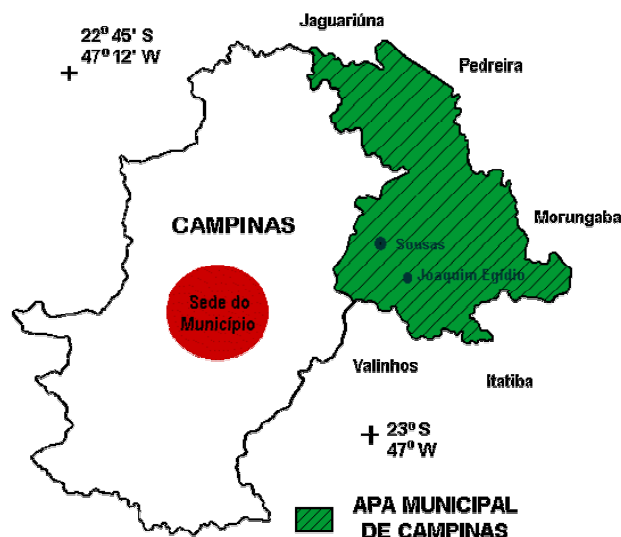


Fig. 2 - EMBRAPA, 2004.

O território do município de Campinas está caracterizado como 49% de área urbana e 51% como área rural. Apesar do município ainda ser considerado como rural, observa-se que o desenvolvimento econômico tem sido impulsionado pelo crescente número de indústrias que se instalam na região metropolitana, pelos centros de estudos e pesquisas, pelas universidades que se instalam, algumas com grande reconhecimento nacional e internacional como a PUCC e UNICAMP, elevando Campinas ao nível de uma metrópole, com alto nível de desenvolvimento científico, econômico e tecnológico.

Agregado a este valor, a produção agrícola das áreas rurais tem contribuído na economia do município através do plantio, comercialização e exportação dos produtos aqui cultivados como frutas e flores. Estes produtos são cultivados em 73 % da área do território rural de Campinas composto pelas regiões norte, noroeste, sul e sudeste do município.

Hoje a vegetação nativa foi eliminada ou fragmentada em pequenos remanescentes, o que permitiu que, em 1.999, a cobertura vegetal do município representasse apenas 2,6 %. Houve ainda a extinção das campinas que é a formação vegetal que deu nome ao município

(EMBRAPA, 2004). Embora a situação seja crítica, grande parte desta vegetação está preservada em parques, bosques e praças municipais o que faz que Campinas ainda preserve 51% do seu território em área rural.

Como forma de gerenciar e planejar o município, seu território foi dividido em 07 macrozonas englobando 82 Unidades Territoriais Básicas (UTBs), sendo que 77 UTBs são urbanas e 05 rurais (CAMPINAS-Secretaria Municipal de Planejamento, 2003).

As 05 UTBs rurais estão localizadas nas regiões norte, sul, leste, noroeste e sudoeste, apresentando algumas características semelhantes e outras extremamente diferentes com relação aos dados sociais, econômicos, educacionais e de saneamento.

Ao observar o mapa de Campinas baseado no mapa da divisão territorial do município fica evidente a discrepância no tamanho do território das cinco áreas rurais. A região leste detém 27% dos 51% da área rural do município que coincide com a extensão da Área de Proteção Ambiental de Campinas.

### UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS DE CAMPINAS: URBANAS E RURAIS

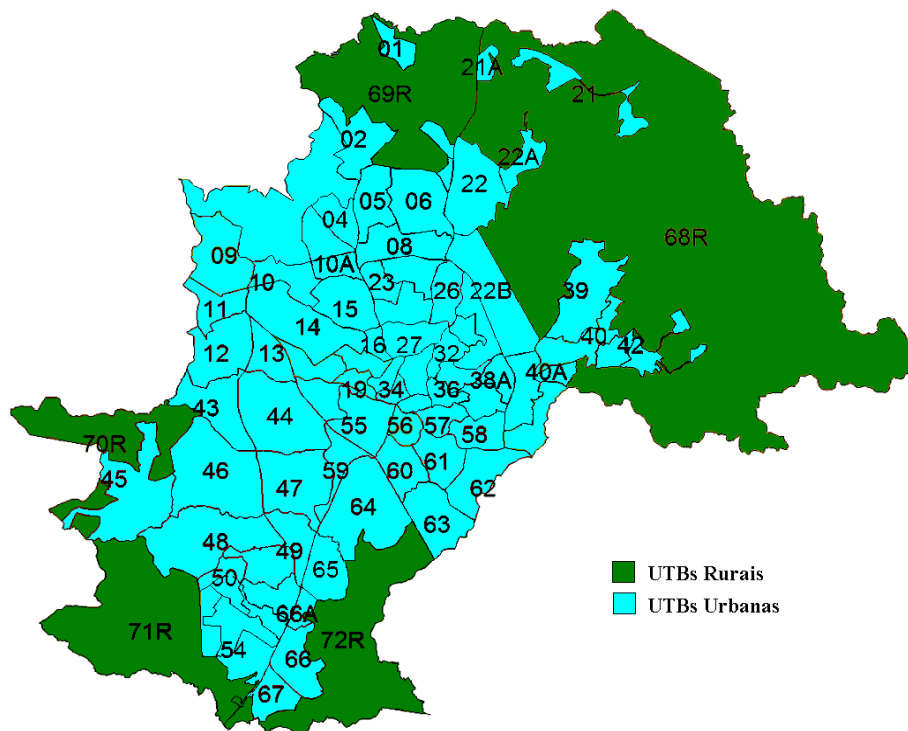


Fig. 3 – CAMPINAS, Secretaria Municipal de Planejamento - Mapa da Exclusão e Inclusão Social da Cidade de Campinas, 2003

UTB	BAIRROS	UTB	BAIRROS	UTB	BAIRROS
01	Vale das Garças	23	V. Costa e Silva / V. Miguel Vicente Cury	48	Mauro Marcondes / Ouro Verde / Vista Alegre
02	Guará	24	Mansões de Sto. Antônio / Sta. Cândida	49	Maria Rosa
03	Bosque das Palmeiras	25	Primavera / Pq.. Taquaral	50	São Cristóvão
03A	Trecho Anhumas / BR 340	26	São Quirino	50A	Jd.. Planalto
04	Centro / Barão	27	Jd.. N. S. Auxiliadora / Taquaral	51	DICS COHAB
05	Cidade Universitária	28	Pq.. Brasília	52	Distrito Industrial de Campinas e Mercedes
06	CIATEC	29	Carrefour / Galeria / FEAC	52A	Distrito Industrial de Campinas e Aeroporto
07	Real Parque	30	Guanabara	53	Aeroporto Viracopos
08	PUCC / Pq.. Das Universidades / Sta. Cândida	31	Cambuí	54	Jd.. Atlântico / Jd. Columbia
09	S. Martin	32	Flamboyant	55	Vila Teixeira / Pq. Itália / Pq. Industrial / São Bernardo
10	São Marcos / Amarais	33	Vila Brandina	56	Ponte Preta
10A	CEASA	34	Centro	57	Proença
11	Nova Aparecida / P. Anchieta	35	Bosque	58	São Fernando / Vila Orozimbo Maia / Carlos Lourenço
12	Fazendinha / Sta. Bárbara	36	Nova Campinas	59	Vila Pompéia / Jd. Do Lago
13	Pq.. Via Norte	37	Pq.. Ecológico	60	Nova Europa / Pq. Da Figueira
14	Fazenda Chapadão	38	Notre Dame / Alto da Nova Campinas / Gramado	61	Jd. Das Oliveiras / Swift
15	Fazenda Santa Eliza	38A	Bairro das Palmeiras	62	Esmeraldina / São Pedro / São Vicente
16	Vila Nova	39	São Conrado	63	Pq. Jambeiro / Remonta
17	Chapadão	40	Centro / Sousas	64	Icarai / Jd.. Das Bandeiras / Jd.. São José
18	Castelo	40A	Fazenda Santana	65	Nova Mercedes
19	Bonfim	41	Jd.. Botânico	66	Jd.. São Domingos / Jd.. Campo Belo
20	Jd.. Aurélia	42	Joaquim Egídio	66A	Jd.. Nova América
21	C. Gomes / Monte Belo / Ch.. Gargantilha	43	Jd.. Monte Alto	67	Jd.. Fernanda
21A	Bananal	44	Jd.. Garcia / Campos Elíseos	68R	Área Rural Leste - Sousas, Joaquim Egídio
22	Jd.. Míriam / Pq.. Xangrila	45	Pq.. Valença	69R	Área Rural Norte - Barão Geraldo
22A	Ch.. Recanto dos Dourados	46	Campo Grande / Florence	70R	Área Rural Noroeste - Campo Grande
22B	Parque Imperador	47	Novo Campos Elíseos / Sta. Lúcia	71R	Área Rural Sudoeste - Ouro Verde
				72R	Área Rural Sul - São Domingos, Campo Belo

CAMPINAS, Secretaria Municipal de Planejamento - Mapa da Exclusão e Inclusão Social da Cidade de Campinas, 2003

As semelhanças dessas áreas consistem em apresentar algumas dificuldades com a relação à oferta de prestação de serviços públicos, entre eles a coleta dos lixos, o fornecimento da energia elétrica, a manutenção das estradas e pontes, a construção de equipamentos escolares, de saúde e lazer, bem como planejamento de distribuição de água e seu tratamento.

Agregada a essas dificuldades soma-se a dificuldade das pessoas de se locomoverem para as áreas urbanizadas, que poderiam oferecer os serviços não encontrados nas áreas rurais, por não se ter um serviço de transporte adequado e freqüente nas áreas rurais.

Entretanto, a diferença dessas áreas rurais não se dá apenas pela diferença da extensão de territórios. Os dados sócios, econômicos, educacionais e de saneamento básico

demonstram as diferentes composições de cada área rural que acompanhou as orientações do Plano Diretor da cidade e o desenvolvimento urbano do município.

Sendo assim, as cinco regiões rurais se diferem com relação ao número da população que possuem, pelo grau de escolaridade, pela idade dos moradores e pelas atividades agrícolas desenvolvidas.

Contraditoriamente, a maior área rural do município é a menos agricultável, se comparada com as demais. Esta área (27% do território rural do município) está na região leste, que compreende a APA - Área de Proteção Ambiental de Campinas, composta pelos Distritos de Sousas, Distrito de Joaquim Egídio e os bairros de Carlos Gomes e Gargantilha.

Portanto, a APA, por sua extensão territorial em áreas verdes, garante que Campinas seja considerada como cidade rural, participe da economia do município em menor quantidade se comparada com as demais, porém com um valor que a diferencia de todas as áreas rurais do município, com seus valores históricos, culturais e ambientais.

## INDICADORES SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DA APA-CAMPINAS

### COMPOSIÇÃO APA/ 04

	ano	Carlos Gomes	Joaquim Egídio	Sousas	Município de Campinas
área (km <sup>2</sup> )		62,25	89,25	65,5	801,01
densidade demográfica (hab/ km <sup>2</sup> )	1980	15,6	30,8	117,53	829,18
nº médio pessoas por domicílio ocupado	1980	4,58	4,36	4,46	4,29
	1991	4,11	4,24	4	3,78

Campinas, Plano de Gestão da APA p. 33

Este diferencial é garantido pela Lei<sup>9</sup> que a criou, e pelo Plano Diretor do Município de Campinas que estabelece as diretrizes para serem seguidas nas questões urbanas,

<sup>9</sup> Em 1996, a comunidade de moradores, de ambientalistas e de cientistas elaborou em conjunto com a Prefeitura e depois de várias discussões, um Plano de Gestão, necessário para a institucionalização da APA. O Plano de Gestão contém as orientações para a ocupação ordenada da APA.

O Plano de Gestão demorou anos para ser discutido e aprovado pela Câmara Municipal de Campinas. Enquanto isso, a ocupação desordenada de Sousas e Joaquim Egídio, e demais áreas cobertas pela nova configuração da APA corriam riscos a olhos vistos.

No primeiro semestre de 2001, por determinação do prefeito Antonio da Costa Santos, o Executivo se empenhou em uma negociação para acelerar a votação do Plano de Gestão pela Câmara, o que afinal acabou acontecendo em junho daquele ano. Como resultado da aprovação do plano foi criado o Conselho Gestor da APA, integrado por representantes da comunidade, órgãos públicos, ONGs e comunidade científica, visando à discussão de

ambientais, hídricas, agrícolas e turísticas com o propósito de garantir a preservação dos recursos naturais, da história e memória da região.

Na composição da APA evidencia-se que Sousas é o Distrito com maior número populacional em uma área intermediária entre Joaquim Egídio e Carlos Gomes. Hoje, neste Distrito, há uma grande procura por moradias ocasionando vários loteamentos de condomínio fechados. Para a região de Carlos Gomes, situado ao norte da APA, encontram-se, hoje, várias chácaras e casas residenciais. E, em Joaquim Egídio, a maior área da APA apresenta menor especulação imobiliária, o que nos leva a investigar a manutenção dos aspectos preservativos dessa região.

A Lei estabelece a preocupação com a preservação da principal região que abastece o município e seus vizinhos, orientando minuciosamente a regulamentação do uso de ocupação do solo e as atividades a serem desenvolvidas pelos setores públicos e privados.

Na seção II da gestão municipal, o artigo 86 § 2º estabelece atribuições diretas e indispensáveis para o pleno desenvolvimento da APA. Sendo que o inciso III é destinado à Secretaria Municipal de Educação. “(...) *responsável pelo desenvolvimento de educação ambiental voltado à rede escolar*” (CAMPINAS - Diário Oficial do Município, 2001, p. 11).

Portanto, a educação escolar tem responsabilidade pelas promoções de ações de conscientização ambiental na região.

---

medidas para tornar efetiva a estruturação da APA estratégica em termos ambientais em geral e para os recursos hídricos, em particular, na região de Campinas. (MARTINS, 2004, p. 74)

## C. EDUCAÇÃO AMBIENTAL

### a. Estruturação Curricular no Brasil

A responsabilidade da Educação em desenvolver ações que promovam a formação de cidadãos sensíveis e conscientes sobre as problemáticas sociais, econômicas e ambientais é percebida, no Brasil, através dos diferentes momentos da estruturação curricular. Em cada momento da história curricular brasileira a Educação Ambiental é focada conforme as diferentes tendências de desenvolvimento do país e do mundo, bem como as diferentes correntes pedagógicas externas ao país que influencia, não somente na estruturação, mas na implementação do currículo brasileiro.

LOPES e MACEDO (2002) realizaram estudo sobre o pensamento curricular no Brasil, no qual esta pesquisa se baseia, elucidando a trajetória percorrida por nós no campo do currículo na educação brasileira, bem como proporcionando o entendimento para qual essa pesquisa se reporta ao longo do capítulo.

Segundo as autoras, a preocupação com o currículo brasileiro surge na década de 1920, sendo que até os anos 80 o currículo brasileiro:

*“... foi marcado pela transferência instrumental de teorizações americanas. Essa transferência centrava-se na assimilação de modelos para a elaboração curricular, em sua maioria de viés funcionalista, e era viabilizada por acordos bilaterais entre os governos brasileiro e norte-americano dentro do programa de ajuda à América latina” (LOPES e MACEDO, 2002, p. 13).*

Com a redemocratização do Brasil nos anos 80, a influência norte americana perde espaço para outras literaturas como a francesa, inglesa, sobretudo para as teorias marxistas européias. Essa influência não mais se fazia por processos oficiais, mas pela necessidade que os autores brasileiros tinham em buscar referências teóricas no pensamento crítico. .

Entretanto, na década de 1990, o enfoque passa ser sociológico em detrimento do psicológico. O currículo toma dimensão também de cunho político, sendo compreendido como espaço de relações de poder. Autores como Giroux, Apple e Young são referências nesse campo, assim como Marx, Gramsci, Bourdieu, Lefèbvre, Habermas e Bachelard são

referências no campo da filosofia e sociologia. No Brasil, Paulo Freire é a referência e a pedagogia histórico-crítica e a pedagogia do oprimido disputa a hegemonia nos discursos educacionais e na capacidade de intervenção política. A discussão central se trava em torno do currículo e conhecimento. Várias pesquisas e estudos são realizados aprofundando em questões:

*“... referentes às relações entre conhecimento científico, conhecimento escolar, saber popular e senso comum; aos processos de seleção de conteúdos constitutivos do currículo; às relações entre a ação comunicativa, os processos de crítica aos conhecimentos e os processos emancipatórios; a necessidade de superarmos dicotomias entre conteúdos, métodos e relações específicas da escola, sintonizadas com o entendimento mais geral do currículo como construção social do conhecimento” (LOPES e MACEDO, 2002, p.15).*

Na segunda metade dessa década, a tentativa de compreender a sociedade pós-industrial como produtora de bens materiais e produtora de bens simbólicos, influencia nas ênfases dadas ao currículo. O currículo incorpora enfoques pós-modernos e pós-estruturais, que convivem com as discussões modernas. As teorias incorporam o pensamento de Foucault, Derrida, Deleuze, Guattari e Morin. Incorporam também as teorizações de cunho globalizante, tanto as vertentes funcionalistas, quanto à da teoria crítica marxista. *“Tal multiplicidade não vem se configurando apenas como diferentes tendências e orientações teórico-metodológicas, mas como tendências e orientações que se inter-relacionam produzindo híbridos culturais”* (LOPES e MACEDO, 2002, p.16).

Ao mesmo tempo em que o hibridismo de tendências atribui maior vigor às discussões no campo curricular, também causa dificuldades em definir o que vem a ser currículo. Encontra-se uma multiplicidade de estudos enfocando desde o tema currículo, com discussões teóricas-práticas referentes a propostas de ensino de disciplinas específicas, até teorias construtivistas, englobando estudos sobre alfabetização, conhecimento e cultura, inovações curriculares específicas, novas tecnologias e interdisciplinaridade. Essa pluralidade de temáticas coloca uma necessidade epistemológica em definir o campo do currículo.

As autoras sugerem que o campo seja entendido, conforme BOURDIEU, como um *lócus* onde se trava embate entre atores e/ ou instituições em torno de formas de poder específicas que caracterizam a área em questão. Portanto entendem que:



*“... o Campo do currículo se constitui como um campo intelectual: espaço em que diferentes atores sociais, detentores de determinados capitais social e cultural na área, legitimam determinadas concepções sobre a teoria de Currículo e disputam entre si o poder de definir quem tem autoridade na área” (LOPES e MACEDO, 2002, p. 17-18).*

A partir do hibridismo que marca o campo do currículo como campo intelectual criado pelas posições, relações e práticas que surgem de um contexto de produção discursiva em determinada área, as autoras dividem esse período em três grupos: 1- a perspectiva pós-estruturalista; 2- o currículo em rede; 3- a história do currículo e a constituição do conhecimento escolar.

**1- a perspectiva pós-estruturalista** alcança destaque na década de 90 com Tomaz Tadeu da Silva que inicia suas publicações baseadas na perspectiva histórico-crítica, utilizando-se da literatura de autores como Bourdieu, Althusser, Marx, Thompson e Raymond Williams, e no campo do currículo, autores como Apple, Jean Anyon, Bernstein, Whitty, Paul Willis e Michel Young. O objeto central dos estudos é a análise entre os processos de seleção, organização e distribuição dos currículos escolares e a dinâmica de produção e reprodução da sociedade capitalista. Posteriormente assumem outra postura procurando manter um diálogo entre as teorias críticas e pós-modernas. Passam a entender:

*“... que a tradição racionalista do pensamento social e educacional tende a pensar o conhecimento e a epistemologia como um processo lógico ligado a esquemas mentais de raciocínio, em consequência de sua concepção de linguagem como um meio transparente e neutro de representação da realidade” (LOPES e MACEDO, 2002, p.27).*

Assumem ainda que *“... as categorias que utilizamos para definir e dividir o mundo são sistemas que nos fazem refletir, ver e interpretar os objetos da maneira que fazemos” (LOPES e MACEDO, 2002, p.27).*

**2- O currículo e o conhecimento em rede** surge na segunda metade da década de 1990 com Nilda Alves focando o cotidiano escolar e a formação de professores e Regina Leite Garcia ligada a área de alfabetização. Baseiam-se na bibliografia francesa com os autores Certeau, Lefèbvre, Morin, Guattari e Deleuze, e o português Boaventura de Sousa Santos. O conhecimento é entendido como prático, social e histórico sem ordenação,

linearidade e hierarquização, e sendo redes referenciadas na prática social. Ainda, defendem que “os conhecimentos são tecidos em redes que correspondem a contextos cotidianos variados” (LOPES e MACEDO, 2002, p. 34).

Utilizam a idéia de rizomas<sup>10</sup> para elucidar como o conhecimento é tecido. A partir da metáfora do rizoma pode-se compreender e questionar as fronteiras entre o conhecimento científico e o conhecimento tecido nas esferas cotidianas da sociedade, até então difundidos pela modernidade como distintos.

A idéia de redes de conhecimento e dos conhecimentos tecidos em rede torna-se fundamental em virtude da multiplicidade e da complexidade de relações em que estamos permanentemente envolvidos, nas criações de conhecimentos através da tessitura de conhecimentos de outras pessoas. Sendo assim, há uma inversão da polarização estabelecida entre teoria e prática por compreender o espaço prático como aquele em que a teoria é tecida.

Nesse sentido há uma aproximação entre conhecimento científico e senso comum, entre conhecimento cotidiano e conhecimento válido.

Outro aspecto importante é a introdução de um novo referencial básico, a prática social, onde o conhecimento praticado é tecido por contatos múltiplos, e onde os múltiplos contextos que constituem o sujeito são evidenciados em redes de subjetividades. “*Em cada um desses contextos os sujeitos cotidianos tecem seus conhecimentos a partir das múltiplas redes a que pertencem*” (LOPES e MACEDO, 2002, p.38).

**3- A história do currículo e a constituição do conhecimento escolar** iniciam-se no final da década de 1980, no início baseado nas obras da nova Sociologia da educação inglesa com Giroux e Apple. No Brasil, Antonio Flávio Moreira da Universidade Federal do Rio de Janeiro coordena pesquisas sobre a história do currículo seguindo duas linhas: o estudo do pensamento curricular brasileiro e o estudo das disciplinas escolares.

No primeiro caso propõe-se a estudar o processo de transferência educacional internacional ampliando o enfoque com as categorias de globalização, hibridização cultural e cosmopolitismo, buscando entender os fenômenos culturais presentes nas sociedades. Para

---

<sup>10</sup> Rizoma –raízes das plantas que se interligam sem um ponto de convergência. A metáfora do rizoma na educação é usada por permitir a aproximação dos conhecimentos científicos e os conhecimentos tecidos no cotidiano das pessoas. Cada nó corresponde a um cidadão que interage e intervém na inovação do conhecimento.

isso ele tem estudado como o multiculturalismo tem penetrado nas produções brasileiras através do conceito de hibridismo e vem introduzindo preocupações com a discussão sobre identidade. O autor defende a idéia da existência de uma re-configuração do campo do currículo, buscando compreender como se dá à hibridização das diferentes políticas curriculares.

O papel do professor também é foco de seu estudo entendendo que este é intelectual cosmopolita e crítico, capaz de se apropriar das diferentes produções para buscar soluções e propostas para os modelos existentes. A formação dos professores é um ponto em que é preciso valorizar as relações entre a prática e a teoria, e entre a inter-relação científica e a política de formação.

No segundo caso, ele tem buscado entender como as disciplinas escolares ou áreas de conhecimento vêm sendo desenvolvidas e consolidadas. Nesses trabalhos, procura entender o cotidiano das instituições, e privilegia a escola como um local com autonomia, onde o social e o cultural estão mediados pelo pedagógico. Entende-se que o conhecimento escolar é constituído pelas disciplinas e pela didática que transformam o conhecimento científico e as práticas sociais segundo os objetivos escolares.

Sobre a estruturação curricular no Brasil, encontramos hoje a tendência ao conceito de hibridismo que nos impele a entender a formação curricular das escolas partindo do pressuposto de que, em cada elaboração curricular, estão presentes diferentes tendências teóricas. O sujeito está sendo percebido como um ser com identidade e formado por híbridos culturais. As discussões sobre multiculturalismo ou estudos culturais têm aparecido com muita frequência no campo educacional e, conforme LOPES e MACEDO (2002, p. 47) *“está em curso um processo de virada cultural que associa a educação e o currículo aos processos culturais mais amplos, contribuindo para uma certa imprecisão na definição do campo intelectual do currículo”*.

### **b. Currículo e Educação Ambiental**

A Educação Ambiental, a partir das últimas três décadas, vem ganhando espaço no âmbito dos currículos escolares, bem como na educação informal.

Apesar da questão ambiental ter sido estudada e pesquisada há tempo, a mesma entra no cenário educacional como uma resposta à crise ambiental mundial.

Sua trajetória, bastante turbulenta no campo educacional, vem sendo acompanhada por algumas polêmicas, às vezes fáceis de serem suprimidas, às vezes impossíveis por estarem atrelados às concepções de educação, conhecimentos, ciência, sociedade, aprendizagem, ser humano.

Amaral (2001, p. 74), aborda algumas delas em seu artigo:

*“Tratar-se-ia de uma forma absolutamente original de educação ou representaria um novo enfoque para os conteúdos tradicionais? Exigiria a criação de disciplinas próprias nos currículos escolares ou poderia encaixar-se nas disciplinas convencionais? Localizar-se-ia melhor na educação informal do que nos currículos escolares? Seria mais afim ou exclusividade de algumas disciplinas escolares, tais como as da área de ciências físicas e naturais? Deveria limitar-se a questões clássicas da ecologia, ou abranger também outras dimensões da relação ser humano-ambiente? Neste último caso, quais das dimensões seriam pertinentes? Implicaria necessariamente na interdisciplinaridade curricular? Representaria um empobrecimento ou enriquecimento dos conteúdos tradicionais? Que relações poderiam estabelecer entre algumas modernas diretrizes metodológicas de ensino e a educação ambiental?”.*

Apesar da educação ambiental ter surgido a partir da segunda metade do século 20, ela se estrutura enquanto dimensão educativa e de caráter interdisciplinar a partir da década de 1970 com as sucessivas Conferências Internacionais atribuindo uma filosofia e estabelecendo uma política que reconhece o ambiente (total ou parcial) a ser trabalhado nas disciplinas escolares já existentes, no caso, na área de Ciências.

Nessa década, o currículo brasileiro do ensino fundamental é extremamente marcado pelas influências e ênfase dada ao pensamento positivista da ciência e ao raciocínio cartesiano que eram valorizados, atribuindo-se às descobertas científico-tecnológicas as possibilidades em resolver e facilitar a vida humana.

Com estas influências a Escola tentava se adequar nesse mundo através de “Guias Curriculares” como maneira de integrar temas e conteúdos. O Guia Curricular de Ciências para o ensino de 1º grau – 1973, no Estado de São Paulo, apresenta, nos títulos atribuídos aos programas das diferentes séries, as diretrizes pertinentes à Educação Ambiental.

O ambiente é um termo que aparece em todas as séries passando uma idéia unificadora dos conteúdos. Entretanto, nas quatro primeiras séries, ele aparece como título dos capítulos e, nos demais, está relacionado aos conteúdos a serem estudados.

Segundo Amaral (2001) esse tratamento do título pode ser interpretado porque “... pretendiam alcançar um tratamento interdisciplinar do conteúdo, considerando os campos de conhecimento científico abrangidos pelas Ciências Físicas e Naturais” (AMARAL, 2001, p. 77).

Além disso, com a presença implícita da questão ambiental nos títulos e temas, é indicada a maneira como os autores concebiam a relação homem-natureza, ou seja, uma visão antropocêntrica e utilitarista reforçando:

*“... a concepção de ser humano não natural, instrumentalizado pela ciência e tecnologia, apartado da natureza, em que esta é tomada como manancial de recursos a serem desfrutados e um conjunto de condições hostis a serem dominadas” (AMARAL, 2001, p.79).*

A metodologia do ensino de ciências baseava-se em atividades de laboratórios e aulas expositivas. No primeiro caso os experimentos eram realizados em ambientes artificiais aos fenômenos estudados. Utilizava-se o pensamento indutivo reforçando a idéia da redescoberta, pelo aluno, do conhecimento científico por esse tipo de atividade.

Com essa prática, reforça-se o entendimento das ciências e da tecnologia como fornecedoras exclusivas de aparatos intelectuais, capazes e necessários à compreensão e do domínio da natureza, desprezando-se e/ ou menosprezando-se outras formas de conhecimento e apropriação. Afirma-se, portanto, uma visão cientificista do mundo.

As aulas expositivas buscavam interligar os conteúdos formulados durante as atividades com os conteúdos estudados na sala de aula através de exemplos. Entretanto, as aulas expositivas e de laboratório reforçavam a idéia de fragmentação do conteúdo de biologia, geociência, física e química. Não se conseguiu interligar os conteúdos estabelecidos. Ao contrário o que se obteve foi a fragmentação do conhecimento, a artificialidade do ambiente e o desprezo aos aspectos sociais presentes em cada abordagem do conteúdo.

Sendo assim, o Guia Curricular foi uma tentativa de integrar os temas e conteúdos, mas, “... preservou na essência a ótica cartesiana de tratar o conhecimento em si, dando pouca atenção às suas relações com a realidade ambiental” (AMARAL, 2001, p. 79).

Apesar de terem sido produzidos textos complementares do guia, subsidiando sua implementação e a realização de cursos de treinamento para os professores, essas foram medidas insuficientes para vencer as resistências e viabilizar sua perspectiva tecnicista.

Em virtude do não sucesso da implementação do guia curricular do Estado de São Paulo, evidenciado pela ruptura do modo teórico/ expositivo das aulas, da fragmentação do conhecimento nas áreas de ciências físicas e naturais, das dificuldades enfrentadas pelos professores em praticar o ensino-experimental e pela formação dos professores em descompasso com o novo modelo programático e metodológico, o guia curricular sofre algumas alterações.

A partir da década de 1980, os Guias Curriculares são substituídos pelo processo de reorientação curricular oficial. Pautado pelo movimento nacional de democracia, o Guia recebe outra terminologia mais avançada é substituída pelo termo “Proposta”. A saúde passa a integrar a Proposta Curricular para o ensino de Ciências e uma outra significativa mudança é a preocupação em levar em conta a opinião dos professores.

Além dessas novidades, a Educação Ambiental recebe um novo enfoque onde o “ambiente” passa ser considerado como tema central, utilizado como gerador e unificador do currículo de ciências tanto nos aspectos programáticos quanto metodológicos.

A proposta foi operacionalizada a partir da divisão do tema central gerador e unificador em:

**A = 3 sub-temas:**

- Os componentes e os fenômenos;
- As interações entre os componentes e os fenômenos;
- As interações entre os componentes, os fenômenos e o homem.

**B = 4 enfoques:**

- A matéria;
- A terra como planeta;
- A energia;
- Os seres vivos.

Os conteúdos a serem trabalhados nas aulas corresponderiam ao cruzamento de um dos sub-temas com um dos enfoques. A recomendação era de que esses conteúdos deveriam ser abordados de maneira ampla e interdisciplinar e de forma pluridimensional onde os aspectos físicos, químicos, biológicos, geológicos e sócio-econômico-culturais fossem levados em consideração.

O ambiente, como tema gerador, era entendido como um estudo que deveria partir do cotidiano do aluno, articulador, na medida em que os fenômenos selecionados fossem explorados em suas múltiplas interações com outros fenômenos, e unificador, a partir da exploração de seus diversos aspectos buscando integrá-los em escalas sucessivamente mais amplas. Com essa metodologia pretendia-se assegurar a interdisciplinaridade e a não prevalência de algumas dimensões.

O processo de ensino e aprendizagem ganha um novo enfoque na medida em que a realidade do aluno é considerada como o ponto de partida que pode ser desdobrada sucessivamente, sem a intenção de fechá-lo como os moldes científicos. Sendo assim:

*“... o conhecimento científico representaria uma referência, um alvo, para o professor, mas nunca necessariamente o ponto de chegada. Abria-se, assim, espaço para que o aluno desenvolvesse seu próprio conhecimento sem pressões artificiais para acatar subservientemente o conhecimento científico. Abria-se espaço, também, para a convivência com outras formas de conhecimento, desafiadas pelo conhecimento científico, mas respeitadas e não arbitrariamente desconsiderados” (AMARAL, 2001, p. 81).*

Essa organização metodológica e programática advém de dois pressupostos básicos que elevam a Ciência, de uma simples provedora de assuntos e conceitos a serem estudados, para parte do conteúdo programático.

- A desmistificação da ciência e seu papel na transformação do ambiente produzido pelo homem. Enquanto não neutra, a ciência apresenta aspectos subjetivos e históricos que precisam ser considerados incertezas e limites que podem causar benefícios e/ou malefícios e o conhecimento com caráter provisório.
- O esclarecimento de que o método científico proferido pelo guia curricular, que permitia a redescoberta do conhecimento pelo aluno, não passava de um equívoco.

Com isso a experimentação passa a ser uma das formas de ensino, um aprofundamento do assunto tratado na sala de aula, visando ainda a interligar os conceitos científicos estudados com a realidade ambiental em questão.

A década de 1990, marcada pelo processo de globalização do sistema econômico, aumenta a distância estabelecida entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Essa

distância é evidenciada com conseqüências sociais, econômicas e ambientais. Os fatores globais assumem importância maior sobre as definições de políticas, e essas perdem força ante a economia mundial.

*“A economia dos países desenvolvidos caracterizou-se por processos inflacionários, associados a um crescente desemprego, induzindo a uma combinação de políticas macroeconômicas que aumentam os problemas sócio-ambientais, com o agravamento do processo de deterioração dos recursos naturais renováveis e não-renováveis nos países do Terceiro Mundo” (MEDINA, 1994, p. 261).*

Segundo essa autora, a partir dessa configuração são organizadas Conferências, no âmbito nacional e internacional, para discutir os problemas ambientais locais e globais, bem como estabelecer ações conjuntas para se garantir sociedades sustentáveis.

No Brasil, em 1992, foi realizada a Conferência Rio-92 que produziu dois documentos importantes na área da Educação.

O primeiro, denominado “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis, foi elaborado pelo Fórum das ONGs e explicita o compromisso da sociedade mais humana e harmônica de desenvolvimento.

O segundo documento, “Carta Brasileira de Educação Ambiental”, foi elaborado pela Coordenadoria de Educação Ambiental do MEC a partir da avaliação da Educação Ambiental e estabelece a recomendação de capacitação de recursos humanos para a Educação Ambiental.

Nessa Conferência é estabelecida também uma proposta de ação conjunta para uma sociedade sustentável conhecida como Agenda 21<sup>11</sup>. Essa propõe assegurar o acesso universal do ensino básico, conforme indicação da Conferência de Educação Ambiental em Tbilisi, realizada em 1997. Propõe também que as organizações governamentais e não governamentais somem seus esforços para estabelecer ações que incentivem a Educação sobre meio ambiente e desenvolvimento a partir dos problemas locais.

---

<sup>11</sup> Agenda 21 – “Principal documento aprovado na Rio-92 ou Eco-92, reúne o conjunto de medidas necessárias para promover o desenvolvimento sustentado no planeta, incluindo objetivos em termos da energia eficiente que se produza impactos ambientais mínimos” MARTINS (2004, p. 107)

Agenda 21 – “Como o próprio nome sugere, a Agenda 21 é um programa recomendado para os governos, agências de desenvolvimento, organizações das Nações Unidas e grupos setoriais independentes colocarem em prática, a partir da data de sua aprovação, 14 de junho de 1992, e ao longo do século 21, em todas as áreas onde a atividade humana incide de forma prejudicial ao meio ambiente”.(FELDMANN, 1997, p.9).



Nesse movimento, as universidades e as indústrias são chamadas a introduzir em seus programas o desenvolvimento sustentável. Em cumprimento às recomendações da Agenda 21 e em atendimento à Constituição Federal Brasileira (art. 225, § 1º, VI) que exige que a Educação Ambiental seja garantida pelos governos federal, estadual e municipal, foi aprovado o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) no âmbito formal e não formal. Em relação à educação formal, em meados dessa década, o MEC aprova e estabelece em nível nacional os “Parâmetros Curriculares Nacionais -PCN”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais surgem como respostas frente aos problemas de evasão, retenção e exclusão do sistema de ensino, bem como para atender as exigências do Plano Decenal de Educação de elaborar parâmetros claros, no campo curricular, capazes de orientar o ensino fundamental com melhor qualidade de ensino nas escolas brasileiras e, em atender a Lei Federal nº 9394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que coloca como responsabilidade da União, estabelecer, em colaboração com estados, distrito federal e municípios, as diretrizes do currículo e seus conteúdos mínimos de forma a assegurar a formação básica comum.

Nesse sentido o termo “Parâmetro” visa comunicar a idéia de que ao mesmo tempo em que se pressupõem e se respeitam às diversidades regionais, culturais, políticas, existentes no país, se constroem referências nacionais que possam dizer quais os “pontos comuns” que caracterizam o fenômeno educativo em todas as regiões brasileiras (BRASIL-Secretaria de Educação Fundamental: terceiro e quarto ciclos – introdução, 1997, p. 49).

Com os PCNs, busca-se determinar e centralizar, em nível nacional, respeitando as diversidades regionais e locais, os conteúdos, os objetivos de áreas de conhecimento, a forma de avaliação e a elaboração do currículo através do planejamento com a comunidade escolar:

O currículo é entendido como:

*“... a expressão de princípios e metas do projeto educativo, que precisam ser flexíveis para promover discussões e re-elaborações quando realizado em sala de aula, pois é o professor que produz os princípios elencados em prática didática”* (BRASIL-Secretaria de Educação Fundamental: terceiro e quarto ciclos – introdução, 1997, p. 49).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estão organizados por área de conhecimento (Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências Naturais, Educação Artística e Física) e por temas transversais, como Meio Ambiente e Saúde.

Tal organização se divide em quatro ciclos e cada um corresponde a duas séries do ensino fundamental. Com esse tipo de agrupamento pretende-se:

*“... evitar a excessiva fragmentação de objetivos e conteúdos e tornar possível umas abordagens menos parceladas dos conhecimentos, que permita as aproximações sucessivas necessárias para que os alunos se apropriem deles”* (BRASIL - Secretaria de Educação Fundamental: terceiro e quarto ciclos – introdução, 1997, p. 52).

Entretanto, o próprio documento assume que a organização das escolas está sendo feita por anos letivos, e coloca como responsabilidade o envolvimento de todos os professores em trabalhar, pedagogicamente, com dimensões de tempo mais amplos e flexíveis para conseguir os objetivos propostos.

Estabelece ainda que:

*“... os conteúdos de Meio Ambiente serão integrados ao currículo através da transversalidade, pois serão tratados nas diversas áreas do conhecimento, de modo a impregnar toda a prática educativa e ao mesmo tempo criar uma visão global e abrangente da questão ambiental”* (BRASIL - Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Nacionais: tema transversal - meio ambiente e saúde, p. 49).

Ao mesmo tempo em que indica um trabalho transversal com temas relevantes para serem discutidas em prol da construção de uma sociedade sustentável, estabelece as “áreas de Ciências Naturais, História e Geografia” como as principais parceiras para o desenvolvimento dos conteúdos estabelecidos nos ciclos de ensino. As demais áreas (Língua Portuguesa, Matemática, Educação Física e Arte) são atribuídas como instrumentos básicos para levar o aluno a conduzir seu processo de construção de conhecimento sobre meio ambiente.

Concomitante à criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental, cria-se também o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Este vem atender ao cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) que estabelece a educação infantil como a primeira etapa da educação básica.

Paulo Renato Souza, ministro da Educação e do Desporto nessa época (1996), afirma na Carta do Ministro ao professor de Educação Infantil que: *“O referencial foi concebido de*

*maneira a servir como um guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira”.*

O referencial se estrutura em três volumes. O primeiro, “Introdução”, apresenta os objetivos da Educação Infantil e reflexão sobre as concepções de criança, escola, instituição e do profissional. O segundo, “Formação Pessoal e Social”, apresenta um eixo de trabalho que favoreça a construção da identidade e autonomia da criança. O último, “Conhecimento de Mundo”, subdivide-se em seis eixos de trabalho e orienta a construção das diferentes linguagens pelas crianças e para as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade, e Matemática. Essa estrutura se organiza em dois blocos, para crianças de zero a três anos e para crianças de quatro a seis anos de idade com orientações buscando garantir a coerência entre os objetivos e os conteúdos estabelecidos.

Justifica-se essa divisão por faixa etária por estar em consonância com a divisão estabelecida pela Lei de Diretrizes de Bases - LDB (art. 30, capítulo II, seção II) e por atender a vários programas nas diversas regiões do país sem as determinações da LDB.

O referencial estabelece cinco princípios que devem nortear todo o trabalho com a educação infantil sendo que, no âmbito nacional, é um avanço no que diz respeito aos direitos infantis e às suas potencialidades de aprendizagem em diferentes experiências sócio-culturais trazendo uma outra concepção de criança e inserindo-a na vida da sociedade.

Vejamos os princípios:

- “ – o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, considerados nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosos, etc.;*
- o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;*
- o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, do pensamento, à ética e à estética;*
- a socialização das crianças por meio de as participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;*
- o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e do desenvolvimento de sua identidade” (vol 1 – introdução, p. 13).*

Assim como os Parâmetros, o Referencial divide os conteúdos a serem trabalhados buscando sua integração. Entretanto, o Referencial avança mais do que os Parâmetros quando sugerem uma organização do tempo escolar contemplando atividades de brincadeiras, pinturas, com sequência de desafios para que a criança consiga atingir diferentes graus de complexidade sobre o assunto, além de sugerir projetos de trabalho para construir conhecimentos específicos junto às crianças.

Outro fato relevante é que a Educação Ambiental, nos Parâmetros, se apresenta confusa. Ora através dos temas transversais, ora como conteúdo de área de conhecimento de ciências, história e geografia, deixando brechas para que não se realize e nem se relacione com as demais áreas e conteúdos. Assim, sugere uma didática ao professor, apesar do ambiente ser representado em um dos eixos de trabalho específico: natureza e sociedade.

Em todas as tentativas de estruturar o currículo, tanto no ensino fundamental quanto na educação infantil, apresentam-se preocupações comuns:

- A principal é a busca incessante de integração entre as áreas de conhecimento, estando estas desintegradas até a década de 1970, quando a ênfase era atribuída às especificidades de cada área;
- Ser um guia, referencial ou parâmetro para assegurar o conhecimento comum a todos os brasileiros através do planejamento escolar;
- Instrumentalizar os profissionais da educação através das reflexões realizadas nos documentos.

Apresentam-se também pontos em comuns:

- Depositar a responsabilidade do sucesso ou fracasso do ensino aos professores e seus planejamentos;
- Reconhecer a necessidade da formação continuada a esses profissionais, e;
- Reconhecer a necessidade de instrumentalizar a escola e os professores, bem como atribuir a estes uma remuneração melhor.

Em relação à Educação Ambiental, sua trajetória nos mostra que sempre foi e ainda está atrelada ao ensino fundamental, mais precisamente ao ensino de 5ª a 8ª séries. A Educação Infantil, apesar de ser a primeira etapa da educação básica, ainda está sendo pensada e realizada fora do contexto do ensino fundamental.

A Educação Ambiental, assim como a integração das áreas de conhecimento, tem que ser pensada a partir do diálogo entre os níveis de ensino. Esse diálogo pode compor um cenário com as especificidades de conteúdo, de metodologias de ensino levando a uma formação de alunos críticos e integrados ao ambiente planetário.

Segundo Spazziani (2003 p. 74-75). “... o inter-relacionamento entre sua área de atuação e a perspectiva de práticas educativas ambientais e emancipação deve ser como base a realidade de cada escola, de cada bairro e de cada município, articulada ao sonho da transformação necessária e até imprescindível para a sobrevivência humana e não humana”.

### **c. Educação Infantil e Educação Ambiental**

A Educação Ambiental assim como a trajetória do movimento ambientalista, a partir da década de 80, é disseminada por práticas mais ricas baseadas na concepção de que é necessário “discutir novas referências culturais, novas leituras das relações humanas, novas estratégias para alterar formas de convivência e construção de relações” (CASCINO, 1999, p. 43).

Entretanto, apesar de já estar sendo pensada de maneira a envolver diferentes atores da sociedade, a disseminação da Educação Ambiental ainda permanece atrelada à escola e, principalmente, ao investimento formativo de alunos de 5ª a 8ª séries e ensino médio.

Sendo assim, a Educação Infantil é um segmento esquecido no campo da Educação Ambiental, mesmo tendo várias práticas pedagógicas e educativas relacionadas ao ambiente.

Algumas justificativas são comumente encontradas nas falas de profissionais relacionados à Educação Ambiental. Essas falas remetem a uma necessidade em refletir sobre a representação da criança no decorrer da história da humanidade para elucidar tal “esquecimento”. Dentre os argumentos mais mencionados considera-se que dois deles merecem reflexão e destaque especial por estarem atrelados à concepção de criança na atualidade:

- A criança é vista como “pura”, muitas vezes identificada com a imagem de um “Anjo” como se não tivesse identidade própria e sentimento;

- A criança nesta idade não tem condições de entender a realidade complexa que exige a Educação Ambiental;

Partindo da premissa de que, em cada momento da história da humanidade, algumas questões foram mais relevantes do que outras e que a forma de solucioná-las também foi pensada conforme as experiências sociais e culturais de cada época, a criança não foi, a princípio, a principal preocupação das sociedades. Entretanto, no decorrer da história da humanidade, passa a ganhar seu espaço.

Neste sentido, por considerar que o ser humano, no caso a criança, é um ser histórico e social, que traz conhecimentos construídos através da história e cultura das sociedades, é que se evidencia a necessidade de entender como a criança vem sendo representada, qual o espaço que vem ocupando, bem como as relações que tem mantido com o adulto.

É importante esclarecer que as representações da criança vêm sendo construídas conforme a estruturação da sociedade, da família e da educação, podendo ser evidenciadas, inclusive, através da arte e pinturas iconográficas das épocas.

Segundo PHILIPPE ARIÈS (1981), a descoberta da infância começou no século XIII, pois, até então, poucas eram as representações, e a criança era concebida como uma miniatura de um adulto. Ou seja, não possuía traços condizentes com suas características físicas, o que sugere que não fazia parte do mundo do adulto, que era um estágio de transição, pois breve se transformaria em um adulto.

A partir do século XIII, a criança compõe um cenário em que demonstra afetividade com o adulto e consigo mesma. Nele, a religiosidade é uma característica que perdura até o século XVI onde a criança é representada através da imagem de um Anjo com traços de um rapaz jovem, porém, não criança, e como Menino Jesus acolhido no colo de sua mãe, Nossa Senhora, introduzindo um sentimento de afetividade com a família.

A imagem do Anjo também representou, tanto a elevação da alma na morte, como a criação da alma através do recém nascido, evidenciando, nos dois casos, que não possuía vida própria e nem maldades, e que seu espaço na família estava limitado à afetividade com a mãe.

Através destas representações, durante aproximadamente, dois séculos, a imagem da criança permaneceu vinculada à imagem do Anjo. Assim, pode-se entender porque até hoje olhamos a criança como um ser “puro” ou um “Anjo”, que não possui vida própria e está livre das maldades do mundo dos adultos.

Ainda baseando nos estudos de ARIÈS (1981), é através da relação afetiva entre o recém nascido com sua mãe, que a criança começa a se distanciar da imagem do Menino Jesus e passa a representar a criança entre seus pares, com ou sem sua mãe.

Nos séculos XV e XVI, a criança torna-se uma das personagens mais freqüentes nas reproduções da época. É representada, juntamente com os adultos, em momentos de brincadeiras, de milagres, na escola, sugerindo que fazia parte do mundo dos adultos, além de representar uma graça própria e pitoresca caracterizando o mundo infantil.

Outra característica da época é a representação da morte infantil exprimindo sentimento de perda para os que conviveram com ela. Vale lembrar que, a taxa de mortalidade infantil era muito alta e que o sentimento de perda, anterior a este século, era encarado como um fator natural da vida, o que certamente dificultava a criação de um sentimento de apego e/ou carinho com seus conhecidos.

Somente no século XVII é que a criança passa ser representada sozinha, e os retratos das famílias se organizam em torno da criança, passando esta a ser o centro da composição. A família, até então detentora da função de transmitir a vida, os bens e as normas, não se preocupava com a Educação de seus filhos, pois, a partir do momento em que parassem de mamar, tornavam-se companheiros naturais dos adultos.

Entretanto, a partir dos séculos XVI e XVII a preocupação com a Educação é percebida com a Reforma Religiosa. A moralidade da sociedade é iniciada com o incentivo da Igreja em lutar contra o anarquismo da sociedade medieval, incitando seus fiéis a procurar a salvação longe desse mundo pagão.

A Igreja assume a dedicação ao ensino das crianças e jovens, e ensina os pais que são guardiões espirituais, responsáveis pela alma perante Deus e pelo corpo de seus filhos: *“admite-se nesse momento, que a criança não estava madura para a vida, que era preciso submetê-la a um regime especial antes de deixá-la unir-se aos adultos”* (ARIÈS, 1981. p. 277).

Portanto, o entendimento da criança como um ser incompleto, com capacidade de compreensão atrelada à maturação das etapas de desenvolvimento é disseminada a partir do século XVII. Somando-se a isso, a Igreja assume o compromisso de educar as crianças e jovens com regime disciplinar severo, tirando da família essa responsabilidade, passando a criança a ser representada sozinha e tornando-se objeto de estudo.

É com o projeto Iluminista que surge a preocupação em desvelar a criança, que se torna objeto de estudo da ciência. Esse fato está diretamente relacionado à transformação da relação do homem com o conhecimento e com o modo de produção por meio da ciência.

O Iluminismo traz a preocupação do homem em entender e compreender o “desconhecido”, a desvendar o mistério da vida, a livrar o homem da ignorância do não saber, pretendendo, através da razão, torná-lo senhor do mundo. A ciência ocupa o espaço principal baseada em um pensamento de causa e consequência a partir do entendimento de linearidade entre o passado, presente e futuro.

A criança é entendida como um ser incompleto, que precisa cumprir algumas etapas para se tornar um adulto do amanhã. *“Caberia, então, à educação realizar essa tarefa e transformar esses pequenos seres “imperfeitos” em homens dotados de linguagem e de logos – futuros cidadãos responsáveis, independentes e autônomos”* (PEREIRA e SOUZA, 1998. P. 29).

No segundo caso, as crianças de Educação Infantil e, até mesmo as de 1ª a 4ª séries, são pensadas como pessoas incapazes de elaborar um pensamento que apreenda a realidade e de realizar as associações necessárias para compreender a complexidade da sociedade. Ou seja, apesar de desenvolverem ações com seus educadores, não possuíam condições mentais de relacioná-las ao contexto político, econômico e cultural da sociedade local e do mundo global.

Baseada no pensamento linear entre passado, presente e futuro, onde o futuro pode ser antecipado e controlado de antemão, o desenvolvimento humano é percebido como etapas sucessivas mediante os comportamentos definidos como “normais” ou “não normais” em cada uma.

A ciência e o saber especializado assumem o papel de explicar à criança e, de certa forma, tira dos pais, o controle de conhecê-la.

*“(..). a ciência é o critério da verdade, ao especialista é conferida a autoridade da produção de “verdades” sobre a educação da criança na época moderna. Portanto, o psicólogo, o psicopedagogo, o fonoaudiólogo, o psicomotricista, o pediatra e até mesmo os profissionais da mídia assumem a função de caracterizar a criança e suas necessidades, definindo metas para sua educação e seu desenvolvimento. À família restam a insegurança e a incerteza, cada dia maiores, do seu papel na orientação da educação dos filhos”* (PEREIRA e SOUZA, 1998. p. 31).



A psicologia do desenvolvimento, com base na teoria positivista marca a era moderna. Este pensamento tem se difundindo e encarregado de definir as normalidades do desenvolvimento em cada etapa da vida, incentivando a idéia de maturação das etapas, selecionando e adaptando atividades “adequadas” a cada fase do desenvolvimento humano.

Sendo assim, não há a preocupação em compreender e explicar o desenvolvimento humano como uma construção do sujeito, mediada pela sua história e cultura, mas em racionalizar a infância através do conhecimento científico, colocando-a com modelos científicos, universais e a-históricos.

Walter Benjamin (citado por PEREIRA e SOUZA, 1998, p. 33) rompe com a idéia de linearidade temporal. Introduz a idéia de entrecruzamento das diferentes temporalidades. Neste entrecruzamento a relação estabelecida entre passado, presente e futuro apresenta uma outra conotação, a idéia de que *“a origem é um salto em direção ao novo, no qual o objeto liberta-se do vir a ser e do encadeamento causal. A forma originada é simultaneamente de restauração e de inacabada, isto é, ao mesmo tempo alude ao passado e se abre ao futuro”* (PEREIRA e SOUZA, 1998, p. 33)

O entrecruzamento do tempo nos remete a compreensão de que há uma possibilidade de diálogo permanente com a história onde o passado, presente e futuro podem estar constantemente sendo recontados e refeitos.

A relação entre infância, idade adulta e a velhice já não é mais vista como um processo linear, mas como *“categorias sociais, históricas e culturais, que recompõem permanentemente a experiência vivida”* (PEREIRA e SOUZA, 1998 p. 34)

Os autores citam, ainda, a tese de Walter Benjamin que justapõe a tese de que a criança possui um “despreparo” para compreender a realidade alegando que ela, criança, reconstrói o mundo baseado em seu olhar infantil, e ao idoso confere ser o guardião da tradição e da experiência.

Para eles, tanto a criança quanto o idoso apresentam uma característica peculiar: a de contar histórias. Este fato faz com que a criança, através de analogias, compreenda o mundo, e possibilita ao idoso o rememorar dos fatos mais significativos, que, nesse recontar, refaz a história. Portanto, a infância é ressignificada na vida adulta por meio da rememoração.

*“... Falar da infância é se reportar às lembranças do passado, não como este de fato ocorreu, mas a um passado que é, então, recontado a partir do crivo do presente e que se projeta prospectivamente. Nesse recontar,*

*adulto e criança descobrem, juntos, signos perdidos, caminhos e labirintos que podem ser retomados, continuações de história em permanente “devir”. Recuperar para o futuro os desejos que não se realizaram, as pistas abandonadas, as trilhas não percorridas é uma forma de intervenção ativa no mundo”* (PEREIRA e SOUZA, 1998, p. 35).

O entrecruzamento temporal, além de romper com a idéia de que o desenvolvimento humano ocorre através de sucessivas etapas, nos traz a importância do diálogo entre as gerações na constituição do indivíduo.

O conceito de criança vem sendo construído no decorrer dos séculos e ganhando um espaço cada vez maior na sociedade. Entretanto, vem ganhando espaço com muita autonomia, distanciando-se da vida dos adultos. Os momentos de diálogo entre as gerações estão comprometidos na medida em que a criança se afasta do mundo adulto. E, neste distanciamento, já não se reconhece como continuidade da história de seus pais, comprometendo sua identidade.

A ausência do diálogo e o distanciamento entre adulto e criança colocam em risco, inclusive, a possibilidade de trazer a criança que cada um de nós tem dentro de si. Na ausência do interlocutor fica difícil partilhar elementos que estão presentes na memória de outras pessoas e que são fundamentais na constituição da história e identidade de qualquer cidadão.

No decorrer dos séculos a escola e a família retiraram a criança da sociedade dos adultos. De um lado a escola confina-a em um regime severo disciplinar e, de outro, a família a priva da liberdade que tinha entre os adultos.

A criança contemporânea, ao sair do mundo adulto, ganhou autonomia no seu cotidiano, tirando dos pais o controle sobre seus desejos e necessidades. Com a vida moderna, a responsabilidade educacional fica sob responsabilidade da Escola, distanciando a família das relações sociais, até então, constitutivas da sociedade do século XVII.

A criança, no mundo atual, apresenta características que marcam a evolução conceitual de criança e o espaço que ocupam na sociedade, porém, ainda há uma incerteza em reconhecê-la enquanto um ser que tem vida própria, que participa da vida familiar e da sociedade. O seu desenvolvimento vem sendo objeto de estudo, e tem nos mostrado que está relacionado com as diferentes experiências e relações que exercita na sociedade. Por ser um ser social, traz hoje, na vida moderna, uma oscilação das diferentes representações vivenciadas. Ora, é trazida como um anjo, ingênua, pura que não possui um espaço próprio,

ora como um ser histórico que tem seu desenvolvimento marcado nas experiências com seus pares e com os adultos.

Não se pode deixar de lembrar que a Educação, enquanto instituição educativa da sociedade, é pensada, politicamente, como um segmento da sociedade que pode resolver diferentes problemas, inclusive o social. Sabe-se que várias ações políticas chegam à escola sem que esta esteja ciente das discussões realizadas pelas instâncias superiores e, nem do objetivo proposto.

O fato das ações propostas para serem implementadas nas escolas e nas salas de aulas serem elaborados pelos gabinetes, desconexos com suas aspirações, pode fortalecer o pensamento de incapacidade de compreensão das crianças. A construção da proposta pedagógica e educativa define tanto a forma de participação e compreensão das crianças, quanto dos demais envolvidos, seja educadores, especialistas de educação, políticos e a comunidade.

Além disso, a Educação Ambiental tem expandido sua ótica de que não deve ficar apenas atrelada às escolas, e sim, aos mais diversos segmentos da sociedade. Apesar da escola ser o local legítimo na sociedade para desenvolver projetos educacionais, ainda há um hiato entre os desejos da escola e os da sociedade. A aproximação que se espera, de ambos os lados, em prol de uma sociedade equilibrada social-econômica e ambiental, é uma construção que precisa ser aprimorada e exercitada pelos proponentes constantemente.

Sendo assim, a Educação Infantil, como um dos segmentos da educação, merece ser considerada como um dos agentes sociais importantes e inserida, urgentemente, no contexto da Educação Ambiental para que se possa contribuir na construção desta sociedade almejada. O Ministério do Meio Ambiente e demais órgãos que realizam encontros para essas discussões precisam incluir as crianças nesse processo, não o destinando apenas aos jovens a partir de 14 anos.



### **3. PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA e OBJETIVOS.**

#### **a. Conhecendo o Distrito**

Por volta de 1842 surge o povoado do atual Distrito de Joaquim Egídio, à leste do município de Campinas, com ocupações nas imediações do ribeirão das Cabras. Passa a ser conhecido como bairro de Luciano Teixeira ou bairro de Laranjal, em virtude deste ser proprietário da Fazenda Laranjal e produtor de café e laranja na época.

As histórias dos Distritos de Sousas e Joaquim Egídio se fundem devido aos sucessivos desmembramentos das sesmarias e, posteriormente, das fazendas.

Os estudos da Monografia Histórica e Estatística do Distrito de Sousas apontam que o Distrito surge com uma sesmaria concedida a Antonio Raposo Cunha Leme, em 1732, em área próxima ao Rio Jaguari. Essas terras passaram por inúmeros processos judiciais com outros donos de sesmarias, ocasionando o desmembramento em duas partes: Fazenda das Cabras e Sertão, permanecendo até hoje com esses nomes. A Fazenda das Cabras destinou suas terras à criação de animais, enquanto a Fazenda Sertão destinou-as à produção de cana e açúcar, potencializando o primeiro ciclo econômico importante na história de Campinas.

Com novos desmembramentos dessas terras, surgem as demais Fazendas da região, sendo que o nome do bairro rural de Campinas é dado por Joaquim Egídio de Sousa Aranha, produtor de café. Por volta de 1846 as ocupações se intensificam nas extensões do ribeirão das Cabras, de forma linear, acompanhando a rua principal, hoje Heitor Penteado, e a vila da Estação.

Em 1958, o bairro é elevado à categoria de Distrito de Campinas permanecendo, até hoje, como uma região extremamente diferenciada da paisagem característica de Campinas, em função de seu relevo acidentado de morros e de serras alongadas, dos mananciais hídricos de abastecimento do município (os rios Jaguari e Atibaia são alimentados por alguns afluentes, como o ribeirão das Cabras), e pela permanência de remanescentes da Mata Atlântica, com cachoeiras, nascentes e clima propício à cultura.

Hoje, Joaquim Egídio possui a maior unidade administrativa da APA com 39,40% da área total, além de ser o maior Distrito de Campinas em área territorial, compreendendo cerca de 11% do território de Campinas. Sua população é de aproximadamente cinco mil pessoas,

sendo que, 60% residem nas áreas rurais do Distrito. As principais atividades econômicas baseiam-se na produção agropecuária com o cultivo de café e cultura de subsistência, a criação de gado e piscicultura produzida, principalmente, nos laboratórios da Usina Hidrelétrica Jaguari, sede da Companhia Paulista de Força e Luz de Campinas, a CPFL.

Essa usina foi criada na primeira década do século XX pelos ingleses para produzir energia para Campinas e Pedreira. Em 1938 a usina passa por uma ampliação permitindo o atendimento de Sousas e Joaquim Egídio. Segundo a Monografia Histórica e Estatística do Distrito de Sousas, essa energia era enviada à cidade e não às fazendas. Entretanto mais tarde o bonde passa a ser usuário dessa energia.

O relevo acidentado, de certa forma, contribui para a preservação dos recursos naturais, o que muito provavelmente possibilitou a transformação da área em Área de Preservação Ambiental de Campinas, afastando as pessoas de morarem no local e controlando a idéia de loteamentos da área para moradia.

Entretanto, essa dificuldade, nos dias atuais, deixou de ser considerada como um problema para ser um atrativo de qualidade de vida junto à natureza, e da tranquilidade do ambiente dando uma sensação de segurança.

Até a promulgação da Lei que regulamenta essa área em Área de Proteção Ambiental, em 2001, vários foram os empreendimentos imobiliários que impulsionaram a urbanização dessa região, porém de maneira diferente. Com a crise econômica do café, a característica dessa região foi sendo alterada, principalmente, pelas divisões das propriedades e pelo êxodo rural deixando muitas fazendas abandonadas até a década de 1950.

A partir dessa década:

*“(...) com o novo impulso da economia rural, atrelado à intensificação da industrialização no município, instaurou-se um novo processo de urbanização na região, caracterizado pela implantação dos primeiros loteamentos e pelo surgimento de algumas indústrias. Mais notadamente, a partir de então, a urbanização de Sousas se distinguirá de Joaquim Egídio pela sua dimensão e dinamismo” (CAMPINAS-Plano de Gestão da APA, 1996, p.36).*

Nas décadas subseqüentes, o Distrito de Sousas passa por um processo intenso de loteamento das áreas para moradia, e a partir da década de 1980, os condomínios fechados

passam a ser a nova forma de moradia, trazendo conseqüências drásticas ao meio pela alteração da paisagem, da fauna e do consumo de água e seu tratamento, bem como os problemas de erosão e de assoreamento.

Joaquim Egídio também passa por esse movimento de urbanização, mas muito menos intenso se comparado à ocorrida em Sousas. Entretanto, hoje é possível notar que as pressões imobiliárias já estão presentes no Distrito com ofertas de moradia em condomínios fechados.

*“Vários fatores, entretanto, indicam que a urbanização de áreas rurais da APA pode gerar conseqüências ainda mais graves, devido à falta de infraestrutura, predominância de declividades acentuadas e solos suscetíveis à erosão, hidrografia densa, presença de matas naturais, sendo que cerca de 70% da área remanescentes florestais nativos do Município de Campinas se encontra na APA” (CAMPINAS-Plano de Gestão da APA, 1996, p.79).*

A respeito dos problemas de especulação imobiliária e das conseqüências ambientais para a região, o Plano Gestor afirma que *“... o controle efetivo das pressões urbanizadoras só se dará, se forem encontradas alternativas econômicas que tornem interessante a manutenção do uso rural das terras, em comparação com a atratividade dos parcelamentos”*. (CAMPINAS-Plano de Gestão da APA, 1996, p.79)

Pensando na sustentabilidade ambiental da APA, esse mesmo Plano identifica as atividades agro-silva-pastoris, turísticas e minerais como sendo as alternativas de aproveitamento econômico na região.

Para compreender como a sustentabilidade da região pode ser concretizada, não somente através da intenção trazida sob a forma da Legislação e dos estudos do Plano Gestor, mas, principalmente, ouvindo os depoimentos das pessoas que participam do cotidiano de Joaquim Egídio, é que se propõe a pesquisa como forma de evidenciar tanto os apontamentos de ações sugeridas pelos constituintes dessa comunidade, quanto a contribuição das escolas nesse processo de desenvolvimento local sustentável.

Durante as análises fica evidente que há problemas que merecem ser investigados para poder subsidiar os agricultores, bem como para administrar um plano de ação que não fique apenas escrito sob forma de Plano, orientando e restringindo ações na região, mas buscando, de maneira participativa, a ocupação dos espaços da APA de forma a garantir a

convivência harmônica de diversos interesses sem que coloquem em risco a APA e a produção agrícola que marca toda a trajetória de desenvolvimento de Campinas.

**b. Objetivos.**

- Evidenciar a contribuição escolar no processo da construção da sustentabilidade econômica, ambiental, social, cultural e política do local;
- Identificar, os interesses, as necessidades e as proposições da comunidade e dos agricultores na sustentabilidade local;
- Apontar indicadores de ações para as Políticas Públicas no planejamento local.



#### 4. METODOLOGIA

A preocupação e a necessidade do homem em descobrir e/ ou explicar os fenômenos da natureza e da morte são as questões que impulsionaram a humanidade, desde a sua origem, a buscar caminhos e argumentos para esses fatos.

Entretanto, a maneira de conceber e explicar esses fatos são diferentes e estão relacionados aos momentos históricos, filosóficos, econômicos em que a sociedade vem sendo estruturada, bem como as áreas de conhecimento.

Filósofos e cientistas, desde os tempos remotos, vêm elaborando reflexões acerca dos fundamentos da ciência. Buscam compreender o que vem a ser o saber científico, como ele procede, como atinge os resultados, em que consistem os métodos, e qual a sua credibilidade. A investigação teórica sobre a Ciência tem recebido diferentes denominações e dentre as mais conhecidas temos: epistemologia, teoria da ciência, filosofia da ciência e metodologia. Esta última investiga fundamentalmente os métodos, ou seja, os procedimentos que a ciência deve seguir para chegar à produção do conhecimento.

Basicamente há dois tipos de metodologia, uma com enfoque nos aspectos quantitativos e a outra com enfoque nos qualitativos.

A primeira, comumente usada nas ciências das áreas que necessitam de controle de dados sobre o experimento em questão, usualmente conhecido como pesquisa empírica, se fundamenta em dados empíricos coletados e processados quantitativamente, buscam a “objetividade” e a “neutralidade” por parte do pesquisador.

Segundo MEGID NETO (2001, p.1):

*“... o “locutor” são os dados: eles é que revelam informações e conhecimentos; o pesquisador deve procurar ao máximo ocultar-se, ser neutro e objetivo. Na outra ponta, o “interlocutor”, o destinatário dos resultados da pesquisa, é a própria academia; o pesquisador colabora com seus pares na construção do conhecimento e é para eles que relata seu trabalho”.*

Assim como essas áreas de conhecimento, também encontramos esse tipo de pesquisa científica em Educação. MEGID NETO as denomina de metodologia “convencional” por estar baseada principalmente aos modelos positivista de pesquisa que sempre estiveram presentes na história da produção acadêmica, quase que exclusivamente até os anos 1960.

A segunda, com enfoque nos aspectos mais qualitativos, é introduzida na área Educacional a partir dos anos 1970, questionando a neutralidade do pesquisador, assim como a objetividade dos procedimentos da investigação. O foco não é mais o resultado esperado, mas a relação entre a teoria e a prática. Nesse sentido, o pesquisador assume o papel de sujeito ativo na investigação, o processo da investigação possui uma subjetividade e os procedimentos não seguem, necessariamente, uma linearidade de procedimentos. MEGID NETO denomina esse tipo de pesquisa como “não-convencional”, e segundo ele:

*“O “locutor” passa a ser o próprio pesquisador; em alguns modelos de investigação também os pesquisadores participam como locutores (pesquisa-ação, por exemplo). Os interlocutores/ destinatários passa a ser os próprios pesquisadores, muito embora esta seja uma das grandes limitações da pesquisa acadêmica” (MEGID NETO, 2001, p.1).*

O enfoque qualitativo nas pesquisas é decorrente das ciências sociais que busca compreender a realidade com teorias e com procedimentos de investigação, utilizando contatos com os pesquisados, seja na vivência, seja através de observações do cotidiano e pela entrevista.

Nesse sentido essa pesquisa tem o enfoque nos aspectos qualitativos por se propor a compreender o objeto de estudo analisando as relações estabelecidas entre escola, comunidade e agricultores, na busca da sustentabilidade local, no caso o Distrito de Joaquim Egídio. A pesquisa está voltada para entender e compreender o que os pesquisados e a escola falam sobre a região, como se estabelecem as relações na comunidade, como se constroem as parcerias entre Poder Público e Privado e como a Educação ambiental está sendo trabalhada e, se essa pode contribuir no processo de desenvolvimento da comunidade local.

Tanto Magda Soares quanto MEGID NETO (2001, p.01) concordam que a pesquisa científica pode ser de cunho de intervenção ou de descrição. Na pesquisa de intervenção o pesquisador intervém no processo de investigação, introduzindo novas variáveis ou elementos, ele busca alterar o objeto em estudo. A pesquisa de descrição o pesquisador não se atém a modificar e/ou alterar elementos do objeto em estudo, entretanto pode haver uma interferência, mas essa não é premeditada a priori pelo pesquisador.

Porém, MEGID NETO difere de Magda Soares quanto à divisão da pesquisa descritiva, enquanto Magda Soares admite que o estudo de caso pode ser ou não etnográfico,

MEGID NETO afirma que o estudo de caso é diferente do etnográfico apesar de ambos apresentarem bastantes semelhanças. Segundo ele os pontos de aproximação entre estes são:

*“(...) ambos se caracterizam como uma abordagem qualitativa; investigam situações bastante delimitadas (uma escola, uma sala de aula, uma comunidade, um pequeno grupo de professores, etc.); utilizam instrumentos de observação e coleta de dados semelhantes” (MEGID NETO, 2001, p.03)*

Como diferença aponta estudos em que os estudiosos os diferem quanto à forma de planejar os instrumentos de investigação.

*“(...) consideram que no estudo de caso o pesquisador elabora previamente os instrumentos de investigação (questionário, roteiros de entrevistas e de observação, etc.), enquanto no estudo etnográfico eles vão se delineando com o decorrer do processo naturalístico de abordagem da situação” (MEGID NETO, 2001, p.03)*

A antropóloga Cláudia Fonseca que vem dedicando grande parte de sua carreira acadêmica em estudos com método etnográfico acreditam que esse método pode ajudar a educação a enriquecer a intervenção educativa pelo fato de que esta utiliza o diálogo enquanto um ato de comunicação. Afirma ela: *“... o sucesso do contato educativo depende do diálogo estabelecido entre o agente e seu interlocutor, e é nessa área de comunicação que o método etnográfico atua” (FONSECA, 1999, p.59).*

Seguindo o pensamento de FONSECA e do MEGID NETO, ambos diferem o estudo de caso do etnográfico. Entretanto, ela acrescenta que há equívocos *“quando o método se fecha em técnicas e orientações teóricas que realçam o indivíduo às custas da análise social”*. (FONSECA, 1999, p.59). Para entender melhor, discorre sobre a representatividade dos sujeitos pesquisados, que são escolhidos, na etnografia, com base na observação do pesquisador frente ao seu objeto em estudo. Difere de outros modelos em que os entrevistados são escolhidos a priori e com critérios formulados de antemão e que devem ser representativos de categorias analíticas onde *“o particular é usado para ilustrar ou testar alguma afirmação geral”* (FONSECA, 1999, p.60).

Nesse sentido a presente pesquisa apresenta-se como etnográfica, pois, com a delimitação do objeto de estudo é que foi possível definir o instrumento de investigação, bem como as pessoas a serem entrevistadas.

Em princípio, a pesquisa previa entrevista semi estruturada que poderia ser respondida de forma escrita e/ ou oral. Após ter realizado uma entrevista deste tipo, na qualificação do trabalho foi apontado um redimensionamento da pesquisa em virtude da abrangência pretendida. Com o recorte do objeto de estudo foi possível definir, com mais clareza, quem deveria compor o quadro dos entrevistados, os instrumentos mais adequados, bem como as questões relevantes que deveriam estar contidas nas entrevistas.

Por estar estudando a comunidade de Joaquim Egídio, em busca de uma sustentabilidade possível para o local, seria necessário analisar os principais envolvidos nesse assunto, no caso a comunidade (essa representada pelos familiares do CEMEI), os agricultores que dependem das áreas rurais para sua sobrevivência e os comerciantes que fazem o atendimento da população local e, principalmente de fora do Distrito, bem como a experiência do CEMEI Alexandre Sartori Faria, com relação ao trabalho pedagógico desenvolvido nos últimos três anos, voltados às questões ambientais.

Tanto Megid quanto Magda Soares apresentam a pesquisa etnográfica através do uso de técnicas de *observação participante, da entrevista intensiva e de análise de documentos*. Entretanto, essas técnicas também são utilizadas por outros tipos de pesquisa como é o caso do estudo de caso. E, é através do estudo de Fonseca que há uma contribuição consistente para elucidar as sutilezas que as diferenciam, motivo pelo qual adotam-se seus pressupostos durante o percurso do trabalho.

Tão importante como delimitar o objeto de estudo, o público a ser entrevistado e o instrumento para a coleta dos dados, foi a análise dos documentos da escola. Com intuito de aprofundar o conhecimento da prática pedagógica, as relações que se estabelecem internamente e com a comunidade, e qual a repercussão dessas atividades na comunidade de Joaquim Egídio, para surpresa, constata-se que esse acervo de documentos era estritamente burocrático não possibilitando a análise pretendida. Esse fato cria um hiato entre o escrito e o vivido. E, foi nesse conflito, que suscitou a necessidade de buscar outras fontes para a coleta de dados, como o livro editado pela escola em 2005 sob o título “Educação Infantil - Arte, Memória e Meio Ambiente”.

A observação participante foi utilizada durante os dois anos da pesquisa, quase que diariamente, em diversos momentos de atividades escolares e do próprio Distrito. Subsidiou a

análise da comunidade como um todo, bem como indicou a alteração dos instrumentos de coleta de dados.

Sendo assim, os instrumentos de coleta de dados sofreram alteração no sentido de que teriam que permitir que o público pesquisado pudesse se manifestar sobre o assunto trazendo sua história de vida e /ou o que acreditasse ser relevante na construção dessa pesquisa. Dessa forma, descarta-se a pesquisa com estrutura semi organizada em favor da pesquisa com entrevista oral, tendo apenas um fio condutor e não mais perguntas prévias fechadas.

A escolha pelo uso da entrevista oral se deu por essa possibilitar uma maior aproximação entre o pesquisador e entrevistado, e também por permitir que o entrevistado use de seu conhecimento e sua história de vida selecionando os momentos e episódios que acredita que sejam relevantes para esse estudo.

Segundo GUEDES PINTO e PARK (2001, p.97) *“O fato de a história oral delinear-se nesse diálogo entre as diversas áreas/ fontes de conhecimento termina por permitir um olhar diferente a essas populações, buscando tornar visível as múltiplas facetas que compõem essa realidade focalizada”*.

Somente depois de ter resolvido essa questão é que foi possível escolher o público a ser entrevistado, atendendo aos critérios de ter inserção na comunidade escolar e na comunidade do Distrito, e também ter participado da comunidade local e escolar, pelo menos, nos últimos três anos.

- Representatividade dos entrevistados:

ENTREVISTADOS	NOME	IDADE	ATIVIDADE	LOCAL	FORMAÇÃO	RESIDE NO LOCAL
<b>AGRICULTOR</b>	Sr. Waldemar	± 60	Gado	Fazenda Sant'ana da Lapa	6ª série	± 32 anos
	Sr. José Dresler	± 40	Apicultor	Chácara Nova Geração	Guarda Vidas e Téc Mesoterapia	± 3 anos
	Sr. David	± 40	Permacultura	Sítio Terra Viva	Design e Fotografia	± 3 anos
	Sr. Sérgio	± 40	Tratorista	Fazenda Guariroba	5ª série	± 12 anos
<b>COMERCIANTE</b>	Sr. Marcelino	± 40	Alimentos	Bar do Marcelino e Restaurante Dona Dinha	Colegial	± 40 anos
	Sr. Rogério	± 30	Escola de Equitação	Encanto Horse	8ª série	± 30 anos
	Sra. Rejane	± 40	Ervas Medicinais e Aromaticas	Chácara Vila Azul	Bióloga	± 13 anos
	Sr. Príncipe	± 60	Flores e Hortaliças	Chácara s/ nome	4ª série	± 45 anos
<b>FAMÍLIA</b>	Sr. José Dresler	± 40	Apicultor	Chácara Nova Geração	Guarda Vidas e Téc Mesoterapia	± 3 anos
	Sr. Sérgio	± 40	Tratorista	Fazenda Guariroba	5ª série	± 12 anos

Os três públicos (comerciantes, familiares e agricultores) foram identificados com ajuda da vice-diretora da escola que forneceu pistas de envolvimento com a escola, além dos documentos oficiais desta. Os roteiros elaborados e as entrevistas realizadas seguem nos apêndices da pesquisa, sendo que nos Apêndices 1, 2 e 3 estão os roteiros e nos Apêndices 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11 as entrevistas transcritas<sup>12</sup>.

Os comerciantes entrevistados foram quatro, sendo que suas atividades são distintas, a saber: dono de restaurante, dono da escola de equitação, comerciante de produtos orgânicos que são vendidos fora do Distrito e pequeno comerciante de hortaliças.

Os agricultores foram escolhidos através da indicação da vice-diretora, segundo critério de possuir vínculo direto com o Projeto Pedagógico da escola, a saber: administrador de fazenda, pequeno agricultor de produtos orgânicos, tratorista e pequeno agricultor de hortaliças no centro do Distrito.

Os familiares também foram indicados e localizados pela vice-diretora para um encontro na escola, esclarecendo o objetivo da pesquisa. Esse público foi o mais difícil para

<sup>12</sup> Nas entrevistas transcritas encontram-se os depoimentos na íntegra e os nomes dos entrevistados, com as devidas autorizações para essa pesquisa.

ser entrevistado, pois além de acumular atividades dentro de casa e no serviço, teriam que ter participado das atividades da escola nos últimos três anos. O público de pais ficou restrito pela adoção desse critério levando à participação de apenas dois deles. Estes se propuseram a dar uma contribuição com informações para a pesquisa, apesar de participarem, na vida escolar de seus filhos, com menos intensidade do que as mães.

As entrevistas foram gravadas partindo-se de um roteiro que contemplou questões equivalentes para os três públicos. Houve também questões específicas relativas à sua representatividade. Foram realizadas no local e na data indicada pelo entrevistado, sendo que as transcrições ocorreram imediatamente após a essa etapa, evidenciando-se nos relatos as semelhanças e diferenças.

Sendo assim, o foco da pesquisa não está em resolver um problema identificado a priori e sim em coletar informações necessárias através do diálogo entre pesquisador e entrevistado, que poderão subsidiar as possibilidades do desenvolvimento local.

A representatividade da pesquisa não se preocupa com um indicativo estatístico e sim com os potenciais informativos trazidos pelas subjetividades das pessoas entrevistadas. Fonseca (1999) contribui mostrando a diferenciação da pesquisa etnográfica em estar preocupada com seu objeto de estudo e não com os instrumentos de coleta e os números estatísticos de entrevistados como ocorre com as pesquisas mais empíricas.

*“(...) o pesquisador escolhe o seu “terreno” e só depois procura entender sua representatividade. Chega ao campo com algumas perguntas ou hipóteses, mas é sabido que estas devem ser modificadas ao longo do contato com os sujeitos pesquisados”. (FONSECA, 1999, p.60).*

Fonseca (1999), ao mesmo tempo em que afirma a necessidade de aproximação entre entrevistados e pesquisador no momento de coleta de informações, afirma também que é necessário haver um distanciamento por parte do pesquisador na hora da análise dos dados coletados. Apesar da entrevista ser um momento a dois, com uma interação particular em que muitas vezes o entrevistado aproveita para desabafar seus conflitos e angústias pessoais, é necessário que o pesquisador saiba interpretar seus sentimentos e emoções dentro do contexto de vida da pessoa, para que possa analisar seus dados a partir de um contexto maior do que o da entrevista. *“(...) O problema é que a etnografia não é tão “aberta” assim, pois faz parte das*

*ciências sociais e exige o enquadramento social (político, histórico) do comportamento humano” (FONSECA, 1999, p.62).*

Após a interação estabelecida entre o entrevistado e o pesquisador, esse último precisa se distanciar dessa relação para poder analisar os dados em busca de suas semelhanças e diferenças, e refletir sobre eles com desenvoltura e sem preconceitos.

*“(...) pressupor de antemão essa semelhança com o universo simbólico do pesquisador, submeter todas as falas a um mesmo paradigma de análise, é facilitar a violência simbólica exercida pelas classes dominantes” (FONSECA, 1999, p.66).*

Através da realização das entrevistas e leitura de suas transcrições é que se estabeleceram as semelhanças e diferenças que indicaram as categorias de análise. As análises foram realizadas em dois blocos: a experiência do CEMEI Alexandre Sartori Faria e as entrevistas. O primeiro, com a leitura da documentação oficial da escola e literatura sobre educação infantil e ambiental, com a leitura do livro editado sobre a experiência do CEMEI, e com as observações do cotidiano escolar e do Distrito.

O segundo, a partir da leitura da transcrição das falas das entrevistas, estabelecendo-se quatro categorias para serem analisadas no confronto com a experiência do CEMEI, respectivamente: Imaginário Rural e Urbano, Parceria entre Poder Público e Privado, Relação Escola/Comunidade, e Conceito de Educação Ambiental, que serão descritas no próximo capítulo.



## 5. ANÁLISE DE DADOS

Para melhor compreensão dessa análise apresenta-se a experiência do CEMEI como um primeiro item onde são considerados os registros oficiais da escola, a observação do cotidiano escolar e da comunidade de Joaquim Egídio.

Como segundo item apresentam-se as falas dos entrevistados, respectivamente das famílias dos alunos do CEMEI Alexandre Sartori Faria, dos agricultores e dos comerciantes do distrito de Joaquim Egídio. Posteriormente, apresenta-se a análise contida nas quatro categorias já eleitas.

### **a. A Experiência em curso no CEMEI Alexandre S. Faria no Distrito de Joaquim Egídio**

O CEMEI Alexandre Sartori Faria atende crianças de zero a seis anos de idade, inclusive em período integral. Está situado no Distrito de Joaquim Egídio, sendo a única escola infantil do Distrito.

Conforme o Capítulo 2 item. B., essa região pertence a APA Municipal de Campinas, e caracteriza-se como uma grande área verde, com várias espécies de animais da região, representando 27 % da área rural do município.

Neste Distrito, eminentemente rural, não há, ainda, muitos problemas relacionados ao trânsito e ao movimento de grandes centros urbanos como roubo e violência. Pode-se observar, diariamente, cavalos e charretes transitando pelo centro do Distrito, cadeiras postas na calçada para os moradores conversarem no final da tarde, além da manutenção das festas locais como as de São Joaquim e São Roque, envolvendo toda a comunidade local e incluindo grande fluxo de pessoas vindas da cidade de Campinas.

Entretanto, o panorama está mudando nos finais de semana. De fato, pode-se observar alterações no trânsito, devido à grande procura de pessoas que não moram no Distrito para conciliar o bem estar da natureza com o estilo da cultura caipira, inclusive com a prática de esportes rurais e adoção da gastronomia típica da região.

Neste cenário, o CEMEI Alexandre Sartori Faria atende crianças das áreas rurais e urbanas do Distrito e vem se estruturando pedagógica e administrativamente na construção de um Projeto que dê conta das características locais, através de parcerias para um projeto de formação com o Centro de Memória da UNICAMP, com assessoria voluntária. O projeto da escola se propõe a trabalhar com a cultura, história, memória e o ambiente local, trazendo a participação da comunidade, e entendendo que o desenvolvimento das crianças está diretamente relacionado ao currículo “vivo”, este construído com significado para os alunos, educadores e comunidade.

Constatamos uma estrutura pedagógica e administrativa que vem contribuindo na formação dos educadores, das crianças e comunidade como cidadãos conscientes, críticos e atuantes, onde o conhecimento formal e não formal dos saberes dos educadores, alunos e comunidade são articulados dando suporte à proposta pedagógica.

Nos últimos quatro anos (2001, 2002, 2003 e 2004) o CEMEI vem construindo uma trajetória baseada nos aspectos referentes à arte-educação, meio ambiente, memória e cultura local.

No ano de 2001, apresenta em seu Projeto Político Pedagógico uma preocupação em aproximar-se da comunidade local para amenizar os problemas vividos com a educação dos alunos trazendo os pais para participarem das atividades propostas pela escola. O tema Meio Ambiente e Arte-Educação são eleitos para guiar o Projeto da escola.

Vale salientar que, neste ano, a Gestão Escolar (Diretor, Vice-Diretor e Orientador Pedagógico) era composta por profissionais efetivos da Secretaria Municipal de Educação o que impulsionou um novo olhar para as práticas educativas. Entretanto, em 2005, esse quadro de profissionais é alterado, permanecendo apenas a vice-diretora como equipe gestora. Isto acabou acarretando um acúmulo de cargo extremamente desgastante para a mesma.

As organizações pedagógicas e administrativas tornam-se fundamentais para impulsionar as mudanças pedagógicas, as estruturas físicas e a participação dos educadores, funcionários e comunidade local.

Alguns pontos como a reforma da escola, a mudança de local da sala de aula e a construção de novos equipamentos como Atelier e Casa da Boneca começam a ser organizados, para dar condições às novas práticas.

Além disso, os trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelos educadores e monitores apontam a necessidade de serem eles elaborados conjuntamente, e de terem as escolas um projeto que pudesse auxiliar na construção do imaginário da criança, como o Projeto Biblioteca.

Percebe-se que o tema Meio Ambiente e Arte-Educação suscitaram uma organização interna para atender a concretização da Proposta Pedagógica.

Um professor e um monitor começaram a freqüentar o Grupo de Trabalho (GT) em Educação Ambiental promovido pela Secretaria Municipal de Educação, com o intuito de aprofundarem na temática, abrindo possibilidades de atuação ambiental na escola e na comunidade local. Além destes, outra professora passou, posteriormente, a participar da Equipe de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Educação para elaborar a Proposta Pedagógica da Estação Ambiental de Joaquim Egídio, com objetivo de atender alunos, comunidade e outros grupos interessados.

Esses espaços e experiências certamente contribuíram para a definição do tipo de trabalho proposto, bem como para as possibilidades de ampliação vivenciadas pela escola.

Apesar do envolvimento dos educadores no programa, as informações e conhecimentos não foram socializados de maneira satisfatória na escola e no GT, tendo em vista alguns eventos que caracterizam a não sintonia no grupo, como a correção de alguns equívocos nas placas colocadas na trilha que tinha como propósito identificar exemplares da fauna e flora local para as pessoas que utilizam esse espaço.

Outras duas professoras assumem um grupo de trabalho de Arte-Educação interno para subsidiar a formação dos educadores do CEMEI.

Em 2002, alguns encaminhamentos começaram ser percebidos, entre eles, a mudança de sala de aula, a construção da casinha de boneca, a mudança dos brinquedos do parque e a definição do modo pedagógico de trabalhar com Projetos.

Neste caminhar, o CEMEI procura o Centro de Memória da Unicamp, como parceira, para subsidiar a construção pedagógica com o foco na Memória, Cultura Local e Educação Ambiental.

Os momentos formativos tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento do Projeto Pedagógico nesse enfoque. Basicamente dividiu-se em dois momentos:

1- **Grupo de Trabalho na Escola com assessoria do Centro de Memória da Unicamp** onde se discutiram temas de interesse e necessidades para a implementação do Projeto Pedagógico, baseados na Educação Ambiental e ancorados na memória local. Para isso foi necessária a discussão teórica pedagógica de como trabalhar com a memória, história oral, cultura, desenvolvimento da autonomia da criança, metodologia de projeto, a importância do “brincar” na Educação infantil, bem como visitas programadas ao CEMEI Maria Lázara e a uma Galeria de Arte integrando o projeto Arte-Educação.

2- **Trabalho Docente Coletivo** que ocorre com a participação de todos os educadores e com a participação alternada dos monitores, visando aprimorar coletivamente o trabalho pedagógico do CEMEI, com momentos de reflexões e estudos, definindo os encaminhamentos e planejamentos bimestrais.

Além destes espaços, os dois sub projetos da escola, o da Biblioteca e o da Cultura Popular e Meio Ambiente foram estruturados para dar suporte aos encaminhamentos da escola, articulando suas prioridades com a ampliação e aprimoramento da integração com a comunidade, além de favorecer as práticas educativas dos educadores nas salas de aulas.

O espaço Atelier, que fora pensado em anos anteriores, é inaugurado em 2003, e se constitui em mais um espaço que propicia o desenvolvimento infantil e pedagógico através de atividades lúdicas, de brincadeiras e produções de conhecimento.

Na trajetória de construção e afirmação de seu Projeto Pedagógico, a escola elabora seu conceito de escola, criança e participação da família e comunidade, como podemos ver citado no Projeto Pedagógico de 2003:

*“Acreditamos que a escola deva criar condições de intervenção educativa intencional respeitando as fases de desenvolvimento da criança, as diferenças, as vivências, e através do cuidar/ educar/ brincar possa proporcionar o bem estar das crianças, promover o desenvolvimento integral, ou seja, seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais, culturais e sociais, afetivos, juntamente com a cooperação de ações entre família e comunidade” (CAMPINAS – Secretaria Municipal de Educação -Projeto Pedagógico-2003, p. 04).*

Fica claro que a escola de Educação Infantil é entendida pela família como um espaço de cuidar e educar.

*“As crianças freqüentam a escola porque as mães trabalham e não têm quem cuide delas, porque acreditam que a escola ensina a ser educado, que aprende mais, que têm contato com outras crianças e aprende a se relacionar, ficam mais independentes, que a escola favorece e estimula o desenvolvimento, aprende a ter modos e que souberam que a escola era a melhor da região” (CAMPINAS- Secretaria Municipal de Educação - Projeto Pedagógico-2003, p. 03).*

Fica claro também que a escola irá realizar ações para realizar esses anseios das famílias e, também, irá desenvolver ações para revelarem o conceito de criança definido no Projeto Pedagógico em 2003 *“(...) estaremos desenvolvendo ações que revelem que a criança é um ser histórico e social que tem e faz cultura” (CAMPINAS – Secretaria Municipal de Educação -Projeto Pedagógico-2003, pg 03).*

Afirma também, seu pensamento sobre a Educação Infantil e a importância da Escola Pública em promover condições para o desenvolvimento infantil.

*“A nossa proposta é a de uma escola de educação infantil, enquanto que o serviço público garanta as condições materiais, pedagógicas, culturais, sociais, humanas e alimentares. Que reconheça a criança enquanto ser social, sujeito de direitos e igualdades e, que tenha nessa fase do desenvolvimento humano, a dimensão de infância em si mesma e nessa interação proporcionar o seu crescimento global” (CAMPINAS- Secretaria Municipal de Educação -Projeto Pedagógico-2003, p. 04).*

E, neste caminhar de afirmações conceituais, a equipe escolar elabora um posicionamento frente à importância do desenvolvimento de um trabalho coletivo e suas implicações curriculares.

*“(...) a necessidade dos profissionais em construir um ambiente que favoreça um trabalho coletivo, em que se possa refletir sobre valores morais e éticos da sociedade, a própria rotina de trabalho da escola, a proposta curricular que se pretende desenvolver e a importância do papel de cada educador na formação das crianças, conseqüentemente, da sociedade, assim como criar um ambiente que saiba lidar com a auto-estima de cada educador”. (CAMPINAS - Secretaria Municipal de Educação-Projeto Pedagógico-2003, p. 04).*

O trabalho pedagógico com Projetos é vivenciado como a possibilidade de realizar o trabalho coletivo, a integração dos saberes formal e não formais, o encontro entre as gerações da comunidade e a significação do conhecimento construído pela criança.

O trabalho coletivo pressupõe o envolvimento, comprometimento e a ordenação de atividades para todos os envolvidos no processo de construção do Projeto Pedagógico. Esses aspectos sofrem constantes modificações durante o percurso revendo e re-elaborando as intenções. A implementação ocorre em decorrência das experiências anteriores onde são redimensionadas e reordenadas as intenções em sucessivas ações.

*“Os pontos de partidas para o surgimento de projeto de trabalho coletivos podem ser variados e eles podem funcionar ou não como elementos motivadores e estruturadores de uma prática educativa centrada nos interesses, desejos e necessidades dos grupos envolvidos – incluindo-se o próprio educador”*(FERNANDES, 2005, p. 101).

O Projeto Pedagógico de 2004 do CEMEI Alexandre Sartori Faria advém de um preparo minucioso previsto nos anos anteriores como novas construções (Casa de Boneca e Ateliê), adaptações de ambientes internos, busca de assessoria em universidades para a formação continuada dos educadores, busca de parcerias com empresas da região, criação de espaço para formação dentro da escola e na Secretaria Municipal de Educação de Campinas.

*“(...) uma proposta de organização do currículo de uma forma integrada, que visa a uma mudança de postura do sujeito diante de si mesmo, do outro e do mundo. Entretanto, trabalhar partindo de termos, integrando o currículo, exige redefinir a escola, a sala de aula, a relação ensino – aprendizagem, a nossa visão de mundo, a nossa relação com o conhecimento”* (ZAN, 2003 p. 26).

Nesse sentido a Equipe Gestora providencia os recursos didáticos, a infra-estrutura necessária, as parcerias externas e propicia os momentos formativos na escola participando ativamente das discussões e planejamentos.

Aos educadores fica a responsabilidade em implementar e suscitar novas idéias e atividades planejadas elaborando um currículo em consonância com os interesses e

necessidades da comunidade. “(...) São eles que, insatisfeitos com o trabalho fragmentado em suas escolas, escolhem mudar esse quadro” (ZAN, 2003 p. 26).

Nesses últimos quatro anos de estruturação o Projeto Pedagógico da escola só foi possível porque os educadores acreditaram no potencial do trabalho coletivo e por projetos, apesar de algumas inseguranças. “(...) A mudança só é possível a partir da conscientização e da opção do docente. Ele precisa estar convencido de que esse é o melhor caminho para seu trabalho, e acreditando nisso” (ZAN, 2003 p. 26-27).

A escolha em organizar o Projeto Pedagógico de 2004 com temática central “Memória, Meio Ambiente e Cultura Popular”, onde os projetos das salas o compõem com desdobramentos temáticos e co-relacionados ao assunto, permite uma sintonia entre todos, sendo essa uma das formas de se trabalhar com projetos.

Assim como o Projeto Pedagógico desenha novas idéias, intenções, durante os sucessivos anos, os projetos temáticos acompanham esse processo e passam por diferentes formas de planejar, por diferentes metodologias e temas.

Nos anos anteriores a 2004, os projetos temáticos estavam relacionados a temas que se mesclam com o imaginário que se tem da infância, ou seja, ora com temas mais complexos, ora com temas menos complexos como: “*Cantiga de ninar*”, “*Bichos do mato e bichos do corpo*”, “*As moradias*”, “*Rio Atibaia*” e “*Brincadeiras infantis*”. Nessas escolhas evidenciase a transição de práticas e concepções de criança, mundo e educação.

Nesses anos, os projetos foram construídos com a escolha do tema e condução metodológica, quase que exclusivamente, realizada pelos educadores. Os alunos participavam apenas das atividades elaboradas.

Em 2004, essas questões ficaram mais atenuadas e os educadores ousam escolher temáticas mais relacionadas com a temática central. Os projetos passaram a ter nomenclaturas mais abrangentes e relacionadas aos interesses e necessidades da comunidade escolar como: “*Fauna e Flora da Região*”, “*Flores e Insetos de Jardim*”, “*Aprender Comendo*”, “*Animais da Fazenda*” e “*Pequenos Artistas*”. Com essas temáticas foi definida a forma de trabalhar os conhecimentos formais e não-formais através de atividades referentes à cultura popular, à memória e à arte.

*“Partir do ambiente imediato justifica-se neste caso, como ponto de partida, pois o entorno é tão envolvente como estimulador, proporcionando diferentes materiais e oportunidades de pesquisa, estudo*

*e construção de conhecimento. As linguagens artísticas e o foco nos processos de acontecimento da memória são eixos que sustentam um trabalho que se preocupa em oferecer situações e oportunidades potenciais de elaboração, criação, construção, fruição, apreciação, auto-conhecimento, modos de expressão, historicidade, sentimento de pertencimento e autoria” (FERNANDES, 2005, p. 101).*

Outro momento que marca o aprimoramento dos projetos é o de formação, em que uma professora de outra escola, com mais experiência no trabalho por projetos, introduz o objeto “disparador” como instrumento provocativo para despertar o interesse dos alunos e conhecer o que sabem, o que ainda não sabem e o que gostariam de saber sobre o assunto. A partir desse conhecimento, os educadores planejam os próximos passos dos projetos, juntamente com os alunos.

A elaboração de um projeto exige que os educadores abram espaços para que os alunos manifestem e expressem suas idéias, dúvidas, e conhecimentos sobre o assunto. Além disso, é preciso planejar situações que levem os alunos a confrontar seus conhecimentos e hipóteses. Atividades de estudo, pesquisa com familiares e o conhecimento do cotidiano e seu entorno são meios que proporcionam a socialização de informações e conhecimentos necessários para a constituição da identidade dos alunos e educadores.

*“(...) quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática tanto mais aprofundam sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela” (FREIRE, 1987, p. 99).*

Com essas mudanças os projetos adquirem novos caminhos e movimentos, as crianças e os educadores participam com mais entusiasmo, planejando juntos os conteúdos e metodologias pertinentes, atribuindo mais significado aos conhecimentos sistematizados adquiridos, construindo suas identidades.

Assim como ocorre no ensino fundamental, na educação infantil a temática “ambiente” é indicada para ser trabalhada de forma interdisciplinar e transversal, como se pode observar na organização dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental e o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil.



Apesar da temática despertar interesse, curiosidade e suscitar dúvida nos alunos envolvidos, os educadores apresentam muita dificuldade em trabalhar a temática de forma integrada, mais precisamente os educadores do ensino fundamental do que os de educação infantil.

Destaco duas interpretações sobre o assunto que dificultam essa forma de trabalho:

1. Apesar dos dois segmentos educacionais estipularem, através dos Parâmetros e do Referencial, os conteúdos, os objetivos e as orientações metodológicas para trabalhar a temática ambiente, é no Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil que se explicita uma das formas de trabalhar com projetos. Por não apresentar uma hierarquização dos conteúdos, os educadores ficam mais à vontade para explorar a temática com mais desenvoltura. Não ficam presos aos conteúdos específicos das áreas de conhecimento e, tão pouco, às determinações dos livros didáticos.

2. O ensino fundamental sempre foi prioritário nas propostas educacionais (municipais, estaduais e federal), sendo que sua estruturação curricular sofreu consecutivas modificações. Algumas mais relacionadas à distribuição dos conteúdos, outras às metodologias internacionais que traziam consigo, nos diferentes momentos, concepções de ensino-aprendizagem, de criança, visão de mundo e de homem na sociedade. Entretanto, percebe-se que as propostas não conseguiram avançar na formação do educador levando-o a refletir sobre sua prática, e daí impulsioná-lo a buscar novas formas de trabalho. Portanto, por muito tempo, os livros didáticos ditaram os conteúdos, as metodologias deixando brechas para o educador não se tornar um pesquisador.

Nesse contexto, a educação infantil avança em trabalhos com projetos de formas interdisciplinares, transversais e contextualizadas, apesar de também apresentar um hibridismo de concepções e metodologias.

No caso do CEMEI Alexandre Sartori Faria, pode-se perceber esse hibridismo em sua trajetória, mas em momento algum este se torna impedimento para o desenvolvimento dos projetos.

Destacam-se três situações de hibridismo, negociados nos espaços de formação, onde os educadores discutem, refletem e afinam suas práticas às suas concepções.

1. Apesar dos educadores trabalharem com projetos e integrarem conteúdos e metodologias, seus planejamentos encontram-se organizados de maneira tradicional com

objetivos por faixa etária, conteúdos, atividades, metodologia e avaliação, não retratando o trabalho pedagógico do cotidiano escolar;

2. Os planejamentos apresentam preocupações referentes ao “cuidar”, “educar” e “brincar”, conforme também encontramos no Referencial Curricular. Porém, no cotidiano, essas preocupações têm outra dimensão, quando incorporadas às dinâmicas de aprendizagem. O cuidar está sempre permeando as atividades educativas, respeitando os interesses e necessidades vitais das crianças. O brincar constitui-se em instrumento de construção/reconstrução dos conhecimentos;

3. A dúvida sobre a capacidade de aprendizagem de crianças de zero a seis anos se faz presente em alguns educadores do CEMEI, assim como grande parte dos profissionais denominados “Educadores Ambientais”. Em princípio, essa dúvida se relacionava à nova forma de trabalho com projetos, trazendo inseguranças metodológicas, rompendo com o conceito de linearidade temporal, hierarquização e conteúdos, seleção de conteúdos adequados às faixas etárias e resquícios da psicologia de desenvolvimento da teoria positivista na formação desses educadores. A partir do momento em que ousam a construção dos projeto com os alunos, o processo torna-se mais compreensível e viável tanto para os alunos, quanto para os educadores.

Essa análise foi possível de se realizar por se ter buscado as diferentes fontes de informação, entre elas, os documentos oficiais escritos da escola, Projetos Pedagógicos e planejamentos, jornal da escola, observação nos eventos da escola com a comunidade e seu cotidiano, além da leitura do livro publicado pela escola, em julho de 2005, contendo o relato de suas experiências, bem como os relatos orais dos entrevistados que possibilitaram o diálogo de diferentes fontes enquanto análise.

*“Referir-se à estrutura e à oralidade, quero precisar logo de saída, não postula dois termos opostos, cuja contrariedade poderia ser superada por um terceiro, ou cuja hierarquização se pudesse inverter. [...] suponho o plural como algo originário; que a diferença é constituinte de seu ser; o que a língua está fadada a esconder indefinidamente por uma simbólica o trabalho estruturante da divisão” (CERTEAU, 1994, p.223).*

A dificuldade em registrar as experiências cotidianas, ou seja, o currículo escolar, mostra o desafio para a incorporação do movimento na estruturação curricular, como foi abordado anteriormente.

As mudanças curriculares propostas estiveram atreladas à cultura política do país, seguindo a crença de que para inovar a escola seria necessário organizar o currículo baseado em seleção de conteúdos, competências e atitudes para serem ensinados e aprendidos pelos alunos. Dessa forma, o currículo acabou sendo tratado, exclusivamente, sob o ponto de vista técnico.

*“A seleção continua sendo feita por áreas de conhecimento, clássicas e , mais algumas temáticas transversais. Como se a função formadora, socializadora e cultural da educação básica se esgotasse aí. Os critérios supostos ou explícitos que organizam e legitimam essa seleção de conteúdos inovadores são vistos como de natureza técnica, de lógica inerente a cada ciência ou, mais modernamente, de lógica de construção de conhecimento”.* (ARROYO, 1999, p. 136).

Entretanto, como Zan nos relata é necessário entender que o mundo atual, representado pela globalização, influencia a mudança curricular através do seguinte discurso: *“o mercado exige um outro trabalhador – um profissional com formação ampla e não especializada, um trabalhador criativo e autônomo”* (ZAN, 2003, p. 17).

Ou seja, as mudanças curriculares estão diretamente relacionadas às necessidades do mercado de trabalho e de produção. Pouco, ou quase nada, se relaciona com a necessidade da formação crítica e ampla do cidadão, assim como a preocupação com a vida cotidiana.

O trabalho pedagógico por projetos temáticos torna-se uma possibilidade para integração dos conteúdos e as áreas de conhecimento, e para formar cidadãos críticos e autônomos a partir do estudo do seu cotidiano.

Porém, para essa concretização, é fundamental estar-se atento às intenções políticas e às formas em que as mesmas se relacionam com a cultura, educação formal e não formal.

A autonomia dada ao CEMEI para pensar e estruturar seu próprio caminho, para buscar espaços formativos atrelados às preocupações locais, traz significados próprios a toda a comunidade escolar (pais, comunidade, funcionários, educadores e alunos) e permite vislumbrar a construção de um novo currículo, preocupado e direcionado para a sustentabilidade local.

A participação da escola na sustentabilidade local está relacionada principalmente com a vontade política de compartilhar experiências, conhecimentos e informações, bem como pela inserção nessa comunidade. Exemplos disso são as constantes participações do CEMEI nos eventos locais, bem como as proposições de atividades interativas com as famílias e velhos da comunidade.

### **b. As entrevistas**

Os entrevistados foram escolhidos com base no envolvimento dos mesmos com o CEMEI Alexandre Sartori Faria, obedecendo à seguinte representatividade: agricultores, comerciantes e familiares que formam a comunidade de Joaquim Egídio.

Os agricultores entrevistados foram quatro, os quais desenvolvem diferentes atividades, em diferentes áreas rurais do Distrito e que contribuem para as atividades do Distrito. Os comerciantes também foram quatro, sendo que esses contribuíram diretamente nas atividades do CEMEI, através de patrocínio, ou através do recebimento das crianças em suas propriedades para atividades educativas.

As famílias foram escolhidas através da matrícula de seus filhos no CEMEI, pelo menos há três anos. Estabeleceu-se esse critério para que pudéssemos analisar o envolvimento da família com a escola e a repercussão do trabalho da escola na família durante o período do Projeto de Formação em questão. Sendo assim, pela grande rotatividade das crianças ou por mudança, ou por ter passado para a primeira série do ensino fundamental, esse público ficou reduzido. Esclarece-se que o fato das famílias terem outros compromissos de trabalho também interferiu no número de pessoas entrevistadas.

Primeiramente os entrevistados foram consultados sobre a possível participação e contribuição na pesquisa, bem como sobre a possibilidade do uso dos depoimentos para a concretização do trabalho proposto.

O material foi coletado através do uso do gravador em local, data e horário indicados pelos entrevistados. Estes participaram com muito entusiasmo, contribuindo com informações e conhecimentos sobre o assunto, acreditando que dessa forma estariam participando e contribuindo com o desenvolvimento da região.

Por diversas vezes os entrevistados emocionaram-se, como demonstram as entrevistas. O Sr. Príncipe, não posso deixar de destacar, se preparou com roupa, sapato e boné novo, acrescido com um perfume suave de fragrância agradável. A experiência reitera os escritos sobre a importância das entrevistas para a auto-estima dos escolhidos para os depoimentos, principalmente para os mais idosos que, nesse momento, poderão rememorar e reconstruir episódios de sua vida.

O momento da entrevista possibilitou ainda que os entrevistados refletissem sobre sua história, seu trabalho e a sua inserção na vida local. Como exemplo, trago o comerciante Sr. Marcelino, o qual elabora, juntamente com a entrevista, a possibilidade de formular outro tipo de trabalho mais ampliado com a escola. Ele utiliza também do momento da entrevista como desabafo de suas ansiedades e frustrações com a vida de modo geral.

As entrevistas totalizaram oito momentos, sendo que o Sr. Dresler e o Sr. Sérgio respondem pela representatividade de famílias e agricultores ao mesmo tempo. Estas entrevistas se encontram na íntegra nos apêndices de 04 a 11.

### **c. As categorias das análises**

#### **C.1. - O Imaginário Rural e Urbano**

O CEMEI Alexandre S. Faria localiza-se em uma região com ambiente rural, muita vegetação, animais, e com uma comunidade que se altera pela procura por moradia em lugar mais tranquilo. Também é um local que se expande visivelmente para o turismo e para a gastronomia, com restaurantes especializados em comida caipira e italiana, representando as culturas das populações originárias.

*“O setor turístico aposta em atividades esportivas que valorizem e respeitem a área de proteção ambiental capturando adeptos, principalmente, aos finais de semana. As “comidas caipiras” são oferecidas pelos vários restaurantes, cada vez mais lotados, com longas filas de espera, acompanhadas de músicas de raiz cantada/tocada por duplas de músicos que ajudam a configurar esse cenário bucólico-rural” (PARK,2005,p.24).*

Apesar de localizar-se dentro da Área de Proteção Ambiental, a população de Joaquim Egídio procura uma forma de se desenvolver economicamente com ações associadas às suas características originais.

*“Sousas e Joaquim Egídio pertencem a uma área de proteção ambiental, que é procurada por incorporações imobiliárias para condomínios de residências de médio e alto padrão e por comerciantes, para abertura de restaurantes e bares com mesas sob árvores em locais bucólicos. As fazendas começam a implantar passeios ecológicos nos antigos e extintos cafezais e grupos de pessoas buscam as trilhas nos finais de semana para as caminhadas prazerosas” (IÓRIO, 2005, p.8).*

E, é nesse cenário, configurado pelos moradores da região e pelas pessoas que vêm de outras localidades em busca de tranquilidade e qualidade de vida, que se tenta manter as tradições da região e seu desenvolvimento econômico contribuindo, assim, para o fortalecimento do imaginário rural local.

*“O imaginário social desses lugares representa um amálgama dos resquícios da vida em fazendas e pequenas vilas, valorizando um universo rural repleto de costumes religiosos, festas típicas e comidas rememoradas de antigos fogões à lenha” (PARK, 2005, p.24).*

A escolha do local para moradia, nas falas dos entrevistados, está atrelada à busca pela qualidade de vida. Entretanto, as pessoas que vieram de outras regiões para essa área possuem uma representação sobre o que é rural diferente dos que nela residem há mais de 30 anos e/ ou nasceram na região.

A qualidade de vida para aqueles que vieram de outras regiões está vinculada às questões estéticas da região como a presença de matas, rio – riachos e cachoeiras, ar despoluído, temperatura agradável e animais. Apesar do objetivo comum em encontrar outro lugar para morar, os motivos desencadeadores para essa mudança variam conforme cada entrevistado.

Sr<sup>a</sup> Rejane, bióloga e comerciante de ervas medicinais e aromáticas, procura um espaço para plantar e cultivar suas ervas. Entretanto, seu comércio localiza-se na região central de Campinas em um dos bairros mais nobres de Campinas: o Cambuí.

*“(...) depois que eu montei a chácara com as ervas medicinais e aromáticas eu achei que deveria ter um ponto pra comercialização dessas ervas, aí eu escolhi o Cambuí por ser uma região aonde só tem muitos prédios, poucas casas com quintais e resolvi montar um espaço onde eu tenho muito verde, pra trazer um pouquinho o verde de Sousas”.*

Sr. David, inglês, residente no Brasil há seis anos e, na região de Joaquim Egídio há três, veio passear no país e conheceu sua esposa, que era nascida nessa região. O casal opta por morar em uma chácara, região bonita e próxima ao trabalho da esposa. Além dessa ter vínculo afetivo com a região, Sr. David também participa dos encontros de agricultores de Campinas e dos momentos políticos e festivos do Distrito de Joaquim Egídio. Posteriormente, ele buscou ajuda para introduzir a permacultura e, como salienta, sua propriedade é considerada a única com sistema de permacultura em Campinas. A permacultura é um sistema de produção orgânica que planeja a propriedade rural para a produção de suas culturas utilizando suas próprias matérias orgânicas para compostagem e adubação de maneira a completar o ciclo produtivo dentro da propriedade. Valoriza a composição da vegetação, fauna e flora local, conciliando-a com sua produção. Baseia-se no design para a criação de ambientes através da observação de sistemas naturais, na sabedoria contida em sistemas produtivos tradicionais e no conhecimento moderno, científico e tecnológico.

Segundo a Lei Federal nº 10.831<sup>13</sup>, considera-se como:

*“sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de matérias sintéticas, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de*

---

<sup>13</sup> Lei Federal citada no CIPO (Cadastro Intermunicipal dos Produtores Orgânicos)

O sistema orgânico é o terceiro princípio valendo para todo o território da APA de Campinas, segundo a Lei nº 10.850 incisoII –*“serão incentivados cultivos sob os critérios da agricultura orgânica”*;

Porém, esse sistema agrícola é pouco utilizado na região da APA, e menos ainda é a utilização da permacultura como uma das formas desse sistema. *“Campinas tem um milhão de habitantes, e os produtores orgânicos cabem nos dez dedos da minha mão”* (depoimento do Sr. David).

Sr. José Dresler procura um lugar tranqüilo, com melhor qualidade de ar, pois seu filho caçula apresentava problemas respiratórios no antigo local que residia. Conheceu a região a passeio, conseguindo, dois anos depois, comprar a chácara para moradia com a intenção de organizar um trabalho de apicultura para, em longo prazo, poder comercializar o produto.

Sérgio veio para a região em busca do serviço de tratorista em uma grande fazenda com, aproximadamente, 240 ha de extensão, na área rural que é de sua vivência.

Apesar da qualidade de vida também estar no discurso daqueles que nasceram e/ou está há mais de 30 anos morando nessa região, os novos moradores acrescentam um diferencial que agrega outros valores correspondentes ao vínculo das pessoas com a região, permitindo a constatação de identidade e um sentimento de pertencimento.

Nesse trabalho, pertencimento é entendido conforme Gonçalves: *“Pertencer a uma cidade, vila ou bairro, não é apenas viver nela, mas participar ativamente de seu cotidiano, de seus ritos e costumes”* (GONÇALVES, 2003, p. 123).

Sr. Rogério, nascido em Sousas e proprietário de uma escola de equitação, fala da característica peculiar da região que é a cultura caipira, a qual identifica com o tipo de trabalho que realiza: domador, amestrador e instrutor de equitação.

Vale salientar que a cultura caipira é um marco da vida no campo desde a época da colonização do Brasil, e que se intensificou no Estado de São Paulo com o movimento de urbanização das cidades.



Oliveira, J.T. (2000), contribui com seu estudo, nesse momento, para que se possa compreender o que Sr.Rogério diz sobre a cultura caipira na região de Joaquim Egídio e Sousas.

A autora baseia seus pressupostos em dois autores que estudaram o campesinato no Brasil, Antonio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Queiroz, citada pela autora, mostra que, no período da escravatura, existia uma nítida divisão social representada pelos senhores e os escravos, e essa divisão permanece após a abolição da escravatura representada pelos fazendeiros e seus parceiros. Somente a partir do final do século XIX, com o desenvolvimento da vida urbana, é que aparece uma camada intermediária entre as duas citadas acima. Entretanto, essa nova divisão fica restrita à vida na cidade, ficando o campo com a divisão anterior.

As populações camponesas, cujas características gerais são universais, representam no Brasil o *caipira* e o *sitiente*, porém, apresentam especificidades de acordo com a história de cada região.

*“O camponês, em qualquer região do planeta, é um trabalhador rural cujo produto tem como destino primordial o sustento da família, podendo ou não vender o excedente da produção. Em geral, é um policultor, praticando uma agricultura rudimentar a partir de um conhecimento transmitido através de gerações”* (OLIVEIRA J.T, 2000, p.11).

Em Candido, também citado pela autora, o conceito do o *caipira*, além de indicar uma localização geográfica rural, traz “(...) o sentido de cultura, de organização social, semelhante ao conceito de cultura camponesa, exprimindo “sempre um modo de ser, um tipo de vida” típico da história paulista” (OLIVEIRA J.T, 2000, p.12).

Park, ao estudar a gênese da figura do Jeca Tatu por Monteiro Lobato aponta que o autor vem a público desculpar-se pelo tipo que criou para representar o caipira brasileiro. Desculpa-se, mas não consegue redimir a criatura que não convence quando supera suas mazelas. Segundo a autora, “*O Jeca circula na sociedade brasileira pela rede que perpassa o imaginário social. Andou e anda por aí, livremente a mostrar uma marginalidade que se nos apresenta incorporada, consciente ou inconsciente...*” (PARK, 1999, p.128).

Muitos autores utilizaram a imprensa para criticar Lobato como, por exemplo, Rocha Pombo que cria o Jeca-Leão, matuto esperto e forte, para contrapor-se ao Jeca de Lobato. O

entrevistado, Sr. Valdemar, aproxima-se desse pensamento quando verbaliza que é um caipira, mas esperto, matuto, curioso, trabalhador e aprendiz.

Nesse sentido, Sr. Marcelino, comerciante que nasceu na região, reforça esse conceito positivo quando acrescenta outro diferencial para a área rural, lócus do caipira, fala da tranquilidade, do prazer em saborear a comida, da dose de paciência por causa da morosidade do local, bem como da necessidade de se manter as fachadas dos estabelecimentos, comerciais e de moradia, no centro do Distrito como uma questão patrimonial e histórica da região que são as características desse “rural de Campinas”.

Proprietário de dois restaurantes muito procurados na região apresenta esses espaços enquanto “*slow food*”, descrevendo que, no restaurante as pessoas precisam estar à vontade, assim como os garçons, pois tudo é feito na hora, não há uma linha de produção e nem utilização de produtos pré-cozidos. Além desse tipo de atendimento, ele reconstitui seus estabelecimentos conforme a arquitetura original do prédio acrescido de detalhes característicos às práticas culturais próprias das antigas gerações, como por exemplo, o hábito de alimentar animais com frutas e verduras nas árvores existentes nos restaurantes, oferecendo a sensação de se estar revivendo uma história local.

*“Sousas e Joaquim Egídio hoje é um quintal, você vem pra passear, curtir, vem pra conhecer, pra caminhar no meio do mato e também tem que desfrutar das comidas que tem, do restaurante, de tudo”.* (depoimento do Sr. Marcelino)

O imaginário rural desses dois Distritos está sendo reconstituído com a presença desses dois públicos distintos, os que estão chegando na região e aqueles que já possuem uma identidade local. A cultura *caipira* está sofrendo fortes influências advindas do processo de urbanização local e dos diferentes interesses das pessoas que estão convivendo nesses Distritos. Pode-se entender esse processo de urbanização a partir da caracterização que Candido, citado por Oliveira, faz sobre o modo de vida do *caipira*.

*“(...) o modo de vida do caipira, a partir da premissa que todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades, de caráter natural (requerimentos nutricionais) e social (determinado pelos requisitos culturais e de sociabilidade), e os recursos*

*do meio físico disponíveis e manejáveis segundo as próprias condições do grupo social” (OLIVEIRA J.T, 2000, p.12).*

As interferências do processo de urbanização das cidades, principalmente a partir dos anos 70, influencia o conceito sobre o *caipira* paulista. O *caipira*, a partir desse momento, apresenta-se diferente, deixando de utilizar a agricultura, principalmente para a subsistência. Ao contrário ele a utiliza para modernizar seus equipamentos e organiza seu trabalho para obter lucro através da sua produção. Além disso, o vínculo com o bairro rural deixa de ser a referência da sua vida para a subsistência, passando a ser a cidade o local onde supre suas necessidades de alimentação, vestimenta, compras de insumos e produtos para a agricultura.

Nesse sentido, Joaquim Egídio vem sendo re-configurado em seu espaço geográfico, bem como em suas relações sociais. Esse novo modo de conceber o Distrito traz preocupações quanto ao mau uso das áreas rurais ao se transformarem em áreas urbanas, trazendo sérias conseqüências ao uso e tratamento da água de Campinas, além de outras, como o assoreamento dos ribeirões e rios, causados, principalmente, pela intensificação da especulação imobiliária no Distrito.

Sr. David, em seu depoimento, compara a área rural de Joaquim Egídio com a área rural de sua terra natal, Londres, dizendo que lá essas áreas são bem delimitadas e fiscalizadas. *“Na Inglaterra tem mais regras, não pode criar o que quer, tem mais investimento para cuidar do rural, da comunidade e das pessoas”*. (depoimento do Sr. David).

Acrescenta ainda que o Poder Público tem obrigações para manter esses espaços através de legislação.

*“Toninho <sup>14</sup> fez o que era importante para Campinas. Arquiteto, com visão de planejamento rural, não só para projetos rurais, mas tinha visão de Campinas, cria a APA e o GDR como maneira do agricultor e do rural ficar mais próximo da cidade”*. (depoimento do Sr. David).

Entretanto, teme que o rural fique atrelado à Política, o que o tornaria muito vulnerável a qualquer modificação decorrente dos diferentes pensamentos e ações dos governos. Por possuir visão e vivência diferentes da brasileira, decorrente da sua cultura

---

<sup>14</sup> Antonio da Costa Santos conhecido como “Toninho” foi eleito prefeito de Campinas na gestão de 2001 a 2004 e assassinado em setembro de 2001.

inglesa, o entrevistado se preocupa com a manutenção do espaço rural como importante meio para a sobrevivência de todos os seres.

Sendo assim, as áreas rurais dos Distritos estão sendo reconfigurado constantemente com a introdução das novas culturas trazidas pelos novos moradores. Entretanto, a cultura caipira do local está sendo veiculada e explorada comercialmente como o modo de vida local agregado ao pensamento da qualidade de vida na atualidade.

## C.2. Parceria – Poder Público e Privado

Na experiência do CEMEI, o Poder Público aparece como um serviço que não atende satisfatoriamente às necessidades da comunidade e tão pouco às suas próprias secretarias e funcionários.

Iório (2005), Diretora do CEMEI Alexandre Sartori Faria, relata a dificuldade em atender toda a demanda de alunos da comunidade em uma única escola pública infantil local, e de garantir uma prestação de serviço com qualidade sem os profissionais necessários para o atendimento.

Tanto por essa problemática, como pelos interesses descritos no Projeto Pedagógico da escola, que a busca por parcerias torna-se necessária.

Ressalta-se que essa interpretação está intimamente ligada à convivência estabelecida com a comunidade e com o cotidiano escolar. Na análise do documento do CEMEI aparecem momentos aonde a insatisfação com o serviço público é determinante, para a não realização dos sonhos e possibilidades educativas. Ao mesmo tempo, a escola procura o seu caminho, realizando as parcerias com a comunidade como um todo, com empresas, famílias, comerciantes e com o próprio poder público.

*“Como na maioria das vezes isso não ocorre, o gestor educacional, no nosso caso o núcleo de direção da escola e sua equipe, dependem de conhecimentos pessoais, trocas de favores, pessoas com grau de amizade que venham gratuitamente e voluntariamente dar sua contribuição para que o projeto saia do papel e se torne realidade” (IÓRIO, 2005, p.10).*

O Poder Público é representado pela própria escola pública como o responsável prioritário em oferecer todas as condições necessárias para que se possa trabalhar e atender a comunidade com qualidade. A própria escola pública parece não se reconhecer como ação do Poder Público delegando-o, enquanto entidade, todas as dificuldades e culpa pelo não atendimento adequado. Entretanto, à vontade da equipe da escola de garantir uma qualidade de atendimento mobiliza e faz avançar nos aspectos qualitativos educacionais e de envolvimento com a comunidade, tornando-a uma referência em Campinas pelo seu trabalho e, na própria comunidade, por, realmente, pertencer ao seu cotidiano. Conforme se verifica em Iório (2005), *“Contamos com diversos profissionais nas mais variadas áreas, moradores idosos da comunidade que nos brindaram com suas memórias, artistas, pintores, escultores, artesãos”* (IÓRIO, 2005, p.10).

Na fala dos entrevistados, o Poder Público também é apresentado sob diferentes maneiras, provavelmente condizentes ao tipo de envolvimento que vivenciam com essa esfera organizacional. Primeiramente, aparece como sendo o órgão responsável em desenvolver as leis, em delimitar as ações da sociedade, logo após o enfoque volta-se a falta de ações e credibilidade do mesmo na sociedade e finalmente, como um elemento necessário para articular ações que estruturam a sociedade de maneira a garantir a sustentabilidade do local.

O Sr. Príncipe exemplifica o primeiro posicionamento. Morador de Joaquim Egídio há 45 anos, cultiva hortaliças e flores para venda no local, e deposita total confiança no Poder Público para resolver todos os problemas da região. *“(...) a gente deveria pegar um político, um cara que resolva o nosso problema, que vê a afinidade de não deixar o povo fazer esses tipo de desmatação, de ..., como se diz, jogar lixo no rio, poluir o rio”*. (depoimento do Sr. Príncipe)

O depoente atribui ao político um valor subjetivo de qualidade que, não necessariamente, representa o perfil desejado pela a população. Relata que esse político tem relações, que fala mais, que é mais conhecido e “chegado” do povo.

*“... se nós pegar um governo bom, tudo depende da nossa política, se nós pegar um governo bom, que eu tenho impressão aí que nós vamos pegar um governo e vai dar em cima, eu acho que vai ser muita coisa resolvido, então eu acho que vai ter melhora”*. (depoimento do Sr. Príncipe)

Para ele, o Político é quem tem condições de realizar todas as melhorias da região e da qualidade de vida de seus moradores ajudando-os no que for necessário.

O segundo posicionamento está presente na fala do Sr. Marcelino, além do Sr. José Dresler e Sr. Sérgio, que são pais de alunos e agricultores em Joaquim Egídio. Eles relatam que a prefeitura não tem fiscais necessários para visitarem as regiões da APA, e nem para analisar os projetos para a região. Ao mesmo tempo reconhecem que a Política não atende apenas aos interesses do equilíbrio ambiental, ela é fortemente influenciada por pressões econômicas, dentre outras, as quais acabam por definir e delimitar as ações. Ao contrário do depoimento do Sr. Príncipe, Sr. Marcelino traz a gravidade do problema ambiental se for deixado apenas nas “mãos” dos políticos.

*“(...) só eu e a Prefeitura quer isso, que se torne uma APA essa região, só que ela mesmo tinha uma linha imaginária num lugar e mandou pra outra, por que? Porque aonde tem esse vão são áreas que vai se tornar IPTU, que vale muito mais um terreno de mil metros quadrados do que uma fazenda de mil e tantos alqueires que paga INCRA”.(depoimento do Sr. Marcelino).*

Sr. Rogério, comerciante da região, afirma que, enquanto Prefeitura coloca a distância do Poder Público na organização da região, muitas vezes, o comércio e os agricultores têm que bancar a infra-estrutura, como capinar as vias de acesso, emprestar caminhão para que as condições de convívio humano e a saúde sejam garantidas. *“(...) pede material pra fazer alguma coisa, tudo que vai fazer aqui na estrada de terra pede pra ajudar, mas acaba largando pela metade e não faz nada”.* (depoimento do Sr. Rogério).

Apesar dos entrevistados saberem, no mínimo, que a APA é uma área referente à preservação da natureza como um todo, desconhecem as subdivisões, a própria lei, as orientações e restrições do uso e ocupação do solo.

O Sr. Valdemar solicita que o Poder Público oriente os agricultores e os moradores sobre a APA como um todo. Acredita que está faltando esse esclarecimento para que as pessoas possam cuidar melhor do meio ambiente.

O comerciante Sr. Marcelino elabora uma proposta para envolver o Poder Público e Privado na busca da preservação histórica e ambiental evitando que o desenvolvimento da região, destrua as características do local.

Segundo ele, o Poder Público do local, representado pelas sub prefeituras de Sousas e de Joaquim Egídio, teriam que conduzir todo o processo de conscientização da população, bem como um projeto elaborado junto aos comerciantes, a população dos distritos, as escolas, os agricultores e as ONGs. Sua idéia é a de elaborar um projeto, envolvendo todas as pessoas citadas acima, com reuniões para todos apresentarem suas propostas contribuindo para que o projeto saia do papel e se concretize. As escolas participariam com orientações para os alunos e com ações diretas aos enfoques determinados pelos grupos. Ao comércio caberia buscar patrocínio e propiciar as ações planejadas, principalmente no que diz respeito à recuperação das fachadas das residências do centro de Joaquim Egídio. Muitas hoje são restaurantes, e estão sofrendo reformas, descaracterizando a história e memória local. As fazendas teriam projetos para que se pudessem abrir as portas para as atividades de eco turismo, e as cavalgadas. As subprefeituras teriam que prever o calendário anual da cidade lembrando das datas festivas da região. *“(...) e fazia a integração disso tudo, mas desde que tivesse projetos, sem haver interesses políticos, fazer um todo”*. (depoimento do Sr. Marcelino).

Outros entrevistados contribuem com idéias para melhorar a região. O Sr. Valdemar sugere que o poder Público “apareça” para explicar a APA e suas sub-divisões, chamando os profissionais das fazendas para participarem dessa discussão.

*“Aí é que entra os dirigentes do município, o poder público, vim, vim, é aquilo que eu disse atrás né, vir com o mapa, vir, até dar um curso a respeito de APA, isso seria necessário, talvez por aí eu ia aprender um monte de coisa”*

*“...podia ser em qualquer localidade aqui da região de Sousas e Joaquim Egídio, em qualquer lugar, basta que eles nos procure”*. (depoimento do Sr. Valdemar)

Os agricultores entrevistados relatam que os patrões têm interesse em que seus funcionários participem de cursos para melhorarem seus conhecimentos. Eles acreditam que assim estarão investindo na formação dos seus trabalhadores e, conseqüentemente, melhorando sua produção, a propriedade, ressaltando que eles também receberão informações e técnicas novas que poderão contribuir com a preservação do ambiente.

Tanto Sr. José Dresler quanto Sr. Sérgio relatam as dificuldades enfrentadas por residirem em uma área rural muito afastada do centro urbano. Há grandes dificuldades em se locomover para a cidade e, até mesmo para o centro do distrito pela falta de transporte. Enfrentam também problemas no atendimento de emergência de saúde e de policiamento. Eles explicitam o isolamento das pessoas em suas residências por não haver pontos de encontro onde os moradores possam realizar compras e estudar. Afirmam que o transporte nas áreas rurais é necessário para que as pessoas possam participar dos encontros com os órgãos públicos e do planejamento e discussões sobre os investimentos na região. Relatam ainda que por não haver transporte no distrito, os municípios vizinhos a Campinas, como Morungaba e Valinhos, realizam transporte escolar para que a população possa realizar seus estudos.

Essas dificuldades vivenciadas por Sr. José Dresler fazem com que ele sugira a criação de um centro na região das Cabras que tenha comércio, atendimento de saúde e lazer.

Sr. Sérgio, por sua vez, sugere que os trabalhadores na área rural tenham formação a respeito de assuntos relacionados à agricultura, pecuária, danos ambientais, etc. Os organizadores poderiam determinar o melhor dia e horário para a realização dos cursos e palestras.

*“(...)eu acho que a maioria do pessoal de todas as fazendas deveria ter um dia específico em tal horário pra reunir todo mundo, passar pra todo mundo alguma informação nova né, alguma coisa que..., um alerta pra você, o que você pode e não pode fazer, o que vai causar, que danos vai causar alguma coisa que você tá fazendo errado. É importante saber, às vezes a gente trabalha com uma coisa, você não tem noção do que pode causar mais tarde pra nossa saúde e meio ambiente também né, às vezes é difícil conciliar as duas coisas, mas se houver alguma solução pra isso eu acho que deveriam botar em prática”. (depoimento do Sr. Sérgio).*

Por sua vez, Sr. Rogério, talvez por seu trabalho estar voltado às crianças e jovens nas aulas de equitação, se preocupa com o futuro desse público, pois segundo ele, hoje, nos distritos, já se pode encontrá-los sozinhos, sem atividades, o que os torna vulneráveis a qualquer tipo de violência. Sugere a criação de um centro de treinamento que as crianças possam freqüentar, no período contrário ao das aulas da escola, para aprenderem como montar a cavalo, escovar, limpar e cuidar dos diferentes animais (cavalo, boi, galinha) da região. Até mesmo se poderia formar um profissional nessa área para que não fosse preciso sair da região em busca de outros empregos.



*“(..).todo mundo tem uma raizinha no fundo do caipira, todo mundo veio de lá e a gente depende muito da região caipira porque é onde tem as plantações, os gados e eu acho que o pessoal tem que começar a incentivar cada vez mais essa cultura aí pra não termina, e deixar a cultura do funk, balada, essas coisas, longe daqui.”. (depoimento do Sr. Rogério).*

Oliveira, J. A (2003) pode contribuir com a discussão através da análise que faz sobre o desenvolvimento das áreas urbanas e rurais. Ele ressalta a necessidade do aprimoramento dos métodos sustentáveis para essas comunidades localizadas em áreas rurais.

Segundo ele, a forma na qual o Brasil se desenvolveu contribuiu para uma configuração do conhecimento através da hegemonia. Os grupos menos dominantes tiveram outras formas de transmitir e conservar seus conhecimentos. *“(...) e outros grupos rurais passaram a organizar-se em defesa de um patrimônio invisível e intocável, o saber popular e étnico”* (OLIVEIRA, J.A., 2003, p.78).

Nesse sentido ressalta a importância da participação da comunidade para avaliar os impactos sociais e ambientais contribuindo para o desenvolvimento local. A comunidade pode contribuir para diagnosticar os problemas, seja através da prática da observação das transformações locais, seja através de informações de dados empíricos. Através da História Oral pode-se compreender as transformações, pois essa permite a ampliação da capacidade técnica e instrumental, por estar associada ao homem, e, com sua dinâmica existencial, carrega elementos emocionais com significados do mundo e das coisas que geralmente não se encontram em trabalhos considerados “científicos”.

*“O valor social e econômico dos recursos naturais, diante de sua finitude, dos conhecimentos tradicionais, étnicos e populares como parceiros do conhecimento científico, e da participação como instrumento de um capital social que consolide os avanços desse processo, coloca a diversidade, e dentro dela a valorização local, como um elemento essencial para experiências de renovação”* (OLIVEIRA, J. A., 2003, p. 83)

Portanto, o Poder Público aparece representado de diferentes maneiras por sua atuação na comunidade local. Assim como o Sr. Príncipe delega todos os poderes de decisão à Política Pública, a escola enquanto instituição pública, em princípio, não se reconhece

enquanto proponente de política pública, mas é a partir das dificuldades de gerenciamento que desperta para um trabalho de envolvimento com o cotidiano de Joaquim Egídio.

Nesse percurso, assume o papel do Poder Público em desenvolver as políticas necessárias para a qualidade do seu ensino, buscando as parcerias na região, sensibilizando todos os representantes das parcerias com as inúmeras possibilidades que se apresentam, atribuindo uma credibilidade aos seus trabalhos desenvolvidos junto à comunidade do Distrito e na própria Secretaria Municipal de Educação, sendo referência de escola municipal que organiza seu currículo a partir do cotidiano local.

### C.3. Relação escola – comunidade

Destacam-se três atividades que já estão incorporadas à dinâmica escolar, envolvendo a comunidade local, e que se mostram como essenciais para a sustentabilidade almejada.

#### 1. Atividades de visitas e atividades fora da escola;

Essas atividades estruturadas pedagogicamente através do estudo do cotidiano suscitam, pelo menos, dois momentos que determinam as formas de aprendizagens. Primeiramente, a organização do educador e alunos em estabelecerem um roteiro de observação, de perguntas e hipóteses conectando os conhecimentos adquiridos com aqueles que estarão por vir.

O segundo se relaciona a interação estabelecida entre escola e a pessoa que os recebe. No caso do CEMEI, esses encontros sempre foram organizados com pessoas da comunidade local, que exerciam atividades correlatas à temática de cada sala.

Exemplo dessas questões são observados na visita dos alunos à chácara do Sr. Príncipe. Ele está constantemente contribuindo com seus conhecimentos nas práticas educativas da escola. Recebe as crianças, fornece informações sobre o cultivo de hortaliças e criação de porcos. As situações não previstas, na organização desse encontro, fazem com que as educadoras retornem à escola com indagações, levando-as a refletirem todo o processo, bem como a forma em lidar com a informação e conhecimento. Conforme ALBAGLI (2004), há diferenciação nesses dois conceitos.

O aprendizado não se limita apenas a um movimento de aquisição de informações, consiste em adquirir e construir diferentes tipos de conhecimento, competências e habilidades. A informação é importante porque veicula os conhecimentos e não necessariamente gera o conhecimento.

*“O aprendizado deve ser pensado como relação social, como um processo em que as pessoas não só são participantes ativos, na prática de uma comunidade, mas também desenvolvem suas próprias identidades em relação àquela comunidade”.* (ALBAGLI, 2004, p. 10).

Quando as educadoras refletem a situação problema refletem também sobre o tipo de interação estabelecida com o outro, qual a inserção da escola na comunidade, o que a escola pode contribuir com essa comunidade, atribuindo e reafirmando o “pertencimento” a essa comunidade.

Retornando a chácara do Sr. Antonio Príncipe para conversarem sobre o “problema”, o Sr. Príncipe justifica seu jeito de lidar com os porcos. As educadoras percebem o limite econômico e de conhecimento, e, através do diálogo, recebem informações e orientações de como poderiam melhor lidar com esse animal. Além do mais, a escola passou a oferecer alimentos para os porcos, diariamente. Nessa interação, o conhecimento é veiculado através do diálogo contendo informações e sugestões, e, ao mesmo tempo em que esse conhecimento é construído, contribui para o desenvolvimento de práticas mais adequadas ao manejo animal e à sustentabilidade local.

Baseando-se em ALBAGLI (2004), reconhece-se que cada local dispõe de diferentes características, e bens coletivos (físicos, sociais, econômicos, culturais, políticos e institucionais) que influenciam na capacidade de produzir, de aprender e inovar. A capacidade de relação entre os atores da comunidade é determinante para gerar processos de crescimento, mudança e desenvolvimento. E é com esse entendimento que a escola tem buscado desenvolver as atividades pedagógicas junto ao cotidiano do Distrito junto às entidades filantrópicas, posto de saúde e empresas como a Nittow (empresa de papel situada no Distrito de Joaquim Egídio), que vem sendo parceira na implementação do Projeto Pedagógico desde 2004.

## 2. Atividades entre velhos e crianças;

Várias foram às atividades realizadas envolvendo a relação entre velhos e crianças. Os velhos foram até a escola contar suas histórias relatando detalhes arquitetônicos, festejos, costumes e dificuldades da época. Além disso, receberam as crianças em seus espaços, residências e ou propriedade agrícola.

Nessas experiências remeto-me aos estudos de PEREIRA e SOUSA (1998) nos quais encontro dessas gerações entrecruza o tempo permitindo um diálogo permanente com a história, recriando-a e recontando-a, através, principalmente, de uma prática comum a essas duas gerações, a de contar histórias. Com essa prática, o idoso reconta os fatos que lhe são mais significativos, rememora esses acontecimentos e refaz a sua história. Ao rememorar, o velho ressignifica a vida adulta, descobre caminhos e signos perdidos e recupera para o futuro as pistas e os desejos que não foram realizados. Além de revigorar a tradição, o velho intervém ativamente no mundo atual.

*“Ao suposto “despreparo” infantil para compreender a realidade, Walter Benjamin justapõe a tese de que a criança reconstrói o mundo baseada em seu olhar infantil; em relação ao idoso, afirma ser ele o guardião da tradição e da experiência”. (PEREIRA e SOUSA, 1998, p. 34).*

Outro aspecto importante decorrente dessa atividade é a possibilidade de aproximar a criança do mundo adulto. Como pôde ser visto no capítulo anterior, a criança do mundo moderno conquistou progressivamente seu espaço na sociedade, porém essa situação lhe permite uma autonomia que contribui para seu afastamento das gerações adultas e velhas.

*“Se a criança passa a ser reconhecida como sujeito na época moderna e ganha um novo **status** sendo valorizada na sua capacidade de construir diálogo, a ausência do interlocutor adulto faz com que ela seja condenada a um monólogo cujo desdobramento é a formação do gueto da infância. A criança perde a família enquanto referência na formação de sua identidade, dando uma sensação de que não pertence a ela e que não a faz parte dessa história. A reconstituição desse diálogo é um desafio posto para os **especialistas da infância**” (PEREIRA e SOUSA, 1998, p. 38).*

Nesse tipo de atividade as relações interpessoais são determinantes para que a criança assuma um engajamento atuante na comunidade, conquistando e redimensionando sua inserção com ações, que contribuam para a cultura e história local assim como os velhos.

*“Portanto, minha própria história é construída e partilhada por elementos que estão presentes na memória de uma outra pessoa. Nesse sentido, não só a memória é uma prática social como a identidade é construída nas relações entre sujeitos”* (PEREIRA e SOUSA, 1998. p. 40).

Essa é uma possibilidade dos diferentes segmentos sociais construir suas histórias e buscarem uma sustentabilidade cultural, ambiental, social e econômica. E, como TONUCCI (1996) sugere, a sociedade moderna precisa buscar outro caminho que rompa com o “progresso” para poucos e que mude de tendência, construindo uma sociedade preocupada com o bem público, com a felicidade de seus cidadãos e com a qualidade de vida. Para ele esse novo caminho tem que ser construído através do olhar da criança, do velho e dos deficientes, não somente com o olhar do adulto, pois a sociedade capitalista já o privilegiou por ser trabalhador e consumista em potencial.

### 3. Atividades com a participação da família e comunidade local.

O desejo da escola de se aproximar das famílias e da comunidade local impulsiona ações planejadas em dois âmbitos: dentro dos projetos temáticos específicos das salas, e dentro do Projeto Pedagógico como resultado da integração dos projetos e a temática da escola.

Em relação às atividades dos projetos temáticos observa-se a preocupação das educadoras em buscar atividades envolvendo a participação das famílias nas situações cotidianas da sala de aula. Utiliza-se de entrevistas com parentes de alunos e moradores de Sousas e Joaquim Egídio para conhecerem a história desses Distritos, de visitas às áreas rurais e urbanas para estudar as diferentes moradias, da confecção dos bonecos “Leandro” e “Camila”, representando situações problemas como infestação de carrapatos e doenças. A família os recebe e registra os procedimentos realizados como medidas de “cura”, do contar a história do Rio Atibaia de hoje e de décadas atrás por um tio de aluno do CEMEI, e do contar

a história de brinquedos e brincadeiras de antigamente, bem como a criação desses tipos de brinquedos e vivência dessas brincadeiras.

A utilização desses diferentes recursos pedagógicos permite redefinir o espaço ocupado pela criança na construção de sua identidade com a comunidade local, como também a situa enquanto construtora de seu processo de aprendizagem e geradora de conhecimentos através de trocas de informações contextualizadas na comunidade.

*“A reconstrução da história torna-se, ela mesma, um processo de colaboração muito mais amplo, em que não-profissionais devem desempenhar papel crucial. Ao atribuir um lugar central, em seus textos e apresentações, a pessoas de toda espécie, a história se beneficia enormemente. E também se beneficiam, de maneira especial, as pessoas idosas. Um projeto de história oral, mais do que lhes propiciar novos contatos sociais e, às vezes, levar a amizades duradouras, pode prestar-lhes um inestimável serviço. Muito freqüentemente ignoradas, e fragilizadas economicamente, podem adquirir dignidade e sentido de finalidade ao rememorem a própria vida e fornecerem informações valiosas de uma geração mais jovem” (THOMPSON, P, 1992, p. 32-33).*

Quanto ao Projeto Pedagógico evidencia-se, pelo relato da vice-diretora Flávia, a necessidade da Equipe Gestora propiciar momentos de socialização de atividades escolares com as famílias e comunidade através de diferentes instrumentos, tais como o “jornal ciranda” veiculado para todas as famílias e estabelecimentos comerciais de Joaquim Egídio, a exposição de todos os projetos no final de cada ano, a apresentação de slides sobre o cotidiano de cada projeto durante as reuniões de pais e a caminhada na trilha de Joaquim Egídio com a colocação de placas confeccionadas pelos projetos temáticos como forma de socializar e orientar os usuários sobre a vegetação, fauna e flora, bem como sobre o porquê do trabalho desse CEMEI naquela região.

É importante salientar a capacidade e sensibilidade da Equipe Gestora para avaliar constantemente essas atividades, redimensionando-as em busca de maior participação das famílias nesses eventos. Como pôde ser visto no capítulo anterior as famílias da atualidade estão muito envolvidas com seus trabalhos, delegando à escola a educação de seus filhos. A escola não desconsidera essa realidade, mas busca alternativas para facilitar esse encontro.

*“Vimos que não adianta colocar a culpa nos pais dizendo que eles não estão interessados na vida escolar dos filhos, temos que buscar outros caminhos, insistir nos convites, e contar que aos poucos a frequência vai aumentando . (LEÃO, 2005 p.17).*

Outro momento de aproximação da escola e comunidade é a busca de parcerias com instituições e empresas da região que contribuem de várias formas, doando e/ ou arrecadando dinheiro para o Projeto Pedagógico, através de oficinas com arte para as educadoras e para as crianças e suas famílias como, o caso da fábrica NITTOW Papel S/A que utiliza o papel reciclado como matéria-prima.

A experiência do CEMEI Alexandre Sartori Faria vem demonstrar que as crianças pequenas (zero a seis anos) são capazes de apreender os conhecimentos tidos como complexos, que contribuem com a socialização de informações e inovam os conhecimentos a partir de práticas pedagógicas que as considerem. Além disso, testemunham que a Educação Ambiental na educação infantil é possível, extrapolando o simples fato de fazer hortas, cultivar mudas de plantas e plantar árvores nos grandes eventos do município, quando a escola se insere com práticas voltadas ao estudo do cotidiano da comunidade local.

#### C.4. Conceito de Educação Ambiental

A Educação que se volta para o meio ambiente é conhecida como Educação Ambiental. Essa vem intensificando seu campo de atuação, a partir da década de 1980, no Brasil, devido aos vários movimentos sociais e ONGs, conforme se demonstra no capítulo 2.

Movidos pela sensibilidade ecológica, muitos educadores têm incorporado em suas práticas educativas essa sensibilidade, autodenominando-se Educadores Ambientais.

Entretanto, essas práticas são mais amplas, estão relacionadas à formação desse educador, à relação que estabelece com os conhecimentos, com o mundo e com a natureza. Segundo SPAZZIANI (2003) pode-se identificar as diferentes práticas educativas ambientais que diferem entre si. A pesquisadora, apesar de observar a existência de outras formas de divisões, opta em dividir a Educação Ambiental em quatro tipos distintos:

A primeira, muito encontrada no âmbito das escolas e, intensamente solicitada por pessoas que estão fora do âmbito escolar e que querem desenvolver um trabalho conjunto com

a escola, diz respeito às atividades escolares vinculadas às datas e eventos relativos ao meio ambiente. “(...) *Os temas abordados são amplos e referem-se a aspectos gerais de problemas do meio ambiente, preservação, ecologia, equilíbrio ecológico, extinção de espécies, etc*” ( SPAZZIANI, 2003, p.71).

A entrevistada Sr<sup>a</sup>.Rejane apresenta esse tipo de concepção quando relata a importância em se trabalhar a questão ambiental nas escolas com aspectos pontuais, como montar um pequeno herbário e o plantio de ervas. Apesar dela não utilizar as datas comemorativas, utiliza momentos pontuais desconexos com o trabalho do cotidiano escolar.

Thomaz (1998) contribui com essa análise ao apontar que a Educação Ambiental está vinculando uma visão biologista que reduz a complexidade que a questão merece, a partir do momento que despreza os aspectos políticos e culturais.

Essa pesquisadora demonstra em seu trabalho que, em vários momentos, os movimentos ambientais se preocuparam, exclusivamente, em conservar os recursos naturais embasados no discurso de que é preciso usá-los racionalmente, para que as futuras gerações possam ter acesso a eles. Denomina esses movimentos como *conservacionismo*. Além desse, cita o *preservacionismo*, de movimento ambientalista preocupado com a preservação estética e espiritual da natureza. “(...) *ao preservacionismo, que se refere à natureza no sentido de apreciação estética e espiritual da vida selvagem e proteção da natureza contra o desenvolvimento moderno, através de áreas protegidas*” (THOMAZ,1998,p.28).

O segundo conceito, conforme a definição da pesquisadora Spazziani (2003), está vinculado às atividades escolares com o objetivo de resolver problemas concretos. “*A ênfase está na ação e grande parte dos trabalhos refere-se a promoção de projetos que viabilizem atividades que envolvam os alunos e a comunidade*” (SPAZZIANI, 2003, p.72)

Vários entrevistados observam a prática do CEMEI com esse tipo de concepção, como por exemplo: “*Eu acho que é importante deles fazerem junto comigo porque tenho um pouco mais de experiência né, então eu quero passar essa experiência pra eles*”.(depoimento do Sr. Príncipe).

Outro exemplo pode ser identificado na fala do pai de um aluno, quando relata a experiência de ir participar de um momento de colocação de placas explicativas da vegetação, fauna e flora da região na trilha de Joaquim Egídio.



*“Eu creio que era conscientização né, que as plaquinhas tavam ali dizendo pra não jogar papel no chão, que o ribeirão não é lixo, os pássaros da região, o que tinha ali, era conscientização mesmo de preservação, tanto pras crianças como pros pais, eu acho que até mais pros pais do que pras crianças né, pra poder tá plantando dentro de casa”. (depoimento do Sr. José Dresler).*

A terceira concepção definida por SPAZZIANI (2003) diz respeito à realização da educação ambiental através do estudo do meio em áreas preservadas.

*“O contato direto é considerado fator de transformação, que conduz à mudança no tratamento do meio ambiente, seja pelo conhecimento adquirido ou pela sensibilização dos sujeitos” (SPAZZIANI, 2003, p.73).*

Concordando com tal concepção, os entrevistados expressam sentimentos quando participam das atividades envolvendo a escola.

Todos os entrevistados acreditam que o estudo do meio é um momento de sensibilização, bem como um momento privilegiado para conhecer e poder preservar.

Ressalta-se que a escola não se propõe a realizar estudo do meio e sim o estudo do cotidiano da comunidade local. Entretanto essa prática ainda não está clara para as pessoas da comunidade, pois relatam-na enquanto estudo do meio.

A última definição realizada por SPAZZIANI (2003) refere-se à realização de estudos das problemáticas locais pela escola, levando-se em conta os aspectos históricos, sociais e econômicos. *“(...) A intenção é entender os problemas ambientais próximos na busca de soluções que são vistas no sentido mais amplo do exercício da cidadania” (SPAZZIANI, 2003, p.74).*

Com essa definição chegamos à experiência do CEMEI Alexandre Sartori Faria, que apesar de realizar várias atividades referentes à descrição acima, tais como envolver a comunidade do entorno, trabalhos com os velhos da região, análises de diferentes ambientes como o urbano e rural, de realizar ações diretas na comunidade local como a colocação de placas na trilha de Joaquim Egídio etc, a prática da escola demonstra que essas atividades diferem das descritas anteriores, pois leva em conta a potencialidade dos diversos atores da região, identificando-se, portanto, com essa última definição de SPAZZIANI.

*“Utilizando os princípios da História Oral, os estudos do cotidiano de Michel de Certeau e também as questões relativas à memória, temos buscado trabalhar com a formação de educadores-pesquisadores. Educadores esses entendidos como monitores, merendeiras, membros da comunidade, velhos da cidade, alunos, professores, administradores. Vários devem ser os educadores para a garantia de construção de um projeto coletivo que pretende, nos dizeres de THOMPSON (1992), derrubar barreiras entre os professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior”*(PARK, 2003, p.32).

Nesse momento, tanto PARK (2003) como SPAZZIANI (2003) contribuem para entender a experiência do CEMEI com relação ao planejamento de atividades para uma intervenção no ambiente local, a partir do estudo do entorno e do cotidiano local vinculados à participação da comunidade através de relatos da História e cultura local, e de atividades coletivas.

Portanto, acredita-se que, com esse tipo de prática educativa envolvendo a comunidade escolar e a comunidade local, é que se pode chegar a uma articulação ética-política, que GUATTARI (1995) denomina de *ecosofia* e que envolve o meio ambiente, as relações sociais e as subjetividades humanas, redimensionando assim a questão ambiental como uma questão referente à cultura e à política.

## **6. CONSIDERAÇÕES E APONTAMENTOS PARA POLÍTICAS PÚBLICAS.**

A experiência do CEMEI Alexandre Sartori Faria, localizado no Distrito de Joaquim Egídio, detém a maior área territorial da APA municipal e também a maior área do território campineiro, e pode contribuir com sua prática pedagógica para o desenvolvimento dessa almejada sociedade sustentável, assumindo o enfoque mais abrangente do termo.

O trabalho pedagógico realizado com crianças de zero a seis anos, alicerçado na Memória, Cultura Popular e Meio Ambiente, testemunha a possibilidade de participação do cotidiano da região como base para a sustentabilidade local.

As práticas realizadas com as crianças demonstram que seu desenvolvimento está diretamente relacionado às possibilidades de acesso aos conhecimentos científicos e locais, desmistificando a sua incapacidade de aprendizagem dos conhecimentos científicos construídos no decorrer da história humana.

E, é na inserção da criança no mundo dos adultos que se articulam as informações necessárias para serem processadas em novos conhecimentos. As experiências com os velhos, além de eles serem identificados pelas crianças, como senhores com idade maior, eles os colocam, enquanto referência de cultura e conhecimento, que pode não estar sistematizado cientificamente, mas que agrega valores sociais e necessários à formação de pessoas críticas, sensíveis à vida em sociedade e capazes de planejarem seus futuros considerando o lugar onde vivem.

As parcerias realizadas pela escola foram possíveis, a partir do momento em que essa se reconhece enquanto instituição pública, representante do Poder Público, que busca um atendimento com qualidade para a população. Devido à dificuldade em gerenciar a infraestrutura interna da escola ela pôde avançar nas parcerias locais e de assessoria de formação externas ao âmbito Público.

As práticas pedagógicas, dessa forma, transcendem o planejamento oficial e burocrático solicitado pelo órgão público. Os conteúdos deixam de ser pensados, exclusivamente, e estruturados para o ensino escolar, passando a incorporar aqueles que são construídos nas relações com diferentes pessoas da sociedade, que propõem socializar seus conhecimentos. Os documentos oficiais não são referências únicas e exclusivas, para qualquer estudo que pretenda entender as relações de ensino-aprendizagem. Também são referências as

comunidades locais, havendo necessidade de um diálogo de fontes para uma retomada do cotidiano escolar.

Ao pensar o desenvolvimento local, a partir do conhecimento local, em hipótese alguma se pretende reduzir os conhecimentos sistematizados pela humanidade em detrimento aos de uma localidade e, nem tão pouco, submetê-los a um reducionismo de conteúdos locais. É exatamente no sentido oposto a esse pensamento que o CEMEI contribui com sua prática quando consegue unir os conhecimentos sistematizados com os conhecimentos da comunidade local, dando pistas de como realizar as articulações necessárias para a sustentabilidade local.

Essa forma de articulação eleva o potencial das pessoas da comunidade local, não importando o sexo, raça, status social e religioso, cultural e educacional, colocando-as como detentoras de conhecimentos necessários para a renovação de informações, delineando uma capacidade de auto-sustentação dessa comunidade.

Nesse sentido, a pesquisa vem demonstrar que a sustentabilidade local passa pelo reconhecimento das pessoas que detêm história e cultura, e que precisa ser compreendido para que as novas visões possam somar-se aos interesses locais, agregando conhecimentos condizentes à cultura local.

Tendo a cultura como Patrimônio pertencente à humanidade, o desenvolvimento do Distrito de Joaquim Egídio merece um olhar mais apurado que extrapole a ótica de uma estética bonita e exótica do local, para uma ótica de preservação de sua história e cultura, que foi e está presente na história do desenvolvimento de Campinas, do Estado de São Paulo e do Brasil.

Os depoimentos dos entrevistados, através de entrevistas baseadas em sua história, abrem a possibilidade de realizar Políticas Públicas voltadas não somente à comunidade local, mas a toda a cidade de Campinas. Nos relatos encontramos as explicações sobre a região, sua história, a cultura e o modo de vida de cada comunidade. Essas devem ser respeitadas e consideradas como propulsoras de qualquer Política Pública efetiva. Dessa forma a soma dos conhecimentos e as modificações no ambiente serão menos traumáticas para todos os envolvidos.

Nos depoimentos encontramos também as sugestões que podem ajudar no planejamento da cidade e da região. A metodologia para o planejamento que prevê a participação da comunidade, passa pelo simples fato de ouvir os diferentes atores sociais. E,

através de depoimentos orais, é possível compreender melhor o modo de vida, o modo de agir e de pensar, levando em conta a história e a cultura inserida na história local. Além de tudo, ao considerar a História Oral enquanto elemento necessário para o desenvolvimento da metodologia de análise para planejamento local, esta toma uma dimensão relevante, identificando e reconhecendo os moradores como pessoas que pertencem à comunidade, que a conhecem e têm autoridade enquanto indicadores de Políticas Públicas.

O sentimento de pertencimento é uma marca que difere qualquer cidadão que possui um vínculo afetivo e histórico com a região. Através dele, é possível determinar o seu agir, sua forma de pensar, e o possível desenvolvimento para a comunidade, de uma forma e não outra. A identidade que o sujeito desenvolve em seu meio contribui para o gerenciamento de problemas relacionados ao desenvolvimento local, bem como na percepção de práticas culturais que possam gerenciar e regular ações, colocando o desenvolvimento em constante situação de vulnerabilidade.

As demais áreas urbanas de Campinas, que absorveram grande fluxo de migrações, não possuem o grau de envolvimento e pertencimento com o desenvolvimento local. Muitas vezes, essas regiões são apenas dormitórios, ocasionando outro tipo de sentimento que não o de pertencimento. Esse sentimento não envolve a identidade da pessoa com o local, induzindo a uma participação menos ativa, o que pode dificultar as articulações das Políticas Públicas, e colocar a população em constante estado de vulnerabilidades sociais, econômicas, ambientais, culturais, políticas e educacionais.

Apesar dessa pesquisa não ter usado toda a grandeza e riqueza das falas dos entrevistados, estas ficam como possibilidade para novos estudos que pretendam planejar o desenvolvimento local a partir dos indicativos de ações dos principais atores da comunidade de Joaquim Egídio em busca da sustentabilidade local e global.

### **Apontamentos para as Políticas Públicas**

Como já foi mencionada anteriormente, a experiência do CEMEI Alexandre Sartori Faria e os relatos das entrevistas apontam sugestões que podem ser pertinentes aos planejamentos de Políticas Públicas para a região.

Apontam-se abaixo algumas sugestões, baseadas nas quatro categorias de análise de

dados da pesquisa:

### **Imaginário Rural e Urbano**

A área rural é representada como um lugar bonito, exótico e com qualidades propícias para a vida humana, sendo a urbanização uma possível ameaça para essa área. Porém, se há um planejamento envolvendo o Poder Público e a comunidade local, torna-se possível manter a qualidade de vida na cidade.

Os depoimentos e as fontes consultadas apontaram sugestões visando conciliar a urbanização do Distrito com as suas práticas culturais.

São elas:

- Estruturação de cursos para crianças e jovens sobre técnicas agropecuárias, doma de animais e cuidados com o meio ambiente;
- Estruturação de cursos para agricultores, proprietários, moradores e comerciantes sobre a APA de Campinas, contendo as suas divisões, orientações sobre o uso do solo, bem como seus aspectos legais com os objetivos de orientação para ações na região;
- Desenvolvimento de atividades na escola vinculadas ao cotidiano do Distrito;
- Estruturação de cursos específicos de agropecuária para os trabalhadores rurais, administradores e proprietários.

### **Relação Escola-Comunidade**

A relação escola-comunidade mostra-se possível quando a escola assume seu papel de construção de conhecimento inserida no cotidiano da comunidade. Além da estruturação do conteúdo sobre outro prisma, vislumbra as possibilidades pedagógicas condizentes com as práticas no cotidiano escolar. Assume-se que o CEMEI, enquanto constitutivo do Poder Público, tem um papel fundamental enquanto desencadeador de ações voltadas ao desenvolvimento/ sustentabilidade local, através das seguintes ações apontadas nesse trabalho:

- Desenvolvimento de atividades pedagógicas contemplando os velhos que residem na região, bem como outros moradores como comerciantes, agricultores e familiares;

- Desenvolvimento de atividades pedagógicas relacionadas ao cotidiano do Distrito;
- Busca de parcerias para o desenvolvimento do Projeto Pedagógico da escola, e para os projetos do Distrito juntamente com outros atores da comunidade local;
- Reconhecimento de que a escola pública pode ser a proponente da articulação da comunidade em um projeto maior para o Distrito;
- Sensibilização da sub-prefeitura enquanto parceira nas ações das Políticas Públicas locais pela contribuição através de recursos humanos e materiais.

### **Parceria entre Poder Público e Privado**

As parcerias podem acontecer com qualquer segmento da sociedade, porém, se houver representantes do comércio, das escolas, dos agricultores e da comunidade local, estas se fortalecem e contribuem com a qualidade de vida das pessoas.

Os dados apontaram que:

- A sub-prefeitura tem o papel de proponente de Políticas Públicas, e os demais órgãos públicos da região são os atores das Políticas Públicas;
- O comércio é um parceiro que, além de contribuir com recursos financeiros para os projetos locais, também o faz de forma eficaz nas atividades planejadas;
- O comércio tem o papel de preservar a história e cultura local através da restauração e preservação dos edifícios que ocupa, bem como do ambiente externo;
- Os agricultores e proprietários rurais podem contribuir com a abertura das propriedades, para atividades planejadas com a escola e comunidade em geral;
- Os agricultores e proprietários rurais podem contribuir com os cursos agropecuários e ambientais destinados à região, cedendo seu espaço para eles ocorrerem em suas dependências.

No presente caso, facilitariam a aprendizagem, pois, têm condições de oferecer o ensino teórico vinculado às práticas cotidianas.

## **Conceito de Educação Ambiental**

A Educação Ambiental, com todo o seu percurso turbulento na educação, ora entendida enquanto conteúdo das disciplinas de ciências, geografia e história, ora entendida enquanto conteúdo de todas as áreas de conhecimento, passando por um enfoque interdisciplinar e por temas transversais, configura-se confusa com concepções que se revelam em práticas pedagógicas inadequadas para a construção do conhecimento. Entretanto, quando a escola assume a construção desses conhecimentos junto à comunidade em que está situada, esse conceito assume outras conotações, para ela e para toda a comunidade do entorno. Dessa forma:

-A Educação Ambiental se desenvolve através da inserção da escola na comunidade local, realizando estudos, desenvolvendo atividades para o conhecimento da comunidade local, tendo como referência a história do distrito da cidade, do estado, do país e do mundo.

-A Educação Ambiental é inerente aos conteúdos escolares, bem como da sociedade em geral, cabendo a cada segmento desenvolver ações planejadas para a preservação e recuperação do ambiente. A Educação Ambiental não está apenas vinculada às questões relativas à área biológica, ela está vinculada a questões sociais, econômicas, e acima de tudo diz respeito à política e à cultura da população.

-A contribuição da Educação Infantil para a Educação Ambiental pode ser viável e extrapolar as atividades pontuais como as comemorações em eventos ambientais. O CEMEI Alexandre Sartori Faria demonstra que, quanto mais se realizam parcerias entre diversos órgãos da comunidade local, mais o Projeto Pedagógico ganha maior dinâmica pedagógica, mais a escola se insere realmente na comunidade, e a sustentabilidade local pode ser realizada a partir do diálogo estabelecido nas parcerias veiculando informações e conhecimentos necessários para a manutenção das redes de conhecimento criadas nessas relações. Estas, por sua vez, inovam os conhecimentos locais que certamente estarão condizentes com os interesses de desenvolvimento local.

-Práticas como as atividades entre velhos, adultos e crianças demonstram ser o suporte da sustentabilidade local, uma vez que preservam os valores históricos, culturais e ambientais da comunidade. Além disso, o encontro das gerações possibilita a permanência do sentimento de pertencimento, contribuindo com o desenvolvimento local de maneira a ter



melhor controle sobre a vulnerabilidade social. O desenvolvimento do Distrito de Joaquim Egídio ainda se diferencia das demais áreas de Campinas não somente pelo aspecto ambiental, mas, sobretudo pela preocupação da comunidade em preservar e conservar aspectos históricos e culturais dessa região. Sendo assim, a sustentabilidade de qualquer lugar pode ser alcançada se estiver alicerçada nos aspectos econômicos, sociais, ambientais, históricos, culturais, e principalmente pela Ética e Política. O planejamento do município em busca da sustentabilidade perpassa pela escolha metodológica que contemple instrumentos de coleta de informações escritas e, principalmente oral, por permitir o compartilhamento entre os pensamentos da comunidade e dos órgãos públicos, definindo assim as Políticas Públicas para a região.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Almerindo Janela. **Os Lugares da Educação**. In: VON SIMON, Olga Rodrigues de Moraes; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro.(orgs.). Educação não-formal: cenários da criação. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ Centro de Memória, 2001. 313 p.
- ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia. **Informação e Conhecimento na Inovação e no Desenvolvimento local**. In. CI. inf, Brasília, V. 33, nº. 03, p.9-16, set/dez, 2004.
- ALMEIDA, Célia M. de Castro. (coord). **Professores da Universidade e da Escola Básica: Parceiros no Ensino e na Pesquisa**. Revista Quadrimestral Pro-posições, Faculdade de Educação - UNICAMP, Campinas, v. 1, n.4(31), p. 43-55, mar., 2000.
- AMARAL, Ivan Amoroso de. **Educação Ambiental e ensino de ciências: uma história de controvérsias**. Revista quadrimestral Pro-Posições, Faculdade de Educação – UNICAMP, Campinas, vol. 12, n. 1(34), p.73-93. março/ 2001.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara Koogan S. A, 2 ed, 1981, p. 50-68 e 275-279.
- ARROYO, Miguel. **Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola**. In: MOREIRA, Antonio Flávio (org). Currículo, Cultura e Sociedade. Campinas: Papirus, 1999.
- BAENINGER, Rosana. **Região Metropolitana de Campinas: expansão e consolidação urbana paulista**. In: HOGAN, Daniel Joseph; BAENINGER, Rosana; CUNHA, José Marcos Pinto da; CARMO, Roberto Luiz do (orgs.). Migração e ambiente nas Aglomerações Urbanas. Campinas: PRONEX/FINEP/CNPq/NEPO - Núcleo de Estudo de População/UNICAMP, 2001, (p. 341), 516p.
- BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/ SEF, 1998. 3 v.:il.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 174 p.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **geografia**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **história**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 108 p.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **ciências naturais**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 138 p.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **1ª a 4ª séries do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997. 126 p.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **ciências naturais**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997. 136 p.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **história, geografia**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997. 166 p.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **meio ambiente saúde**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997. 128 p.

CAMPINAS. Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural. **Plano Municipal de Desenvolvimento de Campinas**. Campinas, maio, 2000.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. **CIPO: Cadastro Intermunicipal de Produtos Orgânicos**. Campinas, set., 2002.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. **Diário Oficial do Município de Campinas**. Lei nº 10.850. Campinas, 08 de junho, 2001.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. Grupo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Segurança Alimentar. **Plano de Valorização da Zona Rural de Campinas**, 2004.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. **Plano Diretor**, 1995. 302 p.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. **Resolução do 1º Congresso da Cidade de Campinas**. Campinas, dez., 2003.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Pedagógico do CEMEI Alexandre Sartori Faria**, 2001, 2002, 2003 e 2004.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação. **Relatório Anual do Programa de Educação Ambiental**. Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Planejamento. **Divisão Territorial de Campinas**. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2004, CD-Rom.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente. **Plano de Gestão da Área de Proteção Ambiental de Sousas e Joaquim Egídio. APA Municipal**. Campinas, 1996.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Planejamento. **Mapa da Exclusão/ Inclusão Social da Cidade de Campinas**. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2003, CD-Rom.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Planejamento. **Mapa da Vulnerabilidade Social da Cidade de Campinas**. Campinas: Prefeitura Municipal, 2003, CD-Rom.

CARMO, Maristela Simões. **A produção familiar como *locus* ideal da agricultura sustentável**. In: FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno; BRANDENBURG, Alfio.(org). Para pensar outra agricultura. Curitiba, UFPR, 1998.

CASCINO, Fábio. **Educação Ambiental: princípios, história e formação de professores**. São Paulo, SP: Editora SENAC São Paulo, 1999. p. 15-50.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 221-230 e 91-103.

CUNHA, José Pinto da; OLIVEIRA, Antonio Augusto Bitencourt de. **População e Espaço intra-urbano em Campinas**. In: HOGAN, Daniel Joseph; BAENINGER, Rosana; CUNHA, José Marcos Pinto da; CARMO, Roberto Luiz do (orgs.). Migração e Ambiente nas Aglomerações Urbanas. Campinas: PRONEX/FINEP/CNPq/NEPO - Núcleo de Estudo de População/UNICAMP, 2001, (p. 353/354), 516p.

FELDMANN, Fábio. **Agenda 21, um instrumento para a sustentabilidade do Planeta**. Agenda 21: Conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento - São Paulo: Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 1999, 383p.

FERNANDES, Renata Sieiro. **O Trabalho por Projetos no Espaço Escolar: contribuições e desafios para o professor**. In: PARK, Margareth Brandini (orgs) . Educação Infantil - Arte, Memória e Meio-Ambiente. Jundiaí, SP: Árvore do Saber, 2005, p.101

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso – pesquisa etnográfica e educação.** Revista Brasileira de Educação – Anped (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação). Jan/ fev/ mar/ abril de 1999, n. 10 p. 58-78.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro RJ, Paz e Terra, 1987.

GARCIA, R. L. (orgs); MOREIRA, A. F.; SOARES, M.; FOLLARII, R. **Para quem pesquisamos; para quem escrevemos- o impasse dos intelectuais.** São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Zuleika Godoi. **Monografia Histórica e Estatística do Distrito de Sousas.** Campinas- SP, 1973, p.134.

GONÇALVES, José Roberto. **Memória e pertencimento: a Vila Castelo Branco no espaço urbano de Campinas.** RESGATE - Revista de cultura. Campinas: Área de publicações CMU/UNICAMP, n. 12, 2003.

GRONKE, Horst; LITING, Beate. **Problemas ambientais, ética e políticas ambientais: riscos ecológicos como desafio para a ética do discurso.** Impulso Revista de Ciências Sociais e Humanas, Piracicaba, SP, v.13, n.30, p.11-34, 2002.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias;** tradução mariaq Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suely Rolnik- 4. ed.- Campinas, SP: Papirus, 1993, 56p.

GUEDES PINTO, Ana Lúcia. **Alfabetização, meio ambiente e memória: algumas aproximações.** In: PARK, Margareth Brandini (org). Formação de Educadores: Memória, Patrimônio e Meio Ambiente. Campinas, Mercado de Letras, 2003, 208 p.

\_\_\_\_\_, Ana Lúcia; PARK, Margareth Brandini. **Ética e História Oral: subsídios para um trabalho com populações em situação de risco.** In: VON SIMON, Olga Rodrigues de Moraes; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro.(orgs.). Educação não-formal: cenários da criação Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ Centro de Memória, 2001. 313 p.

HOGAN, Daniel Joseph; BAENINGER, Rosana; CUNHA, José Marcos Pinto da; CARMO, Roberto Luiz do. (Org.). **Migração e Ambiente nas Aglomerações Urbanas.** Campinas: PRONEX/FINEP/CNPq/NEPO - Núcleo de Estudo de População/UNICAMP, 2001, 516 p.

HOGAN, Daniel Joseph; CUNHA, José Marcos Pinto da; CARMO, Roberto Luiz do; OLIVEIRA, Antonio Augusto Bitencourt de. **Urbanização e Vulnerabilidade Sócio-Ambietal: o caso de Campinas.** In: HOGAN, Daniel Joseph; BAENINGER, Rosana; CUNHA, José Marcos Pinto da; CARMO, Roberto Luiz do. (Org.). Migração e Ambiente nas

Aglomeracões Urbanas. Campinas: PRONEX/FINEP/CNPq/NEPO - Núcleo de Estudo de População/UNICAMP, 2001, (p.398), 516 p.

IÓRIO, Suely Aparecida. **Caracterização da escola e comunidade**. In: PARK, Margareth Brandini; IÓRIO, Suely Ap.; FERREIRA, Flávia de Barros; PENA, Monica Eduarda de Almeida.; BASSETO, Luciana. (orgs.). Educação Infantil – Arte, Memória e Meio Ambiente Jundiaí-SP: Árvore do Saber - Edições e Centro de Estudos Pedagógicos, 2005, 104 p.

LEÃO, Flávia de Barros Ferreira. **Envolvendo a Comunidade**. In: PARK, Margareth Brandini; IÓRIO, Suely Ap.; FERREIRA, Flávia de Barros.; PENA, Monica Eduarda de Almeida.; BASSETO, Luciana (orgs.). Educação Infantil – Arte, Memória e Meio Ambiente. Jundiaí-SP: Árvore do Saber - Edições e Centro de Estudos Pedagógicos, 2005, 104 p.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. (orgs.). **O pensamento curricular no Brasil**. In: Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, v.2, 2002. (série cultura, memória e currículo) 237 p.

MARTINS, José Pedro. **Água e Cidadania em Campinas e Região – O desafio do séc. 21**. Campinas, 2004. (Realização: Câmara Municipal de Campinas e sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento S/A –SANASA) 116 p.

MEDINA, Nana Mininni. **Breve Histórico da Educação Ambiental**. In: PADUA, Suzana Machado; TABANEZ Marlene F.(orgs) . Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil. 1997. 283 p.

MEGID NETO, Jorge. **Metodologia da Pesquisa e gêneros de trabalho científico**. Campinas: Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.

OLIVEIRA, Antonio Augusto. In: HOGAN, Daniel Joseph; BAENINGER, Rosana; CUNHA, José Marcos Pinto da.; CARMO, Roberto Luiz do. (Org.). **Migração e ambiente nas Aglomerações Urbanas**. Campinas: Núcleo de Estudo de População/UNICAMP, 2001, 516 p.

OLIVEIRA, José Arnaldo de. **Memória e participação social: suportes da sustentabilidade**. In: PARK, Margareth Brandini (org.). Formação de Educadores: memórias, patrimônio e meio ambiente. Campinas: Mercado de Letras, 2003, 208 p.

OLIVEIRA, Julieta Teresa Aier de. **Lógicas produtivas e impactos ambientais: Estudo Comparativo de sistemas de produção**. Campinas, FEAGRI, UNICAMP, 2000. Tese (doutorado) – Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, 284 p.

OLIVEIRA, Regina Maringoni de. **O Sentido da Escola em Diferentes Realidades Sócio-Econômicas e culturais.** 251 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1999.251p.

PARK, Margareth Brandini (org), **Formação de Educadores: Memória, Patrimônio e Meio Ambiente.** Campinas, Mercado de Letras, 2003, 208 p.

\_\_\_\_\_, Margareth Brandini, **Histórias e Leituras de Almanques no Brasil.** Campinas, Mercado de Letras/ ALB/ FAPESP, 1999. 216 p.

\_\_\_\_\_, Margareth Brandini, **Tempos Dissoantes: Formação, cotidiano e ambiente.** In: PARK, Margareth Brandini (org). Formação de Educadores: Memória, Patrimônio e Meio Ambiente. Campinas: Mercado de Letras, 2003, 208 p.

\_\_\_\_\_,Margareth Brandini. **Educando com Arte em uma área de Proteção Ambiental – APA.** In: PARK, Margareth Brandini; IÓRIO, Suely Ap.; FERREIRA, Flávia de Barros; PENA, Monica Eduarda de Almeida.; BASSETO, Luciana. Educação Infantil – Arte, Memória e Meio Ambiente. Jundiaí-SP: Árvore do Saber - Edições e Centro de Estudos Pedagógicos, 2005, 104 p.

\_\_\_\_\_,Margareth Brandini; IÓRIO, Suely Ap.; FERREIRA, Flávia de Barros,; PENA, Monica Eduarda de Almeida.; BASSETO, Luciana. **Educação Infantil – Arte, Memória e Meio Ambiente.** Jundiaí-SP: Árvore do Saber - Edições e Centro de Estudos Pedagógicos, 2005, 104 p.

PEREIRA, Rita Maria Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. **Infância, conhecimento e contemporaneidade.** In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (orgs). Infância e Produção Cultural. Campinas, SP. Papirus, 1998 (série prática pedagógica)

SEKIGUCHI, Celso; PIRES, Élson Luciano Silva. **Agenda para uma economia política da sustentabilidade: potencialidades e limites para o seu desenvolvimento no Brasil.** In: CAVALCANTE, Clóvis (org.). Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes. **Ambiente e Comunidade: Educação Ambiental na escola** IN: PARK, Margareth Brandini (org.). Formação de Educadores: Memórias, Patrimônio e Meio Ambiente. Campinas S/P, Mercado de Letras, 2003, 208 p.

THOMAZ, Sueli Barbosa. **Educação Ambiental: uma discussão entre política e cultura.** Revista Presença Pedagógica, v.04, n. 20, mar/abr, 1998.p.27-34.



THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro R/J, Paz e Terra, 1992.

TONUCCI, Francesco. **La ciudad de los niños: um modo nuevo de pensar la ciudad**, Buenos Aires, Editorial Losada, S. A, 1996, 309p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento – Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico, elementos metodológicos para elaboração e realização**. 5 ed. São Paulo: Libertad, 1999. –(Cadernos Pedagógicos do Libertad); v.1, 204 p.

ZAN, Dirce Djanira Pacheco. **Currículo por projetos: avanços e possibilidades**. In: PARK, Margareth Brandini (org), Formação de Educadores: memórias, patrimônio e meio ambiente. Campinas, Mercado de Letras, 2003, 208 p.



## DEMAIS BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

ALONSO, Ângela; COSTA, Valeriano. **Ciências Sociais e Meio Ambiente no Brasil: um balanço bibliográfico**. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB), São Paulo, SP, n. 53, 1º semestre/ 2002, p. 53-78.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **O debate atual sobre os paradigmas de pesquisa em Educação**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 96, p. 15-23, fev., 1996.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995. (série prática pedagógica).

BARCELOS, Valdo Hermes de Lima; ANGONESI, Maria A. Garcia. **Ecologia e complexidade: desafios para a educação no terceiro milênio**. Impulso Revista de Ciências Sociais e Humanas, Piracicaba, v.13, n.30, 2002 p. 59-72.

BASSETO, Luciana. **Fauna e Flora da Região de Joaquim Egídio**. In: PARK, Margareth Brandini; IÓRIO, Suely Ap; FERREIRA, Flávia de Barros; PENA, Mônica Eduarda de Almeida; BASSETO, Luciana (orgs). Educação Infantil – Arte, Memória e Meio Ambiente. Jundiaí SP: Árvore do Saber, Edições e Centro de Estudos Pedagógicos, 2005. 104p.

CALLEGARI, Newton. **Estudo sobre o potencial de demanda, o atendimento efetivo e o financiamento obrigatório do ensino público no município de Campinas (SP): subsídios para o planejamento educacional**. Relatório Técnico – Secretaria Municipal da Educação, Prefeitura Municipal de Campinas, 2003, 274p.

CAMPINAS. Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural. **Plano Municipal de Desenvolvimento Agropecuário Plurianual**. Campinas, 2003/2004.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **As transformações na cultura e o debate ecológico: desafios políticos para a Educação Ambiental**. In: PADUA, Suzana Machado; TABANEZ Marlene F. (orgs). Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil. Brasília, 1997. 283 p.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. (org.). **Construindo o saber: Técnicas de metodologia científica**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1989.

COUTINHO, Kátia S. S; FRIGERI, Lara Sofia. **Animais da Fazenda**. In: PARK, Margareth Brandini; IÓRIO, Suely Ap; FERREIRA, Flávia de Barros; PENA, Monica Eduarda de Almeida; BASSETO, Luciana. Educação Infantil – Arte, Memória e Meio Ambiente. Jundiaí-SP: Árvore do Saber - Edições e Centro de Estudos Pedagógicos, 2005, 104 p.

CRISÓSTIMO, Ana Lúcia. **Relação sujeito-conhecimento em uma experiência de Formação Continuada em Educação Ambiental: a busca pelo gesto musical autônomo..** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2002, 243 p

GARCIA, Valéria Aroeira. **Educação não formal: do histórico ao trabalho local.** In: PARK, Margareth Brandini (org). Formação de Educadores: Memória, Patrimônio e Meio Ambiente. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003, p. 123-145.

KAGEYAMA, Ângela A. (coord.) **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais.** In: DELGADO, Guilherme Costa; GASQUES, José Garcia; VILLA VERDE, Carlos Monteiro (orgs). Fases e faces da modernização agrícola brasileira Agricultura e Políticas Públicas. Brasília: IPEA, 1990, 564p.

KLOETZEL, Kurt. **O que é meio ambiente.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1986.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1986.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução.** São Paulo: EDUC, 2002, 108 p.

MARTINE, George. **Fases e faces da modernização agrícola brasileira.** Planejamento e Políticas Públicas, Brasília, n.3, p. 3-44, jun., 1990.

\_\_\_\_\_, George; GARCIA, Ronaldo Coutinho. **A modernização agrícola e a panela do povo.** In: MARTINE, George; GARCIA, Ronaldo Coutinho. (orgs.). Os impactos sociais da modernização agrícola .São Paulo: Caetés, 1987.

MEGID NETO, Jorge. **O que se pesquisa sobre o ensino de Ciências no nível fundamental: tendências de teses e dissertações defendidas entre 1972 e 1995.** Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 6, n.1, p. 73-86, mar.ago., 2001.

OLIVEIRA, Gabriela Priolli. **A Educação Ambiental e a Formação de Jovens.** In: PADUA, Suzana Machado; TABANEZ Marlene F.(orgs). Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil Brasília, 1997. 283 p.

ORMOND, José Geraldo Pacheco; PAULA, Sergio Roberto Lima de; FILHO, Paulo Faveret.; ROCHA, Luciana Thibau M. da.(orgs). **Agricultura Orgânica: quando o passado é futuro.** BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n.15, p. 3-34, mar, 2002.

PADUA, Suzana Machado; TABANEZ Marlene F.(orgs) **Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil**. Brasília, 1997. 283 p.

PARK, Margareth Brandini. (org) **Memória em movimento na formação de professores: prosas e histórias**. Campinas: Mercado de letras, 2000.

\_\_\_\_\_, Margareth Brandini. (org) **Memória, Formação de Patrimônio e Educadores do Meio Ambiente**. Campinas: Mercado de letras, 2003.

REVISTA BRASILEIRA DE AGROPECUÁRIA. Ano 1, n.10.

SANTOS, Milton. **A técnica em nossos dias: a instrução e a educação**. ABMES cadernos. Brasília. DF, v. 1, nº 1, out, 1998, p. 07-27.

SÃO PAULO (estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta curricular para o ensino de ciências e programas de saúde; 1º grau**. 3. ed. São Paulo, SE/ CENP, 1988. 58 p.

SIMSON, Olga Rodrigues. de Moraes Von; PARK, Margareth Brandini. FERNANDES, Renata Sieiro. (orgs) **Educação não-formal – Cenários da Criação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

TERESO, Mauro José Andrade. **O método científico: o risco da mitificação do método**. Ensaio – Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1999, 22p.

TOGNON, Marcos. **Patrimônio entre o presente e o passado**. In: PARK, Margareth Brandini (org). Formação de Educadores: memórias, patrimônio e meio ambiente. Campinas S/P: Mercado de Letras, 2003, p. 163-177.

WEID, Nahyda Von Der. **A Formação de Professores em Educação Ambiental à Luz da Agenda 21**. In: PADUA, Suzana Machado; TABANEZ Marlene F.(orgs). Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil Brasília, 1997. 283 p.

AMBIENTEBRASIL.<<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./gestao/index.html&conteudo=./gestao/areas.html#conceitos>>, disponível em 18/ 09/ 2005

CEASA <<http://www.ceasacampinas.com.br>>, disponível em 16/08/2004

EMBRAPA. **Contribuição ao Planejamento e Gestão da APA Municipal de Campinas, SP (APA de Sousas e Joaquim Egídio)** < <http://www.apacampinas.cnpm.embrapa.Br/>>, disponível em 24/05/2004.

EMBRAPA. Subsídios para elaboração e implementação da Agenda 21 do município de Campinas – SP – Diagnostico ambiental de Campinas – Vegetação. <<http://www.ima.sp.gov.br/agenda21/analise/vegetal/index.html>> , disponível em 25/05/2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. Inclusão Social, Campinas-SP <<http://www.brasil.gov.br/inclusaosocial/social.pdf>>, disponível em 24/04/2004.

## APÊNDICE - 1

ROTEIRO DE ENTREVISTAS - AGRICULTOR

DATA \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. DADOS DA FAZENDA			
1. FAZENDA NOME		2. DISTRITO	
3.ÁREA TOTAL DA PROPRIEDADE			
4. ÁREA CULTIVADA			
5. NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS			
6.CULTURAS			
7. QUAL O TIPO DA PROPRIEDADE? ( ) COOPERATIVA AGRÍCOLA ( ) LTDA ( ) S. A. ( ) PROPRIEDADE RURAL PRIVADA ( ) ARRENDADA ( ) OUTRA			
8. QUE TIPO DE EQUIPAMENTO MENCIONADOS ABAIXO O SR. UTILIZA NA SUA PROPRIEDADE? ( ) FAX ( ) COMPUTADOR ( ) INTERNET			
2. DADOS DO PROPRIETÁRIO			
1. PROPRIETÁRIO:			
2. FORMAÇÃO	( ) 1ª a 4ª SÉRIE ( ) 5ª a 8ª SÉRIE ( ) ENSINO MÉDIO ( ) TÉCNICO ( ) SUPERIOR ( ) PÓS-GRADUAÇÃO ( ) DOUTORADO		
	CURSOS REALIZADOS DE 2001 A 2003:		
	DATA	ASSUNTO	INSTITUIÇÃO
3. RESIDE NA PROPRIEDADE? ( ) SIM ( ) NÃO SE RESIDE, HÁ QUANTO TEMPO?			
4. HISTÓRICO DA PROPRIEDADE			

<b>2. INFORMAÇÕES GERAIS DA PRODUÇÃO</b>
1. O QUE PLANTA?
2. O QUE DETERMINOU A ESCOLHA DESTA CULTURA?
3. PORQUE ESCOLHEU A REGIÃO
4. OS PRODUTOS POSSUEM CERTIFICAÇÃO? QUAL?
5. COMO SE GARANTE A QUALIDADE DO PRODUTO?
6. É UM PRODUTO POLITICAMENTE CORRETO? POR QUÊ?
7. COMO VOCÊ MANTÉM A PROPRIEDADE?
8. POSSUI AJUDA PARA ADMINISTRAR A PROPRIEDADE?
9. TEM FAMILIARES NA PROPRIEDADE?
10. COMO VOCÊ FOI INFORMADA DA TÉCNICA PARA TRABALHAR SEU PRODUTO?
11. QUANDO TEM DIFICULDADE, QUEM DÁ SUPORTE TÉCNICO?
12. POR SUA PROPRIEDADE ESTAR SITUADA A APA DE CAMPINAS, QUAIS AS INTERFERÊNCIAS QUE OCORRE NA SUA PROPRIEDADE E NA PRODUÇÃO?
13. O QUE VOCÊ SABE SOBRE A APA?
14. QUAIS ORIENTAÇÕES, RESTRIÇÕES?
15. ONDE OBTIVE AS INFORMAÇÕES?
16. QUAIS VANTAGENS /DESVANTAGENS DE CULTIVAR E COMERCIALIZAR PRODUTOS ORGÂNICOS?
17. PARA QUEM VENDE?
18. O QUE PRECISA SER MELHORADO?
19. E COMO PODE SER FEITO?



## APÊNDICE - 2

### ROTEIRO DE ENTREVISTA - COMERCIANTES

- 1- Dados:
  - a) Estabelecimento: Proprietário:
- 2- Reside na região?( s) (n) – Há quanto tempo?\_\_\_\_\_
- 3- Porque escolheu esta região?\_\_\_\_\_
- 4- Conhece a região?\_\_\_\_\_
- 5- O que levou a ter este estabelecimento nessa região?\_\_\_\_\_
- 6- Seu comércio tem a ver com as características de Joaquim Egídio?  
\_\_\_\_\_
- 7- O estabelecimento gera recursos para quantas pessoas da família? É a única fonte de renda?\_\_\_\_\_
- 8- Quando resolveu instalar seu estabelecimento na região, recebeu alguma orientação especial? De quem?\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 9- Teve/ tem algum estímulo do Poder Público em sua área de atuação?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 10- Costuma receber escolas no seu estabelecimento?(s) (n)  
\_\_\_\_\_
- 11- O que levou a receber o CEMEI Alexandre Faria?\_\_\_\_\_
- 12- Conhece o projeto do CEMEI? Como?\_\_\_\_\_
- 13- Você acha importante a escola trabalhar projetos envolvendo a memória, cultura local e meio ambiente?\_\_\_\_\_
- 14-É importante ter um trabalho com Educação Ambiental com as crianças?\_\_\_\_\_
- 15-Como podemos desenvolver a sustentabilidade na região de APA?\_\_\_\_\_
- 16-Pensando no seu cotidiano local, consegue projetar quais serão as características desta região no futuro?\_\_\_\_\_
- 17-Quais as suas sugestões para a Educação Ambiental para essa região?\_\_\_\_\_

### APÊNDICE - 3

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA - FAMÍLIAS

1- Dados:

a) Fazenda/Sítio: \_\_\_\_\_

Entrevistado(a): \_\_\_\_\_

b) Função: \_\_\_\_\_

c) Criança: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo mora na região? \_\_\_\_\_

2- Conhece a Região? \_\_\_\_\_

3- Você conhece o projeto do CEMEI Alexandre S. Faria? \_\_\_\_\_

4- Você já foi a alguma atividade da/na escola? Quais?

( ) palestra

( ) exposição

( ) reunião de pais

( ) apresentação de trabalho das crianças

( ) atividade da escola na praça, relacionada ao meio ambiente

( ) não participei porque \_\_\_\_\_

5- Costuma participar das atividades do Cemei? (s) (n)

Como? \_\_\_\_\_

6-Você conhece o projeto que seu(a) filho(a) realiza na sala de aula?(s) (n)

7-Qual a contribuição desse projeto para a vida da criança e da família?

8- Você já recebeu a escola na sua propriedade? (s) (n)

a) como se sente ao recebê-la? \_\_\_\_\_

b) Há uma preparação para essa atividade com as crianças? \_\_\_\_\_

9-Acredita que o vínculo do CEMEI com a fazenda/ agricultor pode ser importante?  
Porque? \_\_\_\_\_

## APÊNDICE - 4

### 1ª Entrevista: Srª. Rejane Barros

**Rejane:** Meu nome é Rejane Barros, eu tenho uma propriedade na região de Sousas, uma chácara aonde produz ervas medicinais e aromáticas. É uma região muito bonita, é uma região de preservação, por isso que eu tenho essa chácara lá, eu escolhi principalmente porque existe uma mata tombada perto da minha chácara, onde eu pretendo preservar cada vez mais, isso foi uma das coisas que mais me interessou pela região, porque eu acho que a gente tem que batalhar muito ainda por essas regiões que estão preservadas. E o que acontece é que as pessoas vão tomando conta e tomando conta e aí a gente acaba perdendo mais uma região onde os animais e as árvores ainda têm alguma coisa de natureza né. E é uma região muito bonita, é uma região com uma temperatura excelente e eu sempre..., eu sou bióloga, eu sou botânica e sempre me interessei pelas ervas medicinais e aromáticas. Bom, então..., depois que eu montei a chácara com as ervas medicinais e aromáticas eu achei que deveria ter um ponto pra comercialização dessas ervas, aí eu escolhi o Cambuí por ser uma região aonde só tem muitos prédios, poucas casas com quintais e resolvi montar um espaço onde eu tenho muito verde, pra trazer um pouquinho o verde de Sousas. Esse estabelecimento vende as ervas que eu produzo lá em Sousas, em Sousas eu tenho dois funcionários, que eles tem família, então de certa forma é uma colaboração pra que essa família..., é um ganha pão dessa família também. Não tive nenhum ajuda, a não ser a da família, da minha própria família, um incentivo psicológico...(interrupção da gravação)

**I:** Você teve algum estímulo do poder público ou alguém te orientou a como fazer esse tipo de comércio?

**Rejane:** Não, eu fui fazendo né de acordo com a minha capacidade, tive..., eu fui fazer um curso no SEBRAE, que me ajudou um pouquinho, mas através do SEBRAE também me falaram que eu ia conseguir financiamento, eu não consegui, então eu tive..., sempre foram com os meus recursos, por isso também que ficou muito mais difícil.

**I:** Você costuma receber escolas no seu estabelecimento lá em Sousas ?

**Rejane:** Não, não, eu costumo às vezes receber aqui na loja.

**I:** Aqui na loja.

**Rejane:** Grupos pequenos até de quinze pessoas.

**I:** E os cursos que você ministra, você diz que tem um curso destinado pra escola. Daria pra você falar um pouquinho como que ele é ?

**Rejane:** É, o curso..., eu levo a proposta pras escolas né e dentro dessa proposta ela envolve, é um curso multidisciplinar aonde envolve as matérias, Matemática, Ciências, Educação Social, História inclusive e a gente monta um pequeno herbário dentro da escola, as crianças plantam as ervas, elas vão entender sobre as ervas, elas vão buscar conhecimento dentro dos familiares pra trazer essa informação pra escola, então há essa interação. A gente tem intenção com esse curso também de uma Educação Ambiental, aonde tá explicando pras crianças o valor das plantas, o valor medicinal, aromático e o valor também no meio ambiente, tem que cuidar dessas plantas, cuidar da terra e cuidar das plantas né pra que essa semente fique, porque eu acho que uma criança que conhece as plantas vai ser um adulto que respeitar o verde, então é por isso que a gente fala, “Aprendendo com o Verde” e tem aí toda essa interação entre as matérias.

**I:** Esse projeto que tá envolvendo a família, você diz os pais, os avós, o que que eles contribuem nessa Educação Ambiental ?

**Rejane:** Eles contribuem na medida que eles começam também a perceber que o conhecimento que eles tem sobre aquelas ervas não está sendo só de tomar aquelas ervas pra alguma medicação e sim pra preservar essas ervas como um conteúdo cultural e preservando vão estar preservando ao Meio, então elas vão também entender como é importante preservar aquelas espécies pro Meio Ambiente e aí elas vão tá ligando as duas coisas né, o conhecimento delas e o conhecimento científico.

**I:** Como é que você vê o trabalho com Educação Ambiental pras crianças ?

**Rejane:** Eu vejo de suma importância, porque eu acho que quando as crianças começam a entender sobre as plantas, elas começam a entender o valor que essas plantas tem pra elas e pro meio ambiente, elas vão começar a cuidar dessas plantas e elas cuidando dessas plantas elas vão ser adultos que vão respeitar o ambiente, vão respeitar o Meio Ambiente. Então é por isso que eu acho que essa educação é fundamental pra que a gente continue tendo um Meio Ambiente saudável.

**I:** A APA, onde compreende essa propriedade, ela tem tido bastante incentivos imobiliários lá dentro né, como que..., é um dos problemas que a gente vê pra manutenção dela. Como que você acha que a sustentabilidade dentro da APA poderia tá dando certo ?

**Rejane:** Educação Ambiental, eu bato nessa tecla porque eu acho que as pessoas educadas no sentido de tá sabendo o que é, quanto é importante a gente manter uma área preservada, eu acho que elas vão ser soldadinhos pra brigar quando houver essa especulação imobiliária, quanto a devastação dessas áreas, porque eu acho que elas sabendo, elas sendo educadas pra isso, aí já começa com as crianças. Tendo muito projeto que envolve a comunidade também, eu acho que a comunidade ela tem que tá muito envolvida pra poder brigar, pra poder tá defendendo essas idéias, eu acho que é um grande passo pra gente conseguir passar isso, envolver a comunidade, a comunidade local, cada um defendendo o seu pedacinho, eu acho eu é muito importante.

**I:** Como é que a gente faz isso Rejane você tem idéia ?

**Rejane:** Eu tenho algumas, umas são cursos, mini-cursos dentro das escolas, envolvendo, outra vez eu falo, envolvendo os pais com as crianças; eu acho que fazendo palestras né. Enfim eu acho que tendo algumas amostras, trabalhando com o público e com as crianças da região. Eu falo da região porque você só defende o que você conhece, então é por isso que eu...(interrupção da gravação)

**I:** Olha, pensando no seu cotidiano, você consegue projetar algumas características dessa região pro futuro ?

**Rejane:** Bom, o que eu gostaria né é que essa região continuasse preservada como ela está, que os condomínios que fossem rural continuassem sendo rural, porque está sendo um problema série que as pessoas vão dividindo os terrenos. Eu gostaria que tivesse, bem severas leis pra essa região, porque eu acho que é uma região muito importante, ela tem que continuar preservada, é um das poucas regiões perto de São Paulo que ainda tem a qualidade de vida que a gente e aquela mata, enfim aquelas fazendas né, eu acho que é uma região eu deveria ser muito preservada, eu gostaria que continuasse assim né e que as pessoas ficassem de olho mesmo na região.

**I:** Rejane, a APA ela é dividida em algumas áreas, a área urbana destinada pra casas, pra comércio a área com restrição hídrica, turística, agrícola, com orientação pra agricultura, você tem idéia de qual que é a sua região ?

**Rejane:** Eu acho que é a minha é agrícola, assim não é bem agrícola, ela pode ter..., a gente pode fazer algumas coisas como eu faço, seria bem monitorada né tá, nada que leve agro-químicos nenhum, é tudo agrícola, mas na linha orgânica, na linha onde não leva defensivos.

**I:** O que te leva a crer que é agrícola lá na sua região ?

**Rejane:** Porque a gente tem a possibilidades de tá fazendo isso, outras pessoas já tem algumas coisas ali, mas não sei, acho que precisava olhar bem direitinho a região.

**I:** O seu comércio de ervas você só comercializa lá pro Cambuí, pra loja, ou tem mais outro comércio ?

**Rejane:** Não, só pra lá.

**I:** Só pra loja.

**I:** Só pra loja. (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA COM REJANE

## APÊNDICE - 5

### 2ª Entrevista: Sr. Antonio Príncipe

**I:** É sr. Príncipe...

**Príncipe:** Certo, seu Príncipe.

**I:** Porque que você escolheu essa região pra tá morando aqui e plantando ?

**Príncipe:** Pelo seguinte, porque aqui é uma região boa e uma região de terras que for bem cultivadas e bem (?), então aqui dá muita coisa, porque é fria, inclusive tem muita planta de Copo de Leite também né e plantas de verduras orgânicas, então eu achei que vai bem aqui nessa região.

**I:** O que você planta aí tem a ver aqui com a região ?

**Príncipe:** O que eu planta aqui tem que haver..., pessoas daqui..., você fala pessoas daqui ?

**I:** É, o acervo que você cultiva são as plantas dessa característica da região daqui ?

**Príncipe:** É, dessa região aqui mesmo. Porque na Europa o meu pai sempre falava que lá tinha muito Copo de Leite e lá é muito frio na Europa, então aqui tempo do frio a gente colhe mais Copo de Leite porque é frio, agra outras plantas já é mais sofrida um pouquinho.

**I:** Qual por exemplo ?

**Príncipe:** Por exemplo alface, a plantação de verdura, essas coisas, alface que é mais frágil e mais fraco então pode queimar, abóbora, essas coisas aí então pode queimar, entendeu ? Pepino, até repolho queima. Agora o que não queima é laranjeira, é rabo de caveira (não tenho certeza se ele falou caveira, não entendi direito), que é uma planta mais forte, já é uma planta mais pra frio.

**I:** Que ajuda o senhor aí quando senhor tem dúvida de como melhorar a técnica que.. ?

**Príncipe:** Quando tem dúvida assim de uma pessoa ajudar eu, eu pego uma pessoa particular que é o Severino pra ajudar eu, é o Severino que ele trabalha de sábado pra mim, aí eu pago pra ele as horas particulares, até que eu pago bem pra ele, eu pago quarenta reais por dia, se ele trabalhar o ia inteiro eu pago quarenta reais, e ele trabalhar meio dia eu pago vinte...

**I:** Mas quando o senhor te, problema assim com pulgão..., pera um pouquinho, só deixa eu... (interrupção da gravação)

**Príncipe:** Antigamente eu fazia pra plantio direto, mas como eu vi com um amigo meu aí, que ele é muito meu amigo, é até meu primo, é casado com a minha prima, ela falo pra mim, ô Príncipe o negócio é o seguinte, vamos fazer uma estufa lá na sua casa que eu acho que vai bem. Então eu achei que deu resultado e estufa foi bem, a planta foi bem, ela se deu bem com a estufa, só que não pode por muita água, você já tem a quantidade de água pra por, não pode por muita, também não pode deixar de por também. E tem mais plantação que é fora da estufa né, que justamente a estufa é feita nesse período mais que é pra frio, pra frio, pra rebater a..., pra não cair a geada em cima da planta, porque se cair a geada em cima da planta, que nem eu falei pra senhora, ela vai queimar.

**I:** Tá. E a formação desse seu primo, ele é formado em agricultura, em alguma coisa assim?

**Príncipe:** Não, ele é simples, ele não é formado assim, ele é aposentado e tal, que ele é casado com a minha prima e ele gosta de fazer esse tipo de planta, alface, chicória, almeirão, inclusive ele faz pimenta, faz muitas plantas aí e ele não vende, ele dá pros amigos dele, é, ele dá pros amigos dele.

**I:** E o senhor tem alguma ajuda, teve alguma ajuda de alguém pra montar a sua horta aí e o seu comércio ?

**Príncipe:** Não, aí com a graça de Deus a gente vai fazendo devagarzinho, como pode, porque a gente não pode gastar muito, a gente tem que saber que conforme a gente vende as coisas então a gente vai comprando tela, vai comprando sombrete, vai comprando os anteparos pra depois a gente amontar (sic), porque se a gente gastar, tirar do bolso, a gente não sabe quando vai tr retorno.

**I:** E como que o senhor faz esse cálculo ?

**Príncipe:** Ah, eu faço esse cálculo depois às vezes eu arrecebo ou vendo um tanto assim eu guardo o dinheiro e depois já compro o material e amonto.

**I:** O senhor mora com a sua esposa ?

**Príncipe:** Eu moro com a minha esposa.

**I:** Só ela ?

**Príncipe:** É ela, o meu filho Auro, o Príncipe e o meu sobrinho Pedro, que é sobrinho da minha mulher.

**I:** Mas eles não ajudam você lá na horta, nada ?

**Príncipe:** Nada, na horta não, na horta só eu que mexo.

**I:** Seu Príncipe o senhor foi já pra escola lá da creche de Joaquim Egídio ?

**Príncipe:** Já, já foi pra creche de Joaquim Egídio, já expliquei como é que é que semeia, como que faz um canteiro e o canteiro é feito com umas madeiras em volta né, cercado com (?) pra não perder o húmus, pra não dar escorrimento e pra também a raiz da planta também ficar exposta ao sol.

**I:** E o senhor já trouxe as crianças pra cá também ?

**Príncipe:** Trouxe, já trouxe as crianças pra cá também, (?) junto comigo.

**I:** E como que elas se sentiram aqui ?

**Príncipe:** Se sentiram ótimo e eu senti ótimo com eles e o meu desejo é que eles venham sempre aqui, porque eu quero que eles aprendam, porque eu não tive essa oportunidade quando eu fui pequeno, que inclusive eu falei pra senhora que eu trabalhei nas fazendas aí, eu trabalhei quatro anos, cinco anos e eu perdi esse fundo rural, perdi não, eu to em revisão né.

**I:** Como assim, fala um pouquinho ?

**Príncipe:** Eu vou passar em revisão, por causa de que eu expliquei pra senhor, eu vou trabalhar pro Sampaio, pro deputado Sampaio e eu vou pedir pra ele, vou acessar o advogado dele, ele vai fazer pra mim porque eu não tenho possibilidade de..., apesar eu tenho possibilidade de pagar, mas o dinheiro não é só meu então eu não quero mexer, entendeu ? Então tudo o que eu tava falando pra senhora é que tudo que eu to fazendo da minha área de estufa, aquelas coisas que eu falei pra senhora também do orquidário, de fazer a orquídea e tal, então eu quero depender só do meu lucro da minha, da minha..., do meu custo.

**I:** Certo.

**Príncipe:** Porque o dinheiro nós temos o dinheiro, dinheiro nós temos eu e a minha mulher juntos, mas só que eu não quero mexer no dinheiro lá porque depois ela pode falar assim, não você tá mexendo no meu dinheiro, é meu também, então eu não quero mexer no dinheiro dela, é dela e meu, entendeu ?

**I:** Quando o senhor recebeu aqui a creche o senhor já conhecia o trabalho eu eles vinham fazendo lá na escola ?

**Príncipe:** Olha, eu conhecia mais ou menos o trabalho que eles faziam lá na escola, mas eu achei que faltava um pouquinho mis de orientação, então eu peguei e eu dei um pouquinho mais de orientação pra eles porque eu acho que eles merecem, porque são crianças, são jovens e mais pro futuro eles vão ter um futuro melhor né.

**I:** E o que que é esse futuro melhor ?

**Príncipe:** Futuro melhor é porque eu não tive essa oportunidade, que eu nem eu falei que eu trabalhava e eu trabalhava mais na roça, não mexia com essas coisas de orgânico e tal e agra eu to mexendo com esse negocio de orgânico e eu to achando que eu to feliz com o que eu to fazendo.

**I:** E você acha que as crianças vão tá levando isso... ?

**Príncipe:** Eu acho que as crianças vão tá levando isso daí pra frente porque eles não conheciam ainda bem o caminho da planta, porque na verdade a planta a gente tem que ter amor por ela, tem que ter carinho por ela, então se a gente tem carinho por uma planta a planta vai pra frente, se a gente não tiver carinho pela planta não adianta plantar, é plantar e morrer. O carinho que eu falo é assim é semear, cobrir bem, fazer o canteiro bem feitinho, aguar na hora certa, não por muita água, não por pouca água, ver o tamanho da plantinha, ver se elas tão crescendo, se não tem algum inseto que tá pegando, aí a gente passa alguma coisa em cima, ou água fria, que nem eu falei lá pra senhora, ou sumo, água de sumo e tal, pra espantar, não é pra matar, porque na verdade é orgânico, então a senhora pode chegar lá numa parte que a senhora vai achar (?). Então é o jeito meu, então das vezes que eu to sozinho lá em casa eu fico bem melhor sentado lá na cadeira do que ficar..., então eu conversando assim eu fico tímido.

**I:** Mas o senhor conhece tanto a gente.

**Príncipe:** Então eu conheço tanta gente então...

**I:** E a gente também.

**Príncipe:** E a gente então, lógico, não devia ficar né e eu fico.

**I:** Não é emoção seu Príncipe ?

**Príncipe:** Não sei, pode ser que seja.

**I:** É gente da roça mesmo né.

**Príncipe:** É.

**I:** Mas esquece, relaxa homem! Esse trabalho que a escola faz de chamar as pessoas aqui da região pra fazer o trabalho junto com eles você acha que é importante ?

**Príncipe:** Ah eu acho que é importante porque..., a senhora fala das pessoas, das crianças daqui da região ?

**I:** Que nem o Alexandre Sartori que é uma creche que o senhor foi.

**Príncipe:** Certo.

**I:** Deles chamarem você pra ir pra dentro da escola fazer o trabalho junto com eles e vir aqui na sua casa pra eles aprenderem. Você acha que essa...

**Príncipe:** Eu acho que é importante deles fazerem junto comigo porque eu já tenho um pouco mais de experiência né, então eu quero passar essa experiência pra eles. Porque tem pessoas que sabem seu segredo de fazer, como o enxerto e tal, então eles não ensinam um pro outro, eles escondem. Então eu já sou aberto, eu quero ser livre, eu quero dispor de mostrar, de ensinar, de fazer força que eles aprendam a fazer as coisas que nem eu aprendi.

**I:** Por que que o senhor quer isso ?

**Príncipe:** Eu quero isso porque eu gosto disso aí e outra coisa, pra mim é uma distração eu tá lá junto das plantas, porque as plantas na verdade elas não falam, mas elas entendem, então eu quero tá sempre junto com elas, porque eu junto com elas eu me sinto bem.

**I:** E as crianças vão estar bem também ?

**Príncipe:** E com certeza as crianças vão pesar bem também igual eu.

**I:** O senhor conhece aqui a região da Joaquim Egídio bem?

**Príncipe:** Mais ou menos eu conheço.

**I:** Conhece as fazendas...

**Príncipe:** Conheço mais ou menos aquelas fazendas aqui em Joaquim Egídio eu conheço, por exemplo, a senhora queria que eu dissesse o nome da fazenda que eu trabalhei, que eu...?

**I:** Não, o senhor conhece porque o senhor trabalhou e morou pra cá.

**Príncipe:** Eu conheço todas as fazendas daqui, eu conheço o Damázio... A senhora queria que eu falasse o nome da fazenda ?

**I:** Não, eu só queria saber se o senhor conhece bem a região.

**Príncipe:** É, eu conheço bem a região...

**I:** Conhece as pessoas daqui...

**Príncipe:** Conheço bem as pessoas daqui.

**I:** E o senhor conhece a APA ?

**Príncipe:** A APA, a APA eu não conheço a APA, a APA que é a senhora quer dizer é o...

**I:** É a Área de Proteção Ambiental.

**Príncipe:** É, a senhora fala, mas a APA não é aqui né.

**I:** É.

**Príncipe:** É aqui APA ?

**I:** É Joaquim Egídio, Sousas e (?)

**Príncipe:** Eu sei que aqui é uma região, Joaquim Egídio, Sousas e Campinas, não Poe como tá mexendo em árvores, mexendo em ponte, jogando lixo em rio, se fazendo coisa que se dna a natureza. Então é uma área de preservativo, o pessoal..., como se diz ? De visita, é uma área de visita. Então é uma área que não podem ser destruída, mas o povo eles não atendem, eles não entendem, porque muitos que vem morar hoje aqui, por exemplo, se comprar um fazenda já quer meter a máquina, quer destruir e aonde leva tudo pra nossa..., como diz ? O nosso ar puro ele vai embora. Então deixa de ser aqui o que..., aqui era um rio, que antigamente passava o Rio das Cabras, que era um rio que eu tomava água nele, então existia muitos peixes. E hoje não, hoje a senhora não pode nem..., nem peixe não se cria. Por que ? Porque tá tudo poluído.

**I:** E esse rio era grande ou era pequeno ?

**Príncipe:** Esse rio era bem maior, mas como acerca do povoado maior, de pessoas grossas, compraram aqui em cima, de pessoas de poder, compraram aqui em cima na cabeceira desse Rio das Cabras, então foi..., aí era uma fazenda só, uma fazenda só, tudo fazenda grande, mas aconteceu o seguinte, o pessoal começaram a dividir as fazendas e fazerem lote e fazer represa. Então o que que aconteceu ? Hoje, como eu tava falando do rio, a senhora perguntou da água, a água era muito mais, a água no tempo da seca não se faltava água, hoje tá faltando água.

**I:** E como eu a gente pode não deixar ficar ruim a região ?

**Príncipe:** É, como a gente não pode deixar ruim a região eu falo pra senhora, a gente teria que ir por aí, a gente deveria pegar um político, um cara que resolva o nosso problema, que vê a afinidade de não deixar o povo fazer esses tipo de desmatação, de..., como se diz, jogar lixo no rio, poluir o rio. Então o povo terá que ser, os donos, os proprietário, devia que ter mais um pouco de consciência, não fazer tanque, não danificar o pessoal aqui pra baixo, que tão danificando o pessoal aqui pra baixo no tempo das enchentes,

isso aqui não existia, não existia enchente aqui, aqui era normal, quando chovia era normal. Hoje não, hoje quando chove isso aqui inunda tudo, Sosas fica duzentas pessoas desabrigadas.

**I:** E senhor acha que a Educação Ambiental pras crianças pode ajudar a preservar aqui a região ?

**Príncipe:** Eu acho que pode porque aí eles vão ver que do jeito que eu to falando, talvez a senhora vai passar pra eles e eles vão entender que era do jeito que eu to falando, então eles vão voltar a reconstruir o que era, com certeza.

**I:** O senhor quando atende as crianças o senhor conta como era a região ?

**Príncipe:** Não, eu não conto como era porque eles não me perguntam, mas como a senhora tá me perguntando eu vou responder pra senhora, isso tudo que eu falei, posso retornar de novo, falar. Que então quando eu morava ali que era pequeno, que eu morava nessa rua, rua Manoel da Silva Coelho, numero 74, então eu anotava, eu anotava os rio, os rios quando chovia era tudo normal, então não existia essa inundação que hoje tem essa inundação. Então eu posso contar pra senhora que era todo normal, dava essa enchente, não vou dizer pra senhora que não dava enchente, a sm enchente igual tá dando, deu essa época assim de 2000, noventa e oito, por aí, 2001, eu nunca vi.

**I:** Seu Príncipe o senhor conhece..., bom, o senhor falou que já conhece a região, a região aqui de Joaquim Egídio e de Sosas ela... (interrupção da gravação) Como eu tava falando essa região ela é dividida em algumas áreas, uma área que é destinada pra plantar, que é tida como área de agricultura; uma área que é tida como urbana, que é pra morar; outra área que é com restrição hídrica, que não pode mexer no rio.

**Príncipe:** Certo.

**I:** O senhor tem noção qual que é a sua área aqui ?

**Príncipe:** Olha a minha área aqui é o seguinte, eu preservo ela porque eu sei que eu fui sempre assim do jeito que eu sou, então eu não admito que a pessoa chega a cortar a árvore ou fazer (?), porque é tipo de desmatamento. Então por isso eu quero que o pessoal entenda que não é que talvez a gente tenha uma discussão ou algum problema a gente esteja brigando, agente esteja observando pro nosso bem mesmo, porque então..., como se diz, nessa região não é pra mexer não é pra mexer.

**I:** E por que que não pode mexer ?

**Príncipe:** Não pode mexer talvez por ela ser tombada, ou sei lá sei é patrimônio histórico, se não é pra mexer, não é pra mexer, então não vamos mexer.

**I:** Seu Príncipe conhecendo aqui a região, o senhor já há quarenta e cinco anos que mora aqui, mais disso, o senhor acha que essa região vai ficara sis como tá, ou ela pode piorar, ou ela pode melhorar, como que o senhor acha ?

**Príncipe:** Não, se nós pegar um governo bom, tudo depende da nossa política, se nós pegar um governo bom, que eu tenho impressão aí que nós vamos pegar um governo e vai dar em cima, eu acho que vai ser muita coisa resolvido, então eu acho que vai ter melhora.

**I:** O que que será essa melhora ?

**Príncipe:** Essa melhora eu digo assim pra senhora, como eu vejo pessoa desmatando e tal, então é bom ela deixar de fazer isso daí porque isso aqui tá se acabando...(interrupção da gravação) Na política que eu tenho impressão agora que a política vai melhorar, porque a política muitas vezes a gente precisa de certas coisas e eles não atendem a gente legal, eles não fazem corretamente, entendeu ? A senhora vê como tá acontecendo lá na política de Brasília, o cara ele fez o mensalão lá, pagou não sei quanto lá pro deputado, não sei o que lá e tal e a gente aqui dependendo de aposentadoria, dependendo..., não só eu como muitos e não paga e o cara pegando lá cem milhão, andando com cem milhão dentro da cueca, viajando e ele foi preso e tal, mas isso daí também não dá nada porque tem dinheiro, agora se prende um pobre aqui ele vai direto pra cadeia.

**I:** E você acha que com um político vai melhorar aqui a região então ?

**Príncipe:** Eu acho que...

**I:** Que ele vai investir aqui.

**Príncipe:** Eu acho que um político melhor aqui vai melhorar a região. Inclusive nós, quando foi no tempo da eleição, entre nós, mas nós lutamos pros..., lógico lutamos pro..., que eu tenho a horta aí, então a gente lutou um pouco pro Sampaio e um pouco pro Dr. Hélio, mas eu to vendo também que o Dr. Hélio tá muito sossegado, ele não tá fazendo muita coisa, então nós temos que pegar um outro político melhor, melhor. Então seria..., eu diria assim, eu gostaria que o Sampaio ganhasse, mas infelizmente ele não ganhou, vou fazer o que ? Então...

**I:** O que que o Sampaio tem de diferente do Dr. Hélio ?



**Príncipe:** Eu acho que o Sampaio ele fala mais, ele tem mais força, ele é mais chegado com a Militar né, com a polícia, ele é mais chegado com o povo, ele é mais conhecido. Eu acho que o Dr. Hélio ele é bom, boa pessoa, mas ele tanto que nem o Sampaio eu acho que não, tanto que eu vou trabalhar pra ele né, vou trabalhar pra ele como deputado federal e ele vai ser deputado federal né e eu pretendo trabalhar pra ele. Inclusive que ele vai me ajudar também, eu pedi pra ele me ajudar por favor que eu não tenho dinheiro pra pagar advogado, que eu já paguei um advogado já e que já to cansado de gastar dinheiro e que eu não tenho. Não é que eu não tenho dinheiro, dinheiro eu tenho, mas não é só meu, então eu não quero mexer no meu dinheiro, que é o dinheiro dela também, da minha mulher, a senhora entendeu ? Então por isso que eu acho que, como eu tava falando, o Sampaio ele é bem..., a gente pede as coisas pra ele a gente é bem atendido.

**I:** E ele vai atender aqui a região ?

**Príncipe:** Ele vai atender aqui a região.

**I:** A área de preservação.

**Príncipe:** Se ele tivesse ganhado aqui eu garanto pra senhor que isso aqui tava muito diferente.

**I:** Seu Príncipe dá alguma sugestão de como que a gente pode fazer uma Educação Ambiental aqui na região pra melhorar ? Educação Ambiental.

**Príncipe:** A senhora fala Ambiental a senhora fala assim..., meio ambiente né, meio ambiente assim sobre conversas, sobre apoio e tal ? Então o que eu posso falar pra senhora é que o povo teria que ser mais compreensível né, o povo daqui né, do meio ambiente, do pessoal aqui que convive com nós, que tem pessoas às vezes que não entendem o que a gente fala, que nem eu tava falando, então o pessoal tem que entender mais. Apesar que não sei assim falar muito em política, mas eu to mais ou menos entendendo porque eu venho o dia a dia..., como se diz, aprendendo alguma coisa.

**I:** Com quem que o senhor aprende ?

**Príncipe:** Ah eu aprendo às vezes com um amigo meu que fala, com o pessoal que vem de São Paulo, vem aí na horta, vem falar, vem comprar alguma coisa e tal, falar comigo, (?), entendeu ?

**I:** O que tá ajudando você no orquidário também ?

**Príncipe:** Então no orquidário eu..., tem pessoas às vezes eu vem e fala pra mim, ó o negócio é o seguinte Príncipe, se você tiver com problema aí de bicho e tal... Porque na área aí ambiental aí, no orgânico que fala, não pode ter bicho, então justamente o que eu acabei de falar que a planta quando ela tá pequena então tem que tomar muito cuidado com ela, então tem que fazer umas cargação de sumo, umas cargação de água fria, não passar veneno, que pro futuro ele vai prejudicar a terra, ele vai prejudicar nós também, que nós também não pode comer, vamos supor, verduras com veneno né, a gente tem que comer a verdura pura, sem veneno. A senhora vê muito tá doente aí, tá com problema aí, que eles acham que..., ah muitas vezes vem muita moça assim, mulher, comprar verdura minha e fala assim, ah, mas a verdura do senhor tá pequenininha e tal, tinha que ser um pé grande. Eu explico, não, essa verdura é pequena porque é orgânica. Por que que é orgânica ? É orgânica porque ela não tem veneno, ela não tem adubo, ela não tem hormônio, ela não tem tipo de veneno nenhum pra esforçar ela a crescer, então é tudo natural.

**I:** Até a água né.

**Príncipe:** Até a água é natural. Inclusive eu abri um poço artesiano aí e esse poço artesiano, eu falo semi-artesiano, ele dá mais ou menos uns oito metros de fundura, ergueu uma laje de pedra e essa água é muito boa, essa água, então é uma água que eu só uso ela pra aguar a horta pra não pegar água do rio, porque eu sei que a água do rio é poluída. Então eu só água com ela, eu rego com ela, às vezes as pessoas me perguntam pra mim, Príncipe você tá aguando com eu água Eu falo assim vamos lá em cima que eu mostro pro senhor o meu poço artesiano e outra coisa, eu sempre trato dele também, ponho algum cloro nele, ponho algum produto nele, pra não criar o fungo, não criar micróbio, não cria coisa pra não também fazer mal pra ninguém, nem pra mim e nem pra ninguém.

**I:** E quem que ensinou o senhor a fazer isso ?

**Príncipe:** Olha isso daí às vezes eu vou e alguma pecuária e eu pergunto, na Santa Terezinha, Pecuária Santa Terezinha que é uma pecuária muito boa e lá eu tenho orientação e eu pergunto pra eles, ó, os negócio é o seguinte, a minha água tá um pouquinho amarela quando chove, o que que vocês acham que eu devo por ? Então eles me dão um produto lá que é uma pílula, que é com certeza cloro, então eu coloco aquela pílula de acordo como eles mandam e eu pego e eu percebo que a água ela se muda de posição, ela clareia mais.

**I:** Certo. Seu Príncipe como que a gente educa essas pessoas que moram aqui na região pra elas... ?

**Príncipe:** Então eu uso assim, se eu vejo uma pessoa, essas crianças, por exemplo, que elas tão aí paradas, não vão na escola e tal, eu acho que lugar de criança..., eu tive um patrão que eu trabalhei numa fazenda que ele falava que lugar de criança é na escola, é na creche e na escola. Lugar de gente adulto é trabalhar registrado e trazer comida pra casa e tratar dos filhos. Certo ? É o que ele falava. Se ele pegasse uma família que tivesse quatro crianças, ou cinco crianças e não fosse na escola, ele dava de tudo, ele dava caderno, lápis, ele dava de tudo, só tinha uma coisa com ele, se não fosse na escola seria dispensado da fazenda.

**I:** Que, m era ele ?

**Príncipe:** Olavo Sacchi (não sei se o sobrenome é esse), Fazenda Três Pedras, ele é falecido já viu.

**I:** Mas a família dele deve tá por aqui.

**Príncipe:** Deve tá por aí, Fernando Sacchi tá aqui em cima na cabeceira do rio aqui nas Cabras. Se quiser marcar, Fazenda das Cabras, cabeceira do rio, ele tem um lote aí na Fazenda das Cabras, se quiser fazer uma entrevista com ele.

**I:** Eu vou pra lá sim.

**Príncipe:** O pai dele, o que o pai dele me falava era isso daí, se a pessoa tiver quatro, cinco filhos, então teria que ir na escola, porque lugar de criança é na escola, lugar de adulto é trabalhar registrado e trazer comida pra casa pra tratar das crianças e da família. Senão seria dispensado se não fosse na escola.

**I:** Mas assim a gente sabe que é aqui na..., aqui ?

**Príncipe:** É, essa região aqui é uma região que das vezes tem muita mãe que não tem marido, então o que acontece ? Não dá tempo, elas tem muita criança, não dá tempo dela educar tudo, então um sai pra cá, o outro sai pra lá, o outro sai pra rua, o outro sai não sei pra onde, é aonde que fica meio descontrolado. Na verdade tá sendo..., como não é só aqui, mas também em vários lugares tem também crianças maldosas, mal criadas também né, mas se fosse tudo que nem, todos os patrão, igual ao senhor Olavo Sacchi seria ótimo pro país viu, porque ele foi um homem que ele dava sempre educação e orientação pros pais, a mãe, se não fizesse corretamente o que ele mandava ia ser dispensado da fazenda. (interrupção da gravação)

Foi na época de oitenta e dois nós gravamos uma novela, foi gravada uma novela, Tronco do Ipê, então ele era muito chegada comigo, que ele tinha muito ciúmes, parece que ele tinha ciúmes de mim, sabe, mas ele nada de..., ele era normal, cem por cento, ele não gostava que usasse coisas dele pra certas..., pra filmagem. Então ele falou, Príncipe o negócio é o seguinte, como você faz muito tempo que trabalha aqui, você vai acompanhar essa filmagem aí, você vai fazer o seu trabalho, se eles pedirem alguma coisa pra você sem autorização minha você não cede. E aí foi que..., e ele falou pra mim, você não ajuda eles a fazer alguma cena, alguma coisa, que eu não quero, ele falou, que eu não quero que saia na televisão. Aí eu falei pra ele tá bom, aí eu fiz escondido dele, eu fiz uma cena escondido dele, que eu fui carroeiro do carro de boi, fui carroeiro da carruagem, até eu trabalhei com o Fúlvio Estefanini, que é muito bom artista, que é de São Paulo, ele trabalhava comigo, ele perguntava sobre (?) quando ele tava andando comigo na carruagem filmando, ele era cem por cento, ele me dava uma boa calma, que a gente tinha muita vergonha das roupas que eu vestia, que a gente vestia e tal, eu ia lá pra casa de maquiagem, ficava super..., não sei como não desmaiava, ms fui. Então quando o senhor Olavo viu na televisão, que ele assistiu a novela, ele viu eu dirigindo a..., porque na verdade eu era que nem o contra-regra, o contra-regra prepara, então ela prepara o terreno, ela prepara o terreno pra eles filmar, então, por exemplo, foi lá e pintava uma parede. Então o que eu fazia ? Eu arriava os cavalos, eu tirava os carros, de boi, eu ia arrumar os carros de boi, eu ia..., por exemplo, eu ajeitava a carruagem, eu... Aí enfim eu trabalhei, mas trabalhei escondido dele, mas eu sabia que no fim ele ia saber que eu tava na filmagem. Daí foi que ele viu eu na filmagem ele veio e falou pra mim assim, ô Príncipe eu to descontente com você. Eu falei, por que que o senhor tá descontente comigo ? Ele falou, porque eu vi você na televisão, você não era pra ter feito o que você fez escondido de mim, você devia ter dado um..., olhasse melhor, o povo passaram em cima do muro, quebraram tudo os muros, você vê que isso aí é antigo, era antiguidade, isso aí é tombado pelo patrimônio histórico do governo, você sabe que aqui tem dez alqueires tombado, não pode mexer, o povo andaram por cima do muro, quebraram os muros, quebraram a casa. Como é que vai ficar isso aí agora ? Me quebraram um sofá que eu tinha lá Príncipe. Eu falava, Dr. o negócio é o seguinte, eu pago tudo por senhor, nós pagamos tudo pro senhor. Mas quem que vai pagar, você vai pagar do seu bolso ? Não, a TV Cultura que vai pagar. Então a TV Cultura pagou todo estrago que teve no muro, na muralha, na casa, no sofá que era de palhinha, levei pra fazer, a TV Cultura pagou, não ficamos devendo nada pro Olavo Sacchi, pra fazenda. Ele ficou super contente, naquele tempo

eu não me lembro quantos mil real que ele recebeu, mas ele recebeu e ficou super contente viu. (incompreensível) porque eu acho que eles tão na escola, eu não tive essa oportunidade, mas eu por..., como se diz, por vivência, por estar mais assim por perto das plantas, das matas, então eu sei melhor como que se é, então eu quero que eles estejam também junto com a gente, que aprenda o que a gente sabe. Na verdade eu não pego livro na mão né, estudar eu sei um pouquinho de ler, sei fazer meu nome, escrever um pouco, então eu escrevo um pouco, mas o..., ler jornal, por o óculos, tal, eu leio, mas eu não sou estudado, vou falar pra senhora eu tenho faculdade, entendeu ? Eu não tenho faculdade, então eu sou um pouquinho melhor que o meu pai, porque o meu pai ele foi aprender o nome dele depois de cinquenta anos, eu que ensinei o nome dele, fazer o nome dele, ele não sabia fazer o nome e eu fui fazendo, fazendo, fazendo, ele fez o nome dele, entendeu ? (interrupção da gravação)

**I:** Então, mas mesmo não tendo um conhecimento de livro, que nem o senhor tá falando, o senhor tem um conhecimento que pode tá passando pras crianças.

**Príncipe:** É, eu tenho um conhecimento..., como se diz, por minha conta, meu dom né, que eu sei, como eu expliquei pra senhora que uma planta não é assim se plantar e largar, então é que nem, por exemplo, você começar a namorar, então você vai começar a namorar, você namora e tal, se não tiver amor pelo seu namorado você não casa. Então seria uma planta, com a planta seria a mesma coisa, tem que ter amor por ela, tem que saber que ela precisa de água, ela precisa de carinho, ela precisa que você vai ver ela todo dia, como é que ela cresceu, como é que ela desenvolveu, se ela soltou flor, não soltou, tal, se for uma planta de flor né. Então é por aí que a gente pode dizer alguma coisa que eu sei. (interrupção da gravação) Na verdade a gente com o tempo a gente vai passando..., como a gente começou namorar e tal e... Isso que eu to gravando fica...

**I:** Fica só entre nós.

**Príncipe:** Só entre nós ou esse vai a molecada da escola ?

**I:** Não, não.

**Príncipe:** Então como eu tava falando sobre quando eu tava namorando a minha mulher, eu não tava muito a fim de casar, porque eu tava com uma vida boa e tal, tinha dois carros, tinha três carros, saía toda noite, uma noite eu saía com um, outra noite eu saía com outra, sei lá, eu ia tomar um café, eu ia dançar, ou ia na boate. Então minha vida tava muito boa, então minha, mulher falou, deu cinco anos ela falou assim...

**I:** Cinco anos de namoro ?

**Príncipe:** É. Tá na hora de você casar, que ela trabalhava numa fazenda, era uma fazenda antiga que ela trabalhava também. Ela falou assim ah..., porque lá tinha o filho do patrão, não é que eu não gostava dele, eu achava que ela trabalhar lá ela..., pegava mal, pegava mal porque o cara tinha mau fama, sabe assim, fumava maconha, muita gente falava em maconha, eu nunca vi maconha. Então eu falava pra ela você tá aí no meio dos maconheiros e tal, eu falei não vai dar certo, eu não to contente com essas coisas aí. Aí foi sim, tal, peguei e casei. Aí foi, foi, foi, foi, quando eu morava naquela casa que eu falei pra você ali, moramos naquela casa ali, aí sempre ela falava que ela gostava que eu fosse morar pra lá, mas ela falava assim, vamos morar lá, eu trabalho de novo lá na casa e você trabalha lá aonde você quiser. Eu falei mas pera aí, mas esse negócio aí eu acho que não tá cheirando bem, eu não vou voltar pra lá, se você quiser voltar você volta, eu fico pra cá. Aí então foi que deu aquele charme que ela ficava, não, vamos pra lá que eu sou de lá, não sei o que tem e tal. Eu falei, mas eu sou daqui você é de lá, então fica lá então. E foi, foi, foi, que fomos parar agora, nós tamos com mais de..., o meu filho o Príncipe tá com vinte e sete, vinte e seis anos, eu acho que tem uns vinte e oito que eu sou casado mais ou menos, mas eu casei, eu não casei contente não viu, eu não voltei contente pra casa. Porque eu tinha os meus carros quando eu..., e não tanto por isso e depois no fim tinha o meu INPS, tal, a minha firma, que eu tinha firma de legumes, então eu vivia de dia na rua e tal, tinha caminhonete, tinha fusca, eu tinha dois fuscas, eu tinha uma perua Kombi, então eu tava bem de vida. Aí foi que eu quebrei sociedade com o meu irmão e tal, que depois acabou que eu comecei a pagar o INPS, depois assim nós desfizemos da firma e ele foi pra um lado, eu fui pro outro, achei melhor, ele me deixou com dívida, eu paguei todo o prejuízo, hoje pra abrir uma firma fica barato, pra fechar fica caro, então fica um absurdo pra gente fechar, eu que paguei com o meu dinheiro. Então foi que eu pensei bem no meu futuro, eu falei poxa, eu vou pagar dois INPS, dois INPS pra mim dá pra pagar, mas aí depois eu passei pra três, aí foi que eu falei pra minha mulher, eu falei olha o negócio é o seguinte, eu vou precisar de dinheiro, eu acho que eu vou pagar mais de INPS, que no futuro nós vamos ter um INPS maior. Aí eu falei com ela, ela falou assim, não, não vai mexer no dinheiro não que eu não quero. Eu falei poxa vida, eu fiquei tão sentido dela falar essa palavra, não vai mexer no dinheiro que eu não quero. Aí eu falei assim, bom, você vai pagar o INPS e vai receber o salário mínimo mesma coisa, aí quase que eu dava

razão pra ela, como hoje aí muitos pagaram dez salário e tá recebendo dois, três, salários só e tá reclamando. Agora eu não fiz fraude nenhuma porque no momento era por lei, que tava no carnê escrito, quem paga dois anos no fim aumentava um salário. Então eu falei com ela, ó paga dois anos e a gente aumenta o salário, eu vou aumentar o salário de acordo com a lei, eu vou entrar dentro da lei, vou pagar na lei, certinho, pra não dar problema pra mim, eu não vou pagar dez salários de uma vez porque isso é contra lei, aí vai falar que eu to fraudando o INPS. Aí ela falou não vai mexer no dinheiro, o dinheiro ficou lá. Aí aconteceu que o Collor prendeu o dinheiro e no fim eu acabei gastando todo o dinheiro na casa aí, na reforma que eu..., eu cheguei a falar. E esse dinheiro tva no meu nome, eu tinha trinta e seis milhão, trinta e seis mil real, real, que eu me lembro que foi isso, eu tenho o recibo lá. E o primeiro nome eu fala, como que fala o primeiro nome ?

**I:** Titular.

**Príncipe:** Titular, o titular primeiro era eu, segundo era ela. Aí que ela começou a também trabalhar um pouco pra fora ela foi lá e abriu uma conta no nome dela como primeiro titular e eu segundo, então por isso eu fiquei..., depois que foi descobrir que eu estava, não tava recebendo o extrato do banco. Então eu fui consultar com um advogado meu e falei pra ele assim, ó Dr., eu to muito triste com uma coisa. Ele falou do que Príncipe ? Eu falei aconteceu assim, assim, assado, eu aqui era primeiro titular e sou segundo por que que tá ocorrendo isso daí ? Ele falou assim olha, o negócio é o seguinte, você precisa ver, ele falou assim, o que que o seu filho é ? Eu falei meu filho é polícia. Ele falou, o que que ele acha ? Eu falei ele dá razão pra ela, aí eu falei pra ele assim ele dá razão pra ele e peguei e vim embora triste né. Aí eu fui no banco o extrato bloqueado, eles bloqueiam o extrato pra não vir extrato aqui. Falei, mas faz tempo que eu não vejo extrato, aí eu olhei o extrato assim, eu olhei lá e ele falou assim, a sua conta tá bloqueada, mas tem tanto de dinheiro, tem parece que tem cinco mil reais aqui bloqueados seu, cinco real ou cinco mil não sei, bloqueados, esse dinheiro é seu, você é o primeiro titular. Só que ela abriu outra conta no nome dela, abriu duas contas. Mas na verdade como fica assim né que eu falei, isso daí eu sei que ela tava mais ajudando a família dela do que a minha família, porque na verdade ia ter lá hoje mais de cinquenta, sessenta, setenta mil reais, tem só vinte e cinco mil reais, entendeu ? Então por isso que eu não mexo no dinheiro, porque depois ela vai falar assim, ah já que você mexe no dinheiro... Então ela nunca chegou a falar pra mim assim, você precisa de um tostão, você precisa de comprar uma calça, uma camisa, ó, eu vou tirar o dinheiro lá, vou pagar você, você tira, não, nunca ela falou isso aí, entendeu ? Então por isso eu fico das vezes eu fico sentido por..., eu acho que pôs eu por baixo, mas na verdade eu conversei com a senhora que trabalha na Caixa e ela falou não, que é tudo a mesma coisa ela falou, que o dinheiro é meu mesma coisa, do mesmo jeito, só que...

**I:** Vocês não conversam ?

**Príncipe:** Conversa, mas não adianta falar pra ela... (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA COM SR. PRÍNCIPE

## APÊNDICE - 6

### 3ª Entrevista com Sr.Rogério Aparecido da Silva

**I:** Rogério (não entendo o sobrenome) Por que que você escolheu essa região pra abrir os eu estabelecimento ?

**Rogério:** O motivo mais forte é porque eu nasci aqui e eu fui criado aqui e essa região ela já tem uma cultura caipira há muitos anos atrás e ela tem uma característica muito grande no meu trabalho porque eu trabalho com os cavalos e to na área rural, uma área que eu acho que tem encaixe perfeito no meu trabalho e foi um incentivo por isso eu montei o centro de treinamento.

**I:** Você recebeu alguma ajuda pra abrir esse estabelecimento?

**Rogério:** A única ajuda que eu recebi foi dos amigos aqui, do proprietário da fazenda, seu Augusto, que me cedeu essa área pra mim trabalhar, pago um arrendamento pra ele, foi uma das pessoas que acreditou no trabalho meu e meu ajudou e a minha família né.

**I:** E o poder público Rogério o que que tem contribuído ?

**Rogério:** Olha quanto ao poder público o que contribui até agora aqui comigo não sei nem te dizer porque até agora nada, caso contrário só pede as coisas pra gente e não faz nada.

**I:** O que que eles pedem ?

**Rogério:** Ah pede material pra fazer alguma coisa, tudo que vai fazer aqui a estrada de terra pede pra ajudar, mas acaba largando pela metade e não faz nada. A mesma coisa do rio nosso aí, o rio nosso aí tá cada vez mais saindo fora da caixa do rio e só trazendo prejuízo pra gente aqui e ninguém toma iniciativa nenhuma.

**I:** E vocês fazem atividade junto com a sub-prefeitura, alguma festa, alguma coisa assim?

**Rogério:** Eu faço a..., esse ano eu vou fazer a terceira festa d cavalo aqui, a única coisa que a subprefeitura dispôs de ajuda é pedir policiamento, EMDEC, mais nada, nem um apoio de caminhão pipa pra cavalo nada, nem um apoio de infra-estrutura de máquina pra fazer limpeza no campo, essas coisas aí, às vezes não tem, tem que vir de fora, contratar. E é uma festa beneficente que eu faço, esse ano aqui vamos ver se eu consigo fazer pegando o apoio dos patrocinadores de fora.

**I:** E pra quem que vai esse dinheiro ?

**Rogério:** Esse dinheiro é rever..., esse dinheiro é o seguinte, a única renda da comissão da festa é o bar, que é a bebida e o churrasco e o pastel e o resto das barracas é tudo as entidades de Sousas que trabalham, eu do as barracas e os pontos pras entidades trabalhar.

**I:** Você costuma receber escola aqui na sua propriedade né, o que que leva você a tá recebendo essas escolas ?

**Rogério:** Bom, um dos motivos de eu receber as escolas é porque eu gosto de criança e eu tenho a escola e equitação aqui e todas as crianças gostam de cavalo e eu acho que incentivando a criança a gostar de um animal ela não vai ter tempo e cabeça pra pensar no futuro numa droga né, que tá o nosso país aí perdido na droga.

**I:** E as crianças não tem medo dos cavalos ?

**Rogério:** Não tem medo porque a hora que chega no centro de treinamento a gente já explica como que é as coisas no centro de treinamento e ao mesmo tempo a gente também põem o medo porque não pode deixar a criança saber que ela pode chegar perto de qualquer cavalo, ter contato com qualquer cavalo, qualquer animal, não importa se é boi, vaca, sempre você tem que ter a educação sobre o cavalo e qualquer animal de porte grande e também ao mesmo tempo colocar medo nas crianças pra não ter aquela coragem de criança que não sabe nada.

**I:** O CEMEI Alexandre Sartori aqui de Joaquim Egídio ele tem trabalhado com a questão ambiental aqui na região e tem visitado algumas propriedades. O que que você acha desse contato das crianças com os proprietários de estabelecimentos que as crianças querem visitar?

**Rogério:** Bom, o que eu acho é o seguinte, que é um trabalho bom que os proprietários aqui de Sousas deixa, fazer porque a hora que essa criança..., eu acho que todas as pessoas que tem sua fazenda, ou alguma coisa assim, alguma área que mexa com gado leiteiro ou gado de corte, galinha, criação de porco essas coisas, é bom deixar as crianças da nossa região ir ver da onde que vem essas comida, o ovo, a carne, o leite, ter contato com os animais, porque é um incentivo que no futuro não vai deixar a nossa cidade sem um apicultor, que trabalha com abelha,s em um domador de cavalo, sem um vaqueiro, sem um..., você entendeu o que eu to querendo dizer ? Sem um profissional nessa área rural. Senão cada dia que vai passando eu acho que a cultura caipira tá indo embora e tá prevalecendo o urbanismo só.

**I:** E você acha que essa é uma forma das crianças gostarem dessas atividades e permanecerem na região ?

**Rogério:** É um inventivo, por que você incentivando a criança pegar esse gosto pelos animais e ver como é que é a lida do dia a dia do campo a criança procura se estabelecer mais na região dela do que ela ir embora daqui procurar serviço. E as autoridades também aí tomar conta da área rural nossa de Sousas, porque senão daqui uns dias tem mais loteamento do que um lugar com uma vaca ou um cavalo comendo capim e o leite vai acabar, cada dia que passa o leite, o alimento, vai acabar.

**I:** E como que a gente pode tá fazendo isso Rogério pra não tornar essa região loteada?

**Rogério:** Isso aí é não deixar as fazendas ficarem propriedades pequenas, sempre propriedades de vinte mil metros pra cima, ou não deixar picar mais, manter a tradição das fazendas.

**I:** Aqui a região de Sousas, tá bem na divisa entre Sousas e Joaquim, ela pertence à região APA, Área de Proteção Ambiental, ela é dividida essa região e algumas áreas, uma área destinada pra agricultura, outra área que é destinada pra turismo, a outra pra restrição hídrica, que não pode plantar nada pra não contaminar o lenço freático. Você sabe qual é essa região sua aqui, qual dessas áreas pertence?

**Rogério:** Eu acho que a minha é uma das áreas que tá na proteção do turismo né, é isso?. Entra como turismo, área de alimentação, essas coisas e diversão né.

**I:** E você suspeita que é ou você sabe que é ?

**Rogério:** Eu suspeito, porque eu não entendo nada desse negócio da APA aí.

**I:** Nunca ninguém apresentou nada pra você ?

**Rogério:** Não, não, nunca vieram me apresentar nada, me explicar nada sobre esse negócio da APA aí.

**I:** E você consegue imaginar como será essa região daqui a algum tempo ?

**Rogério:** Olha é difícil ein, vai saber o que que acontece daqui um tempo, às vezes pode..., do jeito que indo vai essa chuvarada aí, esses rios aí, do jeito que tá enchendo isso aí direto, eu acho e daqui um..., não vai mais uns cinco anos o rio tá aqui na rua e as casas tá dentro do córrego.

**I:** E com essa especulação imobiliária e com esse grande comércio e restaurante, como você imagina que vai ser no futuro?

**Rogério:** Eu acho que isso aí vai chegar uma hora que vai tá limitado, porque vai ter tanto restaurante que não vai expandir mais isso daí, vai chegar uma hora que vai parar. Mas tem que lutar aí pra não deixar encher muito isso aí de restaurante, essas coisas de comida, turismo tudo bem... (incompreensível, tem a voz de uma criança falando ao fundo)

**I:** Rogério eu queria que você falasse um pouco sobre o que te levou a trabalhar com cavalo, como que você entrou nesse meio ?

**Rogério:** Bom, eu comecei a mexer com cavalo desde a roça né, porque eu sou nascido aqui nessa fazenda, vivia atrás dos mais velhos, mexia com gado, com cavalo, foi aonde que eu fui pegando gosto, por isso que eu te falo que as crianças devem visitar bastante as fazendas, essas coisas, pra ver o eu tem aqui na terra delas pra não ter que procurar um serviço pra fora. E eu gosto né, aí eu uni o meu hobby com o trabalho, o útil ao agradável.

**I:** Quem que te ensinou ?

**Rogério:** Ah isso daí já passou de pai pra filho, meu pai mexia, meu avô mexia e o dia a dia fui trabalhando, já fiz muitos cursos de adestramento e no dia a dia o próprio cavalo ensina a gente.

**I:** E essa cultura caipira o que que você acha que..., como que será daqui um tempo aqui em Joaquim Egídio, em Sousas ?

**Rogério:** h eu acho que se a população começar a prestar bem atenção na cultura caipira, porque todo mundo tem uma raizinha no fundo do caipira, todo mundo veio de lá e a gente depende muito da região caipira porque é onde tem as plantações, os gados e eu acho que o pessoal tem que começar a incentivar cada vez mais essa cultura aí pra não terminar e deixar a cultura do funk, balada, essas coisas, longe daqui.

**I:** E Educação Ambiental como que você acha que poderia tá sendo realizada aqui pra não detonar com a região ?

**Rogério:** Como que é a pergunta mesmo ?

**I:** Como que a gente pode educar as pessoas... (interrupção da gravação) Como a gente poderia tá fazendo uma educação pras pessoas pra elas não detonarem aqui na região ?

**Rogério:** Olha eu acho uma coisa meio difícil porque..., é que nem a lei de trânsito né, pra educar o povo no trânsito tá difícil, imagina pra cuidar da cultura caipira, uma coisa que só vai cuidar

mesmo quem gosta. Eu acho que é um trabalho meio difícil, eu nem sei por onde começar se eu fosse fazer um trabalho desses.

**I:** Você acha que as escolas não podem tá ajudando ?

**Rogério:** As escolas sim, é fundamental, pode tá ajudando e incentivando as crianças, explicando e levando as crianças nesses locais que eu falei há pouco tempo atrás aí né.

**I:** Certo.

**Rogério:** É uma forma de tá ajudando a incentivar, mas eu acho que se a Prefeitura quisesse fazer algum convênio, sei lá, alguma coisa que (?) pegar uma área, tem muitos profissionais aqui que poderia tá tirando as crianças, por exemplo, da rua, fazer assim vai na escola meio período e meio período ele vai no centro de treinamento, aí aprende como montar num cavalo, escovar, como limpar, é uma profissão. Aí uma vez por semana é o cavalo, um outro dia da semana é sobre o boi, depois outra vez é sobre a galinha... Você entendeu ? Fazer um negócio assim, tipo desse trabalho, sobre tudo que tem aqui na nossa região, que dá pra formar um profissional e não ter que sair daqui e procurar um trabalho em outro lugar.

**I:** O que é difícil né, até pra estudar aqui já é difícil né.

**Rogério:** Eu quando eu comecei a mexer com cavalo eu fui procurar serviço, rodei, fui trabalhar em São José do Rio Preto, trabalhei três anos e meio lá pra depois vir embora pra cá.

**I:** Porque aqui não tinha ninguém pra te ensinar.

**Rogério:** Não, aqui não tinha campo né.

**I:** E agora você acha que abre com o turismo aqui ?

**Rogério:** Abre, já abriu né, então tem bastante gente aí também, eu to vendo bastante moleque que já trabalhou aqui, que já passou por aqui, to tentando até montar umas (?) no centro de treinamento, tão indo, tão indo de devagarzinho, mas tão indo.

**I:** E fim de semana tá bem procurado a estação turística aqui com cavalo ?

**Rogério:** Com cavalo tá, sempre foi bem procurado, desde quando eu montei a parte de aluguel de cavalo, essas coisas, sempre foi bem procurado. Eu já não trabalho com aluguel, porque você mexer com aluguel de cavalo é muito responsabilidade, tanto pra quem tá montado e pra quem tá andando na rua. Os turistas vem, tal, isso aí tem que ser trabalho numa área fechada, numa fazenda fechada, que não tenha contato com muita gente por perto, essas coisas, aí dá pra você fazer o aluguel de cavalos. Mas fazer aluguel de cavalos do lado de área urbana é só pra quem sabe montar mesmo e é uma responsabilidade muito grande você colocar uma criança de São Paulo, por exemplo, de uma cidade grande, vir aqui e colocar num cavalo e soltar pra andar do lado da rua, isso aqui, quem não tem experiência nenhuma, mesmo com o guia, eu na minha opinião é um risco.

FINAL DA ENTREVISTA COM ROGÉRIO

## APÊNDICE - 7

### 4ª Entrevista com Sr. Jaime Marcelino Pissolato

**I:** Marcelino Dona Dinha. Marcelino por que que você escolheu essa região aqui de Joaquim Egídio pra ter os eu estabelecimento ?

**Marcelino:** Na verdade não foi uma escolha né, eu vim..., eu era um cliente do Bar do Marcelino na época e aí eu comecei a freqüentar, freqüentar, como cliente e morador da região de Sousas né, que eu sou nascido e criado aqui, então com isso a gente vai buscando os lugares né e aí pra trabalhar nele...

**I:** E como que você entrou pra ser o dono do comércio, como que foi essa história ?

**Marcelino:** Isso aí foi trabalho né, a gente começou trabalhando, dando uma mão, aí foi trabalhando, trabalhei nele dois anos, aí terminou o arrendamento desse proprietário, eu passei a arrendar o prédio, que é do seu Rubens e aí com isso eu vim trabalhando e já estamos indo pra dezessete anos, dezesseis completos.

**I:** E você teve alguma experiência no comércio anterior a essa ?

**Marcelino:** Não, experiência comercial não, eu era trabalhador, funcionário de Singer, Bradesco, uma casa noturna, pode se dizer que era um começo, que era a Estratosfera, mas não imaginaria que poderia se ro dono do estabelecimento que eu tava trabalhando né.

**I:** E o vínculo eu você tem com essa região ? Conta um pouquinho a sua história.

**Marcelino:** O vínculo é da família né, família (?) (não entendo o sobrenome) e acho que veio já do meu tataravô, bisavô, avô, pai e agora eu né. Então é a geração e lá atrás teve um tio avô que tinha alguns comércios relacionados a hotel, restaurante, bar, talvez a gente pegou isso no sangue. Mas não que eu tenha herdado o comércio dessa família ou poder aquisitivo, porque do vô pra cá a família se tornou pobre, talvez ela tivesse uma grana lá atrás da vinda dos italianos, essas coisas, esse tio avô teve comércio, deveria ter tido uma grana né, mas do avô pra cá veio na raça a família mesmo.

**I:** O que que aconteceu aí pra ter perdido as coisas ?

**Marcelino:** Não sei, talvez cada um foi galgando o seu lugar e um deu certo, outro não deu, minha família veio..., não que seja pobre de marré, marré, mas assim não tem um poder aquisitivo igual o poderia ter tido o meu bisavô, coisa parecida né, algumas terras eles perderam, sei lá. Que nem o tio avô ele tinha um hotel, vendeu e era dono de uma bela estrutura de fazenda né, então foi vendendo, mas o avô mesmo acho que não veio com grana, ele veio trabalhando..., médio né.

**I:** Então ele já veio..., tua origem é desde o bisavô aqui, eles que vieram já pra essa região ?

**Marcelino:** Desde o bisavô, meu bisavô Luís (?) ele tinha uma selaria, fazia selas pros fazendeiros da época. Cada um tinha o seu comércio, eu acho que isso tá no sangue comercialmente pra trabalhar né.

**I:** Bom, agora vamos falar um pouquinho da dona Dinha e o Bar do Marcelino né. Você acha que o bar e o restaurante ele tem características aqui da região de Joaquim Egídio ?

**Marcelino:** A gente procura manter a característica já na construção pra tá bem rústico, bem feito né, porque tem gente que confunde o rústico com fazer as coisas mal feitas. Então a gente procuro fazer da melhor maneira pra que tudo esteja enquadrado no meio ambiente né, com flores, o jeito de ver a disposição do local né, do Dona Dinha. O Bar do Marcelino ele é menor, vai atender aquilo que..., mais bem rústico também, bem caracterizado com uma região do meio ambiente. E a melhor coisa é onde você tenha tranquilidade, o que a gente busca dentro daqui é que você venha pra tá tranquilo pra ser atendido e deixar a gente também ficar tranquilo. Porque a gente procura manter, que nem em termos da comida, que você venha pra cá, sinta o lugar, sinta o prazer da comida e que tenha sossego pra tá desfrutando da comida, não adianta você comer nervoso, com pressa e as coisas ser mal feitas. Então tem uma morosidade pra tá aqui dentro, então uma dose de paciência, tirar os eu chinelinho pra deixar os dedinhos dar risada né, ficar bem descontraída aqui dentro. Porque se você trabalha a semana inteira e chega pra ir num local que nem Sousas e Joaquim Egídio e vem com pressa, vem estressado, pra que que você veio nesse quintal de Campinas ? Sousas e Joaquim Egídio hoje é um quintal, voe vem pra passear, curtir, vem pra conhecer, pra caminhar no meio do mato e também tem que desfrutar das comidas que tem, do restaurante, de tudo.

**I:** E os seus funcionários, você trabalha essa questão pra eles terem paciência com os clientes ?

**Marcelino:** É os que mais sofrem né porque a cobrança deles é toda hora, então eles tem que tá explicando toda hora que não é um fast-food, é um slow-food, porque você vem..., é o que eu falo, você trabalhou a semana inteira e quer correr aqui ? O meu garçom já sabe, se qualquer um falar assim, quanto tempo leva ? Se ele falar cinco minutinhos eu vou falar que meu garçom é mentiroso, que no mínimo vai levar vinte e cinco, trinta minutos, alguma coisa pra chegar na sua mesa. Mas por que ? O bife vai fritar a



hora que tá no seu pedido, não tem linha de produção, a mandioca frita na hora que pede a mandioca. Só que uma polenta leva vinte e cinco minutos pra fazer, se me pedir um monte ao mesmo tempo vai ter que esperar, só que não tem nada pré pronto, é tudo sendo uma coisa pra ser feita. Os garçom tem que tá na ponta da língua, vai demorar, não precisa deixar bem explicito que vai demorar, mas ele tem que naquele jeitinho de garçom vendendo o peixe ele tem que falar que vai demorar, como ele vai não sei, tem que usar a lábia dele né.

**I:** Marcelino quem que te ajuda a orientar os garçons, a cozinha, os funcionários ?

**Marcelino:** Daí cada um tem a sua parte, na cozinha tem o Flavinho, o Flavinho é um menino que tem os seus vinte e quatro anos, trabalha comigo desde os quatorze, então hoje ele é o responsável pela cozinha, ele tem feito curso de higienização e manipulação de alimento pra que a gente vai se aprimorando nas regras que hoje a ANVISA tá mandando, vigilância sanitária... Então ele comanda essa parte, ele tem atrás dele mais seis funcionários pra tá ouvindo e ele tomando conta, então é desde como guarda o alimento, como recebe o alimento, como manipula o alimento, como tem que fazer esse alimento ficar pronto pra ir pra mesa, então passa por ele. Na parte de garçom e parte de atendimento em geral tem a Kelly, que é a responsável, mas não tem propriamente a responsável, não tem gerente, tem uma equipe que é a equipe de garçom e dela e a gente procurar fazer o melhor possível pra tudo tá funcionando como uma engrenagem. Porque se você colocar um gerente parece que ele tem que ser o chicoteador da coisa, então se conseguir fazer uma equipe, como Flavinho que toma conta da cozinha ele tem a equipe na mão dele, a Kelly tem a equipe toda dos garçons na mão, mas assim não é que ele tem na mão, ela divide a responsabilidade com todos pra ninguém ser menos aqui e todos tem o mesmo valor, não precisa ter, eu sou o gerente e eu sou o maitre, não existe isso, existe uma equipe que trabalha pra que tudo funcione aqui dentro.

**I:** Da onde que surgiu essa idéia de trabalho de equipe ?

**Marcelino:** (risos) Isso é meu mesmo, não sei, eu não estudo né, eu não tenho curso, eu não fiz nada voltado pra isso, eu tenho o meu trabalho, é uma consciência minha trabalhar isso não sei, eu acho que é natural, sei lá, não sei te explicar mesmo, mas é meu.

**I:** Modo de vida.

**Marcelino:** É o meu jeito, eu sempre trabalhei assim, eu não sou dono desse lugar, embora eu responda por isso, mas eu costumo dizer pra todos que eu divido essa responsabilidade com todos eles, eu preciso dos meus funcionários, eu não faço nada sem que eles estejam junto comigo decidindo alguma coisa, eu busquei essa equipe, formar uma equipe e não delegar poderes pra cada um e sim formatar um equipe onde todos sintam essa responsabilidade. Eu não estudei pra isso, mas eu acho que é da minha vida, desde a época que a gente começou.

**I:** Você acha que o sucesso do restaurante vem por essa administração ser pensada assim ?

**Marcelino:** Com certeza, a equipe funcionando no corpo, porque tem que ter naturalmente uma pessoa pra ir comandando né, ele não precisa mandar, ele precisa comandar. Aquele que manda é aquele que nunca aparece no estabelecimento, é o dono, que três vezes por mês vai visitar, então aí ele põe o gerente, ele põem..., tem uma série de pessoas que respondem, mas qualquer um pode enganar qualquer um quando é assim. E eu sempre achei que fazer a estrutura formar um corpo né, cada um é parte desse corpo, um é a cabeça, um é o braço, outro é o pé, tem que juntar tudo pra poder dividir, aí eu costumo dizer, nós temos que aprender a somar aqui dentro pra poder dividir com cada um aqui dentro. Então todos ganham eu acho que relativamente bem, ninguém questiona, eu consigo dividir isso, quando vai bem, vai bem obrigado pra todo mundo, aí faz churrasco, se divide, quando tem prejuízo todo mundo também fica triste, quando não tem movimento. É engraçado, mas os funcionários me pediram pra não trabalhar de terça porque o movimento caiu muito, então como a gente tinha folga só de segunda e de terça a domingo todo mundo trabalhava e cada um ia folgando um dia na semana, porque é obrigado ater duas folgas, eles resolveram fazer a folga todos na terça, segunda e terça, dando seqüência, porque amenizava o custo do restaurante e não partiu de mim isso, partiu do meu próprio funcionário da cozinha que é o Flavinho. Então ele falou assim, olha tem dia da semana que você não ganha pra pagar o cozinheiro, nem o seu garçom, então como todos tem que folgar duas vamos folgar na segunda a terça, que aí a gente fica dois dias em casa, aproveita mais e você não perde..., o seu custo é mais alto do que o benefício. Eu falei, falou então. Então isso que eu chamo de equipe, porque todo mundos e preocupa, todo mundo quer tá fazendo o melhor pro local, porque todos dependem do local, não precisa ter o dono mandando e sim todos comandando pra ter a formação da idéia boa, aí todo mundo gosta, todo mundo trabalham bem. Eu tenho os que trabalham fixo comigo e tenho os que vem de sábado e domingo completar essa estrutura e são também pessoas que tão super

ligadas ao bom atendimento, a entrar e fazer parte da equipe e não fazer parte da..., de ser só mis um, ele vem pra somar.

**I:** Como que você escolheu esses funcionários, eles são daqui da região ?

**Marcelino:** Alguns são, hoje tem um ou outro que mora fora, a ms são de Sousas e Joaquim Egídio e não fui eu que escolhi, ele vieram pra trabalhar, pra fazer uma experiência e quem conseguiu entender o que era isso continuou e eles fizeram parte disso, aquele que não entendeu foi embora, então foi natural isso. E hoje eu tenho os meninos aí que trabalham aqui comigo tudo tem mais de um ano já de casa, então entenderam, foi se enquadrando na filosofia, no jeito de trabalhar né. Então eu costumo dizer que eu não sou o responsável pela permanência do meu funcionário aqui a não ser ele mesmo, é ele que tem a responsabilidade de mostrar pra mim que ele é digno de confiança, ele tem que ter hombridade pra tá aqui dentro, ele tem que ter dignidade pra tá aqui dentro, ele tem que ter dignidade pra tá aqui dentro e ele tem que ter a princípio a honestidade, se ele conseguir ter esses quatro elementos comigo a cada dia ele fica comigo, senão ele mesmo naturalmente ele vai embora, ele não consegue entender isso e eu exijo isso a cada dia mostrando pra ele que ele é digno de tá aqui dentro, mas desde que ele tenha esses elementos pra tá... Porque ele vai prejudicar não a mim e sim o companheiro de trabalho dele, porque o cara que é dono ele pode trocar, mas não é essa troca que me satisfaz, o que me satisfaz é que eu consigo fazer ele entender, aí eu fico feliz. Agora quando eu não consigo que meu funcionário entenda isso não fica legal, então naturalmente ele vai embora, esse aí. E quem ficou e tá aqui entende e consegue ir passando isso pros outros e naturalmente se ele não entendeu ele vai embora, o hoje tem que fazer parte, tem que acrescentar pra poder tá aqui, se não acrescentar infelizmente ele naturalmente vai sair.

**I:** Você teve alguma ajuda de alguém pra entrar no comércio aqui, pra você abrir o seu primeiro bar que é o Bar do Marcelino, agora restaurante ?

**Marcelino:** A princípio assim existia o Bar do Múcio na época e como eu falei eu era cliente e freqüentando ele eu passei a dar uma mãozinha, na verdade eu acho que eu fui dar a mãozinha e eu costumo dizer que foi a mãozinha mais longa que eu dei na minha vida. Lógico, graças a Deus eu adorei dar essa mãozinha, mas eu acho que foi a oportunidade que eu tive de crescer comercialmente, que foi trabalhando direito ali dentro, eu trabalhei um ano dentro desse lugar sem ganhar um tostão, eu não era remunerado porque eu fui pra dar uma mão e aí como eu só trabalhava de dia e não estudava a noite eu ia pro bar. Então eu ia pra com..., então eu acabei indo e curtia o lugar, mas trabalhava porque, pô faz um lanche pra nós ? Ah faço né. Então o cliente saia do estado de cliente e ia pra trás do balcão pra fazer o lanche, porque o cliente foi lá ontem e eu tava trabalhando de sábado e domingo e ele queria comer o lanche, mas pô você vai fazer Múcio, deixa o Marcelino fazer. Tá bom, então vai lá fazer. Então eu comecei ir, ir, ir, um ano dando uma mão, tranqüilo, até o ponto que o Múcio chegou e falou assim, olha eu to precisando que você venha trabalhar comigo, só comigo. Falei bom, eu tenho o meu trabalho no escritório, eu tenho ele fixo, eu venho te dar uma mão, você não me paga por essa mão, agora se você tá pedindo pra eu vir trabalhar com você nós vamos ter que pensar num salário. Aí ele cobriu o que eu ganhava, também não ganhava lá aquelas coisas, mas eu ganhava um salário. E aí eu comecei a trabalhar nesse bar e trabalhei um ano nele como funcionário dele, só que nesses dois anos do jeitinho meu né, que agente tem, não muda, é moleque até hoje, embora tenha quarenta anos, me sinto um moleção ainda, então a gente teve esse jeito de ir trabalhando e conquistando cada cliente. E nesses dois anos eu fui fazendo, mas eu não pensava que eu ia ser o dono e quando o Bargaço foi pra ser aberto eu fui ensinar eles a trabalhar, então o Bargaço lá há dezessete anos atrás, porque ele já completou dezessete em junho, dia vinte e quatro de junho ele fez dezessete anos, eu vou fazer dezessete em outubro. Aí nesse período eu fui trabalhar e saí daqui porque no bar eu não tava ganhando..., o Múcio não tava me pagando salário em dia, eu não gosto de determinadas coisas e nem de ouvir determinadas coisas, então eu preferi sair antes que eu pudesse ouvir besteira, como eu não gosto de ouvir eu saí, foi aí que eu trabalhei..., fui ensinar o Bargaço a funcionar. Quando eu tava trabalhando nele o dono do prédio, que é o seu Rubens, ele atravessou a rua e foi lá no Bar do Bargaço me propor se eu queria arrendar o bar e se eu quisesse arrendar o bar que eu providenciasse alguns documentos. Só que na verdade eu na hora mesmo eu falei, olha seu Rubens eu agradeço..., porque eu fiz um trabalho honesto lá dentro e ele como dono do prédio ele enxergou isso. Então ele atravessou a rua oferecendo um estabelecimento comercial prum cara de vinte e seis anos, que era moleque de tudo né, embora com vinte e seis anos todo mundo acha que já todo mundo é homem, mas eu com quarenta ainda me acho moleque, sou bem sincero em falar isso, embora eu tenho uma bela responsabilidade né, a gente não pode dizer que não. Então seu Rubens..., eu falei pro seu Rubens, eu falei seu Rubens na verdade eu sei ser funcionário, não sei ser dono. Aí ele falou, então vamos fazer o seguinte, você vai ser funcionário durante um ano, nós vamos fazer uma experiência você cuidando desse estabelecimento que é meu, você usa a minha firma, eu deixo

você usar minha firma por uma ano, se você ir bem a gente faz mais de um e tudo vai depender do que você vai trabalhar nele. Falei bom, com todos os fornecedores eu tinha uma abertura muito boa, porque desde o vendedor e o entregador todos tavam na mão nesses dois anos. E aí o que eu digo, se eu não tivesse feito um bom trabalho nesses dois anos, honesto, digno, com honestidade e hombridade, eu não estaria aqui hoje. Então eu acho que tudo vem daquilo que foi ensinado lá atrás né, a educação familiar, que é eu ter respeito por tudo isso, então eu acho que daí é que eu vim tendo o trabalho. Um monte de coisa aconteceu nesse um ano e eu tive a segunda chance de ter a segundo ano, no segundo ano aconteceu uma coisa que dali pra frente não teve mais como falar assim, pô não vai dar certo, o bar foi dando certo, mas o que fez dar certo foi a mulher do seu Rubens, a dona Olga. num jantar... Porque algumas pessoas queria pagar o aluguel mais do que eu pagava e como o Marcelino não tinha dinheiro, era vindo de uma família bem pobre e assim...

**I:** Moleque.

**Marcelino:** Moleção de todo, sem nenhuma responsabilidade e fora outras coisas que a gente tinha que carregar. Ela virou pro seu Rubens (muito barulho, atrás), o Roberto virou e falou, é, sabe que tem muita gente querendo pagar até o dobro do que você paga, talvez até o triplo do que você paga de aluguel. Aí a dona Olga, matriarca da coisa, bateu na mesa mesmo e falou olha, pra alguém tirar o Marcelino daí vai ter que conversar comigo primeiro, ninguém vai tirar, se o Rubens quiser tirar ele vai arrumar uma dor de cabeça, o Marcelino é que nem meu filho e daqui pra frente pra alguém mexer com ele vai ter que conversar comigo. Foi as últimas palavras dela e até hoje ninguém mexe graças a Deus, lógico que a gente arca com isso, tem a resposta, mas eu acho que o incentivo veio de como ela enxergou, porque de acreditar, porque muitas pessoas até aí no comércio de Sosas falavam pra alguns..., ó você vende fiado pra ele, olha abre os olhos que ele não vai pagar. E até pouco tempo... há duas semanas atrás eu ouvi isso do Edvaldo que me vende contra-filé, porque eu falei que eu ia fazer a filmagem do Terra da Gente ontem. Então quer dizer, ele virou e falou pô olha aonde você... Eu falei, mas eu galguei isso naturalmente, não é que eu corri atrás, simplesmente eu fui trabalhando certo, procurando fazer as coisas certo, como eu falei eu não tenho estudo pra tá ande eu to, mas eu acho eu a vida ensinou a fazer. E a história na verdade começou desde a época que eu era engraxate né, então a coisa pegou dali, então foi indo, então é desde lá.

**I:** Marcelino agora entrando um pouquinho lá no Alexandre Sartori, a escola ela vem trabalhando a questão do meio ambiente, a cultura local aqui de Joaquim Egídio e um trabalho com a comunidade. Você foi um dos participantes desse projeto, em tá recebendo aqui acho que em dois momentos né, foi o do lançamento do livro...

**Marcelino:** É, nós fizemos uma paella...

**I:** Isso. O que que te levou a tá abrindo as portas do teu restaurante pra receber essa escola ?

**Marcelino:** Na verdade seria assim, a gente como um dia foi ajudado a gente tem que procurar ajudar na medida do possível, é o que eu disse pra Flávia, eles tinham um projeto pra ser concluído e não tinha como e a gente também não tem como arcar com esse financeiro. A idéia foi tá fazendo esse jantar pra que pudesse fazer uma parte sem mexer com o bolso da gente, então eu consegui patrocínio pra que isso fosse realizado, tive três patrocinadores e isso foi feito pra fazer essa ajuda. Agora o pouco que a gente tem a gente tem que saber dividir com as pessoas que menos tem, então foi uma maneira d tá ajudando eles a tá entrando nesse projeto, sei que não atendeu completamente, mas ajudou bem. E eu acho que teria que ter mais incentivo e assim ter mais oportunidade de tá fazendo essa parte, às vezes a gente fica quieto aqui porque a gente não sabe às vezes o que tá acontecendo lá, então a gente sempre tá achando que as outras partes, a parte governamental tá cuidando e às vezes não dá tempo pra eles tarem olhando isso, então a iniciativa privada tem que tá caminhando junto com eles. E é uma maneira da gente tá contribuindo né com uma..., como diria, se eu tive a oportunidade de ter isso eu tenho que também ter pra dividir, porque como eu disse eu não sou dono disso, como isso vem como uma graça de Deus eu tenho que saber dividir isso também pra ter um (?) então é uma parte pra fazer o bem né.

**I:** Marcelino o CEMEI ele tá trabalhando com a comunidade, trazendo a história da região através de família, dando depoimento, fazendo entrevistas, questionamentos... Você acredita nesse tipo de trabalho, onde idosos estão junto com crianças e mesmo vocês do comércio, pra tá construindo essa história ?

**Marcelino:** Ela tem que tá junto né, porque é assim, a criança num período e um dia ela vai ser velho, então juntar isso seja muito bom e se a população participasse mais, porque a interação disso dá experiência um pro outro, um dia a criança vai ser velho e a criança tem que entender que tem que haver respeito com os mais velhos, hoje tá uma distância um pouquinho..., ninguém entende mais o que é respeito um pelo outro. Então eu acho que se a comunidade interagir melhor vai se buscar respeito e precisa ter uma integração, morador, comércio e seria assim uma parte né, tá integrando todo mundo pra que isso

funcionasse bem, que ainda tá um pouco longe né, eu sinto que falta um pouco mais de diálogo, falta um pouco mais de humildade da população em tá ajudando, tá faltando a população ser menos invejosa uma da outra pra poder melhorar isso. Então ainda vai demorar um pouquinho, mas tá havendo já né, então alguns participam, alguns não, mas daqui a pouco todos vão tá participando eu acho né.

**I:** Outro projeto dentro da escola é trabalhar com a questão ambiental, então as crianças tem ido a esses estabelecimentos em busca de conhecimento da natureza, animais, plantas, culinária. O que que você pensa sobre essa prática de sair da escola, de ir pros outros estabelecimentos e conhecer os animais da região... ?

**M:** Amplia o conhecimento da criança né, porque ela ficar bitolada só entro da sala ela pega os defeitos de dentro da sala, não que seriam defeitos ruins, mas assim só fica ali, ela saindo amplia o horizonte, porque às vezes a criança dentro da sala também não sai, o pai não tem como sair, proporcionar isso pra ele. Você pegar uma criança e levar pra passear pra falar de passarinho, talvez a criança não tenha tempo pra conversar com o pai dele sobre o passarinho, mas lá fora andando na linha ele vai conseguir. Porque o pai e a mãe transfere muito a responsabilidade hoje pra creche, pro berçário, pra escola educar os eu filho, porque ele não tem mais tempo pra educar, não é que ele não tem mais tempo, é mais fácil empurrar a responsabilidade pra outro, porque quem ensinou errado foi a escola, não foi eu, o pai. Então interagir a criança na comunidade pra ele sair e ele ter esse conhecimento ele passa por uma educação diferenciada, porque ele vai ver que o passarinho é azul e faz pir, canta, ele não fica na gaiola esperando o passarinho cantar, ele saiu pra rua, ele viu carro, um outro carro, ele conversou com uma outra pessoa, ele começou a ter entendimento e aí ele passa (?) a criança saindo ele começa a enxergar o respeito, o respeito com a planta, o respeito com o passarinho, o respeito com os mis velhos, respeito que é uma palavra que tá meio fora, tá longe do entendimento das pessoas. Então tem que voltar ater respeito e só a criança saindo, que às vezes o pai tendo uma atitude dentro de casa a criança vai poder corrigir porque ele ouviu isso em outro lugar, ele viu isso em outro lugar, de repente ele pode corrigir o pai dele de uma maneira ecológica, educacional, que ele aprendeu na escola, que ele aprendeu na rua, saindo com esse grupo de alunos né. Então eu acho que é importante e tem que interagir muito mais.

**I:** Aqui a região pertence a APA de Campinas né, você conhece toda a APA ?

**M:** Conheço.

**I:** Carlos Gomes, Joaquim Egídio e Sosas.

**M:** Ela foi um pouquinho alterada, o livro era meio grosso pra ser alterado e falo isso com todo o prazer.

**I:** Por que ?

**M:** Uma dia a APA era lá na Dom Pedro né, hoje ela tá aqui no Rio Atibaia. Porque que mudou de repente ? A linha imaginária num lugar, ela veio quase cinco quilômetros pra dentro de Sosas, porque as fazendas que tem beirando a Dom Pedro, a entrada de Sosas toda, ela era Área de Proteção Ambiental. Só que não podemos ser ecologistas na terra dos outros, é facinho ser ecologista na terra dos outros, só eu a própria Prefeitura quer isso, que se torne uma APA essa região, só que ela mesmo tinha uma linha imaginária num lugar e mandou pra outra, por que ? Porque aonde tem esse vão são áreas que vai se tornar IPTU, que vale muito mais um terreno de mil metros quadrados do que uma fazenda de mil e tantos alqueires que paga INCRA. Então o INCRA no valor é inferior, então é melhor picotar tudo isso e virar terreno, porque a arrecadação da Prefeitura vai ser muito maior. Então pra que ter INCRA ? Vamos ter IPTU, IPTU hoje aqui é no mínimo oitocentos reais, agora um loteamento com mil terrenos pra quanto vai o IPTU ? Simplesmente isso, a Área de Preservação existe na imaginação, no papel e no bolso não existe. Depois que a FININVEST fez um belo projeto, bonito, pra loteamento pra padrão A, B, C, D, foi aprovado, a linha imaginária veio pra outro lado e com certeza algum entendimento financeiro houve, isso não tenha dúvida.

**I:** Como que a gente pode tá equilibrando essa detonação da APA pra que ela não seja..., que ela tenha seu valor ?

**Marcelino:** Ela tem, em que ter...

**I:** Pra não acabar com esse valor importante não só da história aqui de Joaquim, de Sosas, essa parte histórica dentro da APA, mas a questão do ambiente também. Como que daria esse equilíbrio do comércio financeiro que você tá falando aí, dos loteamentos, com a preservação em si ?

**Marcelino:** Eles teriam que ter, devem ter né um projeto de arborização, reflorestamento, tem rios, tem nascentes, tem riachos, pode ser numa contrapartida, que a palavra boa é essa, já que eles tem isso e tão vindo com as grandes empreiteiras, que nem a GDK, ela tá passando oleoduto dentro de uma APA. Isso tudo a própria Prefeitura tem a Lei Rouanet, só que é tão difícil quanto qualquer outra coisa ela

funcionar, porque se você for pedir um projeto de milhões ela é aprovada na hora, porque aí cada um pode pegar um pedacinho do seu milhão, quando o projeto requer dez mil não dá pra todo mundo morder, então todo mundo empurra com a barriga e é difícil. Eu acho que se tivesse um projeto ambiental, que a Jaguatirica tá com um belo projeto de arborização e reflorestamento de todo o rio e isso vai ter que ter uma conscientização os donos dos terrenos que desemboca no rio pra deixar... É um projeto muito bonito e daqui a pouco tá estourando. Vocês conhecem ?

**I:** Não.

**Marcelino:** É bonito. Eles tão com verba até pra cuidar de sei lá quantos quilômetros da margem do Rio Atibaia dos dois lados, financiando..., como fala, o cuidado de carpir, de plantar, de manutenção de todos eles, mas desde que o morador deixe, então tem que conscientizar o próprio morador. Hoje a APA funciona até na planta do CONDEPACC, se você tem um terreno e mil metros quadrados hoje dentro de Sousas e Joaquim Egídio você é obrigado a ter uma porcentagem dele permeável, pra que a água da chuva vai pro lençol freático, isso é uma das preocupações das APA muito boa, que é desde que a APA tem foi determinado isso e até alguns lugares eu acredito que vão ter que desmanchar pra atender a legalidade da lei. Só que pra ter esse atendimento não tem fiscalização adequada, teria que a Prefeitura tá fazendo um órgão bem competente, não que ela não tenha, mas assim, ter mais funcionários pra que isso fosse cuidado, pra que realmente um terreno fosse respeitado os 40% de permeabilização, ele pode impermeabilizar 60%, mas que fosse respeitado os quarenta. Não asfaltar os loteamentos, poderia ser feito tudo em (?), só teria que ser feito um grande projeto pra que o impacto ambiental não fosse grande. Você vai mexer em algum lugar hoje aqui você tem que pedir autorização pra todo mundo, legal, mas que realmente funcionasse, você tem muita gente que passa por cima disso, por não ter fiscalização da Prefeitura, falta funcionário, mas infelizmente eles vão ter que dar um jeito pr que isso funcione.

**I:** E falta conscientização do povo né.

**Marcelino:** Principalmente isso, porque se o pessoal que mora nas margens do rio já plantassem as árvores seria uma forma de conscientização, um monte de morador joga o lixo em dias que não tem a coleta, então ele larga ali, joga no rio, ou ele passa e larga em outra lixeira que não é a dele. Então isso é falta..., assim seria um projeto até de conscientização primeiro pra depois começar a por o projeto em prática.

**I:** Você tem noção, idéia de como poderia ser esse projeto de conscientização com a população ?

**Marcelino:** É aquela história idéias todo mundo tem, tem que transformar essas idéias, por no papel e realmente você trabalhar em cima disso, só que tudo tem que ter reunião, encontros e conscientização e formação disso, tal, tal. E às vezes é desgastante de todas as partes, desde os órgãos competentes, da população, quanto dos comerciantes. Então teria que juntar fórmula a fórmula, ninguém tem bate e pronto, teria que ser reunido e começar a formatar isso, poderia ter uma comissão, fazer um belo projeto e entrar dentro das escolas e começar a conscientizar a criança pra criança ensinar o pai. Porque diz que a criança não tem papas na língua né e ela tem o direito de falar o que quer, então se elas tiverem bem conscientes hoje, o pai não tira isso dela amanhã e o pai vai morrer amanhã. Então se houver uma boa conscientização hoje, mas nas crianças seria muito melhor do que nos adultos, porque os adultos já tem defeitos, vícios, não tá nem aí, não vai pra reunião, não vai pra encontro. Então se conseguisse fazer um projeto pra pegar o jovem lá dos seus quinze pra baixo, que depois disso já tem mais efeito ainda né, então ele não vai, ele vai pra outro lugar, mas não pra uma reunião aonde tem interesse amanhã, porque todo mundo quer a resposta hoje pra ter pronta amanhã, então eu acho que a resposta vai vir se todos começarem a trabalhar hoje. E é trabalhando na criança, na elaboração dentro das escolas, qualquer uma, de qualquer uma, não na creche, sim dentro do berçário, dentro do Tomás Alves, dentro lá da Nova Sousas, dentro da Vila Santana, aonde tem criança que esteja dentro. Nós poderíamos tá fazendo um projeto pras próprias crianças tarem desenhando as praças, fazer a estrada, o que que elas acham, promover, o comércio entrar, fazer um..., a classe que melhor se destacar nos projetinho faz uma viagem pro Playcenter, o comércio bancaria isso, sei lá, achar meios pra isso funcionar né, então incentivar, porque se você também sentar e ficar esperando você vai ficar esperando.

**I:** E você não acredita que esse..., o exemplo que você acabou de dar, se as crianças elaborarem a planta da praça, elas não taria cuidando melhor também desse local ?

**Marcelino:** É, porque aí ela passa a fazer parte desse corpo, é fazer o incentivo... O arquiteto, qualquer um deles, eles podem até vir e fazer e ser o projeto dele pra ser feito a praça e a criança não precisa ficar sabendo disso, mas ela vem participar, ela vem plantar, ela vem fazer parte desse corpo, ela se desdobrou, procurou, a classe fez um grupo, sei lá, tem tantas maneiras da criança tá ajudando e se integrando a isso. E o comércio vai cuidar disso tudo, a população vai cuidar, aí a criança vai tá

incentivando o morador, ela vai ser..., é assim, a planta nasce da semente, então nós temos que fazer a criança daqui entender isso, que é ela que vai fazer a diferença amanhã, que não é mais o adulto, não é o pai dela mais e nem a mãe, porque o pai e a mãe vai ficar velho. E aí é que vem aparte do respeito, ela cuidando hoje e entendendo isso hoje, ela vai entender que o pai dela e a mãe dela por mais que eles quisessem entender e educar, ela não teve tempo, ela também foi sofrida lá atrás, ela teve os problemas pra não tá e se a gente conseguir reverter isso amanhã nós vamos ter os velhos mais feliz, porque os filhos deles vão passar a enxergar eles diferentes, com respeito, que não é que eles não quiseram, eles não tiveram a oportunidade de estar fazendo isso. E é o momento que a criança começa a enxergar isso ela começa a incentivar até o pai dela a tá participando com ela, pai vai ter uma feira de plantas, vamos lá ? Nós vamos plantar cem mudas, vamos comigo ? Pô filho eu vou jogar bola. Pô pai, mas você jogou bola, vamos lá comigo hoje ? Então ele vai, ele vai entender isso, ele vai entender que a criança tá precisando da educação do pai ela e não do professor dela, porque é o que eu falei, é fácil empurrar a educação pros professores, mas a primeira educação é do berço, então é o berço que vai ensinar, é a volta da criança incentivar o pai. Então é um caminho né, é um jeito de achar a maneira, fazer alguns projetos onde consigam integra a criança primeiro e o pai vai vir naturalmente e o pai vai trazer o vô né ou a avó e vai haver uma integração. Então tinha que haver projetos turísticos, ecológicos, as fazendas abrirem as porteiras, ou as sub-prefeituras realmente levar mais a sério o calendário anual da cidade, então seria um monte de coisa. Eu acho que tá chegando, cada um tá procurando de alguma maneira, como a Jaguatirica tá procurando um projeto dela de conscientização ambiental, a gente precisa pegar o gancho deles, formatar mais e ter mais projetos voltados, então daqui a pouco a própria sub-prefeitura vai ter que acordar pra isso, o comércio vai acordar pra isso. E eu ainda bato nessa tecla que eu não gosto de fazer propaganda do lugar sem que ela esteja bem estruturada, o próprio estabelecimento e a própria região, eu acho que ainda tem algumas coisas pra se feitos e elaborados, pra realmente depois gritar pra todo mundo que aqui é uma área turisticamente voltado pro rural, pro eco-turismo, pras caminhadas, pras bicicletas, pos jipeiros, pros motoqueiros, enfim pra todo mundo, desde daqueles que caminham com o cachorro, ou caminham a pé, ou vão a cavalo e fazer a integração disso tudo, mas desde que tivesse projetos, sem haver interesses políticos, fosse uma região mais voltada pra nossa parte, que seria o morador né, a parte estrutural e não política, fazer um todo. Quer dizer é bom..., a hora que você tem um projeto funcionando aí vem aqueles políticos e todos vem, quer agregar, quer fazer coisas, mas geralmente não dá incentivo, ele fica guardado dentro do seu gabinete, ele de lá de cima ele não consegue assistir a tudo, porque teria que andar, participar, sair mesmo assim. Mas ainda vai haver alguns passos aí, vamos ver né.

**I:** Mas você acha que essa região vai permanecer as características aqui da região, vai ter uma mudança, qual é a perspectiva que você acha que vai tr esse local ?

**Marcelino:** Eu acho que Sousas já está mudando, como eu sou nascido e criado aqui nós tivemos uma mudança de oito bairros, há vinte anos, há vinte e cinco anos atrás nós éramos em oito bairros, hoje aproximadamente nós estamos com trinta e seis bairros em Sousas, então quer dizer, lá já mudou. Há dez, quinze anos atrás o San Conrado não era nada, hoje a hora que ele tiver prontinho nós vamos ter dez mil habitantes circulando só no San Conrado, tem outros bairros. Então as coisa dentro de Sousas já não comportam como era antes, antigamente eram dois, três carros, era charrete, as ruas eram tudo estreitinha, hoje a APA vai ter que ceder, vai ter que construir mais ponte, vai ter que abrir lugares pra isso andar, escoamento do fluxo né, nós não temos estacionamento dentro de Sousas, então quando já uma grande procura da região não tem onde estacionar, não tem aonde circular, então isso já é um agravante, já é um mudança, é uma mudança de característica do lugar, só que teria..., como diria ? Há trinta anos atrás tinha um semáforo em Sousas, hoje por muita briga tiveram que por um em frente do (?) pro pedestre passar, mas teve muita briga. Por que que antigamente que não tinha carro já tinha semáforo e hoje que há uma grade movimentação de carro não se tem sinalização, não se tem faixa de pedestre, não se tem ponto de ônibus adequado, não se tem local certo pra um Alternativo parar, então isso já são mudanças, já são coisas que foram descaracterizando e descaracterizou não o sossego, não aquela coisa mais saudosista, bairrista, o clima...(interrupção da gravação)

FINAL DA FITA 1

**Marcelino:** ...Então se a gente tivesse os locais adequadas para cada um para, pra cada um fazer o que determina cada lei funcionaria mais, então hoje em Joaquim Egídio você não pode tá abrindo grandes loteamentos e sim você só vai poder abrir glebas de vinte mil metros quadrados, ou só vinte mim metros quadrados, então isso já uma parte que tá preservando Joaquim Egídio. Sousas já não tem mais jeito de segurar lugar nenhum, tanto é que alinha imaginária já mudou, então onde tem área verde vai se transformar em loteamentos e bairros, mas isso é uma característica de Sousas, eu acho que em Joaquim

Egídio ainda vai demorar e muito porque muitos fazendeiros não querem picotar, talvez alguns vão picotar, mas eles não querem que seja menos de vinte mil metros quadrados, então isso transforma uma área grande onde tem uma preservação ainda. Ainda finais de semana Joaquim Egídio fica pequeno, mas mesmo assim você tem um fluxo mais livre, não tá tão amarrado quanto Sousas. Então eu acho que ainda Joaquim Egídio vai guardar as suas características, dentro do centrinho são três ruas e nessas três ruas ninguém vai mexer, a fachada ninguém vai mexer. Eu digo que ainda eu vou ser mais audacioso um dia, que eu vou entrar com um belo projeto tanto arquitetônico quanto incentivo e regularização, porque se a gente pegar todas essas fachas, as fachadas elas já foram modificadas, algumas tem janela de ferro Sazaki, umas tem porta, as outras já fizeram garagem, então isso é um projetinho meio ambicioso né de resgatar as fachadas pra se manter ainda a característica, porque, em off isso, mas a grande maioria de todas as casas de Joaquim Egídio elas não são regularizadas, elas não tem habite-se e isso infelizmente se eles não quiserem eles vão ser obrigados a regularizar isso, porque não tem nenhum prédio da fachada com planta aprovada pela Prefeitura. Então isso daqui a pouco a fiscalização vai entrar dentro de cada um, porque eles pagam o IPTU, só que há pouco tempo atrás houve um recadastramento em Sousas e Joaquim Egídio e descobriu-se que existe mais telhado do que área permeável, então como existe APA a impermeabilização disso é olhada por satélite e vista por avião e fotografia, então tem mais telhado e paga-se menos IPTU pelo volume de telhado. Então tem gente em Joaquim Egídio que vai ter que desmanchar o galinheiro, é, porque ele paga pelo teto, pelo que impermeabiliza o solo. Então não existe planta, então como não tem planta e pra você morar nela tem que tá regularizada a Prefeitura vai entrar com a regularização e você vai ser obrigado a pagar uma multa, você vai começar assim, levantamento topográfico, planta, planta aprovada na Prefeitura, DU, primeiro no CONPEPACC, depois no DU, que é o Departamento de Urbanismo, onde te dá a planta aprovada pra você morar. Com isso o projeto que a gente tá querendo é entrar um arquiteto, de graça, que ele pague, o morador pague, a revitalização da fachada da casa dele, aonde ele tire o Sazaki, aonde ele tire a porta de ferro, onde ele faça aqueles arcos antigo que existiam e tudo voltar a ser de madeira, com madeira de lei, aonde o projeto vai envolver o departamento de urbanismo pra que ele seja flexível na hora da multa, na hora da aprovação, mas desde que o morador se prontifique a trocar a fachada dele. Então é um forma de voltar as características de Joaquim Egídio na parte de você tá revitalizando toda a fachada que a APA precisa. Então vai ser um projeto gratuito do arquiteto, mas desde que o morador faça e vai ser gratuito na entrada da Prefeitura desde que o morador faça, porque se o morador não fizer a Prefeitura vai mandar uma intimação pra ele fazer, aí vai ficar caro. Então nós queremos que ele..., isso vai ser um projeto de conscientização, de entrar dentro da cada de cada um e conversar a respeito disso pra voltar a característica pelo menos no Centro e aonde cada morador que supostamente voltar a construir, vir construir né, não voltar a construir, vir a construir em Sousas ele siga as características das fachadas e talvez nas ruas principais, não nas de cima que já tem casas novas, atuais e com planta, a maioria dessas casas não tem planta, então vão ser obrigadas a ter.

**I:** Marcelino quem que vai tá puxando esse projeto ?

**Marcelino:** O comércio, principalmente o Marcelino, eu sou um dos que to batalhando por isso. Joaquim Egídio na verdade, comercialmente falando, só não está melhor por culpa dos próprios comerciantes, porque há três anos atrás eu..., na verdade assim eu não pago nada e consigo articular arquiteto, na verdade eu trouxe, que é o Henrique né, que é o arquiteto do Bar do Marcelino e Dona Dinha, ele que assina por isso e o nutricionista, que é o Alex Marosca, que é meu amigo também de infância, o Henrique também, é tudo criado aqui de Sousas e o João Ricardo que também é morador de Joaquim Egídio, ele é formado em Propaganda e Publicidade. Então eu fiz um projeto, na verdade era mais pro Bar do Marcelino e pro Dona Dinha, onde eu ia juntar as três partes, o arquiteto, o nutricionista e a propaganda. Primeiro eu tinha que fazer a minha parte interna funcionar e a externa vir depois, que seria arrumar a parte arquitetônica, o meu nutricionista pra tomar todas as providências de vigilância sanitária, pra ter o aval da Prefeitura, fazer a cozinha melhor possível e dar todo o treinamento pros funcionários. E o João Ricardo ia entrar com a propaganda do local, onde todos os comerciantes iam ter a mesa propaganda, o mesmo visual, layout, o mesmo totem de propaganda, o mesmo entalhe, tudo seria num padrão só Joaquim Egídio. Então eu passei a princípio ia ser egoísta, só o Bar do Marcelino e o Dona Dinha ter isso, mas como não sou egoísta e não tenho inveja, isso não mora no meu coração graças a Deus, eu passei isso pra todos os comerciantes de Joaquim Egídio, onde a gente ia ter isso tudo gratuito, os três iam trabalhar de graça, ninguém ia cobrar nada. A não ser, lógico, o nutricionista precisa que você tira xerox dessa planilha pros seus funcionários, então você ia tirar, ele não ia trazer prontinho. Hoje pra um nutricionista entrar dentro um estabelecimento o honorário dele é caro, uma propaganda pra entrar dentro do estabelecimento é caro, pro arquiteto fazer a planta de tudo isso é caro. Então isso foi há três anos atrás e infelizmente tem um ou

outro que aderiu a isso e não foram atrás, ninguém quis saber. Então esse projeto de mudar, de querer e de buscar já comigo faz muitos anos e eu consigo dividir com o comércio, é que o comércio não consegue juntar isso pra poder usufruir melhor.

**I:** Por que que você acha que eles não juntam ?

**Marcelino:** É que cada um é dono do seu nariz e olham muito pro seu umbigo, sabe, eles precisavam parar de olhar pro umbigo, levantar a cabeça e enxergar que a união é a melhor maneira de você tá..., como fala, distribuindo isso, porque você vai fazer uma propaganda sozinho é caro, você junta todo mundo fica barato, você junta um comércio, que nem o projeto disso era pra ter o selo de qualidade, sem que o próprio..., nem..., eu diria que nenhum fiscal ia precisar vir, da Prefeitura, aqui, nós íamos levar isso pra eles. Eles iam falar pô, mas vocês tão aí ? Tamo, nós só queremos o ISO 9001, que você me fale que tá apto a isso e boa. Agora não, quantos recebem fiscal e toma multa ? Um monte, ele não tá adequado a vigilância sanitária, a ANVISA, mas ele podia tá já há três anos atrás. Tem um monte de gente que tomou multa aqui na região e ninguém prestou atenção nisso, a gente abordou isso há três anos atrás, por que que há dois meses atrás um monte de nego tomou multa ?

**I:** E você acha que não seria uma questão financeira, que eles não aderem porque seria muito caro ?

**Marcelino:** Financeira ? Eu acho que com problemas todos estão, mas não é a melhor desculpa pra mim. Eu acho que poderia ser mais um pouco de insegurança do comerciante tá vindo fazer parte disso, por isso que ele fica só no mundinho dele, porque a gente acaba se bitolando muito. Eu também era assim há alguns anos atrás, eu fui melhorando, eu fui saindo do meu lugar, alguns amigos costumam dizer que eu tenho o meu quadradinho e eu não saio do quadradinho e eu consegui sair, eu consegui ir pra outros lugares e enxergar como é que os outros cuidavam deles. E a gente não pode ser egoísta, a gente tem que ser..., eu digo que ninguém é concorrente a não ser você mesmo, eu não tenho concorrente, que o meu concorrente sou eu mesmo, nas minhas atitudes, nas minhas elaborações de prato, no meu atendimento, se eu piar na bola com o meu cliente sou eu, não é cara da frente, se eu fizer um mau serviço aqui dentro e o meu da frente fizer um bom serviço ele conquistou o meu cliente. Agora o meu cliente vai em outro local, também se sente bem, também é bem tratado, que esse era a finalidade do projeto, era que tos tivessem um certo equilíbrio de atendimento, de trazer o cliente pra dentro dele, pra que o meu cliente pudesse ir em todos com a mesma qualidade não viesse só num lugar pra falar, poxa e fui lá em tal lugar, eu não me senti bem lá. Eu detesto ouvir isso e eu digo, to algum tempo já dizendo, quando alguém vem aqui e começa assim, pô eu fui lá, eu não... Faz um favor pra mim, não comente isso, comente como você se sente aqui dentro, pra que eu possa corrigir os meus efeitos, eu não vou conseguir corrigir o defeito do cara, então não adiante você falar pra mim você não vai meter o pau nele, mas eu vou entender assim. Então eu quero que você corrija os meus defeitos, não o dos caras, quando você tiver oportunidade de voltar lá você chega pro cara e fala, olha eu estive aqui outro, eu não me senti bem assim, eu fui mal atendido assado, ou assim alguma coisa parecida.

**I:** Marcelino nesse projeto você tá prevendo participação das escolas ?

**Marcelino:** Olha honestamente eu não..., o projeto você fala disso tudo ? É por isso que eu to falando, você vai tocando idéias, as coisas vão agregando. Por isso que eu falo eu não sou egoísta, eu consigo ir falando e se ela tem, nossa, a melhor coisa que tem é ela participar, ela não pode tá longe.

**I:** ó uma experiência, lá em Ubatuba eles fizeram a revitalização do Centro e as escolas participaram, então você entrando na orla você vai ver um monte de plaquinha de escola e as crianças fizeram mosaico no banco, na mesinha, no chão, no piso, com mosaico de pedrinhas...

**Marcelino:** Pedras né, azulejos quebrados né.

**I:** Então era uma produção artística, uma coisa que competia à escola, às crianças e o Centro tá muito mais bonito. Vocês não pensam em alguma coisa nesse sentido, arborização?

**Marcelino:** É o que eu te falei, você traz a criança, que nem a gente tava falando, você faz eles fazerem o projeto, eles podem tá se enquadrando... Que nem a gente tá entrando com um pedido de adoção da praça e vai ter um painel realmente, onde a gente tava conversando que o próprio Cândido Ferreira pudesse fazer o mosaico da cidade de Joaquim Egídio pra tá na parede e isso pe entrar escola, pode entrar creche, é tudo, é uma integração, nós vamos ter que juntar isso, nós vamos ter que fazer a população participar. Por isso que é um trabalho primeiro de conscientização pra eles entenderem o que é isso, pra depois eles vir fazer parte. Eu acho que todo mundo aqui tem um pedaço pra ser feito, ninguém vai ficar de fora, a não ser que ele não queira participar, a gora se ele não quiser ele vai ficar olhando de longe e chupando o dedo, porque depois ele vai falar, ah eu não participei, poxa vida... Azar o seu, a porta foi aberta, quem fechou a porteira foi você, você que não quis vir. Então eu acho que todo mundo pode



participar, a criança, o doso, o morador, o comerciante, enfim todos que tiverem o pensamento de construir né, não pode vir e querer meter o pau, não que eu tenha ouvidos pra isso, eu acho que todo mundo tem a opinião pra ser dada, mas que ele venha fazer parte, eu não gosto quando a pessoa fica metendo o pau de cima do muro, já que ele tá em cima do muro metendo o pau e tem a idéia boa pra ser dada, desce do muro, senta do Aldo e vamos discutir a situação. É o que eu falei, a gente tem grandes projetos ou pequenos projetos, bastam eles ser bem elaborados pr qualquer pessoa, talvez o que eu ache não seja aquilo que a pessoa queira e ache, só que ela pode ter uma idéia melhor do que a minha e eu vou aceitar a idéia dele, desde que ele venha, sente, converse, fale olha, eu acho que se você fizesse aquele negocinho ali você ia ter um resultado melhor. Puta vida, você acrescentou e muito. Então venha, é isso que a gente quer, nós não queremos deixar ninguém de fora, mas que venha acrescentar, meter o pau, mas na hora que ele esteja falando mal, metendo o pau, ele tenha também a solução né, porque jogar pedra na cruz e não ser quem tá ali crucificado não dá né, então...

**I:** Você disse que as fazendas aqui em Joaquim Egídio quase não tão sendo loteadas e as que estão, estão com áreas grandes de loteamento. Você acredita que essa já é uma visão de um agricultor, um fazendeiro, com preocupação com a questão ambiental ?

**Marcelino:** É uma delas né, porque aí ele não sucateia, ele não leiloa o pedaço da fazenda dele, porque todo fazendeiro tem as suas..., que dizer, não o fazendeiro, mas todo mundo tá com um situação financeira razoavelmente desequilibrada né, um altos e baixos, vai lá, vem cá, não paga um dia, paga no outro né, não sai mais, aí menos né. Então não vai ter retaliação da fazenda, ele tá se preocupando, eles tão fazendo..., assim gente pode achar que não, mas cada um ta fazendo a sua parte, eu acho que ele não picotando em mil metros, sendo só de vinte mil já é um grande passo, você vai ter uma família morando num espaço de vinte e metros e não vinte em mil metros, então são dezenove famílias não poluindo o local, desde o banheiro, com lavada do carro, abrir um buraco, ou detonar um lençol freático, então ele vai ter isso contar na consciência eu acho que bem né.

**I:** Isso conserva a característica local.

**Marcelino:** Conserva a característica do local. Porque são grandes fazendas né e infelizmente é caro tocar uma fazenda hoje, então um ou outro vai, dá uma picotada num pedaço, mas sendo de vinte mil eu acho que não tem problema nenhum, o filho de alguém vai ter que morar ali.

**I:** Uma sugestão sua pra como a gente desenvolve uma Educação ambiental aqui na região.

**Marcelino:** Uma receita básica né, eu acho que a gente podia agregar a humildade de todos, com a vontade que todos tem de preservar o local e que todos calçassem realmente a sandália da humildade pra tá juntando e cada um aceitar a opinião do outro, eu acho que se a gente conseguir se respeitar vai ser um grande paço pras coisas começarem a mudar aqui na nossa região.

**I:** Marcelino você pensa em algum projeto onde se possa tá trabalhando a história através dos velhos, a união das gerações ?

**Marcelino:** Então nós poderíamos partir pra dois lances de um projeto: Um é a própria escola né, seria assim as séries mais..., sei lá como fala, mais estudadas, tipo quinta, sexta, sétima, oitava, ou primeiro, segundo..., eu não sei como que é a divisão agora educacional.

**I:** Ensino médio.

**Marcelino:** Ensino médio, é, eu não sei. Então eu acho que poderia pegar os mais adultos da escolaridade, que eles fizessem um projeto aonde eles pudessem tá saindo das classes pra fazer um belo trabalho de entrevistar e fazer a história de Sousas ser contada pelos mais velhos, os moradores mais antigos. Aqui em Sousas nós temos morador que já participou da II Guerra Mundial, que é o Lili Bertazzoli, que é meu tio, nós temos aqui um morador, o Élcio, que é campeão da Copa do Mundo de 58. Então nós temos velho que poderiam contar história desde quando eles vieram pra cá até esse morador que é novo aqui, o Élcio que o campeão mundial da seleção brasileira, ele é um dos mais novos, então ele tem história pra contar, talvez não de Sousas, mas história da vida dele. E quantos moradores de idade que tem ? Esse é um projeto dos adultos pra tá fazendo esse trabalho, é um deles, é um trabalho social. E o trabalho onde..., outro trabalho social que o Sousas Futebol Clube e seria Sousa né, o campo do Sousas e o campo do Ideal, eles poderiam tá fazendo um trabalho que seria assim, tem o time adulto, que seria o dos pais e seria assim uma obrigação desse time formar as categorias de bases dos próprios filhos, seria infantil, juvenil, dente de leite, fraldinha, onde você estaria tirando algumas gerações da rua e fazendo eles participarem do esporte. Seria indo bem na escola, tirando boas notas, fazendo algum trabalho social, indo plantar, indo limpar, sei lá, N maneiras de tá fazendo um trabalho de cidadania, o próprio filho fazendo construção da terra dele. Porque daqui a pouco esse menino que é o dente de leite ele vai ser o jogador adulto né. Mós temos aqui um menino que é o João Leonardo que hoje é de seleção sub 20 né de futebol, aonde ele foi jogador de um

projecinho que eu fiz há onze anos atrás de uma molecada que participaram, aonde eram dois times, um era dente de leite e um infantil eu acho, eu era até quinze anos de idade e um até oito, não, de oito a onze e de onze a quinze, eram os dois times que eu tinha. Um dos meninos hoje é da seleção brasileira de futebol, por que que não pode ter um outro aqui ? Só que tá escondido aqui, não se tem um trabalho, não e tem um projeto. Tem pessoas que poderiam tá fazendo peças de teatro, nós temos um diretor de teatro aqui, nós temos pessoas ligadas à Unicamp, são pessoas que poderiam tá elaborando grandes coisas. Na escola poderia ter peças de teatro, onde o morador que é diretor, ele mora em Joaquim Egídio, é o Sebá, ele poderia tá tendo um projecinho voltado com alguma classe. Já pensou a gente desperta um ator e ele se torna um ator global ? Como é que você acha isso ? Através de projetos sociais pequenos, que sejam bem elaborados, voltados pra isso.

**I:** O que parece é que falta essa chamada né.

**Marcelino:** A integração.

**I:** Vai precisar alguém fazer essa chamada.

**Marcelino:** É, só que às vezes a gente...

**I:** Quem seria essa peça ?

**Marcelino:** É, quem vai se o líder, quem que vai chamar isso ? Isso é uma coisa que pode vir da sub-prefeitura, das duas, que tão aí sentadas, pegando pessoas que estejam realmente a fim e que não fiquei só na ilusão, que vá fazendo o campo mesmo, porque sentar e fazer projeto no papel é fácil, o duto é passar ele pra frente. Existe muitas pessoas aqui eu acredito que poderiam tá..., como fala, assumindo...

**I:** Concretizando.

**Marcelino:** Concretizando, buscando, se não for de um jeito pode ser do outro, de alguma maneira tem e há meios, nós temos muitas pessoas fortes e influentes em Sousas e Joaquim Egídio que poderia tá atendo a esse projetos, enfim a vários projetos, mas tem muitas pessoas que tem um pouco de omissão, são mais omissos do que a fim de fazer, tá na hora deles terem saindo disso né.

FINAL DA ENTREVISTA COM MARCELINO

## APÊNDICE - 8

### 5ª Entrevista com Sr. José Dresler Neto

**I:** É José Dresler Neto, pai do Gabriel Dresler do CEMEI Alexandre Sartori. José quanto tempo que você tá morando na sua chácara ?

**J:** Aproximadamente três anos.

**I:** Três anos. O que que te levou a tá morando lá ?

**J:** A necessidade de uma qualidade de vida melhor.

**I:** O que que seria essa qualidade de vida melhor ?

**J:** Olha, o que seria essa qualidade de vida ? Um local melhor pra morar, tranqüilo, ar né, um ar melhor pra respirar, eu lembro que o Gabriel quando a gente morava na cidade ele tinha problema respiratório constante, tava constantemente, inclusive chegou a ser até internado quando era pequenininho. Depois que a gente mudou pra chácara ele nunca mais ficou doente, não fica, passa o inverso sem uma gripe, às vezes tem uma gripinha, dura dois dias, três dias, nem remédio toma, sara assim, do jeito que vem vai embora.

**I:** E Da onde saiu essa orientação pra você tá indo pra lá ?

**J:** Não, foi nossa mesmo, dos pais mesmo, isso aí sempre teve uma vontade também de tá morando numa propriedade assim junto da natureza, sempre teve essa vontade.;

**I:** Vocês moravam onde ?

**J:** Morava em Campinas próximo do Padre Anchieta.

**I:** E daí você já conhecia a região aqui ?

**J:** Não, foi engraçado, eu vim passear uma época aqui na região de Joaquim Egídio, naquele local ali perto do observatório que tão construindo uma igreja ali, onde tem aquela cruz, não sei se você conhece lá e a gente foi conhecer, na época eu perguntei pro caseiro né, falei assim tem alguma chácara por aqui pra vender ? Mas eu não tinha nem dinheiro na época, não tinha dinheiro, aí ele mostrou do outro lado da montanha, ele falou assim, olha, tem aquela chácara ali pra vender. E por curiosidade eu liguei pro proprietário, perguntei o preço, ele falou pra mim, mas eu não tinha condições de comprar na época. E foi passando o tempo e o proprietário não vendeu pra ninguém, aí por coincidência, eu também tinha adquirido o dinheiro na época, passou dois anos desde a época que eu conheci e eu consegui compra a propriedade, acabei comprando lá, a gente construiu lá e eu mudei pra lá.

**I:** O que que tem lá por perto ?

**J:** De que, de vegetação ou de animais ?

**I:** De animais, vegetação e de comércio.

**J:** Olha, de animais o que a gente já observou, observamos né, pássaros eu não sei exatamente os nomes, mas o que eu conheço assim tipo pica-pau, pintassilgo, sabiá, João-de-barro tem bastante, a gente vê até fazendo a casinha né no poste, seriema, aqueles ouriço do mato, que a gente já viu já, que eu vi assim de olho nu, coelho. Que mais ? Coelho, ouriço, raposa, já vi cachorro do mato, já vimos veadinho. (barulho de telefone) Que mais que tem lá? Macaco, aqueles moji, não com (?) na chácara, mas andando na mata né, moji, cobra... Que mais ?

**I:** E de vegetação ?

**J:** De vegetação eu não sei os nomes, mas vegetação é bem ampla, bem fechado, bem bastante vegetação na região, eu não sei os nomes, não sei nomes, de vegetação eu não sei nomes, mas é bem fechado, tem bastante vegetação, bem preservado. Só que precisa ser efetuado um trabalho assim de conscientização lá em cima, porque os caseiros que moram lá eles não..., pra eles tanto faz cortar ou plantar ou deixar de cortar, ou caçar os passarinhos, pra eles tanto faz.

**I:** E de agricultura o que que comercializado lá, o que é plantado ?

**J:** Então de agricultura na minha propriedade a gente não produz nada assim pra venda, porque a gente trabalha fora, eu não tenho tempo de produzir. Então o que que a gente tem? Tem mais é uma horta pra consumo próprio, frutas que a gente tá plantando na chácara pra futuramente tá colhendo, mas pra produção por enquanto nada, porque a gente não tem tempo. O que a gente tem no local é uma vaca, são duas vacas, inclusive ela vai ter agora tendo bezerro pela primeira agora nesse mês né e as galinhas né, galinha, ganso...

**I:** E os vizinhos o que que plantam lá ?

**J:** Do meu lado esquerdo tem um vizinho que tem uma plantação de goiaba e bastante fruta, só que ele não tá produzindo goiaba mais, então a plantação ali tá parada. Do lado direito ele também não planta nada, ele só tem a propriedade lá com frutas pra produção dele. Mas tem algumas chácaras na

redondeza que o pessoal produz goiaba, mexerica, laranja, é mais isso aí, goiaba, mexerica, laranja, manga e..., é, é só isso, basicamente é só isso na região lá que eles tão produzindo, mas a maioria das propriedades na redondeza não produz muita coisa pra comércio.

**I:** E escola praquela região tem ?

**J:** Não, não tem escola lá, não tem ônibus, as pessoas tem dificuldade no transporte de ônibus, tem dificuldade de escola, o ônibus que tem lá é quatro vezes por dia só, o último ônibus é seis e meia da tarde, depois não tem mais ônibus, de sábado e domingo não tem ônibus, de feriado não tem ônibus, as crianças ficam bem isoladas na região, não tem pra onde sair.

**I:** E também não tem nenhum centrinho comercial...

**J:** Não, não tem nenhum centro comercial, não tem nada, nada, nada, nada, é bem isolado mesmo.

**I:** E as crianças fazem o que lá ?

**J:** Eu noto, porque a gente tá acostumado que a gente morava na cidade, o que que a gente nota ? A gente notava que na cidade existia uma conscientização dos pais de deixarem as crianças brincarem juntas, um ia na casa do outro, brincava, almoçava. Lá não, eu noto que os pais não deixam as crianças saírem pra ir na casa dos outros, não saem, então não tem essa comunicação entre as crianças, ah traz o seu filho pra brincar em casa, ou leva ele aqui pra brincar, deixa eles brincarem junto, não tem, às vezes sou eu que insisto um pouco, acabo levando às vezes na chácara de alguém pro Gabriel brincar um pouquinho com outra criança, mas é só um pouco. Mas eles não tem essa iniciativa de pegar o filho, levar o filho pra brincar num parque, levar o filho na casa de alguém pra brincar um pouquinho com o amiguinho da mesma idade, não tem esse tipo de iniciativa, fica mais tempo dentro de casa mesmo, porque eu noto as outras crianças chega o final de semana e feriado só fica ali na casa, só, com o pai e com a mãe e não saem pra outro lugar, não tem outra atividade diferente.

**I:** E onde essas crianças estudam ?

**J:** A maioria eu creio que estuda em Morungaba, a maioria.

**I:** Que é a divisa do município.

**J:** Exatamente. Por incrível que pareça Morungaba, dá a impressão que Morungaba investe mais em Campinas, mais (?) conservatório do que próprio Joaquim Egídio pra tá investindo lá, investe muito mais.

**I:** O que que leva você a ter esse pensamento, que investe mais do que Campinas ?

**J:** Pela observação, eles observam, quando tem eleição eles tem ônibus que vem buscar lá, eles fornecem o ônibus que vem buscar as crianças, anda num pedaço bem grande, o ônibus de Morungaba passa pelo Observatório, desce até o asfalto, vai até as Cabras, depois volta, passa pela fazenda ali, acho que é a..., como chama ? Que tem produção de leite...

**I:** A Bonfim.

**J:** A Bonfim e vai embora, inclusive esse mesmo ônibus ele serve de transporte também para os pais, não é adequado, eu sei que não é adequado, mas acaba servindo de transporte também pros pais pra poderem comprar alguma coisa na cidade. Os caseiros que passam mal, que tem problema de saúde, vai pro hospital de Morungaba, é atendido, fazem todo o tratamento médico em Morungaba, dificilmente vem pra cá, porque não tem transporte, não tem ônibus mesmo, eu acho um absurdo. Quem nem, por exemplo meu filho agora tá indo pra oitava série, como que eu vou fazer com ele ? Não tem transporte. Por exemplo, todos os dias eu chego aqui em baixo do trabalho oito horas, oito e meia, minha esposa tem que descer de carro lá do Observatório até aqui em Joaquim Egídio, que dá dezesseis quilômetros, pra me pegar, então eu saio de casa por volta de quinze pras seis da manhã e chego em casa nove horas da noite, por causa de transporte.

**I:** É um problema né.

**J:** É um problema.

**I:** Bom, vamos lá falar um pouquinho do CEMEI Alexandre Sartori. Desde quando o seu filho tá aqui ?

**J:** O Gabriel..., eu não sei se é o terceiro ano ou o segundo ano, eu não tenho certeza, não guardo muito bem de data, mas eu acho que é ou o segundo ou terceiro ano.

**I:** Tá. Você conhece então o projeto da escola ?

**J:** Conheço o projeto de conscientização né, aprendendo com arte né, de t[er]ças em contato com a natureza, preservação, reciclagem, conheço.

**I:** Você já participou de alguma atividade aqui da escola ?

**J:** Já participei daquela caminhada que teve, de (?) aqui na trilha, que eles colocaram as plaquinhas de preservação, do teatro que teve; minha esposa participou também de uma outra atividade que teve, de um outro teatro, que eu não pude ir, mas eu acho que foi aqui perto da Estação Cultura; já participei de...

**I:** Estação Ambiental.

**J:** Ambiental.

**I:** Você pode falar um pouquinho da caminhada, dessas atividades que você participou como que foi, o que que você achou de interessante... ?

**J:** A caminhada foi boa, eu acho que devia ter mais caminhadas, ter mais vezes, mas eu achei assim por parte assim dos pais e dos professores o pessoal um pouco acanhado, o pessoal, eu lembro que teve uma hora que a gente parou do lado de uma árvore grande, bonita, aí eu até falei pro pessoal, ô pessoal vamos aqui a gente abraçar essa árvore, dar as mãos e abraçar a árvore e tirar uma foto. Todo mundo ficou quieto, ninguém falou nada, ninguém nem respondeu.

**I:** Pior que será isso ?

**J:** Porque ficaram com vergonha, com vergonha, acanhado, falei vamos aqui abraçar essa árvore, todo mundo dá a mão pra mostrar o tamanho dela né e eu acho que era aquela árvore aquele Pau de Alho.

**I:** Pau D'alho.

**J:** De Alho né, Pau de Alho, sei lá.

**I:** Isso, Pau D'alho chama.

**J:** Pau D'alho né.

**I:** É Pau de Alho. E o pessoal nem respondeu, foi tão engraçado, aí pensava que o pessoal não tinha escutado, mas escutaram, ouviram né, aí ninguém respondeu nada, o pessoal foi andando, disfarçando, foram andando, mas o pessoal tava um pouco acanhado, tanto por parte dos pais e da escola também.

**I:** E qual era o objetivo dessa caminhada ?

**J:** Eu creio que era conscientização né, que as plaquinhas tavam ali dizendo pra não jogar papel no chão, que o ribeirão não é lixo, os pássaros da região, o que que tinha ali, era conscientização mesmo de preservação, tanto pras crianças como pros pais, eu acho que até mais pros pais do que pras crianças né, pra poder tá plantando dentro de casa.

**I:** Certo. E do teatro que você participou ?

**J:** O teatro foi muito bom, eu acho que os adultos gostaram mais do que as crianças.

**I:** Por que ?

**J:** Foi muito bom né, porque a gente resgata um pouco né a parte de infância né, é gostoso né, você para um pouquinho pra prestar atenção, s brincadeiras né. E o teatro foi bem aquela coisa com a natureza né, o sapinho que nasce, que cresce né, foi muito gostoso, muito bom o teatro.

**J:** Foram as crianças que fizeram o teatro ?

**J:** Não, foi uma equipe de teatro que veio, que eu não lembro qual é, se não em engano foi a Última Festa no Céu acho que era a peça, acho que a Festa no Céu.

**I:** Tá. Você costuma participar dessas atividades que a escola promove ?

**J:** Sempre quando eu tenho disponibilidade de tempo eu não deixo de participar, agora quando eu não tenho condições de vir mesmo daí eu não venho, daí minha esposa pelo menos vem, um ou outro vem.

**I:** O que que leva vocês a participarem dessas atividades ?

**J:** Acho que mais pra incentivar o Gabriel, incentivar o nosso filho mais velho também que ele vem junto geralmente né e pra gente também se distrair um pouco, se divertir também, porque é gostoso né, é bom.

**I:** E essa relação com o projeto da sala de aula do seu filho, você conhece o projeto que ele desenvolve com as professoras ?

**J:** Não, detalhadamente não, não conheço detalhadamente, inclusive a última reunião eu não pude vir, inclusive eu até conversei com ela, a gente precisa marcar um dia pra tá conversando melhor, eu não pude vir na última reunião por causa do trabalho, porque minha esposa entra às sete da manhã pro trabalho e aquele dia eu também tinha que sair cedo pra entrar no trabalho, então não pude vir.

**I:** E você conhece o tema que ele tá trabalhando ?

**J:** Eu acho que é Reciclagem, pelo que eu vejo no caderno, acompanhando com o Gabriel, que o Gabriel não para de falar de Reciclagem, ele toda hora quer trazer as coisas pra escola, pai eu vou levar essa

garrafa pra escola, eu vou levar esse plástico pra escola pra reciclar e ele exige da gente, põem numa sacolinha que eu vou levar, ele quer juntar, ele quer juntar tudo.

**I:** Então vocês participam dessa atividade da sala de aula dele ?

**J:** É, a gente acaba participando em casa né, que a gente vai guardando pra ele, ele identifica os caminhões na cidade que fazem coleta seletiva, olha pai eles reciclam também né. Hoje, por exemplo, de manhã ele tava perguntando assim, ô pai o pneu do carro é de borracha, é de petróleo, ele perguntou pra mim. Eu falei, é de petróleo. Aí ele perguntou assim, aqui na chácara tem petróleo pai ? Ele perguntou assim. Eu falei, ah pode ser que tenha, só que tem que fazer um buraco bem fundo, eu falei pra ele né. Ele falou fundo como, até o fim ? Ele perguntou. Eu falei, ah, mais ou menos isso eu falei pra ele, mais ou menos até o fim, até lá em baixo. Ele perguntou se tinha petróleo na casa dele.

**I:** E você acredita que o ensino que ele tem aqui na sala ajuda a educação de vocês ?

**J:** Ajuda, com certeza, ajuda muito, abre os olhos da gente, ajuda bastante, porque eles cobram a gente.

**I:** Educa essa cobrança ?

**J:** A cobrança é justamente isso né, olha pai o passarinho, isso daqui não pode jogar na natureza, demora tanto tempo pra..., ele sabe, isso aqui não vai apodrecer, não pode jogar na natureza, o bichinho tem vida, não sei o que lá, então tá sempre mostrando pra gente, é como se fosse assim lembrando a gente, a gente já tem um conhecimento, mas ele está lembrando, é uma maneira assim de lembrar a gente pra você ficar mais vigilante.

**I:** Você já recebeu a escola lá na sua propriedade ?

**J:** Não, não, nunca recebi, inclusive eu tenho acho que uns oito pés, uns oito ou dez pé de Ipê que eu peguei naquela atividade que teve na Beira Rio com os pais e acho que ia dá um só, daí eu fiquei insistindo, ah eu vou levar mais de um, eu vou levar mais de um, uns oito pés de Ipê eu levei pra minha chácara, tá lá plantadinho.

**I:** Você tem intenção de receber as crianças lá ?

**J:** Se tiver disponibilidade de tempo de minha parte, tudo certinho, eu acho que não tem problema nenhum.

**I:** O que que você faria pra tá recebendo ?

**J:** Não sei, eu não sei o que eu faria.

**I:** Você faria que atividade... ?

**J:** Eu acho que agente poderia fazer assim tipo assim uma caminhada mesmo, tá mostrando o Ribeirão que passa lá em baixo, no fundo da minha chácara, as algas que nascem no Ribeirão, a mata nativa que nasce, que tá nascendo, tem algumas árvores que são nativas ali que eu conheço, que é o Assa Peixe, que é nativo, que as pessoas..., inclusive eu ouvi dizer que as pessoas da região usam aquele Assa Peixe pra pancada, como se fosse uma erva medicinal né. E mostrando pra eles as necessidades da natureza, eu lembro que minha sogra quando era viva, eu acho que ela teve quinze filhos, nunca conheceu médico na vida e eu perguntei pra ela assim, que remédio que a senhora tomava ? Ela fala assim eu fazia umas engarrafadas com ervas. Então eles usavam a própria natureza pra tá se beneficiando, se curando né, com chá, eu lembrava que ela falava assim, tá vendo cana, cana é bom pra gripe, ela fazia chá da cana pra gripe né.

**I:** E da onde vem esse conhecimento pra ela ?

**J:** Ah dos pais, com certeza, dos pais, dos avós e foi passado. Agora isso praticamente tá morrendo porque a gente..., minha esposa conhece um pouco ainda de algumas ervas, mas praticamente tá morrendo porque eu conheço, muito, muito, muito pouco, praticamente digamos uns cinco por cento só, até menos eu acho. Mas as pessoas antigas andavam no mato e já sabiam tudo pra que que servia, isso serve pra isso, serve pra aquilo outro.

**I:** José que Ribeirão que passa lá ?

**J:** Eu acho que o Ribeirão das Cabras mesmo, que começa lá em cima, vai descendo né.

**I:** Vocês utilizam essa água ?

**J:** Não, não utiliza porque o Ribeirão ele..., nasceu muito ali é..., como que chama, sapé, sapé não....

**I:** Aguapé.

**J:** Não é aguapé, não é sapé, como que chama o outro ? Taboa, nasceu muito taboa. Do lado tem o Ribeirão que é do vizinho, que ele limpou, mas vira e mexe nasce bastante algas né, ali tem peixe inclusive, tem bastante peixe, as crianças pescam mesmo ali. Mas o meu no caso que tá com bastante taboa a gente não pode mexer sem autorização, então precisa ter uma autorização, precisa ter um projeto de

engenheiro, aprovação da polícia ambiental, nossa, é muito trabalhoso e um custo muito alto, então a gente não pode mexer, então eu deixo ele realmente paradinho, do jeito que ele tá passando ali ele fica, não mexo, então não tem como eu tá usufruindo realmente dele.

**I:** Agora só pra finalizar aqui sobre o CEMEI. Essa relação da escola com as família que moram em propriedade agrícola, você acha que eles podem tá ajudando a área agrícola, as crianças podem interferir nessa... ?

**J:** Como assim ? Especifica de que maneira.

**I:** As crianças aqui tão trabalhando a questão ambiental, os eu filho é morador da área rural, você acha que ele tem um potencial de ajudar essa região ?

**J:** Futuramente sim, futuramente sim, mas é importante a escola, que nem, por exemplo, o trabalho que o CEMEI tá fazendo seria importante, no caso quando eles forem pra outra escola, que é aqui do lado né, pra primeira série, ter continuidade esse trabalho, senão vai morrer, porque nessa idade que eles tão, com seis anos, a gente planta sementinha , só que se não der continuidade esquece muito rápido, acaba esquecendo, acaba passando batido, porque eles vão ter outras atividades, vão ter outras coisas quer vão e interessarem mais e acaba deixando de lado, então tem que ter, tem que ser dado continuidade pelo menos até a quarta série, eu acho que pelo menos até a quarta série.

**I:** E a família não poderia tá fazendo esse papel também, quando ele for pra primeira série fazer esse tipo de cobrança na escola ?

**J:** Com certeza.

**I:** Uma participação da família na escola.

**J:** Com certeza, tá cobrando da escola. Eu reparo que tem uma horta aqui na escola, ali perto do primeira série tem bastante árvore, tem bastante coisinha plantada ali, eu não sei como que é a atividade deles lá, se realmente eles vão na horta, se eles plantam, como que é, mas eu acho que tinha que ser dado continuidade pelo menos até a quarta série que é onde eu acho que vai tá mais assim enraizado neles a conscientização de preservação, daí a continuidade eu acho que vai depender mais deles depois e dos pais. (interrupção da gravação)

**I:** José Dresler, proprietário, to fazendo agora a entrevista sobre a propriedade. Como que chama a sua chácara ?

**J:** De início tá como nome Nova Geração, mas eu não tenho placa ainda na porta.

**I:** Há quanto tempo mesmo você tá morando lá ?

**J:** Dois anos e meio a três anos.

**I:** Você escolheu a região...

**J:** É, por necessidade de ter uma qualidade de vida melhor e de tá morando mais próximo da natureza mesmo.

**I:** E o que que te chamou a atenção pra decidir que era nesse local ?

**J:** A beleza do lugar, a beleza do lugar, proximidade da cidade, por ser próximo da cidade e ao mesmo tempo parecer que tá tão longe da cidade, a impressão da gente, a gente que mora lá, que você tá há uns duzentos quilômetros de Campinas, porque é muito preservado muito bonita a região ainda lá, a região do Capricórnio.

**I:** Você diz que você é apicultor, tem algumas caixas de abelha ?

**J:** É, eu to iniciando a atividade de apicultura faz pouco tempo, nós estamos com sete caixas de abelhas por enquanto.

**I:** Você tá tendo formação pra isso ?

**J:** Nós fizemos um curso na Casa do Apicultor em campinas, eu e minha esposa fizemos o curso, inclusive eu também dei o curso pro meu filho mais velho de abelhas sem ferrão, nós fizemos junto, eu levei ele junto pra fazer o curso.

**I:** Vocês pretendem trabalhar com isso ?

**J:** É, a apicultura é uma atividade que você inicia ela, ela vai te dar um retorno a longo prazo, não é curto prazo, então eu pretendo tá trabalhando com isso também.

**I:** Você já tem alguma produção ?

**J:** Por enquanto não, por enquanto nenhuma produção ainda, só tá juntando as colméias né.

**I:** E é tranquilo fazer essa coleta ?

**J:** É tranquilo, é tranquilo, de vez em quando leva umas picadinhas, mas é tranquilo.

**I:** Quem que mora lá na tua chácara ?

**J:** Eu, minha esposa e meus dois filhos, o Gabriel de seis anos e o Felipe de treze anos.

**I:** O Felipe tá estudando aonde ?

**J:** Aqui no Barreto Leme.

**J:** E a sua esposa faz o que ?

**J:** Minha esposa é auxiliar de enfermagem, trabalha no Centro de Saúde Parque da Figueira.

**I:** E você ?

**J:** Eu tenho três atividades né, que é a agricultura, ela também é agricultora, inclusive minha esposa também é agricultora, tenho a atividade de agricultura, sou masoterapeuta e salva-vidas.

**I:** Você tem algum lugar que você trabalha ?

**J:** Atualmente agora no alto verão eu to começando a trabalhar ali no Clube Atlético ali de Valinhos e to trabalhando também como..., na realidade não é mais salva-vidas, a nova legislação pede que o nome seja guarda-vidas.

**I:** Quando você resolveu abrir lá a sua chácara, a apicultura mais precisamente, você recebeu alguma orientação ou você que foi atrás ?

**J:** Eu fui atrás, a gente foi atrás, a gente procurar porque como a gente não tinha tempo de tá produzindo alguma coisa na chácara pra tá colhendo como mexerica, laranja, horta, alguma coisa pra venda, a gente não tem tempo e não tem condições também de colocar um caseiro lá pra tá pagando, então o que a gente pensou ? Vamos colocar (?) abelha aqui na região pra gente poder tirar alguma coisa da propriedade, foi essa a intenção, a gente tirar alguma coisa pra ter pelo menos o..., cobrir um pouco o custo da propriedade, entendeu ?

**I:** E tem alguém que trabalha com apicultura aqui na região, você conhece ou não ?

**J:** Tem, lá na nossa região tem, inclusive tem mais lugares que tem abelha lá, mas eu não sei o nome das pessoas.

**I:** E aonde que você, na Casa do Apicultor ?

**J:** Foi na Casa do apicultor que a gente fez o curso.

**I:** E quando vocês tem alguma dúvida aonde vocês recorrem ?

**J:** Geralmente na Casado Apicultor, o pessoal sempre tira a dúvida da gente lá.

**I:** Mas eles vem até o estabelecimento também ?

**J:** Se precisar pedir pra vir eles vem, mas geralmente essa dúvida a gente tira na hora mesmo, é tranqüilo. (barulho de telefone)

**I:** Essa região, que nem você falou, é bastante reservada, você conhece a área... (interrupção da gravação) A área onde você mora tá bastante preservada, ela faz parte da Área de Proteção Ambiental de Campinas, você conhece alguma coisa sobre a APA, que é essa área de proteção Ambiental ?

**J:** Não, não conheço.

**I:** Você tem conhecimento que existe essa área de preservação ambiental no município ?

**J:** Eu tenho conhecimento que aquela região aonde eu to é área de preservação ambiental, mas o total que abrange essa área eu não tenho conhecimento.

**I:** Você não participa das discussões aqui da região ?

**J:** Não, eu não participo por causa da disponibilidade de tempo, que nem eu falei pra você tinha uma época que eu fazia parte de Orçamento Participativo, mas eu não pude mais pro causa da disponibilidade de tempo e de transporte, se tivesse pelo menos um transporte de ônibus ali pelo menos de hora em hora dava pra gente sair mais, mas pra você sair constantemente, vai e volta, vai e volta, o custo fica muito alto, a gente não consegue mesmo, aí fica difícil pra tá andado pra cima e pra baixo.

**I:** Sendo uma área de proteção ambiental que interferência ela pode tá causando na sua chácara?

**J:** Interferência negativa ou positiva ?

**I:** Qualquer uma.

**J:** Negativa eu não vejo nenhuma. Positiva eu vejo porque vai tá preservando ali a vegetação, vai tá preservando assim os animais, os pastos, água, afluentes, tudo em relação à vida vai tá me beneficiando. Agora parte assim negativa eu não vejo nenhuma...

**I:** Nenhuma restrição do que utilizar dentro da sua chácara ?

**J:** Não, no momento eu não consigo enxergar essa restrição não.

**I:** Porque a área de proteção ambiental ela tem algumas restrições...

**J:** É, não pode cortar árvore, não pode, que nem eu falei pra você, eu não poso mexer no meu afluente lá, eu não posso aumentar, não posso fazer nada, só com autorização, mas eu não vejo ponto negativo nisso não.

**I:** Isso não seria um ponto negativo.

**J:** Pra mim pelo menos não, pra mim não.



**I:** Esse todo trabalho de poder entrar num órgão público pra pedir autorização pra limpar o ribeirão não é problema ?

**J:** É, eu não digo problema, eu acho que seria o ponto que é positivo, porque se largasse ia virar bagunça né, é lógico que se pudesse ir lá limpar o meu tanque, aumentar ele direitinho, e fosse aprofundar ou fazer alguma coisa, seria te bom, mas é o que eu te digo, às vezes a gente não tem conhecimento e agente pensa que tá fazendo as coisas corretas e não tá, vamos supor que eu aumente o tanque, faça uma coisa muito grande lá e caia uma quantidade de chuva grande, eu acho que nem a barragem que eu fiz lá é uma barragem que vai suportar a quantidade de água e não suporta e aquilo lá estoura imagina o estrago que vai fazer pra baixo. Então eu acho que é um ponto negativo e positivo ao mesmo tempo, é uma balancinha que tá sempre presente ali e tem necessidade dessa vigilância deles.

**I:** E essa vigilância do órgão público ela é freqüente ?

**I:** Não, não é, dificilmente vai alguém lá, eu não vejo guarda municipal indo lá pra cima, muito pouco assim carro da polícia ambiental passando, quando passa simplesmente só passa, só passa com o carro, eles não param um pouco, eles não andam a pé, eles não olham. Que nem, por exemplo, a propriedade em frente a minha chácara, que é um pasto os caseiros do lado jogam lixo lá, tá cheio de lixo, eu acho um absurdo, você vai andar na mata lá você vê um monte de sanito, de lata de óleo, caixa de leite, fralda, tudo jogado no mato lá, não tem conscientização.

**I:** Lá tem coleta de lixo ?

**J:** Não tem coleta..., não, tem coleta de lixo que eles passam na estrada que vai pro Observatório, mas lá pro meu lado que tá o lado oposto não tem, não passa. Mas isso é a própria conscientização do pessoal, eu, por exemplo, eu não faço buraco na propriedade pra jogar lixo, eu separo o lixo, o que é de resto de comida eu dou pras galinhas, dou pros animais. O que não posso aproveitar, o que não seja o lixo orgânico que eu não posso aproveitar eu ponho no saquinho e quando eu desço de carro eu trago pra cá, então eu não deixo lixo nenhuma na propriedade, todo dia eu arrumo o lixinho, amarro o lixinho e trago pra cidade, ponho aqui no asfalto aqui, que é asfaltado das Cabras, tem um monte de lixeira, você põe ali, o lixeiro passa de segunda, quarta e sexta e leva embora, não tenho dificuldade nenhuma.

**I:** O que que o órgão público poderia tá fazendo de bom pra essa sua área ?

**J:** Transporte né, acho que transporte, atividade pras crianças, digo uma creche ali mais próxima, pelo menos eu acho eu uma creche pra tá ajudando as mães que trabalham, as crianças até seis anos de idade, uma creche, se possível escolas pras crianças, parques pra tá brincando, tá tendo atividades, posto de saúde, pronto atendimento se for o caso vinte e quatro horas, porque as pessoas passam mal e eles tem que pedir pra gente levar pro hospital, você imagina uma pessoa morando naquela região passar mal de madrugada, não tem telefone, eu não tenho telefone na propriedade, só celular e tem gente lá que mora lá não tem nem celular, nem telefone, nem nada.

**I:** I Celular pega lá ?

**J:** Te, m lugar que não pega, o celular na minha casa ele pega só naquele cantinho que eu coloquei, eu saí dali já não pega mais, então tem toda essa dificuldade de transporte, de..., por exemplo, quando eu liguei pra Telefônica pra tá colocando o telefone pra gente lá, eles queriam um orçamento de três mil reais, três mil reais, eu achei um absurdo e era uma coisa que eles iam tá ganhando, a longo prazo ia acabar recuperando isso aí, deram um orçamento de três mil. Então posto de saúde, escola pras crianças, algum parque, alguma coisa pras crianças terem atividade, transporte principalmente, não adianta botar o transporte três vezes por dia que é um absurdo, quem trabalha até sete horas da noite não vai pegar esse transporte, que ele passa... (interrupção da gravação)

**FINAL DO LADO A**

**J:** ...ele passa aqui no..., o transporte passa aqui no posto de Joaquim Egídio, o último, seis e meia da tarde, depois não tem mais, as pessoas ficam esperando carona, fica andando, andando a pé, anda às vezes dez quilômetros com criança de colo ou criança pequenininha, eu vira e mexe eu dou carona pras pessoas, às vezes a gente tem até medo às vezes de dar carona dependendo da pessoa, a gente não conhece, mas vira e mexe eu dou carona. As pessoas vem pro postinho de saúde de manhã pra tirar sangue em jejum e andam dez, quinze quilômetros a pé até o posto de saúde e às vezes chegam no posto de saúde o médico não tá, volta pra casa, chega no posto de saúde é atendido tipo oito horas da manhã, depois fica no posto de gasolina esperando até meio dia pra pegar a perua pra ir embora, isso com criança pequena, às vezes não é nem meio dia, às vezes fica o dia inteiro aqui sem comer com as crianças, que nem eu já vi, sem comer, sem alimentação, até quatro horas, cinco horas da tarde esperando o médico pra depois ir embora e sem comer, eu já vi, to sempre vendo, o próprio vizinho meu passando por isso.

**I:** Você tá sugerindo que faça um centrinho lá pra Cabras.

**J:** Lá pra cima, escola e posto de saúde, pelo menos escola e posto de saúde e transporte.

**I:** Você acha que com isso não teria uma urbanização lá dentro ?

**J:** É, sempre a gente é interessante tá ressaltando que..., a palavra correta, vai urbanizar sim, vai urbanizar um pouco, mas existe a necessidade de pelo menos tá acolhendo essas pessoas lá, ou então a própria Prefeitura começar a transportar essas pessoas, pegarem eles, todo dia ter uma perua lá, pegar as pessoas que precisam tirar sangue, pegar as pessoas que precisam ir no médico, depois traz de volta, não é pegar sete horas da manhã, depois uma outra perua de novo só as seis horas da tarde. Não, é colocar umas quatro, cinco peruas por dia ou a disponibilidade vinte e quatro horas até ele ir buscar, ou se pudesse pelo menos esse posto de saúde aqui de Joaquim Egídio fosse pronto atendimento, funcionasse vinte e quatro horas, se não quer colocar um posto de saúde lá, mas pelo menos um pronto atendimento vinte e quatro horas aqui, porque daí as pessoas que passam mal lá vem pra cá. O meu vizinho quando passou mal, teve que ficar internado, sabe pra onde que eles mandaram ele que é referência ? Lá no Padre Anchieta, olha coitado, ele ligou pra mim, não sabia como voltava de lá, lá no pronto atendimento do Padre Anchieta, olha a distância, eu morava lá, a distância até lá dá cinquenta quilômetros, de lá do Capricórnio até lá. Pessoa que não sabe nem ler, não sabe escrever, aí ele me ligou desesperado lá e queria voltar pra casa que já tava com alta, o posto de saúde não queria levar, não tinha ambulância, a gente tinha que buscar ele lá porque ele não sabe nem pegar o ônibus lá.

**I:** É uma dificuldade imensa.

**J:** É um absurdo.

**I:** Então, colocando essa urbanização lá não taria descaracterizando a vegetação, os animais... Como que a gente poderia garantir a sustentabilidade na região ?

**J:** É, teria que fazer um trabalho bem intenso de conscientização, mas eu acho que essa urbanização não seria bem uma urbanização e sim seria assim um apoio as pessoas que moram lá, porque não vai urbanizar, na realidade vai atender as pessoas que moram lá, não vai trazer gente de fora, as pessoas que vão vir de fora vai ser as pessoas que vão trabalhar lá.

**I:** Mais ou menos como era o Santa Maria, o Centro de Santa Maria.

**J:** É, mais ou menos como era o Santa Maria. Que tem o Observatório lá, tudo bem, o Observatório é uma região meio diferente, tal, mas por que que não poderia construir, nem que fosse um negócio pequenininho, no próprio Observatório ali ? Por que que a perua do centro de saúde não combina de todos os dias tá ali no Observatório pra tá pegando algumas pessoas pra tá levando ? A Prefeitura fala que não põem mais ônibus porque não tem gente, não tem pessoas pra transportar, não tem pessoas pra transportar porque não tem ônibus, a partir do momento que começar a ter ônibus as pessoas vão se conscientizando que tem ônibus, vão começar a tomar.

**I:** E você acha que é difícil mobilizar essas pessoas pra chegar no órgão público e pedir essas coisas ?

**J:** É difícil porque eles são desacreditados, eles não acreditam mais, eles não acreditam no órgão público, não acreditam mais na Prefeitura aqui de Joaquim Egídio, em Campinas, tanto é que eles dão total prioridade de Morungaba, eles falam muito bem de Morungaba.

**I:** Bom, o apoio que você tá falando recebe de outro Município, Morungaba né.

**J:** Morungaba.

**I:** Como que você imagina essa região daqui um tempo, onde você mora ?

**J:** Eu fico preocupado em relação à segurança.

**I:** Por que ?

**J:** Policiamento né, não tem quase policiamento, as pessoas começam a descobrir a região e vêem que a região fica um pouco afastada da cidade, digamos que a marginalização começa assim a despertar pra eles poderem efetuar roubos né e a gente tá longe da cidade, então ali você não tem..., você pode gritar a vontade que ninguém vai escutar. Então a única preocupação minha é em relação à segurança no futuro e à preservação da área, porque as pessoas ali, os caseiros eles caçam passarinho, tem gaiola, tem tudo, eu brinco com eles, (?) dá a maior confusão, é difícil.

**I:** E agrotóxico eles usam muito ?

**J:** Usam muito, inclusive ficam doentes, ficam doentes, vira e mexe tão internados nos hospitais, os proprietários não dão equipamento de segurança, não dão nada, eu to sempre orientando, a gente que trabalha, que é masoterapeuta, que é salva vidas, a gente tem um pouco de conhecimento, sabe, minha esposa que é da párea de saúde, a gente tá sempre orientando, olha, usa máscara, usa isso, eles não usam. Tanto por parte do proprietário que não investe no funcionário e também o funcionário que chega e simplesmente fala que não dá nada, não dá nada, o meu vizinho mesmo que tem horta lá ele taca veneno na

horta a torta e a direita sem controle nenhum, sem saber a quantidade adequada, ele fala assim, ah sempre coloquei e nunca deu nada, é essa a consciência que eles tem, ah nunca nada, não dá nada, então eles não pensam assim a curto prazo, nem a longo prazo, eles acham que não dá nada e é uma coisa a longo prazo que vai surgir né.

**I:** Em relação à violência, você falou das pessoas tarem descobrindo essa região, você acha que tem alguma interferência com o final de semana aqui na região ?

**J:** Tem bastante, final de semana é muito movimentado, tem muito lixo pela estrada, muita garrafinha de refrigerante. Quando teve aquela corrida aqui eu achei um absurdo, ficou trocentas garrafas de água na estrada, eu acho que tudo bem, os corredores foram jogando no chão, mas tinha que ser limpo no mesmo dia, a Prefeitura já tinha que fazer uma mobilização nas pessoas pra já ir recolhendo aquilo lá no mesmo dia, não deixar pro dia seguinte, porque eles deixaram pro dia seguinte o que que mostraram ? Olha, pode jogar, foi essa a impressão que deu, pode jogar à vontade que não tem problema, entendeu ? Você tem conhecimento de algum caso de violência pra essa região, assalto, seqüestro, mortes ?

**J:** Minha esposa já foi seguida na estrada, oito e meia da noite, já tentaram parar ela, não parou ela porque quando ela chegou na estrada de terra, como ela já conhece a estrada, dirige bem na estrada de terra, a pessoa acho que não conhecia, não conseguiu acompanhar ela na estrada de terra, ela deixou pra trás, na hora que deu uma certa distância, tinha chovido um pouquinho, não tinha poeira, ela apagou o farol, foi embora com o farol apagado, então a pessoa se perdeu dela. Ela já foi seguida, meu vizinho já foi seguido, já foi seguido também e parece que ali nas Cabras recentemente tentaram assaltar também. (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA

## APÊNDICE - 9

### 6ª Entrevista com Sr. Valdemar de Freitas

#### 2ª Entrevista com seu Valdemar (fita apagou, parte da entrevista foi refeita)

**I:** Teste... Seu Waldemar, fazenda Santa da Lapa. Seu Waldemar o que que o senhor faz aqui dentro ?

**Valdemar:** Bom, eu to aqui há trinta e um anos e aqui a gente mexe..., eu no meu caso administro a parte de gado da fazenda e de resto mexo com todos os outros funcionários, essa é a minha parte aqui dentro. E demais a gente cuida de roçado de pasto e devagarinho, da maneira que dá, a gente vai cuidando do meio ambiente, que isso é a principal coisa aqui hoje aqui na região.

**I:** O que levou o senhor vir pra essa região, da onde você é ?

**Valdemar:** Eu vim de Itapira, ainda nos anos sessenta aqui pra Campinas e o que motivou eu vim parecia na época aqui seria um pouco melhor a situação do que lá, embora seja vizinho, e foi essa a situação que me trouxe até aqui.

**I:** O que que era melhor aqui ?

**Valdemar:** O ganho, no caso o ganho, o ganho na época era um pouco melhor.

**I:** O senhor veio direto pra essa fazenda ?

**Valdemar:** Não, não, eu passei por diversos lugares aqui em Campinas, por diversas fazendas, pelo menos umas quatro ou cinco.

**I:** E aqui o senhor tá há quanto tempo ?

**Valdemar:** Há trinta e um anos.

**I:** Trinta e um anos. E quem que é o proprietário daqui ?

**Valdemar:** O professor Luís Alfredo Galvão.

**I:** O que que ele faz ?

**Valdemar:** Ele é aposentado, é sociólogo.

**I:** Ele mora aqui ?

**Valdemar:** Mora aqui na fazenda mesmo.

**I:** E a fazenda produz o que ?

**Valdemar:** Gado, a gente tem por volta de duzentas e cinqüenta ou trezentas vacas Nelores e de outras raças, produz-se bezerro pra ser vendido entre oito meses e um ano de idade, esses bezerros são vendidos pra outros criadores que vão acabar formar até o abate desse gado.

**I:** Então não é leiteiro.

**Valdemar:** Não, é puramente cria de gado pra corte.

**I:** O senhor conhece essa região ?

**Valdemar:** Razoavelmente eu conheço.

**I:** O que que o senhor conhece daqui ?

**Valdemar:** Daqui praticamente Joaquim Egídio e Sousas quase que todas as fazendas, no que diz a área rural eu conheço quase todas, pelo menos 85% da região.

**I:** E o senhor tem contato com outras fazendas ?

**Valdemar:** Tenho, tenho e o contato que eu tenho é basicamente com quem mexe com gado, a coisa do meio ambiente é uma coisa que a gente..., é meio que restrito às fazendas aqui, mas o que a gente conhece aí fora é o pessoal que mexe com gado.

**I:** O que que é o restrito do meio ambiente aqui ?

**Valdemar:** Aqui ? Não, não, a gente não vai em outras fazendas ver, visitar, ver o que se fazem em matéria de meio ambiente, então o que a gente faz não tem esse contato com essas outras propriedades, é restrito nós aqui é que cuidamos dessa parte aqui.

**I:** E a criação de gado, como que vocês trabalham aqui pra não deteriorar o meio ambiente ?

**Valdemar:** Local de mina de água, por exemplo, esse lugar é simplesmente fechado é simplesmente fechado, pega uma grande área em torno de água, aonde tem nascentes de água, cerca, ou se faz plantio de árvores nativas do local; ou simplesmente não roça, deixa que o mato cresça, pra que seja preservado aquele local. Porque aonde se cria gado em lugar acidentado preservação com meio..., preservação de meio ambiente, preservação de mata, preservação de mina, com gado andando em cima não funciona, então tem que simplesmente tirar o gado de cima desse local, não se deixa gado andar em cima dessas min as.

**I:** Por que que eles não podem andar ?

**Valdemar:** Porque..., eles não podem andar porque acaba pisoteando, acaba assoreando, acabando com o mato que tem a volta e a mata é vida pra mina, então por esse motivo a gente tira o gado de cima, pra não andar nos locais aonde tem as minas, a gente faz os bebedouros em lugares de baixada aonde passa essa água corrente, mas já a uma distância de pelo menos quinhentos metros dessa mina.

**I:** Seu Valdemar quem que orientou vocês sobre esses assuntos ?

**Valdemar:** Eu já conversei com pessoas outras vezes que vieram me perguntar, isso começou lá em 1971, setenta e dois e setenta e três, eu tive um patrão muito preocupado com meio ambiente em Itapira, já é falecido, o seu Augusto Logato, esse é a pessoa que me trouxe essa consciência, dali pra cá e Itapira eu...

**I:** O que que ele fazia ?

**Valdemar:** Exatamente o que eu copiei dele, essa..., a gente aprendendo, eu muito menino, jovem, então eu trouxe isso dele aqui pra fazenda nos anos..., comecinho da década de setenta eu trouxe isso aqui pra fazenda, copiando dele essa coisa de cercar as minas. É só tirar o gado, que eu lido com gado a vida toda, então a parte de minas ele falou vamos tirar o gado de cima que deteriora isso. E a gente começou fazer isso lá em 1972, setenta e três, cercar em torno de minas e a água aumenta-se muito.

**I:** Por que que ela aumenta ?

**Valdemar:** Por causa da preservação da mata, aonde não tem mata, não tem água, aonde não tem mata a água simplesmente seca, a água simplesmente seca. E pra se ter uma idéia a gente tem uma mina e ela é encanada aqui na colônia antes de eu vir aqui, ela tem sessenta anos que serve a colônia, ela no ano 2000 ela produzia nas águas cinco mil litros de água a cada três horas, ela produzia cinco mil litros de água a cada três horas nas águas. Hoje ela produz esses mesmos cinco mil litros na seca, nas mesmas três horas, só pelo fato de preservar o local.

**I:** Como os eu patrão enxerga os eu trabalho ?

**Valdemar:** Aliás ele enxerga..., a maneira que ele enxerga ele enxerga até um pouco melhor do que eu, porque ele é um preservador de meio ambiente, nesse fato a gente é uma dupla perfeita, é assim que ele enxerga.

**I:** Do que que ele é o preservador ?

**Valdemar:** De tudo, de tudo, todo que é mata, a gente, inclusive, canteiros de mudas pra plantar em lugares degradados, a gente forma mudas aqui na fazenda, não é uma grande quantidade, mas a gente forma o suficiente. E muitas vezes não precisa formar tanto, mas basicamente nesses lugares isolar pra que o ser humano de fora não devaste, pra que o gado não ande em cima, que a natureza se dá uma forcinha ela própria se corrige, ela própria se corrige, então é essas que a gente faz aqui pra poder ter isso.

**I:** Quem que faz esse plantio, plantio não, quem faz as mudinhas ?

**Valdemar:** Essas mudas, esse é um mérito do patrão, esse é um mérito do professor Luís Galvão, ele pessoalmente faz essa mudas.

**I:** Baseado em que técnica ?

**Valdemar:** A técnica dele é aproveitar todas as sementes que tem na região, a mata que tem aqui, o que é nativo daqui, é baseado nisso.

**I:** E pra plantar quem planta ?

**Valdemar:** Plantar ele gosta de plantas as mudas dele, mas quando a gente planta em grande quantidade a gente pega duas ou três pessoas e vai fazer essas covas e planta, porque é um serviço pesado, não é..., a gente até ensina na escola a criança a plantar mudinha, essa coisa, mas é um pouco diferente plantar... Vamos dizer, às vezes a gente pega árvores aí com já dois ou três metros de altura, q eu se forma a muda e vai transplantar pra um lugar acidentado, isso não é..., aquilo tá num vaso de vinte litros, trinta litros de terra, tem que tirar daquele vaso e levar pra cova, isso a criança não dá pra fazer, então a gente tem que levar duas ou três pessoa adultas lá pra dentro do mato e fazer.

**I:** Quantos funcionários tem a fazenda ?

**Valdemar:** Hoje a gente tá com cinco funcionários apenas.

**I:** O que que eles fazem aqui ?

**Valdemar:** basicamente tudo, cerca, roçagem de pasto, plantio de árvores, me ajuda a cuidar do gado, enfim tudo que se diz serviço de roça eles vão fazendo, eles fazem.

**I:** E eles moram nessas casa da colônia ?

**Valdemar:** Moram aqui nas casa de colônia da fazenda, parte dessas casas, três ou quatro, mora funcionário e o resto da colônia é alugada pra profissionais liberais.

**I:** Não tem nada a ver com o vínculo da fazenda.

**Valdemar:** Não, são casas que pertencem á fazenda, mas são alugadas pra esse pessoal...

**I:** Pra moradia.

**Valdemar:** Pra moradia.

**I:** Eles trabalham (?)

**Valdemar:** Por falar em preservação até aluga não tanto pelo dinheiro, mas também pela preservação. Um exemplo: se você deixa aquele seu carro lá na garagem sem cuidado nenhum, ah vou deixar por três anos... O que vai acontecer ? Ele vai..., vai acontecer alguma coisa. O imóvel ocupado por gente responsável também é uma coisa que vais e preservando, porque vê um cupim, vê uma coisa, vê outra, a pessoa vai lá e acaba cuidando, o imóvel parado e sem cuidado ele acaba deteriorando. É a maneira de preservação até dessa colônia que é uma colônia, não vou dizer centenária, mas ela ultrapassa e muito os setenta anos.

**I:** O senhor conhece a história aqui da fazenda ?

**Valdemar:** Alguma coisa.

**I:** O que o senhor conhece ?

**Valdemar:** Conheço no século XIX, 1825 ela pertenceu a Álvares Machado, é político, é nome de rua em Campinas. Depois dele, ele e acho que a esposa acabou falecendo e essa fazenda acabou ficando com o genro e com a filha, a filha Carolina Florence, o genro Hércules Florence, um dos quatro franceses inventores da fotografia. E aí pertenceu a outras pessoas nesse tempo todo, até pertenceu a Antônio Lapa, que é nome de rua no Cambuí em Campinas e veio rodando-se os anos, esse século e meio e veio em 1955 parar na mão da família do professor Luís Alfredo Galvão.

**I:** Dos pais dele.

**Valdemar:** Dos pais dele, que era o Dr Rui, em 1955. E de lá pra cá pertence à família até hoje.

**I:** É uma herança então.

**Valdemar:** É uma herança. Isso basicamente é um pouquinho da história da fazenda. (interrupção da gravação)

**I:** Seu Valdemar o senhor participa de algum..., de cursos ?

**Valdemar:** Basicamente na área de gado sim, na área de gado eu participo, pelo menos uma vez por ano a gente tem que fazer um curso pra ficar atualizado de tudo de novo que ocorre. Não só na cidade, não só na informática, mas também no meio rural e na pecuária brasileira toda hora ocorre coisa nova e eu acima de cinquenta se eu não em informar, se eu não me instruir, se eu não estudar, eu perco o emprego pro menino de vinte e cinco. E aí, como é que fica ? Então eu na área de pecuária eu faço sim pelo menos um curso todo ano, não tem como, tem que fazer, senão fica pra trás.

**I:** E quem que dá esses cursos ?

**Valdemar:** Esses cursos é o sindicato rural de Campinas que nos dá esse curso, não só aqui, mas pra uma série de municípios que pertence ao sindicato rural de Campinas, ou seja, Paulínia, Sumaré, as cidades aqui, Valinhos, Vinhedo, as cidades aqui da região.

**I:** Mas ele prepara um curso específico pra Joaquim Egídio, pra... ?

**Valdemar:** Não, o curso..., vamos dizer assim, tem um curso de vacinação de gado, que é a minha área, eu falo muito nisso porque a minha área de trabalho. Especificamente vacinação de gado, faz-se um curso de uma semana ou dez dias, na prática a fazenda Santana do Lapa oferece as instalações, então a aula prática vai ser aqui dentro da fazenda, vem quinze, vinte, trinta alunos, não interessa do município que venha, mas eles vem todos aqui, durante os três ou quatro dias de aula prática eles vem aqui na fazenda. E a aula teórica é feita no salão do sindicato dos trabalhadores rurais de Campinas, no CEASA fica esse endereço, a aula teórica é lá e a aula prática pode ser em qualquer fazenda da região de Campinas onde tá localizado esses municípios.

**I:** Esses cursos são oferecidos quando ?

**Valdemar:** Por exemplo, época de vacinação de aftosa, na época de vacinação de aftosa, ou seja, maio e novembro. Época de vacinação de carbúnculo juntamente com a vacinação de novembro às vezes, ou em maio. Curso de inseminação artificial, por exemplo, é dado pode ser em maio, junho, julho, período seco do ano, que normalmente é aberto esses locais, então tem que pegar época de tempo seco pra que a chuva não atrapalhe o trabalho.

**I:** Vocês alunos vocês sugerem algum tema pra ser trabalhado ?

**Valdemar:** Não, sugerir um tema não, mas os bons de pergunta questiona muitas vezes o professor, o instrutor, um tema não, que os temas que vem, tem que vir e são corretos, mas no meu caso uma prática antiga de mexer evidentemente que eu vou questionar o instrutor. E o instrutor, o professor, quando ele é bom ele gosta de ser questionado, ele gosta que encosta ele na parede, que quando mais

encosta ele na parede melhor ele ensina, dá um pouco mais de entusiasmo, ele vê que tá tendo ressonância do outro lado, então é isso aí..

**I:** Você acha que o professor sendo colocado na parede ele vai melhorar a aula dele?

**Valdemar:** Vai melhorar se ele for competente sem dúvida nenhuma.

**I:** Como que ele vai melhorar ?

**Valdemar:** Ele vai passar, ele vai ter um pouco mais de entusiasmo, ao ponto que se ficar quarenta alunos sentados balançando a cabeça que tá entendendo pro cara ele não tem entusiasmo nenhum. Muitas vezes o professor ele tem uma competência enorme, mas falta às vezes de dar um cutucão, de questioná-lo, ele vai ter que provar pro aluno que é ele que tá certo e não o aluno, então aí quem vem o entusiasmo e que melhora muito o nível da aula, seja na prática ou na teoria.

**I:** Como ele vai buscar essa segurança que ele tá melhor preparado ?

**Valdemar:** Baseado na competência que ele tem, baseado na experiência que ele tem, isso tem que ser baseado na experiência, não tem outra coisa, se ele não for competente..., já vi alunos durante um curso provar que ele era mais ele, não o professor, já vi, são raríssimos os casos, mas isso ocorre.

**I:** Como assim ?

**Valdemar:** Por exemplo, a coleta de sangue pra exame de tuberculose ou brucelose de um gado, às vezes o professor insistia que tinha que ser na veia do pescoço do animal, dizer a grosso modo pras pessoas entender que tem uma veia que corre no pescoço, popularmente conhecida como jugular e o aluno lutou com o professor que poderia sair na barriga da vaca, e uma vaca, por exemplo, na veia do leite que era mais rápido e mais seguro da maneira que a vaca tava presa e acabou que o aluno foi fazer e deu muito mais certo por dez vacas seguidas e não por uma, então aí ele acaba jogando por terra um pouco aquela parte, então é por aí.

**I:** E você não acha que esse aluno ele tinha um conhecimento melhor que o professor ?

**Valdemar:** Tinha, não um conhecimento melhor do que o professor, naquele quesito sim, não significa que no globo da profissão, no geral, ele tinha mais conhecimento, é evidente que não, mas naquele quesito sim, que às vezes o professor é mais de teoria que de prática e ele era o da prática e a aula que estava sendo dada era na prática, então aquele quesito sim.

**I:** Como que o professor se sentiu ?

**Valdemar:** É complicado, qualquer um que é passado pra trás é..., na condição de ser um mestre fica complicado, fica né..., ele fica um pouco...

**I:** Mas ele reconheceu que ele também aprendeu ?

**Valdemar:** Claro, a partir do momento que o indivíduo achar que ele não tem nada a aprender ele pode passar a corda no pescoço e se enforcar, porque o indivíduo morre aprendendo. Eu to louco pra aprender, eu faço teste com leite na minha casa, eu fico falando com pessoas às vezes que eu dou uma garrafa de leite, isso e aquilo, pra saber, pra chegar e me dar um cutucão que eu quero aprender mais, eu quero descobrir mais, então é uma pesquisa todo dia. Então é mais ou menos por aí, a gente quem que aprender todo dia, a gente não sabe nada.

**I:** E os funcionários da fazenda eles também recebem orientação, fazem curso ?

**Valdemar:** Olha, a gente procura a vocação de cada um, se o sindicato de Campinas vai dar uma aula ou fazer um curso de meio ambiente, uma semana de meio ambiente, com o que é plantio de árvores, como é que faz conservação de solo, se eu to arando terra pra plantar milho, por exemplo, terra com mais de 15% de inclinação não dá pra se fazer curva de nível, tem que plantar árvore, enfim fazer alguma coisa pra que aquela terra não seja degradada, pra que não venha erosão, que não dá, terra com 15% de desnível não se faz curva de nível, isso não existe. Então a gente tira a vocação de cada um, se a pessoa tem a vocação pra meio ambiente a pessoa vai fazer aquele curso pra meio ambiente, pra plantio de árvores, pra saber como é que faz contenção de encosta, pra saber como é que se trata o local de uma mina, a que distância aquilo é cercado, a gente sempre..., a gente aqui não tem distância, a gente cerca muito além do a lei manda, uma pequena mina d'água pelo menos trinta metros em volta, trinta por trinta vai dar novecentos metros de terra em volta de uma mina, a gente cerca uma mina aqui com no mínimo dois mil e quinhentos metros, uma pequena mina.

**I:** Seu Valdemar como você descobre a vocação das pessoas ?

**Valdemar:** É experimentando, veja bem, eu trabalho..., hoje a gente tem quatro, cinco pessoas, conforme eu disse ali atrás, trabalhando, mas eu tenho duas ou três pessoas que tá fazendo a correção de um muro pra gente, eu tenho mais duas pessoas de fora numa parceria com a gente pra uma terra de milho e formação de pasto, eu tenho mais duas pessoas, então ao todo tem doze ou treze pessoas e eu tomando conta da fazenda, do gado e dessas pessoas eu tenho que tá acostumado a elas e ver. Se eu vou fazer uma

simples porteirinha de arame no pasto eu tenho que ver a pessoa que mais tem habilidade praquilo; se eu to precisando de uma pessoa pra em ajudar a pegar algumas vacas, um lote de gado pra vacinar, eu tenho que ver a pessoa que tem mais habilidade praquilo pra me ajudar; no caso dos cursos a pessoa que gosta de cavalo, fazer doma racional você tem muito, o sindicato dá muito esses cursos, a gente manda uma pessoa que tem vocação praquilo. Enfim eu tenho que no dia a dia mexendo com esse pessoal ver o que tem de mais, o que ele tem de melhor pra dar, é o curso que ele vai fazer. Isso te agrada ? Agrada. Então é isso que você vai fazer, não é imposto nada, ele decide o que ele quer fazer. Então é mais ou menos por aí que a gente decide as coisas.

**I:** E o patrão como que vê essas saídas de vocês, ele permite ?

**Valdemar:** Não só permite como ajuda financeiramente se ele tiver, ele normalmente faz parte desses cursos com a gente, se o curso for aqui na fazenda tudo bem, se não for aqui na fazenda ou ele dá dinheiro pra condução ou ele leva pessoalmente seja que município for da região de Campinas, ele não só permite como ajuda e faz votos que a pessoa vai, tenha um bom desempenho ra que cada vez mais ele tenha funcionário melhor qualificado aqui dentro, isso é bom pra todo mundo, então é mais ou menos por aí que funciona.

**I:** E um curso aqui pra região o senhor acha que poderia ser feito ?

**Valdemar:** Pode, pode, aliás Joaquim Egídio vira e mexe dá cursos aí né,diversas propriedades aí dão cursos, eu acho que pode sim, é só ver agenda do sindicato rural de Campinas, ver os cursos que tá sendo dado e cada proprietário ver aquilo..., a fazenda tem gado, vai dar um curso pro pessoal, bom, a área de gado..., bom, aqui a gente tem as instalações todas elas boas, então vamos dar um curso aqui de gado... (telefone tocando) A gente vai dar um curso de gado, seja ele..., o gado é uma área ilimitada, pode se dar diversos cursos, como eu já disse, vacinação, casqueamento de gado, enfim tem uma série de cursos que você pode dar prum gado, apartação, tem uma série, gado é uma coisa ilimitada.

**I:** Seu Valdemar eu penso assim, o senhor tá falando do sindicato rural né que tem ministrado curso, oferecido pra vocês. Mas o poder público, o que que eles poderiam tá fazendo pra vocês agricultores aqui da região ?

**Valdemar:** Eu tenho até dito, visitar melhor as propriedades rurais da região, a gente normalmente tá aqui a gente já sabe mais ou menos o que pode e o que não pode ser feito, mas deles delimitar melhor pra gente trabalhar mais tranquilo, essa é uma ajuda que o poder público pode dar, não custa nada, não susta dinheiro.

**I:** Como seria essa... ?

**Valdemar:** Bota gente pra visitar esses locais todos, saber se cada um tá cuidando da sua parte, fazer reunião com esses proprietários todos pra ajudar a cuidar do..., no caso do meio ambiente pra delimitar aquilo que pode fazer, aquilo que não pode, que muitas vezes o produtor fica de mãos amarradas porque ele não sabe, deixa partes que seria de plantio, que seria de ter um gado, que daria pra se fazer, não prejudicaria de maneira nenhuma o meio ambiente, que a gente tem que preservar o meio, mas também tem que comer e pra comer tem que se produzir. Então essa é a ajuda que eles podem dar e o poder público não ajuda quase que coisa nenhuma nisso. Então é basicamente isso que eles podiam fazer, que de resto o produtor brasileiro, o produtor, principalmente falando daqui de Joaquim Egídio, de Sousas, da região, ele é muito consciente daquilo que se pode e que se faz, isso aqui é um empurrãozinho,e lê não precisa de dinheiro, ele não precisa de nada, ele só que..., a ajuda que ele precisa é de que seja visitado, que seja discutido e a discussão disso é muito pouco aqui.

**I:** E aonde poderiam ser essas reuniões ?

**Valdemar:** Qualquer uma dessas propriedades, basta o poder público procurar, qualquer uma, em toda a região.

**I:** Você acha que esses fazendeiros aqui...

**Valdemar:** Todos eles são abertos a essa discussão, todos eles.

**I:** O que que tá faltando ?

**Valdemar:** O poder público vir, só isso, isso é que falta, o poder público vir discutir, porque o poder público não vem discutir, não vem oferecer essa ajuda que é crucial pra isso e se um sujeito mexe num pezinho de mato que seja veneno vem e multa. Não é uma fábrica de multa, isso precisa ser ensinado, precisa ser discutido, precisa ser debatido, é só isso que falta.

**I:** O senhor acredita que tem propriedades ou aqui mesmo, vocês usam algumas áreas que não poderiam tá sendo usadas ?

**Valdemar:** Não, aqui dentro da fazenda não, aliás a gente deixou formar muito mato em área que poderia ser usada, área plana, de pelo menos a um quilômetro de rio ou de mina, poderia ser usada pra



pasto, poderia ser usada pra plantio de milho ou enfim qualquer tipo de produção, mas que no entanto a gente deixou formar. E hoje se quiser desmatar um trecho desses a pessoa vai ter seríssimos..., não é o interesse da fazenda hoje, mas se quiser desmatar um trecho desses vai ter seríssimos problemas com o meio ambiente do município, do Estado e da União. Mas é um terreno que poderia se produzir alimento, ou seja, leite, carne, arroz, feijão, enfim qualquer dessas coisas.

**I:** O senhor sabe que a APA, que tá situada..., Joaquim Egídio faz parte, ela é dividida por algumas micro áreas que não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. As pessoas tem conhecimento sobre essas restrições ?

**Valdemar:** Tem, olha, veja bem, eu no meu caso eu não vi esse mapa da APA ainda, vi *an passant*, por jornal, essa coisa, quando saiu a matéria, ou às vezes que saíram essas matérias, mas o pessoal sabe sim o que pode e o que não pode fazer diante desse mapa, diante daquilo que tá estabelecido, sabe sim, pode ter um ou outro aí que dá uma abusadinha, mas sabem sim, isso eles sabem de cor e salteado. Se tiver alguma coisa fora do padrão é abuso puro, mas isso é uma porcentagem muito pequena.

**I:** Vocês não tiveram acesso a essas micro-áreas ?

**Valdemar:** Não, o seu Luís visita a prefeitura, visita os órgãos, ele tem esse acesso, ele tem esse lado, ele diz pra gente o que pode e o que não pode e a gente também já sabe o que que pode e o que não pode.

**I:** Mas as outras fazendas ?

**Valdemar:** Provavelmente sabem, eu acho que..., queremos acreditar que estamos vivendo num mundo em que as pessoas são um pouquinho melhores instruídas.

**I:** Seu Valdemar quando você tem algum problema no seu trabalho e você não consegue mais avançar porque já deu o seu conhecimento, a quem você recorre ?

**Valdemar:** Na minha área de gado a um veterinário, não só um veterinário, eu procuro um sujeito que seja catedrático né, no meio ambiente procuro uma pessoa formada nessa área, pode ser um engenheiro agrônomo... (interrupção da gravação)

FINAL DO LADO A

**Valdemar:** Conforme eu disse no caso de gado eu busco um veterinário ou um catedrático no assunto; na área de meio ambiente um engenheiro agrônomo né, enfim uma pessoa que seja abalizada, que eu veja que tenha condições de me ensinar, porque conforme eu disse lá atrás eu aprendo todo dia, eu tenho que buscar. Ou matérias que saem em jornal a respeito de meio ambiente, vou lá, vejo o que eu concordo, o que dá pra aproveitar eu aproveito, o que não pra aproveitar eu jogo fora, mas vou buscar informações, como eu sou de salário mínimo e um homem de salário mínimo não pode ter tanta revista, jornal de informação, tem que buscar de alguma maneira.

**I:** Seu Valdemar, corando agora um pouquinho o assunto, o que que você gostaria de ter nessa região que ainda não tem ?

**Valdemar:** Poxa, é difícil né, a região de Sousas e Joaquim Egídio é uma região tão boa, mas eu tenho dito pras pessoas que essa estradinha nossa aqui que liga Joaquim Egídio à Dom Pedro no final do último governo do município queriam tombar, eu não sei até hoje, parece que tá parado de abril pra cá, eu não tenho muita certeza, então isso aqui é uma maneira de escoamento de coisas aqui da região e de pessoas, de produtos essa estradinha é muito ruim, muito ruim, então precisaria essa estrada ser asfaltada ou melhor conservada. E dela ser asfaltada não tem nada, não vai mexer com o meio ambiente, ela é aberta pra leito de asfalto, pra que não sabe, desde 1968 e até hoje não foi asfaltada, isso não vai mexer com o meio ambiente, não vai mexer com nada, o leito do asfalto tá aberto, se tivesse que fazer alguma ferida pro meio ambiente essa área ela já foi feita em 1968 quando foi aberta pra leito de asfalto, então hoje praticamente ela é uma estrada pronta pra leito de asfalto, ela é muito ruim. Então ia melhorar pra crianças que vão pra escola, ônibus escolar, pra doentes que vão em direção a hospitais, enfim essa seria uma melhoria, de resto Joaquim Egídio e Sousas é um lugar muito bom, não dá pra trocar por nada.

**I:** E o que que o senhor conhece sobre a APA ?

**Valdemar:** Muito pouco, conheço de olhar mapas, eu não conheço muita coisa, confesso que é uma coisa que preciso pegar um mapa na mão e estudar mais profundamente, não posso falar muito a respeito.

**I:** Mas sabe do que se trata ?

**Valdemar:** Sei, é basicamente a preservação de diversas áreas aqui né e aí a cada local o que é pra ser feito, então depende de eu pegar esse mapa na mão e olhar direitinho. Então eu não posso falar muita coisa da APA, tem coisa que pode ser discutida e tem coisa que não, então eu não posso falar muito a respeito porque eu não tenho..., o meu conhecimento é pouco a respeito.

**I:** Quem que podia tá ajudando você ?

**Valdemar:** Aí é que entra os dirigentes do município, o poder público, vim, vim, é aquilo que eu disse atrás né, vir com mapa, vir, até dar um curso a respeito de APA, isso seria necessário, talvez por aí eu ia aprender um monte de coisa. Então aí eu acho que isso seria uma das coisas, os que comando essa área vir e dar um curso pra gente a respeito, isso seria interessante, podia ser em qualquer localidade aqui da região de Sousas e Joaquim Egídio, em qualquer lugar, basta que eles nos procure. (interrupção da gravação)

**I:** Seu Valdemar como que o senhor define meio ambiente ?

**Valdemar:** Meio ambiente é o meio em que vivemos, não interessa aonde, no meio urbano ou no meio rural, é preservar o meio ambiente que se vive, não interessa ele que local seja, isso é meio ambiente. E não pensar que meio ambiente é pra quem vive no mato, não, o meio ambiente é pra todos, aqui no mato preservar as coisas que tem aqui, os que vem de fora o lixo ele tem que ser guardado, armazenado e levado ao local determinado, correto e na cidade, no meio urbano idem, isso é o meio ambiente, um meio ambiente que dê pra todo mundo viver, que dê pra todo mundo viver, esse é o meio ambiente, não interessa o lugar que tá, tamo falando aqui porque aqui a gente tá no mato.

**I:** E na cidade como seria ?

**Valdemar:** Na cidade é meio ambiente na cidade ou na roça é educação, meio ambiente corre junto com a educação, desde a tenra idade até a pessoa mais velha, é educação, é educação.

**I:** Por que seu Valdemar ?

**Valdemar:** Dando o exemplo, não interessa, tem uma coisa suja vai e cata, tem uma pessoa degradando o meio ambiente, seja o meio ambiente que for aonde que tá sendo degradado ir lá e ensinar, não interessa também a idade que ele tenha, ir e ensinar, não é assim que faz, é assim, isso é preservação de meio ambiente. E se tratar a pessoa mal ele não vai querer aprender, uma criança não vai aprender lição de meio ambiente se cada vez que ele faz uma coisa errada eu passo a mão num chicote e bater nele, não é assim, é ensinamento mesmo e provar pra ele ao longo do tempo que aquilo vai funcionar pra ele e funcionando pra ele vai funcionar pro resto da sociedade, é só com educação, isso é o que precisa. (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA (2ª)

1ª Entrevista com Valdemar

**I:** Pronto, pode continuar

**V:** Então, isso parte do governo, pra dar mais educação, quanto for necessário de educação, principalmente ambiental pra que o Brasil não acabe num monte de detritos, é isso é que precisa, educar de pequenininho, pra que os pequenininhos hoje eduque os velhos, que os velhos não tem essa consciência não, é raro aquele que tem essa consciência.

**I:** Mas o senhor tem assim a noção de como poderia ser essa educação ambiental dentro da escola, na comunidade?

**V:** Dentro da escola, dentro da escola, na comunidade, na rua, a sala de aula também é a rua, então precisa, é dessa maneira que a gente vai conseguir isso.

**I:** Mas ficaria só com a escola ?

**V:** Não, não só, com a comunidade em geral e essa comunidade é evidente faz parte a família também, é dessa maneira.

**I:** Tem idéia como seria ?

**V:** É dessa maneira, é ensinar desde pequenininho e esses grandes que tá aí a gente tentar incutir na cabeça deles, tentar incutir na cabeça dessas pessoas que já tão chegando aí à adolescência mesmo, os adultos, pra que isso ocorra, é dando a lição, pega um grupinho, vamos fazer isso e diante daquela cena dar lá uma explicação pro sujeito, como se deve fazer pra ele ter um ambiente que ele posa viver, é isso.

**I:** Certo. Essa região aqui, que nem tava falando né, os finais de semana tá tendo uma procura muito grande, o senhor colocar os detritos como um problema, teria mais outros ?

**V:** É que a área se..., com essa urbanização vai acabar terminando com a área rural de Campinas, a área rural de Campinas tá ficando pequena, eu sou contra essa urbanização louca, feroz, que acaba com a área rural de Campinas e principalmente Sousas e Joaquim Egídio, Sousas e Joaquim Egídio quem tem uma das mais bonitas áreas de meio rural.

**I:** E como poderia ser essa urbanização ?

**V:** Isso a gente tem que ajudar, o governo do município tem que entrar com a gente também pra poder delimitar, simplesmente delimitar, isso pode isso não pode, isso pode, isso não pode e acabou.

**I:** Como a gente garantiria a sustentabilidade dessa APA ?

**V:** A sustentabilidade dessa APA é um pouco difícil, mas pra se sustentar isso parte de recursos do próprio meio, recursos do próprio meio rural pra sustentar essa APA.

**I:** Como poderia ser, o senhor imagina como seria esse investimento, aonde, com quem ?

**V:** É, esse investimento cabe aos proprietários aí ver como é que fica pra direcionar esses investimentos, eu assim com o meu pouco conhecimento eu não teria como falar como empregar esses recursos nessa APA, talvez a reunião dos proprietários da região pra poder né e tem aqueles que é voraz.

**I:** E como que fica essa relação ?

**V:** Então, essa relação é difícil, a sm tem que se achar um meio, tem que começar a estudar pra se achar esse meio.

**I:** Tem muito proprietário que não tá preocupado com essa sustentabilidade, com esse... ?

**V:** Eu não sei, olha, falar assim amiúde eu não sei não, mas deve ter sim, deve ter, isso tem.

**I:** Você tem conhecimento de fazenda que não tem essa preocupação em preservar a APA ?

**V:** Olha, eu acho que aqui na região todos eles tem um pouco dessa consciência dessa preservação, todos eles tem, eu acho que uma reunião do poder público com esses proprietários eu acho que chegaria a bom termo, acho que chegaria a bom termo sim.

**I:** Certo. Trazendo o asfalto aqui pra frente da fazenda que benefícios traria ?

**V:** Olha, um monte de benéficos, ônibus por exemplo, a facilidade maior pra criançada que sai da escola, que são um número grande aqui na região e não implicaria em preservar, não implicaria em preservar, eles falam em coisa histórica dessa estrada e não de preservação.

**I:** O que que é essa coisa histórica ?

**V:** E eu não sei o que que é essa coisa histórica que não foi me passado.

**I:** Por que que não se asfalta ?

**V:** Aí a Secretaria de Cultura de Campinas que tinha que dar um parecer, o que que é essa coisa histórica dessa estrada que liga Joaquim Egídio à Dom Pedro, esses dois mil metros, sem asfalto? Então..., porque na cabeça do próprio morador que tá há mais de três décadas ele não tem o conhecimento dessa tal história.

**I:** O benefício pra fazenda seria...

**V:** Seria um , ééé...

**I:** Além do transporte ?

**V:** Além do trans..., basicamente o transporte, o transporte de crianças, transporte de um doente pra hospitais, transporte..., no caso específico desta fazenda um caminhão, na venda de um gado ou na chegada de um gado, ele poder chegar com mais facilidade, pessoal que de repente enfrenta um pasto ele tem facilidade pra chegar. Escoamento do trânsito de uma parte de Sousas e de Joaquim Egídio via Dom Pedro, que a gente vai subindo Sousas vê indicando Rodovia Dom Pedro, mas pelo trevo, ninguém fala desse acesso que é muito importante, haja visto enchente derrubou a ponte do Paredão, todo trânsito daqui saiu por aqui. E se quebra aquilo lá e aqui tá um barrão danado que não passa ? Ficamos isolados, ficamos isolados num lugar que a gente acha que tá pertinho do primeiro mundo, então não estamos.

**I:** É, trazendo o asfalto não seria uma maneira de degradar o ambiente ?

**V:** Não, absolutamente, desde que seja bem feito, bem embasado não, absolutamente não, o asfalto só traria benefícios, só benefícios.

**I:** O senhor tem noção de como que seria, ou como será essa região daqui um tempo ?

**V:** Não sei, se eu tiver vivo..., eu não queria, mas daqui a trinta anos provavelmente cheio de casas.

**I:** E isso significaria o que pra APA ?

**V:** O empobrecimento do meio ambiente, pra retornar a falar nele o empobrecimento do meio ambiente daqui.

**I:** No início da nossa conversa o senhor falou a definição de um meio ambiente, o que seria o ambiente ? O senhor falou o ambiente não só rural, a preservação.

**V:** Em meio a essa fala a gente também falou desse próprio meio ambiente né, eu falei de lixo, falei de entulho, falei de um monte de coisa e ambiente urbano também, cuidar de limpeza no meio urbano né, o poder público, os moradores, parte é isso, também é meio ambiente, isso também é maneira de se viver bem, não precisa ser só aqui no mato não, é basicamente isto.

**I:** Então o meio ambiente não se restringe apenas...

**V:** Apenas aqui, absolutamente.

**I:** E trazendo as casas daqui um tempo ra cá, o empobrecimento, que mais traria de problemas?

**V:** Aí volta na coisa da educação, a marginalidade também vem, isso seria uma outra causa, que é uma área rica, aonde só os ricos podem comprar um lote de terra e aonde vem o dinheiro a marginalidade também vem se não tiver educação pra esses trinta anos.

**I:** Por que que essa área é tão cara ?

**V:** Olha, eu não sei, mas diz-se de uma das áreas mais caras de Campinas.

**I:** O senhor tem....

**V:** O fato de não sei é relativo, qualquer pessoa queria ter uma casa em Joaquim Egídio ou nas fazendas na região, não sei é muito relativo, o lugar, o ambiente, o mato, tá perto de uma metrópole, tá quase dentro dela e ao mesmo tempo no meio do mato. Só que esse lugar caro, esse meio ambiente saudável que a gente tem aqui, a construção de cada casa sem um programa pra esta casa vai degradando esse meio ambiente e junto com isso a marginalidade vem também.

**I:** O senhor tem conhecimento de que já tá chegando essa marginalidade ?

**V:** Tem sim, em Joaquim Egídio tem diversas casas assaltadas, diversas casas assaltadas.

**I:** Dentro das fazendas ou no Distrito ?

**V:** Dentro do Distrito. Aqui na fazenda a gente teve roubo de animais e roubo de celas por duas ou três vezes.

**I:** E não tem como pegar.

**V:** E marginais que a gente conhece, inclusive um deles me parece que tá preso, marginais que de repente se viu..., ééééé, marginais.

**I:** São da região ?

**V:** Um deles sim, me parece que tá preso. Mas agora uma semana atrás, ou duas semanas, tinha pneu de carro aqui nesse orelhão aqui, tem uma advogada que mora aqui, ela vinha chegando, acho que viu o cara atirando pneu, pensou que...

**I:** Furou.

**V:** Furou. Perguntou se o cara precisava de ajuda e o cara falou, ó, sai fora correndo e deixaram o carro sem nenhum pneu aqui na entrada. Não se sabe quem é o proprietário, só se sabe que polícia veio pegar depois o carro. Aqui dentro, praticamente dentro da fazenda. Então não é que a marginalidade vai chegar, ainda é pouco, mas ela já chegou.

**I:** Agora voltando um pouquinho aqui pra região. O senhor sabe que área que pertence aqui da APA ?

**V:** Olha, a gente tem assim uma..., Joaquim Egídio tem uma área..., Joaquim Egídio e Sousa tem uma área bem grande, mas o que pertence aqui à Sosas e Joaquim Egídio acho que APA quase todas as propriedades rurais aqui da região Sosas-Joaquim Egídio eu acredito que todas...

**I:** São.

**V:** Todas as áreas.

**I:** Mas a APA tá dividida em algumas áreas área e subáreas.

**V:** Não sei, essas sub-áreas eu não saberia lhe dizer.

**I:** Não ? Não sabe.

**V:** Já vi mapa das coisas, mas não saberia determinar área A ou área B.

**I:** O que que o senhor sugere pra uma educação ambiental aqui pro Distrito, pensando no Distrito ?

**V:** Pensando no Distrito ? O pessoal do Distrito eles tem um pouquinho disso, o pessoal daqui, nosso aqui, eles tem um pouquinho disso, dessa educação. Aí vem a coisa de vir..., Joaquim Egídio enche, quem passa em Joaquim... Joaquim Egídio enche, Joaquim Egídio já triplica de tamanho nos finais de semana, em todos os finais de semana, principalmente em época de verão que a gente tá chegando. Então aí é que os próprios moradores do Distrito tinha que tá bronqueando e educando um pouco esse pessoal. E no que diz à criança é fazer isso que a gente faz, traz a criança pra fazenda de gado, vê como que é, traz à fazenda que tem quase que só área de mata preservada pra ver como é que é, leva a criança no lugar que se faz agricultura pra saber como é que é, leva a criança no meio urbano de Joaquim Egídio pra saber como é que é. Então é dessa maneira que a gente pode colaborar e ajudar essas crianças a ter uma educação ambiental como eu disse, eu citei diversos lugares, inclusive a área urbana de Joaquim Egídio, que como eu disse lá atrás, o meio ambiente não é só o meio rural. Então é dessa maneira que a gente pode agregar muita coisa a essas crianças no futuro.

**I:** O senhor conhece a história aqui do Distrito de Joaquim Egídio ?

**V:** Olha, muito pouco, muito pouco, eu não poderia assim...

**I:** Como surgiu o Distrito, quais eram as fazendas ?

**V:** Não, não posso..., só sei dizer que isso me parece, me parece, eu não posso falar se é ou não, uma grande área de terra aqui na região, quase toda essa área de Joaquim Egídio pertenceu a Joaquim Egídio de Sousa Aranha e daí ao longo do tempo foi se desmembrando e chegou aonde tá. No caso específico dessa fazenda você tem algum conhecimento a respeito dela, não né ?

**I:** Não.

**V:** Todo bom livro de Educação de Campinas..., todo o historiador, não é o livro didático que vai constar, todo bom historiador deveria ter um pouco disso, se procurar acho que na biblioteca de Campinas eu acho que tem, até tem. Mas essa fazenda não sei, mas lá em 1825, século XIX, ela pertenceu a Álvares Machado e ela se chamava Fazenda Soledad, ele e a esposa acabou morrendo, essa fazenda acabou ficando pra filha e pro marido, Hércules Florence, um dos quatro franceses que inventaram a fotografia, pertenceu a Hércules Florence essa fazenda e à Carolina Florence que é nome de rua em Campinas. E de lá pra cá ela passou pro outros proprietários famosos, até em 1955 chegar a Dr. Rui Galvão, que é pai do atual proprietário, professor Luís Alfredo Galvão. É um pouquinho da história de Campinas nessa fazenda. E ela pertenceu também a Antônio Lapa, que é nome de rua no Cambuí em Campinas.

**I:** E a fazenda produzia o que, o senhor tem conhecimento ?

**V:** Nessa época ?

**I:** Desde o início.

**V:** Olha, aqui já, provavelmente, isso eu não sei falar com certeza, provavelmente existiu cana de açúcar, que era uma coisa do Brasil Colônia e do Brasil da escravidão, os engenhos, de lá com certeza aí o café. E a partir de 1942 o leite, bezerro, hoje a gente trabalha com o gado Nelore pra se criar bezerro e vender, ele se forma entre oito meses e um ano né, é nesse segmento, mas de quarenta e dois até o ano dois mil ela produziu leite B, a Leco de Campinas foi o primeiro laticínio de leite B da América Latina e essa fazenda foi uma das pioneiras, uma das primeiras fazendas a produzir leite B no próprio ano da fundação da Leco em 1942. Então ela tem uma história, é basicamente isso que a gente sabe e eu to aqui labutando há tinta e um anos.

**I:** E qual é o rio que passa por aqui, ou córrego, riacho ?

**V:** Atibaia.

**I:** É só o Atibaia ?

**V:** Só o Atibaia e depois você tem as nascentes, que são afluentes do Atibaia, que nasce dentro daqui da Fazenda Santana, do Lapa e do lado a fazenda Santa Margarida, então tem esses corregoinhos e essas nascentes, esses mini córregos que ajudam a irrigar o Atibaia.

**I:** A Margarida também faz essa preservação da nascente ?

**V:** Olha, parece brincadeira, é só atravessar a estrada, mas tem mais de uma década que eu não entro lá dentro, então não posso falar nada à respeito, só posso falar à respeito daquilo que eu tenho conhecimento, então eu não sei como é que tá.

**I:** E vocês utilizam a água do Atibaia pra...

**V:** Não.

**I:** Como que vocês usam, que tipo de água ?

**V:** Ah as nossas águas é de mina, é natural aqui desde o século XIX, então é usa água natural.

**I:** Fazem controle da qualidade ?

**V:** Faz, faz, faz, faz e quem faz esse controle de qualidade aí pra nós é o Instituto Adolfo Lutz pelo menos uma vez pro ano, não tem..., a gente não tem tido problema.

**I:** Certo. O senhor gostaria de deixar alguma mensagem, alguma coisa pra gente ?

**V:** O que eu gostaria de deixar de mensagem já que a gente tá falando do meio ambiente, a única mensagem, que os adultos tentam aprofundar e que as nossas crianças cresçam devidamente educada pro meio ambiente seja ele onde for, pra que a gente tenha uma coisa no mínimo cem por cento melhor daqui há trinta anos, o prazo é curto, mas a gente chega lá. Essa é a única mensagem que eu gostaria de deixar. (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA COM SENHOR VALDEMAR

## APÊNDICE - 10

### 7ª Entrevista com Sr.Sérgio Machie Wicz

**I:** Sérgio, da Fazenda Guariroba, pai da Gabriela. Há quanto tempo você mora aqui na região?

**S:** Aproximadamente doze anos.

**I:** Como que você veio pra região ?

**S:** Olha, eu morava em Mato Grosso né e eu vim pra São Paulo faz uns dezenove anos, eu morei um tempo em Itatiba, depois eu entrei ali na fazenda, há uns dois anos atrás.

**I:** Pra trabalhar com o que ?

**S:** Eu trabalho com tratores.

**I:** E tem quantos filhos ?

**S:** Eu só tenho ela, a Gabriela.

**I:** A Gabriela. Você conhece o Projeto aqui da escola, do Alexandre Sartori ?

**S:** Não, não, não foi detalhado nada.

**I:** Você participa das atividades aqui da escola ?

**S:** Não, quem participa mais é a minha mulher né, eu não tenho tanto tempo assim, reunião, essas coisas eu nunca venho.

**I:** Em festa... ?

**S:** Em festa eu fui uma vez que teve aqui em Joaquim na (?), festa de..., festa junina.

**I:** E o que que você achou dessa festa junina ?

**S:** Bacana, gostei muito, gostei, foi bem divertido, as crianças se divertiu bastante, eu achei que foi bem..., vamos supor, foi bem planejada né, foi tudo certinho, não teve perigo de nada, foi gostoso.

**I:** As crianças mostraram o trabalho que elas fizeram ?

**S:** Mostraram.

**I:** Que tipo de trabalho que elas fizeram ?

**S:** Ah, mais foi trabalho criativo né, pintura, desenhos, essas coisas.

**I:** E relacionado ao que, você lembra qual era o tema ?

**S:** O tema era a festa junina.

**I:** A festa junina. Enfocava o caipira ?

**S:** Isso, o caipira, a fazenda, essas coisas né, fogueira, animais...

**I:** O que que você acha dessa expressão da criança em relação à natureza ?

**S:** Ah, isso é muito importante né, porque a criança tem que..., hoje em dia ela tem que crescer num ambiente que ela tem que, por exemplo, ela tem que conhecer né essa área, primeiro não só porque ela vive nessa área né, mas é muito importante pro estudo, pra cultura, pra tudo eu acho, eu acho que ensina muito né, é importante.

**I:** E você acha que na festa junina elas conseguiram mostrar esse conhecimento delas sobre a região ?

**S:** É, eu acho que já deu pra elas aprender um pouquinho sim, eu acho que é uma coisa que às vezes não vem só da cabeça da criança, mas ela passa a entender né, ela também passa a saber o que é, vamos supor que nem em termos de festa junina ela já tira muita coisa, tira sobre animais né que..., vamos supor a cultura, tudo isso daí a criança já vai aprendendo. Apesar de que a minha é bem nova, mas ela já é bem inteligente, então ela já aprendeu muito, porque eu procuro conversar com ela quando ela aprende alguma coisa, ela sempre passa pra mim, então eu percebo na conversa com ela que ela tem aprendido cada vez mais, então é muito importante.

**I:** Essa cultura que você fala é cultura de plantio ou é cultura de conhecimento ?

**S:** É do conhecimento, não só..., isso fosse tipo folclórico né tipo assim e também o conhecimento a respeito de, de..., como eu posso dizer, essa parte rural né, essas coisas que é importante na vida da gente.

**I:** Qual a importância dessa parte rural na vida da criança ?

**S:** Bom, eu acho que hoje em dia quando falamos em Ciência eu acho que de modo geral faz parte de uma Ciência também e a criança hoje em dia tem que aprender tudo porque no nosso país o que mais tem é isso daí né, não só a parte agropecuária, que é muito importante pro nosso desenvolvimento, a criança já vai crescendo sabendo né o..., como eu posso dizer, já vai entendendo melhor essas partes de Ciências... Porque eu vejo também assim, porque eu como trabalho há muito tempo em fazenda, essas coisas, pra mim o fundamental disso tudo é uma Ciência mesmo, porque tudo que você estuda hoje em dia

na Ciência você tira dali, você aprende ali. Então isso pra ela vai ser muito importante, você ter relação com animais pra criança é bem educativo também, eu vejo assim.

**I:** Você já recebeu alguma escola lá no seu trabalho ?

**S:** Não.

**I:** Nunca foi abeto pra visita lá ?

**S:** Não, na verdade não, já tentaram uma vez, a ms lá é um lugar muito particular então eles não deixam, é particular então eles proibem.

**I:** O que você acha dessas ida das crianças conhecer fazendas, conhecer sítios, como se trabalha na agricultura ?

**S:** É muito importante, importante, crianças aprender sempre um pouco disso daí é muito importante. Pra gente é meio suspeito falar, que a gente mora ali, mas pra eles é tudo novidade né, cedo eles tem que procurar aprender cada vez mais a respeito né, porque hoje em dia a gente tem que saber um pouco de cada coisa e a parte agropecuária é uma das..., particularmente a metade né do que devemos aprender.

**I:** E essa formação da criança nessa área da agricultura, da pecuária, não seria um desprezo pra ela quando vai pra cidade ou não ?

**S:** Não, eu até acho que não, porque tem sempre curiosidade né, eu não vejo como seria um desprezo não, até porque eu acho que as crianças de um modo ge..., não digo no geral, elas preferem o campo, não digo pra ficar o tempo todo, mas pra passar um fim de semana né, passar umas férias pode ver que sempre eles preferem o campo.

**I:** Por que será que sempre eles preferem o campo ?

**S:** Não sei, talvez a curiosidade, o ar, sei lá, eles podem brincar, ficar mais solto, não tem trânsito né, não tem aquela poluição, pé tudo diferente pra eles, é tudo coisa nova, tem animais, tem lagos, tudo coisa que eles querem tá em contato com a natureza sempre né, eles sentem, percebem muito.

**I:** Você acredita que essa área será uma área que as pessoas vão ficar mais atentas pra buscar formação ?

**S:** Também e acho que é mais fácil também, porque é uma área livre de muitos riscos, a cidade tem e essa área é mais fácil você dar uma educação melhor né, eu acho que tipo assim.

**I:** Quais são os riscos ?

**S:** Olha, eu acho que risco todo lugar tem né e o que seria perigoso numa área como essa pra uma criança eu acho que seria mais beira de lagos né que mostra um pouco de perigo, no meio da mata também eu acho que alguns insetos, animais, dá um pouco de risco pra criança, a ms sabendo brincar eu acho que...

**I:** E quais são os risco da cidade ?

**S:** Bastante viu, apesar da violência, eu acho que a violência de moderm em geral, hoje em dia uma criança você já cresce num ambiente que você já vê muita violência, muita coisa errada, então a criança pode ter uma tendência pra esse lado, eu acho um pouco mais perigoso.

**I:** Na fazenda Guariroba que você trabalha você sabe qual é a área dela ?

**S:** Não, tipo assim você fala...

**I:** A extensão, quantos hectares tem.

**S:** Aproximadamente porque ela..., só ela eu acho que dá trezentos e quarenta mais ou menos, não tenho a medida exata, mas é mais ou menos isso daí.

**I:** Você conhece o proprietário ?

**S:** Conheço.

**I:** Quem que é ?

**S:** O proprietário o nome dele é Dr..., acho que é Carlos Pires.

**I:** Ele mora em Campinas ?

**S:** Não, ele mora em São Paulo.

**I:** São Paulo, o que que ele faz ?

**S:** Ele é..., bom, é um monte de coisa, mas a gente..., ele é mais famoso assim na área de terraplanagem né, ele é um dos donos da Camargo Correia, uma empresa muito forte, tem muitas outras coisas, mas o que a gente conhece mais é a Camargo Correia.

**I:** Ele requeenta bastante aqui ou não ?

**S:** Freqüenta, quase todo fim de semana.

**I:** E a fazenda vive do que ?

S: Praticamente ela não tem assim um lucro, tem muito pouco, mas o forte dela hoje em dia é o gado e um pouco de café ainda, mas ela é mais pra lazer, é mais área de lazer, ela tem um campo de golfe então é mais né pra esse tipo de coisa.

I: Lazer pra família...

S: Pra família mesmo.

I: Certo. E você trabalha com...

S: Tratores.

I: Com tratores... E você faz o que especificamente ?

S: Um pouco de todo né, a gente trabalha com implementos, com carreta, esse tipo de coisa...

I: Por que que ele optou pelo gado e o café, você sabe ?

S: O gado a gente..., eu imagino que seja pela extensão de terra, não ficar parado, acho que (?), acho que mais essa parte. E o café ele já comprou ela era forte em café, agora diminuiu bastante, ele mantém um pouco ainda, mas deve ser pra manter algum gasto.

I: Quantos funcionários tem, você sabe ?

S: Aproximadamente chega em torno de uns cem funcionários.

I: Dividido nessas duas atividades ?

S: É, na verdade há vários setores né, o setor de golf, o setor de máquinas e setor de cavalaria, jardinagem e também coxeiro né..

I: Cavalaria o que que é ?

S: Mexer com cavalos.

I: Mas é pra passeio...

S: Passeio.

I: Passeio também, tudo de família.

S: Tudo de família.

I: Você conhece essa párea bem aqui em Joaquim Egídio ?

S: É, eu conheço um pouco (interrupção da gravação)

FINAL DO LADO A

I: Você mora dentro da fazenda ? Com a sua esposa e sua filha ?

S: Isso.

I: Você conhece os seus vizinhos ?

S: Conheço.

I: Que tipo de cultura eles plantam lá ?

S: Pra uso deles ou da fazenda ?

I: Comercial...

S: Bom, são poucos que fazem isso, alguns plantam, feijão, milho, alguma hortaliça, só isso.

I: Mas pra subsistência ou é pra venda ?

S: Não, não, pra eles mesmo, pra venda não.

I: Pra venda não tem nada.

S: Não.

I: Ela faz divisa com que fazendas ?

S: Ela faz divisa com a Malabar, Santo Antônio, fazenda do Mango...

I: (incompreensível)

S: É, isso.

I: Tem algum rio que passa por lá ?

S: Tem, tem o Rio Atibaia que corta a fazenda.

I: O Rio Atibaia que corta a fazenda.

S: Isso.

I: Tem alguma nascente ?

S: Tem umas nascentes dentro da fazenda, entre minas e lagos temos bastante.

I: Quem que cuida dessas nascentes ?

S: Não, não tem especificamente alguém que cuida, praticamente agente só procura..., de vez em quando a gente limpa né, procura não sujar, mas é tudo cuidado pelos (?), os que tão lá na parte do golf é cuidado pelo pessoal que trabalha nessa área, mas as outras que estão entre as matas e outras atividades sempre tão do mesmo jeito, a gente não mexe não.

I: Quem que orienta essas pessoas pra limpar ?



**S:** Geralmente não tem uma orientação, porque ela é apenas limpada assim em torno de..., é apenas mato, sujeiras como terra, barro, só essas coisas, não tem assim dizer que você vai aumentar ela, que você vai e aprofundar, não, esse tipo de serviço a gente não faz.

**I:** Você conhece a Área de Preservação Ambiental ?

**S:** Não conheço.

**I:** Joaquim Egídio faz parte da Área de Preservação Ambiental aqui de Sousas e Joaquim Egídio, é uma área importante pra questão ambiental e ela é dividida em algumas áreas que indicam o que pode e o que não pode ser plantado, cultivado, modificado. Você não tem conhecimento sobre isso ?

**S:** Não, não tenho.

**I:** Nunca vieram falar com você ?

**S:** Não. Eu vejo assim, já vi muitos carros da G.M passar por lá, às vezes dentro da fazenda mesmo, florestal, mas nunca que alguém veio pra gente dar uma palestra, alguma coisa assim, pelo menos pra gente não, só se falaram pros superiores.

**I:** Mas você gostaria de ter recebido essas informações e de conhecer ?

**S:** É bom porque a gente pode saber o que pode e o que não pode ser feito né, isso é importante, tanto pra gente como pro meio ambiente.

**I:** Você com o trator que danos você poderia causar pro meio ambiente ?

**S:** Vários né, eu acho que vários, o solo em si também né se não souber aonde você pode, o que você não pode fazer eu acho que já causa alguns danos. Eu acho que fumaça também e dependendo com o que você tá trabalhando, algum produto químico, a gente tem..., a gente, vamos supor, as pessoas manda, m você executar um serviço, você vai fazer, mas às vezes você não tem né uma noção do que pode prejudicar aquilo também. E era muito bom que tivesse um conselho assim.

**I:** E o administrador freqüenta cursos, alguma coisa assim ?

**S:** Ele tem sim, ele tem cursos, não sei até que altura, mas em agronomia, técnico em agrícola, tem vários cursos sim e tem uns também técnico em segurança, é da parte de segurança e saúde.

**I:** E eles fazem a orientação com você.

**S:** Eles fazem a orientação sobre segurança, o que você vai usar, o que você..., pra se proteger né, pra você evitar alguma coisa mais..., especificação do tipo pra que serve algum tipo de material, alguma coisa, a gente não tem, sabe pra que serve assim, você vai passar um mata mato, passar um produto pra matar uma praga, isso a gente sabe, mas especificação desse material gente não...

**I:** E você acha que a Prefeitura, por exemplo, poderia tá dando esses cursos pra vocês ?

**S:** Sim, se pudesse pra gente eu acho que seria bom, seria bom, a gente mexe muito com produto agrotóxico, essas coisas, aí eu acho que é importante se pudesse tá dando uma orientação. Também em lugares, que nem a gente conversou há pouco, em minas, nascentes também né, que a gente tem que saber o que pode e o que não pode ser feito perto dessas áreas né e a gente usa aquela água pra tomar né, então de repente pode se contaminar.

**I:** Vocês fazem...

**S:** Embora nunca aconteceu, mas...

**I:** Vocês fazem controle lá da qualidade da água ?

**S:** É feito, de vez em quando é feito, sempre que pode..

**I:** Vocês usam água do rio ou não ?

**S:** Não.

**I:** Só a nascente.

**S:** Só a nascente.

**I:** Não precisa nem de poço artesiano.

**S:** A gente tem também poço artesiano, mas a maioria é nascente, poço artesiano ele é mais um reforço né, um reforço, porque assim é dividido em várias partes e tem algumas parte que não tem como...

**I:** Quando você tem algum problema no seu trabalho a quem você recorre ?

**S:** A respeito..., geral, de modo geral ? Eu recorro primeiro a meu chefe né e depois ele vai recorrer ao administrador, é assim que funciona.

**I:** Certo. E coisas técnicas em relação a trator, a (?) ?

**S:** É, a única pessoal que a gente conversa mais a respeito dessas partes é o próprio mecânico da gente né, a gente tem um mecânico então essas partes a gente conversa muito com ele. Na parte do que você..., pra você saber se alguma coisa te prejudica ou não a gente procura o técnico né de saúde, mas tem várias coisas que não pode passar pra gente né, porque já não é do setor dele, mas o que ele pode fazer ele faz.

**I:** E o contato do administrador qual que é com vocês ?

**S:** É pouco, porque geralmente o contato dele é primeiro com o chefe, com a gente é muito raro assim, às vezes pede algum serviço direto, mas é raro.

**I:** Você acha que a atividade da escola aqui trabalhando a questão ambiental, a sua filha leva pra você alguns dos conhecimentos ?

**S:** Leva, leva, com certeza. E é muito bom a criança ter esse (?), é muito importante, porque a gente tem que melhorar mais essa parte eu acho que tá escondida aí.

**I:** Que exemplo que você poderia dar eu ela leva o conhecimento pra você nessa área ?

**S:** Tipo assim em termos de aprendizagem ou... ?

**I:** O que ela conseguiu te ensinar sobre o ambiente ?

**S:** Na verdade a criança ela ensina coisas que a gente já sabe, mas quando você sabe que ela já aprendeu aquilo e você não passou é importante né, a gente fica orgulhoso porque ela me ensinou, já falou sobre queimadas, até sobre cigarro ela me chama a atenção direto porque eu fumo né, muitas coisas, animais, outro dia fizeram um passeio no Bosque, ela veio me contando tudo. E é interessante né, porque a criança ela aprende mesmo né, os professores daqui eu acho que são muito bons, eles procuram responder todas as perguntas das crianças e ela como pergunta muito ela sempre passa pra mim que ela aprende coisas não só de animais, qualidade de animais, o que pode e o que não pode ser feito, jogar um lixo, sabe, quando eu to em casa se eu vou jogar um bituca fora, ela já me chamou atenção muitas vezes disso aí, sobre lixo, sobre rio também, o que tem nos rios, isso daí eu já ouvi dela, coisas que eu não passei pra ela e ela já aprendendo tudo e eu fico orgulhoso disso, muito bom.

**I:** O que que ela fala do cigarro ?

**S:** Olha, ela fala direto, ela é curta e grossa, se você não parar de fumar você vai morrer, ela fala assim pra mim. Eu não sei se é porque ela aprendeu com a mãe dela, ou aqui, em algum lugar ela aprendeu que ela fala só isso pra mim, isso faz mal, se você não parar você vai morrer, aí eu saio de perto dela, não, é verdade mesmo.

**I:** E em relação ao rio o que que ela despertou ?

**S:** Ela despertou que não pode sujar o rio porque mata os peixes né, aí ela fala que os passarinhos se alimenta dos peixes e se o rio tiver sujo ninguém pode comer o peixe de lá, ela fala isso daí. Sobre enchente ela não chegou a comentar, mas uma vez eu passei pra ela isso, passei pra ela que (?)

**I:** É, que tem problema com a enchente do rio.

**S:** É.

**I:** E o rompimento das... (incompreensível, muito baixo)

**S:** (?) sempre a gente tá, quando chove muito a gente tem que tá fazendo o serviço né e (?), cada vez mais, esse rio tem..., se forem ver mesmo onde a gente mora mesmo tem áreas de risco também, a fazenda vizinha também tem área risco.

**I:** O que que são essas áreas de risco ?

**S:** Desabamento, inclusive até próximo a pista ali, a gente sempre que pode tá jogando algum material, tá plantando alguma coisa, mas como você planta uma coisa hoje e demora pra aliviar, então sempre tem uma enchente (?)

**I:** Você na sua função de tratorista você não fica preocupado de tá destruindo também a questão ambiental, contribuindo pra erosão, pra esses desmoronamentos ?

**S:** É, a gente fica preocupado, só que a área que a gente mexe é uma are que já foi vasculhada, a gente não mexe em nada de novo, a gente não faz assim algum serviço novo, então por mais que prejudique já é uma parte assim menos..., eu acho que prejudica menos, porque é uma área que já foi mexida, então não há perigo de (?) e muito pelo contrário, a gente tá sempre arrumando quando olha pra frente, tá sempre fazendo curva de nível, alguma coisa assim pra não dar um estrago, porque a gente sofre com estrago também.

**I:** As consequências são graves.

**S:** São graves, principalmente na área de energia, a gente sempre tem que tá ajudando o pessoal a mexer, como também rebocando uma área, alguma encosta que desabou, a gente sofre com isso.

**I:** Sérgio você acha que a educação ambiental dos trabalhadores na área rural é importante ?

**S:** É importante, por mais que a gente sabe as coisas, os perigos, sempre há coisas novas pra aprender e nunca é demais aprender, eu acho assim.

**I:** O que que você gostaria de aprender ?

**S:** Pra falar a verdade sobre tudo né, de tudo um pouco, porque às vezes você pensa que porque você trabalha há muito tempo com uma coisa, eu trabalho com trator, outro trabalha com veneno, outro

trabalha com cavalo, isso e aquilo, tudo faz parte do meio ambiente, então eu acho que um pouco de cada coisa é bom você aprender. Eu acho que deveria existir palestras a respeito, eu penso assim, seria muito bom.

**I:** E como seriam essas palestras, aonde, quem daria... ?

**S:** Aí já seria eu acho que..., no meu pensar eu acho que seria uma coisa assim como se fosse obrigatória. Obrigatória por que ? Porque a gente tem às vezes a curiosidade e deveriam de saber algumas coisas que deveriam ser conversadas, eu acho que a maioria do pessoal de todas as fazendas deveria ter um dia específico em tal horário pra reunir todo mundo passar pra todo mundo alguma informação nova né, alguma coisa que..., um alerta pra você, o que você pode e não pode fazer, o que vai causar, que danos vai causar alguma coisa que você tá fazendo de errado. É importante saber, às vezes a gente trabalha com uma coisa, você não tem noção do que pode causar mais tarde pra nossa saúde e meio ambiente também né, às vezes é difícil conciliar as duas coisas, mas se houver alguma solução pra isso eu acho que deveriam botar em prática.

**I:** Mas você acha que deveria ser nas fazendas ou aqui no Distrito ?

**S:** Bom, pra fazer em fazenda eles teriam que ir de fazenda em fazenda, pra fazer no Distrito teria que ser maioria, teria que ter um dia específico, não poderia ser um dia útil também, aí cabe a quem tá a fim de elaborar o trabalho.

**I:** Você teria disposição de ir no fim de semana ?

**S:** Se for o caso a gente vai, com certeza, eu quero aprender tudo isso.

**I:** Qual é a sua formação ?

**S:** Em estudo ?

**I:** É.

**S:** Eu não terminei os estudos, pretendo voltar agora o ano que vem que tá me fazendo falta já.

**I:** Que série que você parou ?

**S:** Eu parei na quinta.

**I:** Na quinta.

**S:** Isso.

**I:** Você vai pro supletivo.

**S:** No supletivo.

**I:** Você sabe aonde tem supletivo aqui na região ?

**S:** Eu não vou estudar aqui na verdade, eu vou estudar em Valinhos, pra mim é mais fácil, porque eu já to mais perto e eu já (?) (muito baixo) Porque pra mim aqui também dava, mas eu acho mais fácil lá pra mim pelo horário, pelo horário que a gente vai fazer e é tudo..., na realidade eu conheço há mais tempo também.

**I:** Qual que é o horário lá ?

**S:** O horário é normal, das sete às dez né, só que aqui eles chegam muito tarde e pra mim é mais fácil tá mais cedo em casa, porque lá acaba nove e meia, quando é dez e pouquinho..., aqui o pessoal chega onze e meia, então eu prefiro lá, é mais fácil.

**I:** E você tem condução própria ?

**S:** Tenho, mas a gente vai usar a condução da Prefeitura.

**I:** De Prefeitura de..., Valinhos ?

**S:** De Valinhos.

**I:** Vem buscar vocês aqui ?

**S:** Vai até lá, o ponto final é o bairro Nova (?), a gente mora próximo, porque a fazenda metade dela pertence a Campinas e um pedaço pertence à Valinhos, um pequeno pedaço que onde a gente mora, então a gente tem dois endereços, por Valinhos a gente tem o endereço pelo Novas (?) e por Joaquim Egídio...

**I:** E qual é a saída ?

**S:** Duas saídas, pra cá, da usina pra cá e de Valinhos, a gente tem uma ponte do rio, a entrada da fazenda pela Dom Pedro a gente tem uma ponte que atravessa o rio, que seria a maioria da fazenda e temos também a nossa colônia que é desse lado, pertence a Valinhos. E temos a saída por aqui, pela Usina Sapo Grande, que vai sair aqui.

**I:** São três saídas então.

**S:** É, na verdade são três, você falou tudo agora, é a de Valinhos, essa da Usina e lá perto da Cabras, da Fazenda Santa Luzia, é divisa com Sertão e também Capoeira.

**I:** Daí você pretende continuar o estudo, fazer um curso técnico...

**S:** Com certeza. Eu não me decidi ainda no que, mas tenho um pouco de tempo pra pensar ainda, embora a gente sempre tenha uma tendência né com gado, mas precisa analisar pra ver.

**I:** E essa área da pecuária é uma área que tem futuro.

**S:** É, exatamente, tem sim, embora assim um pouco complicado na parte financeira né, eu tenho um irmão que ganhou um curso, ele estudou um ano e meio, mas o estudo dele é assim foi diário, era o dia inteiro, se ele fosse um curso de quatro horas por dia ele levaria três anos, ele se formou em técnico agrícola e em..., tem um outro nome que eu esqueci, não lembro agora, mas ele tem esse curso. E é importante né essa parte, um bom rendimento também.

**I:** Você acha que a sua formação agora, você investir na sua formação você contribui aí na fazenda também, tem melhores recursos ?

**S:** Também, pode ser que em alguma parte pode ser que contribui sim, não só pra gente, a prender nunca é demais né, de repente você pode entrar num setor que dependa um pouco dos eu estudo.

**I:** E a fazenda incentiva esse tipo de prática de estudo pra vocês ?

**S:** Incentiva, incentiva pra todo mundo, eu acho que isso parte desde do patrão mesmo, ele sempre gostou de saber se os funcionários tão (?) minha sala então ele sempre procura saber, se trabalha com ele, ou quem ele sabe que tem os irmãos então ele procura, (?) estudando sempre incentiva sim.

**I:** Mas o incentivo ele libera também do serviço pra você poder estudar ?

**S:** Se for o caso de um curso sim, o caso de um curso sim, caso contrário a gente tem um horário a cumprir e o horário bate também, então depois das seis já não... Agora se fosse o caso de estudar uma tarde, essas coisas, aí eu acho que seria diferente né, pra mim já não teria condições.

**I:** Que sugestões você daria pra gente fazer educação ambiental aqui na região ?

**S:** Sugestões ? É como eu disse pra você, eu acho que de uma a duas, ou esse pessoal pode estar fazendo algumas palestras, a gente fazendo perguntas, porque a palestra tem..., to falando em geral, de um modo geral, você fala as suas dúvidas, se as pessoas souber eles esclarece, senão souber procura né. Ou então que nem você disse mesmo, pode ser tudo..., em algum lugar, a gente pode se reunir, no caso seria a maioria né, pra aprender mais. Então essa duas, eu acho que isso.

**I:** Sérgio nos finais de semana Sousas e Joaquim Egídio recebe bastante gente, você acha que essa prática das pessoas querem conhecer ela tem melhorado a região ou tem piorado a região ?

**S:** Eu acho que em certos pontos sim, é muito bom pro bairro, pro Distrito, tá recebendo essas visitas sim, porque passa a ser um lugar que as pessoas querem conhecer, então tem algo de bom, porque é a natureza, aqui não tem nada de bom a não ser a natureza eu acho, então eu acho que nessa parte é bom. Em outras partes tem algumas pessoas que não tem controle né, vandalismo, bebida, esse tipo de coisa. Mas na parte turística eu acho que é muito bom sim, eu acho que o pro progresso, pra alguma coisa assim é bom, o conhecimento da cidade né.

**I:** E você tem idéia de como essa região vai ficar daqui um tempo ?

**S:** Sinceramente eu não tenho, a gente tem..., a gente espera né, a gente espera que melhore né, que melhore bastante sim, que nem alguns problemas podem solucionados como enchentes né, esse tipo de coisa. Sei lá, pode ser um lugar mais visitado, que o pessoal..., hoje em dia já do tempo que eu conheço aumentou bastante acho que o numero de pessoas que vem visitar, fazer passeatas, caminhadas, bicicletas, então eu acho que isso é bom. Acho eu devia melhorar um pouco o comércio né, o comércio tá um pouco meio escasso porque tá pequeno né, mas por enquanto dá pra levar.

**I:** E a saúde, como que vocês fazem ?

**S:** Olha, a saúde de vez em quando a gente se consulta aqui no bairro mesmo e eu achei bom sim, sinceramente eu achei bem melhor do que alguns..., na parte de saúde eles tão fazendo bastante cosia.

**I:** E você acha que assim aumentando o Distrito, tendo mais coisa como você tá sugerindo não entraria na preservação da área ?

**S:** Infelizmente isso acontece né, acho que não é só aqui, em muitos lugares, aí o que pode acho que é ocorrer é vários danos também né, não só do meio ambiente, assim modo de matas, animais, também pode aumentar muitas coisas né, enchentes pode ser maiores, depende da ação diária. Eu acho que nessa parte é ruim, nessa parte é ruim, eu acho que se fosse um lugar que sempre apenas a pessoa viesse visitar, abe, apenas de passagem, eu acho que seria bem melhor, do que pegar e aumentar o (?), mas infelizmente né a gente não pode prever o futuro, não tem como a gente agir, fazer nada, só mesmo o pessoal, os superiores.

**I:** Quem são esses superiores ?

**S:** Os prefeitos digamos, eu acho que...

**I:** O que que você acha que o Prefeito, por exemplo, precisaria olhar aqui na região ?

**S:** De emergência ? Sinceramente de emergência eu acho que teria que olhar primeiro as áreas de risco, as áreas de risco. Segundo acho que aumentar um pouquinho o policiamento né, pouca coisa já resolveria, o bairro é pequeno acho que dava pra tomar conta, que às vezes acontece coisas que, como Joaquim Egídio é um lugar bem conhecido, porque há tempos que eu conheço, eu nem morei perto, mas já conhecia por nome, muita gente comenta, acho que deveria ter uma segurança um pouco melhor pra quem mora aqui, pra quem vem também, acho que... (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA

## APÊNDICE - 11

### 8ª Entrevista – Sr. David Alastair Milne-Watson

<b>3. DADOS DA FAZENDA</b>			
1. FAZENDA NOME - Sítio Terra Viva		2. DISTRITO – Joaquim Egídio	
3.ÁREA TOTAL DA PROPRIEDADE – 24.200 m <sup>2</sup>			
4. ÁREA CULTIVADA	10.000 m <sup>2</sup>		
5. NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS	Nenhum		
6.CULTURAS	Hortaliças, pomar e adubação verde		
7. QUAL O TIPO DA PROPRIEDADE? ( ) COOPERATIVA AGRÍCOLA ( ) LTDA ( ) S. A. (X) PROPRIEDADE RURAL PRIVADA ( ) ARRENDADA ( ) OUTRA			
8. QUE TIPO DE EQUIPAMENTO MENCIONADOS ABAIXO O SR. UTILIZA NA SUA PROPRIEDADE? ( ) FAX (X) COMPUTADOR ( ) INTERNET			
<b>4. DADOS DO PROPRIETÁRIO</b>			
2. PROPRIETÁRIO: David Alastair Milne - Waston			
3. FORMAÇÃO Design e Fotografia	( ) 1ª a 4ª SÉRIE ( ) 5ª a 8ª SÉRIE ( ) ENSINO MÉDIO (X) TÉCNICO ( ) SUPERIOR ( ) PÓS-GRADUAÇÃO ( ) DOUTORADO		
	CURSOS REALIZADOS DE 2001 A 2003:		
	DATA	ASSUNTO	INSTITUIÇÃO
	01/2004 até 04/2005	Permacultura	ACS Australia
3. RESIDE NA PROPIEDADE? ( X ) SIM ( ) NÃO SE RESIDE, HÁ QUANTO TEMPO? 03 anos			
4. HISTÓRICO DA PROPRIEDADE Região de café, depois chácara de lazer, depois nos mudamos para lá, transformo a área total para produção, árvores nativas, e cuidar da terra			

### 3. INFORMAÇÕES GERAIS DA PRODUÇÃO

1. O QUE PLANTA? Arvore nativas, adubação verde e hortaliças
2. O QUE DETERMINOU A ESCOLHA DESTA CULTURA? A permacultura, que começa com a horta para comer melhor, é mais saudável do que as compradas na loja. Comemos o que plantamos e o excesso vendemos.
3. PORQUE ESCOLHEU A REGIÃO? Porque Sandra, minha mulher gostou da região, ela viveu com seu pai e é a região mais bonita de Campinas. Não foi para a agricultura, foi para morar, ter propriedade rural e depois a renda com a produção. A escolha do terreno tem que planejar, olhar para ele como agricultura e não como região bonita. É perto do trabalho da Sandra, ela quer trabalhar no rural.
4. OS PRODUTOS POSSUEM CERTIFICAÇÃO? QUAL? Sim, ANC.

5. COMO SE GARANTE A QUALIDADE DO PRODUTO? Primeiro, comendo a comida se não gostamos não vendemos e as normas ANC.
6. É UM PRODUTO POLITICAMENTE CORRETO? POR QUÊ? Todo produto é legal se você cuida de maneira natural.
7. COMO VOCÊ MANTÉM A PROPRIEDADE? Com trabalho duro. Não tem trabalhador na região, eles pedem muito dinheiro. As pessoas ricas na região pedem para cuidar da grama e eles não trabalham na agricultura para trabalhar menos e ganhar mais dinheiro.
8. POSSUE AJUDA PARA ADMINISTRAR A PROPRIEDADE? Não
9. TEM FAMILIARES NA PROPRIEDADE? Não. Não acredito em caseiro, ele tem interesse em viver na área não para trabalhar no rural. Acredito na agricultura familiar e cooperativo.
10. COMO VOCÊ FOI INFORMADA DA TÉCNICA PARA TRABALHAR SEU PRODUTO? Pesquisas para uma vida mais natural possível, encontrei sistema de produção diferentes.
11. QUANDO TEM DIFICULDADE, QUEM DÁ SUPORTE TÉCNICO? GDR, Sindicato rural, CATI e pesquisas
12. POR SUA PROPRIEDADE ESTAR SITUADA A APA DE CAMPINAS, QUAIS AS INTERFERÊNCIAS QUE OCORRE NA SUA PROPRIEDADE E NA PRODUÇÃO? Problema não tem água suficiente na propriedade para produção, tem que planejar o sistema de água com referencias do que tem dentro da propriedade. Não tem região fechada, não tem trabalhador para a roça, eles querem faxina e cortar grama. Tem que comparar com o sistema do sul, se funciona com a agricultura familiar. Toninho fez o que era importante para Campinas. Arquiteto, com visão de planejamento rural, para criar mesmo, não só para projetos de políticos, tinha visão de Campinas.
13. O QUE VOCE SABE SOBRE A APA? Área com questão tão grande, grandes oportunidades para Campinas se você cuidar bem. Toninho pôs no papel, politicamente criou.
14. QUAIS ORIENTAÇÕES, RESTRIÇÕES? Não conheço, acho que é de água.
15. ONDE OBTIVE AS INFORMAÇÕES? No CONGEAPA, participo das reuniões, fui convidado a ser suplente com o novo grupo do GDR.
16. QUAIS VANTAGENS /DESVANTAGENS DE CULTIVAR E COMERCIALIZAR PRODUTOS ORGÂNICOS? O sistema comercial não é suficiente para o produtor viver completamente com esse produto. Precisa divulgar mais, Campinas é viável. Campinas tem jeito para ficar melhor, tem cultura, tem dinheiro, as pessoas podem comprar comida com maior qualidade e podem pensar mais sobre o valor rural. Porque não pensam no rural, o dinheiro não fala se a pessoa não tem cultura. As pessoas querem laranja, elas compram laranja, mas de coração acredito que as pessoas querem coisa melhor. Se sabem do valor do produto químico vão mudar na hora. Campinas tem um milhão de pessoas e os orgânicos cabem nas minhas mãos, é pequeno.
17. PARA QUEM VENDE? Para feiras orgânicas em três vezes por semana e na loja Sabor da Natureza próximo ao Iguatemi. . Precisa abrir o mercado, consistente para ter mais venda de produtos orgânicos.
18. O QUE PRECISA SER MELHORADO?. Mas divulgação, educação, turismo, nas lojas e supermercados e nos restaurantes devem usar e divulgar, para eles acreditarem. Também nos jornais , revistas como Globo Rural. As futuras gerações com sistemas educativos, a escola com mais apoio dos agricultores orgânicos, deve fechar o espaço do rural e urbano, deve ter mais tarde para as pessoas conhecerem a natureza. A relação com o rural começa com a natureza e não na agricultura. Precisa mudar o sistema rural.
19. E COMO PODE SER FEITO? Na produção com ajuda para trabalhar. Talvez as famílias que compram os produtos. As famílias vão tirar a sua própria comida e limpam a área, não precisa de caseiro, todos temos mãos, temos condição de fazer agricultura, os alunos, da faculdade, com crianças podem ajudar a manutenção da horta. Com a abertura do turismo rural, as pessoas vão cavalgar, comem café da manhã e almoço mas não tem atividade com a agricultura. O turismo tem que ser mais agrícola e agroecológica, não só gado e cavalo.

**David:** Estou crescendo como pessoa, com mais crença na agricultura. Apreendi muito com este terreno, quero investir mais na agricultura, mas não sei qual região. Compramos terreno caro para investir com a agricultura. Errado!. Mudamos, investi no terreno e não na agricultura. Posso ficar, mas preciso investir mais, preciso outro nível com valor alto. Preciso de lugar com mais recursos hídricos, preciso de mais água, a quantidade é pequena.

A APA, o terreno é caro, três quartos dos donos dominam a região de Joaquim e Sosas que tem muita água, tem o córrego das Cabras com as nascentes e com gado e plantação de milho. A filosofia da

permacultura é uma visão mais ampla e completa sobre o terreno para ampliar sua produção. Planejar a propriedade na região só pensam a partir de cultivos de culturas e não no planejamento maior como a permacultura.

A APA, vai perder a função da agricultura, com os grandes. Tem fazendas que não traz benefício para a região, só para o proprietário que mora fora. O futuro da APA, é com compromisso rurais, com vinte mil metros quadrados cada lote, e com isso vão consumir mais água.

O Brasil é um país novo. Tem pessoas com muito dinheiro que podem comprar mais e dominar a região.

Na Inglaterra tem mais regras, não podem criar o que querem, tem investimento para cuidar do rural, da comunidade, das pessoas.

Para manter a APA ainda tem trabalho, criou o COGEAPA para cuidar de áreas naturais com proteção ambiental mesmo com sistema diferente de produção. As pessoas precisam doar vinte por cento do terreno para criar a APA ambiental com segurança. Tem eliminar as pessoas que querem comprar tudo, temos que manter a APA, não ficar só no escrito.

O GDR foi criado, Toninho aproximou os agricultores, rural não pode ficar na política. Hoje não temos mais contado com o Toninho, se muda o governo pode acabar.

Campinas não tem permacultura, é um sistema rico, mas as pessoas não pensam na agricultura ecológica. Elas podem comprar os produtos porque são ricas.

Para planejar o rural, tem que pensar meios porque as pessoas são fechadas, podem ter medo de dar informações. A primeira coisa a ser feita é o GDR registrar todos em Campinas e fazer a pergunta: "O que você precisa?". O agricultor rural é sangue para ele. Fazer agricultura certa é difícil, não é qualquer pessoa que vive no rural, sujo, bagunçado. Precisa de visão de apoio com pessoas qualificadas, com técnicos.

A APA não tem produção, só grandes fazendas com área de café, não olham para as pequenas áreas para fazer agricultura. As grandes fazendas também tem problemas para viver porem tem empresa por de trás, não precisa dela para viver. São empresários, não vivem da agricultura.

FINAL DA ENTREVISTA COM DAVID.